9



Niklas
Natt och Dag



Vencedor do Prémio
MELHOR THRILLER DO ANO



SUMA de Letras

NIKLAS NATT OCH DAG

1793

Tradução de
RITA FIGUEIREDO

SUMA de letras

1793

A desonestidade gera desonestidade,
a violência gera violência
Thomas Thorild, 1793

PRIMEIRA PARTE

O fantasma de Indebetouska

Outono de 1793

As pessoas da região apanharam um grande susto. Correram milhares de boatos, cada um mais absurdo que o outro. É impossível confiar nas notícias, pois até estas são contraditórias, e todas as pessoas acrescentam um ponto quando contam a história. A atrocidade do crime, tal como é contado, é demasiado grande, portanto, também não sei o que pensar.

— Carl Gustaf af Leopold, 1793

Mickel Cardell flutua na água fria. Com a mão direita livre, agarra o colarinho de Johan Hjelm, que jaz imóvel ao seu lado, com espuma vermelha nos cantos da boca. O casaco do seu uniforme está manchado de sangue e de água salgada. Quando uma onda arranca, por fim, o colarinho da mão de Cardell, este tem vontade de gritar a plenos pulmões, mas só lhe escapa um gemido débil. Hjelm afunda-se rapidamente. Cardell baixa a cabeça e, por um instante, acompanha o caminho descendente do corpo na água. Na água gelada, pensa ver o vulto de outra pessoa, mais abaixo, no limite do que os sentidos conseguem perceber. Os marinheiros, mutilados, chegam aos milhares às portas do inferno. O anjo da morte fecha as asas sobre eles, coroado por um crânio. O maxilar move-se ao ritmo de uma gargalhada silenciosa.

1.

— Guarda! Guarda Mickel! Acorda!

Quando os abanões vigorosos trazem Cardell de volta à consciência, a dor regressa também na zona por baixo do braço esquerdo, que já não possui. O membro em falta foi substituído por uma mão esculpida em madeira de faia. O coto assenta numa cavidade, e o pedaço de madeira está fixado por meio de tiras de couro em volta do cotovelo. Cravam-se-lhe na carne. Devia aprender a soltá-las antes de dormir.

Contrariado, Cardell abre os olhos e depara-se com a paisagem manchada do tampo de uma mesa. Tenta levantar a cabeça e percebe que tem a cara colada à madeira. Uma substância pegajosa arranca-lhe a peruca quando se levanta. Pragueja e enfia-a dentro do casaco, depois de a usar para limpar o rosto. O chapéu está caído no chão, amachucado. Endireita-o e puxa a aba para junto das orelhas.

As memórias começam a voltar. Ainda está na cave Hamburg. Deve ter bebido até à inconsciência àquela mesa. Um olhar por cima do ombro revela outros na mesma situação. Os poucos bêbedos que o dono achou suficientemente fiáveis para não serem atirados para a sarjeta estão estendidos nos bancos e debaixo das mesas, à espera da manhã, quando poderão ir para casa receber uma reprimenda dos que os aguardam. Mas isto não se aplica a Cardell. Sendo aleijado, vive sozinho e é dono do seu próprio tempo.

— Mickel, tens de vir! Está um morto no Fatburen!

*

São os dois pequenos vagabundos que o acordaram. Os seus rostos têm algo de familiar, mas não se recorda dos seus nomes. Atrás deles está Baggen, o velho gordo de Norströmskan, ajudante da proprietária. Tem o rosto corado e acabou de acordar, posicionando-se entre as crianças e a jóia da cave, fechada a sete chaves num armário pintado de azul: uma colecção de copos gravados.

Ali, na cave Hamburg, os condenados param com os companheiros a caminho da montanha onde serão executados, em Skanstull, e tomam o seu último copo. Em seguida, os copos são gravados com os seus nomes e com a data, antes de serem acrescentados à colecção.

Só se pode beber deles sob supervisão rigorosa e mediante o pagamento de um soldo definido com base no estatuto do executado. Diz-se que dá sorte. Cardell nunca entendeu porquê.

Cardell esfrega os olhos e percebe que ainda está bêbedo. A sua voz soa entaramelada quando tenta falar.

— Que raio se passa?

É a criança mais velha, uma rapariga, que responde. O rapaz tem lábio leporino e, a julgar pela aparência, é irmão dela. Franze o nariz ao sentir o hálito de Cardell e esconde-se atrás da irmã.

— Está um morto no lago, mesmo à beira da água.

A sua voz está carregada de um misto de alegria e de medo. A cabeça de Cardell parece prestes de explodir. O seu coração acelerado arruína a clareza de espírito que conseguiu invocar.

— O que tenho eu a ver com isso?

— Querido Mickel, não há mais ninguém a quem pedir. Sabíamos

que estavas aqui.

Massaja as têmporas numa tentativa fútil de obter algum alívio.

O dia começou a clarear sobre Södermalm. A escuridão da noite ainda perdura no ar, o Sol ainda não se ergueu sobre Sicklaön e Danviken. Cardell sobe as escadas da cave aos tropeções e avança, trôpego, pela rua Borgmästaregatan, vazia, com as crianças à sua frente. Ouve sem interesse uma história sobre uma égua sequiosa que foi beber do lago Fatburen e saiu a correr, assustada, em direcção a Danto.

— Tinha o focinho por cima do corpo, e este virou-se.

O chão transforma-se em barro lamacento quando se aproximam da água. Há muito tempo que Cardell não tinha motivo para se aproximar das margens do Fatburen, mas nada mudou. Nenhum dos muitos planos para limpar as praias e construir pontões foi iniciado: o que não era estranho, tendo em conta que tanto o Estado como a cidade estavam à beira da bancarrota — sabia-o melhor do que ninguém, por ter de complementar o seu salário anual com todo o tipo de extras. As casas de férias luxuosas em volta do lago haviam sido transformadas em fábricas. As fábricas despejavam os resíduos no lago, e a zona rodeada por tábuas onde deveriam depositar-se os dejectos estava a deitar por fora e era ignorada pela maioria. Cardell pragueja em voz alta quando o calcanhar de uma das botas se enterra na lama. Tem de esticar o braço bom para manter o equilíbrio.

— A vossa égua assustou-se porque viu um companheiro a apodrecer. O talhante deita o lixo no lago. Acordaram-me para me fazerem vir salvar uma carcaça de cavalo ou de porco.

— Nós vimos um rosto na água, um rosto humano.

A água do lago Fatburen lambe a praia e forma uma espuma amarelo-clara. As crianças estão certas, visto que há algo a flutuar a alguns metros de distância, um vulto escuro. A primeira coisa que Cardell pensa é que não pode ser uma pessoa. É demasiado

pequeno.

— São restos do talho, como vos disse. É um animal morto.

A rapariga não desiste. O rapaz acena com a cabeça, em sinal de apoio. Cardell resmunga, resignado.

— Eu estou bêbedo. Entendem? A cair de bêbedo. Não se esqueçam disso quando vos perguntarem pelo dia em que pediram ao guarda para ir nadar no Fatburen e ele vos deu uma sova quando voltou do mergulho, imundo e furioso.

Despe o casaco com a dificuldade inerente à falta de um braço. Esqueceu-se da peruca, que cai na lama. Paciência. Custou-lhe apenas algumas peças de cobre, o modelo já saiu de moda, e só a usa porque uma boa aparência aumenta a probabilidade de um veterano de guerra conseguir uma bebida ou duas de graça. Cardell ergue o olhar por um momento. Lá em cima, as últimas estrelas da noite cintilam numa faixa por cima de Årstafjärden. Fecha os olhos para assimilar aquela beleza antes de enfiar a bota direita no Fatburen.

A lama húmida à beira do lago não suporta o peso de Cardell. Afunda-se até aos joelhos e sente a água a entrar pelo cano da bota, que fica presa na lama quando cai para a frente. Chapinhando e nadando, Cardell começa a avançar.

A água é espessa. Sente-a deslizar-lhe por entre os dedos, cheia de todas as coisas que nem as pessoas dos guetos de Södermalm acharam que valia a pena guardar.

O álcool inibiu-lhe a capacidade de raciocinar. Sente o pânico a aumentar ao perceber que já não toca o fundo do lago sob os pés. O lago é mais fundo do que julgava. Subitamente, vê-se transportado para Svensksund, três anos antes, a ser arrastado pela corrente enquanto a frota sueca se afasta.

Cardell toca o cadáver que flutua na água quando se impulsiona na sua direcção. A princípio, pensa que estava certo. Não é um cadáver humano. É a carcaça de um animal, que os criadores do talhante deitaram fora e que agora inchou como uma bóia devido

aos gases da decomposição. Mas então o corpo vira-se, e Cardell vê-se cara a cara com ele.

Não está decomposto, mas duas órbitas oculares vazias fitam-no. Sob os lábios rasgados não se vê um único dente. O cabelo manteve o brilho — a noite e a lama do Fatburen descoloraram-no um pouco, mas é obviamente louro-claro. Cardell inspira fundo e engole um pouco de água quando o faz.

Quando acaba de tossir, está deitado, imóvel, a flutuar ao lado do corpo. Olha para o rosto desfigurado. As crianças à beira do lago não emitem um único som. Aguardam em silêncio o seu regresso. Vira-se na água e começa a bater os pés descalços, nadando em direcção a terra.

É difícil puxar o corpo para a terra lamacenta, quando a água já não ajuda a suportar o seu peso. Cardell deita-se de costas e cria impulso com ambas as pernas, ao mesmo tempo que tenta puxar o cadáver pelas roupas esfarrapadas com que está vestido. As crianças não o ajudam. Em vez disso, fogem assustadas para longe da água, ao mesmo tempo que tapam o nariz. Cardell tosse para expulsar a água suja dos pulmões e cospe para a lama.

— Corram até Slussen e chamem os casacos azuis.

As crianças não fazem menção de obedecer. Mantêm-se simplesmente à distância, ao mesmo tempo que vislumbram aquilo que Cardell pescou no lago. Só reagem quando Cardell lhes atira um punhado de lama.

— Corram a chamar o maldito guarda-nocturno e um casaco azul, raios!

*

Quando o som dos passinhos desaparece, rebola para o lado e vomita. O silêncio abateu-se sobre a praia, e, na sua solidão, Cardell sente um aperto frio roubar-lhe o ar dos pulmões, cortando-

lhe novamente a respiração. O seu coração começa a bater mais depressa, sente a pulsação na carótida e é assaltado por uma ansiedade violenta. Sabe bem o que se segue. Sente o braço que já não tem quase materializar-se na escuridão, até que todo o seu corpo lhe diz que está lá outra vez e lhe causa uma dor insuportável, uma mandíbula de ferro a morder-lhe a carne e os ossos.

Em pânico, Cardell desata as tiras de couro e deixa a prótese de madeira cair na lama húmida, agarra o coto com a mão direita e massaja com força a pele irregular para lembrar os sentidos de que o braço que pensam existir já lá não está e de que a ferida que está a causar a dor cicatrizou há muito tempo.

O ataque não dura mais de um minuto. Volta a conseguir respirar, primeiro em pequenas golfadas de ar, depois mais longas e lentas. A ansiedade deixa de o dominar, e o mundo assume formas familiares. Os ataques de pânico súbitos perseguem-no há três anos, desde que regressou a terra com menos um braço e um amigo. Ainda assim, já se passou muito tempo. Pensava ter encontrado uma forma de manter os medos à distância. Bebida. Brigas. Cardell olha à sua volta em busca de conforto, mas só vê o cadáver. Balança para trás e para a frente, enquanto agarra com força o coto do braço.

Não sabe quanto tempo passa até a guarda chegar. Fica sentado, imóvel, na praia, a olhar em frente. As roupas molhadas arrefeceram, mas a bebida que ingeriu ao longo dos anos ainda serve para o manter quente. Quando finalmente chegam, são dois homens de casaco azul e calças brancas, cada um com um mosquete equipado com uma baioneta. A forma como caminham diz-lhe que ambos estiveram a beber, o que é condenável mas muito comum. Cardell sabe o nome de um deles. São muitos os que partilham o hábito de beber para esquecer as dores, e as tabernas são pequenas.

— Ora se não é Mickel Cardell que veio dar um mergulho. Vieste

à procura de alguma coisa valiosa que engoliste há alguns dias e não apanhaste quando saiu pelo outro lado? Ou andas atrás de uma meretriz que fugiu para o mar?

— Cala-te, Solberg. Posso cheirar a merda, mas tu e o teu amigo tresandam a bebida. Devias gargarejar com água do lago antes de ires acordar o chefe da guarda.

Cardell ergue-se e endireita as costas. Aponta para o cadáver ao seu lado.

— Está ali.

Kalle Solberg aproxima-se, mas depois pára e recua.

— Porra.

— Pois. Suponho que é melhor um de vocês ficar aqui enquanto o outro vai a Slottsbacken buscar um oficial da guarnição.

Cardell enrola o casaco e a prótese e enfia o embrulho debaixo do coto do braço. Prepara-se para dar um passo, mas depois lembra-se de que perdeu uma bota. Pousa o embrulho no chão, dá meia-volta e refaz o caminho seguindo as suas próprias pegadas, com o ar mais digno que consegue, até encontrar o local e arrancar a bota da lama, que se solta com um gemido. Solberg foi o escolhido para ir buscar ajuda e já vai a subir a colina em direcção à cidade. O seu colega está parado, em silêncio, sem mostrar sinais de arrogância. Provavelmente sente-se desconfortável por ficar sozinho com o morto na escuridão. Cardell acena-lhe com a cabeça enquanto passa por ele. Tem um primo nas redondezas que possui um poço e talvez um pouco de sabão para partilhar com ele.

2.

Em cima da secretária está uma folha de papel com uma grelha desenhada. Cecil Winge pousa o relógio de bolso na mesa à sua frente, solta a corrente e aproxima o castiçal com a vela crepitante. As chaves de parafusos estão alinhadas, juntamente com uma pinça e um alicate. Estende as mãos à sua frente, à luz da vela. Não tem tremores.

De forma cuidadosa e metódica, inicia a sua tarefa. Abre o relógio, solta os parafusos que prendem os ponteiros, retira-os e coloca-os no seu lugar, na folha de papel. Levanta o mostrador e expõe o mecanismo, que se deixa desmontar com facilidade. Lentamente, retira cada engrenagem com cuidado e coloca-as no respectivo lugar desenhado na folha. Liberta do seu cativeiro, a mola estende-se numa longa espiral. Por baixo dela, a engrenagem. Depois, a própria caixa. Chaves de parafusos pouco maiores que uma agulha soltam os pequenos parafusos das suas cavidades.

Devido à falta temporária de relógio próprio, são os sinos da igreja que informam Winge da passagem do tempo. Em Ladugårdslandet, o sino grande toca na Hedvig Eleonora. De Saltsjön vem um eco ténue da torre da igreja de Katarina, no cimo do monte. As horas voam.

Quando todo o mecanismo está desmanchado, reinicia o processo, pela ordem inversa. Lentamente, o mecanismo começa a ganhar forma mais uma vez, à medida que cada peça encontra o seu lugar. Os seus dedos finos começam a doer, e tem de fazer

pausas ocasionais para descansar os músculos e os tendões. Abre e fecha as mãos, esfrega-as e alonga-as contra as coxas. A desconfortável posição de trabalho é, em si, fonte de tensão, e a dor na anca, que alastra cada vez mais para o fundo das costas, obriga-o a mudar constantemente de posição na cadeira.

Quando os ponteiros estão novamente montados, coloca a pequena chave no lugar e sente a tensão na mola à medida que a roda. Mal a solta, ouve o conhecido tique-taque e, pela centésima vez naquele Verão, pensa a mesma coisa: o mundo devia ser assim. Racional e compreensível, cada engrenagem no seu devido lugar, com o efeito previsível e exacto dos seus movimentos.

A esperança é fugaz. Abandona-o logo que a distracção chega ao fim, e o mundo, que parara por momentos, retoma a sua forma em volta dele. Os pensamentos começam a vaguear. Pousa um dedo no pulso e começa a contar os batimentos cardíacos enquanto o ponteiro dos segundos dá uma volta completa ao mostrador com o nome do relojoeiro: Beurling, Estocolmo. Conta cento e quarenta e dois batimentos num minuto. As chaves de parafusos e as outras ferramentas estão nos devidos lugares. Prepara-se para iniciar novamente o processo quando sente o cheiro de comida, ouve a criada bater à porta e uma voz chamá-lo para a mesa.

Em cima da toalha há uma terrina decorada com padrões azuis. O anfitrião, o cordoeiro Olof Roselius, baixa a cabeça numa breve oração antes de estender a mão para levantar a tampa. Pragueja baixinho e sacode a mão ao queimar os dedos na pega.

Da sua cadeira ao lado do cordoeiro, Cecil Winge finge estudar a madeira do tampo da mesa sob o teatro de sombras produzido pela luz da vela, enquanto a criada aparece a correr com uma toalha, e o cheiro a carne e legumes faz desaparecer as rugas da testa do cordoeiro. Os seus setenta e dois anos roubaram-lhe toda a cor do cabelo e da barba. Está sentado na cadeira, torto. Roselius é conhecido como um homem justo, que durante anos dirigiu a casa

dos pobres da igreja de Hedvig Eleonora e deu generosamente da sua fortuna, que em tempos foi grande o suficiente para lhe permitir comprar a casa de campo do Conde Spen, nos arredores de Ladugårdslandet. A sua velhice foi envenenada por maus investimentos com o vizinho, Ekman, tesoureiro do Kammarkollegiet, relacionados com uma serração em Västerbotten. Winge percebe que Roselius se sente injustamente tratado depois de tantas décadas dedicadas à caridade. A amargura espalhou-se sobre a propriedade como uma mão pesada.

Como hóspede, Winge não consegue impedir que isto lhe sirva de recordação de tempos maus. Nesta noite, Roselius parece mais deprimido do que o habitual e engole cada colherada com um suspiro. Quando finalmente pigarreia e quebra o silêncio, resta apenas um pouco de sopa no fundo do prato.

— É difícil dar conselhos aos jovens. Só recebemos gritos em troca. Ainda assim, vou dizer o que penso, Cecil, e peço-te que me ouças. Só quero o melhor para ti.

Roselius inspira profundamente enquanto se prepara para dizer o que tem de ser dito.

— O que tu fazes não é natural. Um homem precisa de estar com a mulher. Não lhe prometeste fidelidade eterna, tanto para o bem como para o mal? Volta para ela.

O fluxo de sangue faz corar o rosto pálido de Winge. As emoções surpreendem-no completamente. Não é habitual um homem tão contido deixar-se levar pelas emoções. Inspira profundamente, sente os batimentos do coração nos ouvidos e concentra-se em manter a compostura. Entretanto, tem de responder. Winge sabe que os anos não enfraqueceram a sagacidade que em tempos fez de Roselius o melhor no seu ramo. Quase consegue ouvir os pensamentos do cordoeiro correr por trás daquela testa enrugada. A tensão entre ambos aumenta e diminui enquanto o silêncio se arrasta. Roselius suspira, reclina-se na cadeira e levanta as mãos, num gesto conciliador.

— Já partilhámos muitas refeições, tu e eu. És educado e sagaz. Também sei que não és um homem mau, muito pelo contrário. Mas agora estás cego por essas novas ideias, Cecil, pensas que tudo pode ser resolvido através do pensamento. Através do poder da tua mente. Estás enganado. Não é possível controlar as emoções. Volta para a tua mulher, para bem de ambos, e, se lhe fizeste algum mal, pede-lhe perdão.

— O que fiz foi para o bem dela. Foi pensado.

Mesmo aos seus ouvidos, a resposta soa como a defesa de uma criança desafiadora.

— Cecil, independentemente do que planeasses alcançar, o resultado foi outro.

Winge não consegue impedir o tremor das mãos e larga a colher para esconder a inquietação. Para sua frustração, ouve as palavras saírem-lhe como pouco mais de um sussurro.

— Devia ter resultado.

Quando Roselius responde, o tom da sua voz é mais suave.

— Vi-a hoje, Cecil, a tua mulher, no mercado de peixe de Katthavet. Está grávida. Já não consegue esconder a barriga.

Winge afunda-se na cadeira e, pela primeira vez, olha o cordoeiro nos olhos.

— Estava sozinha?

Roselius assente e estende a mão para a pousar no antebraço de Winge. Winge puxa imediatamente o braço para trás. O instinto surpreende-o.

Winge fecha os olhos para se controlar e, num intervalo que parece abrandar a passagem do tempo, dá consigo na sua biblioteca interior, onde filas de livros estão ordenadas num silêncio eterno. Pega num volume de Ovídio e lê algumas palavras ao acaso: *Omnia mutantur, nihil inherit*. Tudo muda, mas nada se perde. Ali, encontra a esperança de que necessita.

Quando abre os olhos novamente, estes não revelam qualquer emoção. Winge tenta controlar o tremor das mãos, volta a pousar a

colher no lugar, afasta a cadeira e levanta-se.

— Agradeço-lhe a sopa e a atenção, mas acho que de agora em diante vou passar a jantar no meu quarto.

A voz do cordoeiro segue-o enquanto se afasta.

— Se o pensamento diz uma coisa e a realidade diz outra, deve ser o pensamento que está errado. Porque não é isto claro para ti, tu que tiveste uma educação clássica?

Winge não tem resposta para lhe dar, mas a distância crescente entre ambos permite-lhe fingir que não ouviu.

Cecil Winge sai para o corredor com as pernas vacilantes e sobe as escadas até ao quarto que alugou na casa do cordoeiro, desde o Verão. Fica rapidamente sem fôlego e apoia-se na ombreira da porta.

Do lado de fora da janela, o silêncio cobre toda a propriedade. O Sol já se pôs. Na encosta que desce para o Saltsjön estende-se um pomar. Para lá das copas das árvores, avistam-se as luzes de Skeppsholmen, onde os marinheiros terminam as tarefas do dia, esperando poder ir para um lugar abrigado. Ainda mais longe, a silhueta da torre da igreja de Katarina. Sopra uma brisa nocturna.

Todos os dias, é como se a cidade estivesse a respirar, a aspirar a brisa marinha de manhã e a expeli-la novamente ao fim do dia, enquanto os moinhos de vento giram no seu eixo, na direcção da terra. Kurckan, o velho moinho de vento, agita-se em protesto contra as cordas que lhe prendem as velas. Mais longe, um dos seus irmãos responde da mesma forma.

Winge vê a sua imagem reflectida no vidro da janela. Ainda não tem trinta e dois anos. Usa o cabelo preso junto ao pescoço com uma fita, e o seu rosto pálido contrasta fortemente com os cabelos escuros. A camisa tem gola subida e esconde-lhe o pescoço. Já não consegue distinguir onde o horizonte começa e o céu termina. As estrelas começam a brilhar. É assim o mundo: tanta treva, tão pouca luz. No canto superior da janela, vê uma estrela-cadente, um risco

que atravessa o céu num piscar de olhos. Quando era criança, dizia-se que, se avistássemos uma estrela-cadente, um desejo seria realizado. Há muito tempo que deixou de ser supersticioso, mas, ainda assim, formula mentalmente um desejo.

Avista uma candeia lá em baixo, entre as tílias, apesar de não esperar visitas. Alguém chama o seu nome. Põe o casaco sobre os ombros e, ao aproximar-se, vê duas pessoas. A criada de Roselius segura a candeia, e, ao seu lado, está uma figura baixa, curvada para a frente com as mãos pousadas nos joelhos, ofegante e a babar-se. Quando Winge se aproxima, a criada põe-lhe a candeia na mão.

— A visita é para si. Não o vou deixar entrar neste estado.

A criada dá meia-volta e caminha em passos largos para o edifício principal enquanto abana a cabeça, ao pensar naquela loucura. O homem não é velho, ainda tem uma voz leve, e a pele do rosto parece suave por baixo da sujidade.

— Então?

— É você o Winge que trabalha na Inbetoska?

— O nome do departamento de polícia local é Indebetouska. Mas, sim, sou o Cecil Winge.

O rapaz mira-o por baixo da franja loura, não querendo aceitar a palavra de ninguém sem provas.

— Em Slottsbacken prometeram uma recompensa a quem aqui chegasse mais depressa.

— Sim?

O rapaz puxa uma madeixa de cabelo que se soltou por baixo do chapéu.

— Corri mais depressa que todos os outros. Agora dói-me a barriga, tenho a boca a saber a sangue e vou ter de dormir esta noite ao relento com a roupa molhada. Quero uma moeda como recompensa.

O rapaz sustém a respiração como se tivesse sido dominado pela

impudência. Winge lança-lhe um olhar severo.

— Já disseste que vêm outros a caminho com a mesma missão. Se esperar um bocado, posso dividir a recompensa por todos.

Ouve o rapaz ranger os dentes e praguejar baixinho ao perceber o seu erro. Winge abre a bolsa das moedas e tira a recompensa exigida. Segura a moeda entre o indicador e o polegar.

— Esta noite tiveste sorte. A paciência não é um dos meus pontos fortes.

O rapaz sorri, aliviado. Faltam-lhe os dois incisivos, que deixam uma abertura por onde a língua sai constantemente para limpar o ranho que lhe escorre pelo lábio superior.

— É o chefe da polícia que quer falar consigo, imediatamente, em Yxsmedsgränden.

Winge assente com a cabeça enquanto estende a mão com a moeda. O rapaz dá dois passos na sua direcção e agarra a sua recompensa. Dá meia-volta, estuga o passo e salta o muro baixo, quase perdendo o equilíbrio. Winge grita:

— Gasta o dinheiro em pão e não em bebida.

O rapaz pára e responde baixando as calças, mostrando-lhe o rabo pálido e dando uma palmada em cada bochecha enquanto grita por cima do ombro:

— Mais uns recados destes e vou ter dinheiro suficiente para não precisar de escolher.

O rapaz solta uma gargalhada triunfante e saltita pela Ladugårdslandet. As sombras devoram-no rapidamente e deixam Cecil a pensar na estrela-cadente.

Há muitos meses que prometeram uma residência oficial ao chefe da polícia, Johan Gustaf Norlin, mas ainda não aconteceu. Continua a viver com toda a família no mesmo apartamento pequeno, a três quarteirões de Börsen. Já anoiteceu quando Winge sobe ofegante ao terceiro andar. Percebe que os visitantes anteriores que vieram chamar o chefe da polícia também acordaram o resto da família.

Algures do fundo da casa, uma mulher grita com uma criança assustada. Norlin encontra-o à entrada, sem peruca e com a bainha da camisa de noite visível entre o casaco do uniforme e as calças.

— Cecil. Obrigado por teres vindo tão depressa.

Winge assente e senta-se na cadeira que Norlin colocou em frente ao fogão e que lhe oferece com um gesto.

— A Catharina está a fazer café. Está quase pronto.

O chefe da polícia senta-se à frente dele e pigarreia algumas vezes, como que para anunciar o motivo do apelo.

— Descobriram um cadáver esta noite, Cecil, no Fatburen, em Södermalm. Duas crianças conseguiram convencer um guarda bêbedo a tirá-lo da água. O estado… o homem que mo descreveu já é guarda na cidade há dez anos e durante esse tempo deve ter visto todo o mal que as pessoas são capazes de fazer umas às outras. Ainda assim, apareceu à minha porta a arquejar para tentar não vomitar o jantar enquanto me descrevia o cadáver.

— Se bem conheço os guardas, pode ter sido a bebida a causar essa náusea.

Nenhum dos dois sorri, e Winge esfrega os olhos cansados.

— Johan Gustaf, combinámos que o último caso que te ajudei a resolver seria o meu último. Ajudei a polícia no último ano, mas, como sabes, agora está na altura de cuidar da minha casa.

Norlin levanta-se para ir buscar a chaleira de cobre sibilante à cozinha, depois volta e enche uma caneca para cada um.

— Ninguém está mais grato pelo teu serviço do que eu, Cecil. Não me lembro de um único caso em que não tenhas superado as minhas expectativas. Tendo em conta o quanto melhoraste no desempenho deste serviço este Inverno, reconheço que me fizeste um grande favor. Mas corrige-me, se estiver errado, Cecil: não te fiz também um favor?

Norlin procura em vão os olhos de Winge por cima da caneca. O chefe da polícia sorve um golo de café e pousa a caneca.

— Já fomos jovens, Cecil, acabados de sair da Faculdade de

Direito e desejosos de fazer nome nos tribunais. Sempre foste o mais idealista de nós os dois, o que se mantinha mais fiel às suas convicções e o que estava pronto a arcar com as consequências disso. Tu não mudaste, ao passo que eu deixei o mundo manchar a minha dignidade. A minha capacidade de fazer cedências deu-me um lugar na polícia. Pela primeira vez, parece-me que os nossos papéis se inverteram. Agora sou eu que te pergunto: quantas vezes deparámos com um mal que pudesse ser corrigido com o poder que temos? Poucos dos casos que investigaste foram dignos da tua atenção. Falsificadores que cometiam erros de ortografia, assassinos que nem se davam ao trabalho de limpar o sangue do martelo, assaltantes e brigões que o álcool levava a ataques de fúria. Mas este é diferente, é algo que nenhum de nós viu antes. Se houvesse outra pessoa a quem pudesse confiar um caso destes, não hesitaria. Mas não existe mais ninguém. E algures lá fora anda à solta um monstro em figura humana. O morto foi levado para a igreja de Maria. Faz-me este favor e nunca mais te peço nada.

Winge olha Norlin nos olhos, e desta vez é o chefe de polícia que não consegue suster o seu olhar.

3.

Cardell desce apressadamente a colina de Kvarnberget e cospe um pedaço de tabaco castanho para a sarjeta. Está o mais limpo que conseguiu ficar depois de ir ao poço do amigo e vestiu uma camisa emprestada. Por trás dos edifícios caiados que sobem a colina em direcção ao Gullfjärden coberto pelo nevoeiro, consegue vislumbrar a cidade na sua ilha, com Riddarholmen muito perto. Juntos, formam um colosso escuro que se ergue do lago Mälarvattnet, intercalado com alguns espaços claros.

Ainda mal atravessou um quarteirão quando descobre um homem com um rosto coberto de bexigas e o distintivo da polícia preso numa corrente, ao pescoço, a caminho da porta de Polhem.

— Desculpe, mas sabe o que aconteceu ao corpo do Fatburen? Chamo-me Cardell. Fui eu que o tirei da água há poucas horas.

— Já ouvi dizer. É da guarda, não é? O morto está na capela da igreja de Maria até novas ordens. Raios! Nunca vi nada assim. Tendo em conta a forma como o encontrou, esperava que não quisesse voltar a vê-lo, mas você é que sabe. Eu tenho de voltar a Indebetouska antes do nascer do Sol.

Separam-se. Cardell continua a descer a colina pela terra húmida de Maria Kvarngränd. Ao fundo da colina, depara-se com o muro da igreja. A igreja de Maria está tão mutilada como Cardell. No mesmo ano em que ele nasceu, uma fagulha de uma padaria espalhou um fogo enorme e deixou vinte quarteirões em cinzas. A torre de Tessin

abateu e ainda não voltou a ser erguida, apesar de já se terem passado três décadas.

Do outro lado de um portão encontra-se o cemitério da igreja. As lápides parecem observá-lo em silêncio, mas subitamente um som horrível atravessa a tranquilidade do lugar. Sob aquela luz fraca, Cardell demora um momento a perceber que o que está a ouvir vem de uma pessoa. Parece um cão a ladrar debaixo do solo, mas então vê uma sombra e percebe que no piso de gravilha em frente à fileira de edifícios que inclui o estábulo e a casa do coveiro está uma pessoa a tossir para um lenço.

Cardell fica parado, sem saber o que fazer, até que o desconhecido recupera o controlo do próprio corpo, cospe para o chão e vira-se. Dos edifícios atrás dele emana uma luz fraca vinda de uma janela. Embora esta dificulte a visão de Cardell, permite à figura examiná-lo.

O homem quebra o silêncio com uma voz que a princípio não é mais do que um sussurro rouco, mas que ganha força a cada palavra.

— Foi o senhor que encontrou o morto. Cardell.

Cardell assente em silêncio, enquanto se pergunta quanto tempo irá durar aquela conversa inesperada.

— A polícia não sabe, mas Cardell não é o seu nome completo.

Cardell tira o chapéu molhado da cabeça e faz uma vénia rígida.

— Se lhe interessa saber: Jean Michael Cardell. Quando o meu pai viu o seu primogénito pela primeira vez, teve grandes expectativas para ele. Como vê, saíram todas goradas. A maioria das pessoas chama-me Mickel.

— A modéstia também é uma virtude. Se o seu pai não o percebeu, ele é que ficou a perder.

O vulto aproxima-se da luz.

— O meu nome é Cecil Winge.

Cardell examina-o por um breve instante e constata que é mais jovem do que a voz rouca leva a crer. As roupas dão-lhe um ar

digno, apesar de terem um corte antiquado. Um casaco preto, cingido na cintura, largo na parte de baixo e com gola subida. A parte visível do colete revela um padrão bordado discreto. Calças de veludo pretas com fitas nos joelhos. Gravata branca, com duas voltas junto ao pescoço. Cabelo comprido e negro, preso junto ao pescoço com uma fita vermelha. A pele é tão branca que quase parece brilhar.

Winge é magro, invulgarmente magro. Não podia ser mais diferente de Cardell, o tipo de homem que se encontra por toda a cidade de Estocolmo, a quem a guerra e a fome roubaram a juventude, prematuramente desgastado. Deve ter o dobro da largura de ombros, com as costas largas de um soldado a esticarem-lhe o casaco, pernas como troncos, uma mão direita enorme. As orelhas protuberantes receberam tantas pancadas que estão endurecidas.

Cardell pigarreia ao ver-se observado por Winge, que dá a impressão de estar a examiná-lo sem se desviar do seu rosto marcado. Cardell vira-se instintivamente para a esquerda para esconder o defeito.

O silêncio desconfortável, que não parece incomodar Winge, empurra as palavras para fora dos lábios de Cardell.

— Encontrei o guarda no local. O Sr. Winge também veio de Indebetouska, da polícia?

— Sim e não. Podemos dizer que sou um agente extraordinário. O chefe da polícia enviou-me. E o Jean Michael? O que o traz à casa de Maria Magdalena a meio da noite? Seria de pensar que já fez o suficiente pelo morto esta noite.

Cardell cospe um pedaço imaginário de tabaco para o chão para ganhar tempo, mas depois percebe que não tem uma resposta sensata para aquela pergunta.

— Perdi a minha bolsa. Talvez tenha ficado presa no cadáver quando o tirei do lago. Não tem muito, mas achei que ainda assim valia o passeio nocturno.

A resposta de Winge demora um pouco.

— Estou aqui para investigar o cadáver. Desde que foi trazido, o corpo já foi lavado. Vou agora falar com o coveiro. Venha comigo, Jean Michael, e veremos se conseguimos encontrar a sua bolsa.

O coveiro abre a porta da casa. É velho, baixo e atarracado, com costas curvadas e os primeiros indícios de uma corcunda por cima de uma omoplata. Fala com um leve sotaque alemão.

— Sr. Winge?

— Sim.

— Chamo-me Dieter Schwalbe. Vieram ver o morto? Têm esta noite para o fazer. O padre tem de o enterrar antes da missa da manhã.

— Mostre-nos o caminho.

— Um momento.

Schwalbe acende duas candeias com um fósforo e depois apaga-o. Em cima de uma mesa está um gato gordo que alisa o pêlo com a pata que acaba de lamber. Schwalbe estende uma das candeias a Cardell, fecha a porta atrás de si e guia-os. Do outro lado do cemitério há uma casa de pedra de aspecto primitivo e chão de terra batida. Schwalbe leva a mão à boca e solta um grito abafado quando abre a porta.

— É por causa das ratazanas. É melhor assustá-las antes de elas me assustarem a mim.

Todos os cantos da casa estão cheios de lixo. Espetos e pás, madeiras novas e velhas, pedaços de lápides que o Inverno destruiu. O corpo aguarda-os debaixo da mortalha, num banco baixo. O espaço está frio, mas, ainda assim, o cheiro a morte é acentuado.

O coveiro faz um gesto para um gancho de ferro na parede onde Cardell pendura a candeia. Schwalbe baixa a cabeça e aperta as mãos à frente do corpo enquanto transfere o peso de um pé para o outro, desconfortável. Winge olha-o com uma expressão inquisitiva.

— Mais alguma coisa? Temos muito que fazer e pouco tempo.

Schwalbe fita o chão.

— Uma pessoa não consegue passar a vida a abrir covas sem reparar no que escapa ao olhar dos outros. Os mortos não têm voz, mas têm outras formas de comunicar. Esse aí está furioso. Nunca vi nada assim. É como se até a pedra das paredes à nossa volta se estivesse a desmoronar por causa da fúria dele.

Cardell não consegue evitar sentir-se afectado pela superstição do coveiro. Prepara-se para soltar uma imprecação quando repara no olhar céptico que Winge dirige a Schwalbe.

— Os mortos caracterizam-se pela falta de vida. A consciência abandonou o corpo. Onde quer que esteja agora, não pode responder, mas esperemos que esteja num lugar melhor do que aquele que deixou. O que resta não consegue sentir chuva nem sol, e não há nada que possamos fazer que o perturbe agora.

As objecções de Schwalbe são visíveis na expressão insatisfeita do seu rosto. Franze as sobrancelhas farfalhudas e não faz menção de sair.

— Não devia ser enterrado sem nome. É algo que perturba os visitantes. Até descobrirem o seu nome verdadeiro, não podem dar-lhe outro?

Winge pensa por um momento, e Cardell percebe que a resposta vai ser a forma mais rápida de se livrar do coveiro.

— Suponho que pode ser vantajoso termos um nome para nos referirmos a ele. Alguma sugestão, Jean Michael?

Cardell fica em silêncio, apanhado de surpresa pela pergunta. O coveiro pigarreia discretamente.

— Diz-se que quem não é baptizado deve receber o nome do rei, não é?

Cardell estremece, desconfortável. Cospe o nome como se tivesse um sabor desagradável.

— Gustav? O pobre morto não sofreu já o suficiente?

Schwalbe franze a testa.

— Um dos Karls, então? Temos doze para escolher. Também

significa «homem» na língua deles e é um nome que se adequa a quase toda a gente.

Winge vira-se para Cardell.

— Karl?

Na presença da morte, velhas memórias vêm à tona.

— Sim. Karl. Karl Johan.

Schwalbe sorri para eles com dentes castanhos e podres.

— Muito bem! Assim sendo, desejo-vos uma boa noite. Até breve. Sr. Winge, Sr.…?

— Cardell.

Schwalbe para à entrada e acrescenta por cima do ombro:

— Sr. Karl Johan.

O coveiro desaparece no meio das lápides, levando consigo a superstição. Winge e Cardell ficam sozinhos à luz da candeia na parede. Winge levanta uma ponta da mortalha e descobre uma perna, um coto, cortado com uma largura de dois palmos na zona da coxa. Ao fim de um momento, vira-se novamente para Cardell.

— Aproxime-se e diga-me o que vê.

Cardell vê que resta ainda menos da perna do que recordava do corpo como um todo, um monte de carne deformado que não parece um ser humano.

— Uma perna cortada? Não há muito a dizer.

Winge assente, pensativo. O seu silêncio faz Cardell sentir-se estúpido, o que o irrita. A noite parece durar uma eternidade e não tem fim à vista. Sem tirar os olhos de Cardell, Winge aponta para o seu lado esquerdo.

— Vejo que o Jean Michael também tem falta de um braço.

Cardell sabe que é bom a esconder a sua deformidade. Praticou-o durante mais horas do que consegue recordar. À distância, a madeira clara parece pele, e aprendeu a manter sempre o braço um pouco atrás da anca. Desde que não faça muitos movimentos, poucos reparam na sua deformidade sem se aproximarem, pelo

menos à noite. Não tem remédio senão assentir, relutante.

— Sinto muito.

Cardell solta uma gargalhada desdenhosa.

— Vim à procura da minha bolsa, não de piedade.

— Tendo em conta o desprezo que mostrou pelo nome do rei Gustav, devo supor que o ferimento se deu durante a guerra?

Cardell assente levemente, enquanto Winge continua.

— Só o mencionei porque a sua experiência com amputações é muito superior à minha. Quer fazer-me o favor de olhar novamente para a perna amputada e dar-me o seu parecer?

Desta vez, Cardell investiga mais atentamente, por baixo das camadas de sujidade que perduram, apesar da lavagem com água e sabão. Quando a resposta lhe ocorre, é tão óbvia que se arrepende de não o ter visto imediatamente.

— Este ferimento não é novo. O corte está completamente cicatrizado.

Winge assente, com ar de aprovação.

— Sim. Quando encontramos um corpo neste estado, temos por hábito supor que os ferimentos estão relacionados com a causa da morte ou com os esforços do assassino para se livrar do corpo. Nenhuma das duas situações se aplica aqui. Não me surpreenderia se fosse o caso dos quatro cotos.

Ao sinal de Winge, posicionam-se um de cada lado do corpo, levantam a mortalha e dobram-na. O corpo liberta um odor adocicado que faz Winge aproximar o lenço do rosto, enquanto Cardell tapa a cara com o braço do casaco.

Karl Johan não tem braços nem pernas, todos amputados o mais perto do tronco que a serra conseguiu chegar. O rosto não tem olhos: foram removidos das órbitas. O que resta do corpo está subnutrido. Tem as costelas salientes. O abdómen está inchado dos gases, que fazem o umbigo destacar-se, mas, de cada lado do corpo, os ossos da anca aparecem por baixo da pele. O peito é estreito, ainda jovem, e não desenvolveu a largura do de um homem

adulto. As faces estão encovadas. Daquilo que em tempos foi um jovem, é o cabelo que está mais bem conservado. A cabeleira loura foi lavada pelos paroquianos mais humildes.

Winge tirou a candeia do gancho para iluminar melhor as partes que está a investigar enquanto caminha lentamente em volta do banco.

— Durante a guerra, o Jean Michael também viu muitos corpos afogados?

Cardell assente. Não está habituado a este tipo de situações, um exame factual e racional de um cadáver, e o nervosismo solta-lhe a língua.

— Muitos dos que caíram no golfo da Finlândia regressaram no Outono. Encontrámo-los junto aos muros de Sveaborg, abaixo das baterias. Aqueles que conseguiram escapar à febre foram enviados para os recolherem. Os bacalhaus e os caranguejos tinham comido o que conseguiram. Às vezes começavam a mexer-se, e isso era o pior. Emitiam sons e gemidos. Os corpos estavam cheios de enguias, que se afastavam, relutantes, pelo chão, quando lhes interrompíamos o festim.

— E como compara as duas situações?

— Não há comparação possível. Recuperávamos os nossos mortos mais depressa, normalmente no dia em que caíam à água. Estavam pálidos, enrugados e inchados. É o mesmo que vejo aqui. Não creio que o Karl Johan tenha estado muito tempo no Fatburen. Deve ter sido uma questão de horas. Tê-lo-ão atirado à água depois do anoitecer.

Winge assente, pensativo.

— Quanto tempo demorou a sua amputação?

Cardell fita Winge por momentos, enquanto decide o que responder.

— Se queremos fazer isto como deve ser, é importante haver uma boa colaboração entre nós os dois.

Winge ajuda Cardell a enrolar a manga esquerda do casaco, até

às tiras que prendem a madeira ao cotovelo. Cardell solta-as com movimentos hábeis e tira a prótese, que fica presa na mão de Winge. Cardell mostra-lhe o coto.

— Já tinha visto uma amputação?

— Nunca num homem vivo. Assisti a uma demonstração na escola de anatomia quando os cirurgiões abriram o cadáver de uma mulher.

— A minha operação não foi propriamente exemplar. Foi feita por um marinheiro trémulo com o único instrumento que tinha disponível. Amputou-me imediatamente abaixo do cotovelo. Quando chegou ao corte final, descobriu que devia ter cortado mais para impedir que a gangrena alastrasse. Prende-se o paciente com tiras de couro para não perturbar o cirurgião com as convulsões. A carne é cortada com uma faca e para o osso usa-se uma serra. Os que têm sorte bebem até à inconsciência, mas, como era uma urgência, tive de a suportar sóbrio. As veias grandes têm de ser fechadas depressa — se as pinças se soltarem, o sangue pode jorrar até ao outro lado da sala. Uma pessoa perde sangue e fica pálida num instante. Se tudo correr bem, guarda-se um pedaço de pele suficientemente grande para cobrir o coto. Este é cosido sobre a carne com agulha e linha. Repare, consegue ver-se a cicatriz em forma de crescente e as marcas dos pontos. Se não houver inflamação no braço, é só esperar até voltar a nascer pele.

Sorri para Winge, que o ouve atentamente.

— Assistiu a todas as fases do processo de cicatrização mais de perto do que alguém poderia desejar. Pode tentar datar as amputações do Karl Johan?

— Passe-me a candeia.

Agora é a vez de Cardell caminhar em volta do morto. Curva-se a cada um dos cantos do banco e observa os cotos um a um, com a testa franzida. Por ter a candeia na mão boa, não consegue tapar o nariz. Respira pela boca e expele o ar com expirações curtas.

— Tanto quanto posso perceber, o braço direito foi amputado

primeiro. Depois foi a perna esquerda, de seguida o braço esquerdo e por fim a perna direita. Na minha opinião, o braço direito foi amputado há três meses, no caso de o Karl Johan ter tanta carne como eu. A perna direita? Talvez um mês. Tinha acabado de sarar quando deu o último mergulho.

— Então os braços e as pernas do homem foram amputados à vez e por ordem. Cada ferimento foi tratado e deixado a cicatrizar antes de se passar ao seguinte. Os olhos foram privados da vista. A boca também não tem dentes, e até a língua desapareceu. A avaliar pelos ferimentos, o processo que o transformou nisto que temos diante de nós começou neste Verão e terminou há poucas semanas. A morte ocorreu há apenas um dia ou dois.

Cardell sente os cabelos arrepiarem-se quando contempla aquilo que Winge sugere. Winge bate pensativamente nos dentes incisivos com a unha do polegar, antes de dizer:

— Acho que é tudo.

Prepara-se para voltar a colocar a mortalha sobre o corpo, mas pára e esfrega o tecido com o polegar e o indicador.

— Agradeço-lhe a ajuda, Jean Michael. Infelizmente, parece-me que sobrestimou as capacidades do cadáver como ladrão. A sua bolsa continua pendurada debaixo do seu casaco. É fácil vê-la, pelo menos quando se curvou para a frente com a candeia. Mas isso o Jean Michael já sabia, porque não lhe resta nada da bebedeira que tinha ontem à noite.

Cardell percebe o seu erro e pragueja por ter deixado o impulso revelar a sua mentira. A consciência abate-se sobre ele agora que a ressaca tomou o lugar da bebedeira. A aparência sóbria de Winge, contrastando fortemente com a sua, que viu mais mortos do que seria capaz de desejar ao seu pior inimigo, também o irrita. Cospe por cima do ombro, como se quisesse evitar um acidente.

— Cecil Winge, seu pulha maldito! Não admira que esteja tão bem na companhia dos mortos. Deixe-me retribuir as suas observações na mesma moeda: você come muito pouco. No seu

lugar, passaria mais tempo à mesa e menos na casa de banho.

Winge não se deixa afectar pelo insulto.

— Houve outra coisa que o trouxe aqui esta noite. Exactamente o quê não sei. Quer terminar o que começou? Quer ver este homem vingado na sepultura? Disponho de alguns recursos que me foram concedidos pela polícia. Ficaria grato pela sua ajuda e estou disposto a pagar por ela.

Winge faz uma pausa e observa Cardell com os seus grandes olhos. Algo nele brilha, algo que estivera oculto até então. Cardell sente-se simultaneamente assustado e confuso, mas a fadiga começa a apoderar-se de todo o seu corpo, por isso fica imóvel até Winge continuar.

— Não precisa de responder já. Agora tenho de ir a Indebetouska para a reunião matinal da polícia. Já sei o que vou ouvir. O guarda vai apresentar o seu relatório. A responsabilidade vai recair sobre o fiscal da cidade, que já está bastante ocupado com questões muito mais fáceis e dignas do que esta. Na melhor das hipóteses, vai mandar os polícias da zona investigarem se correm boatos que possam esclarecer a situação. Tenho pouca esperança. Este corpo mutilado vai ser enterrado sem nome, às custas da cidade, numa campa do lado norte do cemitério em que nos encontramos agora. Ninguém o vai chorar. O chefe da polícia pediu-me para fazer o que pudesse. Infelizmente, sozinho não vou conseguir grande coisa.

É preciso mais do que aquilo para acalmar a fúria de Cardell. Já se virou para sair, cheio de emoções contraditórias. A voz rouca de Winge segue-o enquanto se afasta.

— Se quiser ajudar-me, Jean Michael Cardell, contacte-me. Tenho um quarto na casa do Roselius, na quinta de Spenska.

4.

Naquele dia, como em todos os outros, o Sol da manhã traz o caos e a agitação a Indebetouska, no cimo da colina de Slottsbacken. Winge pestaneja para afastar a poeira dos olhos, tentando esquecer que não dormiu nada na noite passada. Pergunta-se se algures naquele edifício há um bule de café com um resto que possa beber.

A casa está cheia de pessoas que entram e saem e de outras que simplesmente aguardam para tratar dos seus assuntos e não têm outro lugar para ir. Os polícias ainda estão a tentar habituar-se às novas instalações e ao novo chefe. No entanto, ainda ninguém conseguiu encontrar um espaço mais adequado para o trabalho.

Estão em Indebetouska há pouco mais de um ano. Boatos maldosos dizem que foram mudados da rua Trädgårdsgatan para limpar a imagem da cidade depois de o antigo dono ter conseguido uma audiência com o rei Gustav, moribundo, e ter saído de lá com a assinatura pouco reconhecível de Sua Majestade no contrato de compra, por vinte e cinco mil Riksdaler, em troca de um edifício velho e cheio de correntes de ar que estivera abandonado durante muito tempo. Demasiado quente no Verão e demasiado frio no Inverno.

A casa é estranhamente assimétrica, inclinada contra a colina e erguendo-se entre a igreja Storkyrkan e o terreno onde ainda se encontram os restos da Stora Bollhuset, acabada de restaurar.

Sob a luz débil da manhã, os rostos familiares confundem-se com os dos estranhos. Winge olha com desdém para Teuchler e Nystedt, dois brutamontes empregados pela guarda, que seguram com dificuldade um homem de camisa rasgada, cujos hematomas e lábios abertos revelam que acaba de confessar aquilo de que foi acusado. O secretário Blom atravessa aquela agitação de corpos, cruza o olhar com o de Winge depois de observar a mesma cena e revira os olhos. Já se passaram mais de duas décadas desde que aqueles métodos de interrogatório foram abolidos, mas Teuchler e Nystedt pertencem a outros tempos.

Os que sabem o nome e o aspecto de Winge sem o conhecerem pessoalmente fitam o chão quando ele passa. Este sente os olhares fixarem-se novamente em si, mal vira as costas. No caminho pela escada acima, repara que ainda ninguém se deu ao trabalho de tirar o brasão do antigo chefe da polícia da parede, mais um sinal da falta de ordem que assola as autoridades desde que o rei Gustav morreu.

Passaram-se quase dois anos desde que os disparos de Anckarström se abateram sobre o baile de máscaras, mas na esquadra parece que ainda ressoam. Com um príncipe herdeiro inexperiente, de apenas treze anos de idade, a luta pelo poder começou ainda antes de o rei ser libertado da sua agonia. O anterior chefe da polícia, Nils Henric Aschan Liljensparre, o confidente do rei Gustav que construiu aquela esquadra de raiz e que liderou o trabalho durante quase três décadas, foi um dos homens poderosos que reconheceram a oportunidade e revelaram abertamente as suas ambições: fazer o irmão atrasado do rei, o duque Karl, governar como guardião do príncipe, sua marioneta.

Em vez disso, as ambições de Liljensparre caíram por terra. O barão Reuterholm assumiu o lugar que Liljensparre designara para si próprio, e, enquanto o barão controlava o país na pessoa do duque, Liljensparre foi enviado para o exílio na Pomerânia. No início

do ano, Reuterholm concedera o cargo de chefe da polícia ao advogado Johan Gustaf Norlin, nomeação de que já estava arrependido. Como todas as outras pessoas sensatas, Winge percebe claramente o motivo: Norlin é um homem justo.

No terceiro andar há cadeiras dispostas ao longo do corredor. Winge agita os braços à sua volta para forçar o sangue a correr para os dedos gelados. O ar frio e húmido irrita-lhe a garganta. Obriga-se a respirar lentamente para impedir a tosse. Tem de esperar mais um quarto de hora em frente às janelas de vidro da porta de Norlin até que esta se abre, os visitantes anteriores saem, apressados, e ele entra.

Tal como acontece no resto daquele edifício, o escritório de Norlin está uma confusão. A bela secretária mal se vê debaixo das pilhas de papéis que obstruem o tampo. Norlin está de pé junto à janela. No parapeito há um gato de várias cores que ronrona de satisfação enquanto lhe faz festas no pescoço. Norlin tem aproximadamente a mesma idade que Winge, mas o ano que passou foi repleto de noites sem dormir que o desgastaram mais do que os seus trinta anos poderiam sugerir. Em volta da gola do casaco do uniforme, a pele está vermelha e irritada no ponto em que as unhas procuram repetidamente aliviar a comichão. Quando Norlin se vira para o seu visitante, segue o olhar de Winge para o gato e encolhe os ombros.

— É o único habitante desta casa que ainda conserva todo o juízo e uma noção clara das suas prioridades.

Empurra delicadamente o gato para o chão, encosta-se ao parapeito da janela e cruza os braços.

— Então? A investigação foi satisfatória?

— Precipitei-me ao sugerir que o guarda tinha estado a beber. A reacção dele foi perfeitamente expectável. Este crime é muito invulgar.

— Existe outro motivo para te ter pedido para tratares deste caso, para além das tuas competências, Cecil. Não pertences

formalmente a esta esquadra e podes trabalhar em segredo. O Reuterholm está de olho em mim, e poucas coisas lhe desagradam mais do que ver-me ocupado com trabalho de polícia válido. O barão quer que eu aplique as suas leis de censura, em vez de tornar a cidade segura para os seus habitantes. Olha.

Norlin ergue um documento com o selo quebrado.

— É uma carta assinada por Gustaf Adolf Reuterholm, em que o barão exige uma explicação para a falta de progressos na investigação que ordenou acerca do boato de que tentou envenenar o príncipe herdeiro. O mesmo rumor diz que a sede de poder o barão está ligada à sua impotência e a uma grande variedade de desvios. O barão acha que já esperou demasiado para ver os responsáveis serem punidos e agora exige contas exactas das minhas acções e dos resultados.

— E vais enviar-lhe esse relatório?

— Uma vez que não fiz nada, o melhor é ignorar. O homem é louco. O Reuterholm não passa de um déspota, sem amigos, família ou bom senso. Anda a tentar fazer que o vidente Arvidsson fale com os mortos em seu nome. É vaidoso, impulsivo e lento de raciocínio, tal como o rei Gustav ficou, com o tempo. O medo da revolução e da traição é uma epidemia que afecta todos os que se aproximam demasiado do trono. Como sabes, Sua Majestade ordenou ao meu antecessor que recrutasse um corpo de agentes para denunciar boatos e conspirações entre o povo. O problema não é apenas a insatisfação. O problema é que os agentes do Liljensparre foram enviados em busca da insatisfação nos lugares errados. Enquanto o rei Gustav tinha pesadelos com as ideias da Revolução Francesa a chegarem aqui ao Norte e fazia tudo o que podia para espiar o povo, os seus traidores estavam na corte. Tinha tanto medo da populaça anónima que acreditou que a nobreza, mesmo debaixo do seu nariz, era inócua.

Norlin faz um gesto na direcção da secretária.

— Embora eu faça o melhor possível para ignorar quem investiga

os boatos do Liljensparre, continuo a ter de receber os relatórios, cada um mais incoerente do que o outro: um Ödman diz que um Nilsson cantou a tradução da Marselhesa numa noite de bebedeira em Strängnäs. Diz-se que um cavaleiro com simpatias dúbias elogiou a gravata do ferreiro Juhlin. Kullmer e Ågren usaram calças compridas na igreja, para agrado de Weinås e Falk, Carlén esconde uma carta de Thorild debaixo da almofada. Blá, blá, blá. E, enquanto estou distraído com estas tolices, assuntos mais importantes são deixados de lado. Mas o Liljensparre achava que isto era de extrema importância, o velho déspota. Sabes o que lhe chamam aqui na esquadra? Asno, como adaptação do seu nome do meio, Aschan.

Winge olha para a pilha de cartas, levanta uma e observa-a com uma expressão indiferente antes de a voltar a pousar. Norlin tira a peruca e atira-a para cima da pilha de papéis enquanto coça a cabeça.

— Corre por aí que o Reuterholm já anda à procura do meu substituto.

— Sabes quem vai ser?

— Ouvi dizer que convidaram o Magnus Ullholm, nome que conheces bem.

— Sabes quanto tempo te resta?

— Não. Mas, quando o barão toma uma decisão, esta tende a concretizar-se depressa. Não preciso de te dizer que o Ullholm não te vai deixar continuar a trabalhar aqui. É por isso que tenho tanta pressa, Cecil.

Winge massaja as pálpebras inchadas. O cansaço cria manchas de luz que dançam no seu campo de visão.

— Sou a última pessoa que precisas de lembrar da urgência do caso.

*

Com um gesto para uma cadeira vazia, Norlin pede a Winge que se sente. O chefe da polícia abre a porta e grita para o corredor a pedir que lhe tragam café, ordem que é executada pela pessoa mais próxima. Senta-se em frente a Winge com um suspiro pesado.

— Muito bem. Vamos voltar ao cadáver retirado do lago. Tens alguma esperança de encontrar o culpado?

— Tenho motivos para crer que o morto foi deitado ao lago apenas horas antes de ser encontrado. Vou procurar testemunhas que tenham estado no local poucas horas depois do anoitecer.

— Parece-me um caso perdido. Mais nada?

— Há mais uma coisa. O morto estava despido, mas parcialmente envolvido numa mortalha de um tipo que eu nunca tinha visto. O tecido pareceu-me demasiado caro para ser usado para aquele fim. Um especialista pode dizer-nos mais acerca dele.

Norlin parece perder-se nos seus pensamentos enquanto assente para si próprio.

— Mantém a discrição e não apenas por causa do Reuterholm. O descontentamento está por toda a parte. Não preciso de te lembrar que no início deste ano tivemos uma multidão furiosa em Slottsbacken a gritar por sangue por um nobre ter ferido um homem do povo com a espada. Toda a violência deve ser abordada com o máximo de cuidado. Tem isso em atenção.

Uma criada bate à porta e entra com um bule e duas chávenas numa bandeja de metal. Norlin serve o café, e Winge encosta os lábios finos ao bordo da chávena para sorver a bebida revitalizante. Enquanto o gato salta para o colo do chefe da polícia, Norlin olha-o com uma expressão preocupada.

— Desculpa-me que te diga, Cecil, especialmente porque também não sou bom exemplo, mas estás com péssimo aspecto.

5.

O nome da estalagem é Fördärvet. As paredes estão cobertas de fuligem, mas, se nos esforçarmos, conseguimos distinguir os frescos nas paredes. É a dança dos mortos. Camponeses e homens do povo, nobres e padres dançam de braço dado em volta de um esqueleto que toca um violino preto como carvão. A imagem causa um certo desconforto, mas só costuma haver muitos clientes já tarde, e a bebedeira retira importância à decoração. O dono, Gedda, resistiu a todas as tentativas no sentido de o persuadirem a caiar as paredes. Diz, sibilando, que é uma pintura feita pelo próprio Hoffbro, uma obra-prima.

Cardell odeia-a, especialmente porque o acordo que fez com Gedda o obriga a manter-se relativamente sóbrio. Cardell está ali como guarda, para deter os brigões durante alguns turnos por semana, e ganha uma comissão por cada um que expulsa. O salário de guarda não lhe permite sobreviver, portanto, precisa daquele valor adicional. Do seu lugar no banco, ao lado da escada, pela milésima vez, é visitado pela memória das órbitas vazias do cadáver. Cardell estremece e mastiga uma mão-cheia de tabaco.

Sente que aquela noite não vai trazer nada de bom, o que é previsível. Desde o pôr-do-sol há qualquer coisa estranha no ar. Os clientes dos bares brigam por causa de copos e, na sua agitação, lançam palavras ofensivas. Cardell tem constantemente de se levantar e de conversar com pessoas que não o ouvem ou entendem, até que as agarra pela parte de trás do pescoço, as

levanta até os pés saírem do chão e as atira para a rua.

Um grupo de marinheiros chega à porta, todos de braço dado, até que o elo mais fraco tem de quebrar a cadeia e dar espaço para os outros entrarem. Gritam a plenos pulmões, num espectáculo de vulgaridades. No meio da gritaria, Cardell ouve falar de mansões conquistadas e percebe imediatamente que a noite vai acabar mal.

Homens jovens, indómitos e bêbedos, num grupo unido. Conhece-os bem. Também já foi um deles. Adora-os e odeia-os. Do seu lugar junto à porta, olha-os da mesma forma que um lobo olha para um rebanho de ovelhas e sabe que falta pouco para serem seus.

Não é preciso muito tempo. Um homem baixo e atarracado tropeça nos próprios sapatos e cai de costas em cima de um marinheiro. Em poucos instantes, põem o culpado em cima de uma mesa, obrigando o pobre homem a dançar enquanto abanam o tampo, fazendo a madeira partir-se. Um deles pega numa faca e espeta os pés do homem.

Cardell olha para Gedda, do outro lado da sala. O proprietário não quer saber se os clientes se magoam ou sangram, mas a mobília custa-lhe dinheiro. Sem parar para pensar, Cardell levanta a mão e aperta as tiras de couro que fixam o antebraço de madeira.

A guerra ensinou-lhe que não há honra na batalha. É algo que experiencia regularmente. A mão pousa no ombro de um marinheiro, procurando a diplomacia no meio do rebuliço. Faz gestos conciliadores. Uma voz ao seu ouvido diz-lhe que vá para o inferno. O cuspo atinge-o no rosto. Ouve os batimentos do coração ecoarem-lhe nos ouvidos, e o mundo fica vermelho. Ainda assim, controla-se. Baixa os ombros numa expressão de submissão.

Quando o primeiro golpe os atinge, nem percebem o que lhes aconteceu. A mão esquerda levanta-se do seu lugar junto à anca e, uma vez que os dedos de madeira têm a forma de uma mão aberta, quase parece que lhes está a acariciar o rosto. Os dentes saltam

pelo ar numa cascata vermelha. Cardell aproveita o impulso do braço para dar o próximo golpe, e o seguinte, e sente um antebraço partir-se, um nariz ser esmagado, umas costelas estalarem, um olho desfazer-se. Cada golpe é como uma explosão no coto do braço, e a dor faz aumentar a sua raiva.

Fogem a correr. O último tem de rastejar para a rua, a chorar, e a bota de Cardell empurra-o para o lado de fora da porta. Quando se vira, o homem baixo ainda está em cima da mesa, a bater palmas e a sorrir de orelha a orelha.

A sua gratidão é infinita. Insiste em presentear o seu salvador com um jarro de vinho e faz brindes sucessivos. Cardell, por seu lado, pensa que a briga daquela noite foi um dissuasor suficiente para garantir a paz e a ordem na taberna Fördärvet até ao fecho das portas. O chão está coberto de manchas escuras que vão na sua direcção. Cardell ignora o olhar acusador de Gedda e bebe goles longos. As brigas são uma das poucas coisas que o animam. Costumava procurá-las activamente e obtinha conforto do facto de cada vitória lhe dar uma sensação de controlo. O efeito diminuiu com os anos. O braço pesa-lhe. Sente-se velho, demasiado velho para aquela vida. O vinho serve-lhe de consolo. O outro homem apresenta-se como Isak Reinhold Blom.

— Sou poeta.

Cardell levanta uma sobrancelha enquanto o homem limpa a garganta.

— O meu herói! Veja-os estremecer com a vitória da sua coragem! Pisa os irmãos derrotados com o sangue alheio sob os seus pés!

— Bem, não eram propriamente da minha família. É assim que ganha a vida?

Blom faz beicinho e acende o cachimbo.

— É a maldição dos poetas: todos se acham críticos. Mas, sinceramente, não. Durante o dia, trabalho na casa de

Indebetouska, em Slottsbacken. Trabalho para a polícia. Sou secretário desde Janeiro.

Cardell não voltara a pensar em Cecil Winge e nas suas palavras quando se despediram, até este momento.

— Conhece um homem chamado Winge, Cecil Winge?

Blom olha-o com uma expressão pensadora e sopra um anel de fumo.

— Quem o conhece nunca mais o esquece.

— Quem é o tipo? Pode dizer-me alguma coisa sobre ele?

— Começou a aparecer em Indebetouska na mesma altura em que o Norlin foi promovido a chefe da polícia, no início deste ano. Têm uma espécie de acordo. O Winge tem carta-branca para fazer o que quer, dentro dos limites do razoável. Interessa-se por alguns crimes, mas não por outros.

Cardell assente, pensativo. Blom sacode o cachimbo e continua.

— Formámo-nos em Direito, em Uppsala, na mesma altura, eu e o Winge, apesar de eu ser alguns anos mais velho e de nunca ter frequentado os mesmos círculos. Ele estava sempre com o nariz enfiado num volume de Rousseau. O Winge estava a ler um volume enorme, como não se via desde Rudbeck, e tinha uma memória tal que lhe permitia repetir de cor todas as palavras que lia, como se tivesse o livro à sua frente. Talvez tenha sido aí que os problemas começaram. Algumas pessoas lêem demasiado, fritam a cabeça. Na sua carreira de advogado, tornou-se pouco popular por insistir em deixar que os acusados se explicassem, algo que era costume evitar. Todos os seus casos se arrastavam demasiado. Embora ninguém em plena posse das suas capacidades mentais pudesse duvidar minimamente da culpa ou da inocência de alguém sujeito a uma acção judicial dirigida por Winge, este nunca conseguiu obter a aprovação dos seus pares. A maioria dos que trabalham no sistema judicial só quer que a justiça seja aplicada o mais depressa possível, mas, como o Winge insistia em defender os seus motivos com uma lógica irrebatível, não podiam impedi-lo, portanto, as críticas

passavam-lhe ao lado. Desde que se juntou ao Norlin, correm imensas histórias sobre todo o trabalho que fez na esquadra no ano passado. Outros cometem erros, dispersam e têm falta de atenção, de empenho. Mas o Winge não.

Blom gesticula com o cachimbo para dar ênfase à afirmação. Depois de uma longa pausa, nota que o cachimbo se apagou. Pousa-o com um ligeiro encolher de ombros.

— Se há algo negativo a dizer acerca dele é que nunca teve grande carisma.

— Isso é óbvio.

— Conheci a mulher dele na ópera, no ano passado, e, quando soube o seu nome e percebi quem o marido era, achei que só podia estar enganado. Uma mulher fantástica, Cardell, bonita, mas também afável, sensível, dócil e alegre, e estas são as últimas palavras que usaria para descrever o seu marido. Deve ter tido uma fila incontável de pretendentes. Nunca hei-de entender porque escolheu o Winge. E é por isso que me parece ironia do destino ele ter escolhido deixá-la e não o contrário, como seria de esperar…

Blom cala-se, e é como se o seu bom humor se tivesse extinguido com a chama do cachimbo. O ruído da sala enche o vazio deixado por ele. Num canto, um homem com um casaco remendado e uma taça de pedinte em cima da mesa começa a tocar uma música numa flauta simples de madeira. Blom solta os restos de tabaco do cachimbo.

— Sim, mais uma coisa, Cardell. Talvez devesse tê-lo dito logo, mas o vinho deixou-me um pouco lento. O Cecil Winge está a morrer de tísica. É certo que nunca foi um homem robusto, mas a doença afectou-o muito. Está fraco, mas esconde-o bem, raramente tosse em público e, quando o faz, tosse discretamente para um lenço, para não se verem as manchas de sangue. Diz-se que deixou a mulher para a poupar à dor de assistir ao seu declínio. Na verdade, os médicos previram a sua morte há um mês. Já passou do prazo. Em Slottsbacken têm-lhe muito respeito, mas já lhe

chamam o Fantasma de Indebetouska.

Mais tarde, quando Blom já há muito cantava pela noite de Estocolmo, sobre as suas pernas vacilantes, as luzes foram acesas e os clientes que restavam já estavam de pé em cima dos barris que serviam de mesas, o dono pousou uma mão no ombro de Cardell.

— Contratei-te para manteres a ordem, não para fazeres disto um banho de sangue. Afugentaste metade da minha clientela. Mickel, não posso continuar a pagar-te.

Nessa noite, um pouco depois das doze badaladas, Mickel Cardell acordou no seu quarto, ofegante e com o coração aos saltos. A dor queima-lhe o braço cuja ausência os sentidos se recusam a aceitar. É a segunda vez em dois dias que nem o álcool nem as brigas lhe trazem alívio.

6.

Ninguém anuncia que é tísica antes de ser óbvio que a doença está tão avançada que não se podem esperar melhoras. Só quando toda a esperança está perdida e a morte é inevitável lhe dão o nome devido.

Começou por ser apenas uma tosse ligeira, na Primavera anterior, uma tosse que durou várias semanas. Quando era pequeno, também era acometido por tosses frequentes, mas nunca foi motivo para preocupações. Depois, começou a ter febre durante a noite, suores que o faziam acordar com os lençóis ensopados. No Verão, Cecil Winge começou a ter de esconder a tosse com um lenço para não atrair atenções, e, num dia de Junho, os bordados do tecido de algodão ficaram manchados de vermelho. Começou a ficar sem fôlego e a sentir constantemente uma dor do lado do tronco, como se tivesse saltado até à exaustão. Sentia-se como se tivesse um peso sobre o peito, cujos domínios se haviam expandido devido à falta de ar.

O médico viu o alto no seu pescoço e chamou-lhe escrófula. A medicação que lhe deu foi uma mistura asquerosa de ulmeiro, ruiva-dos-tintureiros, cravo-da-índia, polipódico e anis. Meio frasco por dia. Não vendo melhoras, o médico pôs os óculos com uma expressão pensativa e sugeriu um dreno para remover os fluidos maliciosos do corpo. Com potassa, abriu-lhe um buraco do lado esquerdo do peito, pouco maior que a espessura de um dedo mindinho. Pôs uma ervilha no buraco para o impedir de fechar. Ao

longo de vários dias, muitos fluidos foram expelidos, e o médico pensou que haveria esperança de assistir a uma recuperação em breve. Mas não foi o que aconteceu. A ferida mantinha-o acordado à noite. Gelava e suava ao mesmo tempo. Ela esteve sempre com ele, a mulher, com um pano para lhe humedecer a testa, uma toalha para lhe limpar o corpo doente, uma canção para o ajudar a adormecer em breves momentos de graça.

O tempo passou, e o Inverno chegou, enquanto novos tratamentos substituíam os anteriores. Sentou-se, curvado, sobre barris de vinagre e cal, bebeu leite de vaca cru e inspirou os ares do estábulo. De manhã acordava exausto e com a pele fria e húmida, e nada parecia aquecê-lo. As veias azuladas, os olhos vermelhos e com olheiras marcadas e uma dor forte a alastrar-lhe pela anca. Quando a tosse apareceu, não havia como fazê-la parar. Nos ataques piores, vinham-lhe à boca pedaços de tecido morto. O seu vómito tresandava. Quando o sangravam, verificavam que o sangue formava rapidamente uma crosta azulada, um sinal claro de que a infecção se havia espalhado. Não podia continuar a ser seu marido, não podia continuar a dividir a cama com ela quando a tosse e os suores o faziam sentir que as costelas iam rebentar.

Passara-se mais de um mês desde que Winge abandonara todos os tratamentos. Todas as acções destinadas a aliviar o seu sofrimento só haviam contribuído para agravar a doença. A única coisa que lhe restava fazer era invocar todo o seu autocontrolo para dominar aquele arranhar na garganta, e descobrira que as distracções são mais eficazes do que tudo o resto. A concentração esvazia a mente dos pensamentos, e o corpo relaxa.

À noite, sozinho no seu quarto na casa de Roselius, senta-se à luz de uma vela solitária e desmancha o relógio de bolso. Espalha todas as peças do mecanismo, até estarem alinhadas em cima da mesa. Depois, monta-o novamente. Uma após outra, as engrenagens são encaixadas nos devidos lugares. Pequenos

parafusos são enroscados e apertados. A partir de uma colecção de componentes aparentemente inúteis, forma-se um mecanismo que funciona.

Winge combate a morte com a mesma bússola que o guiou toda a vida — a razão. Esta diz-lhe que todos temos de morrer e que todos estamos a morrer. Ajuda. Mas, quando os suores nocturnos chegam e a mente vagueia livremente, é a sua morte em particular que o atormenta, não a ideia de morte em geral. Contempla todos os pormenores. A infecção irá espalhar-se pelas articulações e pelo esqueleto, como acontece com muitos dos que sofrem desta doença? Irá morrer no sono ou em agonia e paroxismo? Que tormentos sofrerá? Quando mais nada ajuda, tenta convencer-se de que a maior parte de si morreu da última vez que viu a mulher. Mas é um fraco consolo quando a parte de si que ainda vive é aquele que consegue sentir a dor.

A noite chega. Winge veste-se e prepara-se para sair. O espelho do quarto é tão pequeno que tem de recuar muito para conseguir ver metade do corpo. As roupas que usa são as únicas que possui. A camisa e as calças são lavadas regularmente, de acordo com o que combinou com as criadas, e o resto é limpo com uma escova. Os tecidos começam a esgaçar, e tanto o casaco como o colete já saíram de moda, mas servem. As roupas que escolheu manter são as mesmas que usou no tribunal, e a sua intenção nunca foi parecer snobe, apenas formal. O objectivo era passar uma imagem de indiferença a tudo o que não fosse essencial.

Winge põe a gravata em volta do pescoço e dá-lhe o nó, enfia os braços nas mangas do casaco e tira do canto a bengala que no passado era um mero acessório, mas que agora é cada vez mais uma necessidade, para quando tem dificuldade em respirar. Winge desce lentamente as escadas, em silêncio, para evitar cruzar-se com os outros habitantes da casa.

Desce a colina em direcção ao Saltsjön com um lenço em frente à

boca para se proteger do ar frio. Na berma, não tem dificuldade em encontrar um homem que aceita levá-lo de barco a remos até à cidade, entre as pontes, em troca de uma moeda. Ao longe, ouve o som da água, mas ali as águas estão calmas, apenas perturbadas pelo golpe dos remos.

Passam por baixo da ponte Skeppsholmsbron, e, com olhares regulares por cima do ombro, o remador encontra o caminho por entre o labirinto de barcos atracados em frente à ponte Skeppsbron. Âncoras largas como pernas estendem-se a toda a volta. Sob o cheiro fedorento do alcatrão sentem-se outros aromas, mais discretos, de araca, canela, café e tabaco.

Ao fim de meia hora de viagem, Winge aceita a ajuda de uma mão firme para subir para a escada de Räntmästar. Dali, é uma curta caminhada até à rua Baggensgatan.

O bairro está animado como sempre. Há bordéis porta sim, porta sim, por cima e por baixo uns dos outros, e clientes com graus variáveis de embriaguez entram ou saem para as suas visitas. As bocas cantam canções a celebrar Vénus, que ecoam por entre os edifícios, misturadas com gritos a anunciar os feitos alcançados ou futuros. Outros são mais discretos. Muitos maridos escolhem cobrir o rosto com um lenço, como Winge.

Este encontra a porta certa e entra. A mulher que herdou o estabelecimento do capitão Ahlström tem um rosto tão inescrutável quanto antigo e não dá sinal de o reconhecer para além de um aceno discreto.

— Ela está livre?

A *madame* abana a cabeça. Winge larga a bengala e senta-se pesadamente numa cadeira.

— Eu espero. E quero lençóis lavados. O quarto tem de estar em condições.

Antes de sair, a mulher lança-lhe um olhar difícil de interpretar. Outros vão e vêm sem se darem conta dele. Passa-se quase uma

hora até que ela regressa e o manda subir. Encontra a porta sozinho, bate e entra.

Aguarda-o sentada à beira da cama, com as pernas cruzadas numa posição sedutora, ela que é conhecida como a Flor da Finlândia. Não foi fácil de encontrar. Procurou alguém da sua idade, e três décadas são mais do que a maioria das mulheres com aquela profissão vive. Ainda assim, conseguiu sobreviver bem naquela existência protegida, onde os residentes fingem viver ao dobro da velocidade dos outros. O rosto dela revela reconhecimento quando os seus olhares se encontram, e a sua linguagem corporal muda. Os ombros baixam. As costas, muito direitas, relaxam.

— És tu. Ela podia ter-me dito.

Os seus modos da zona leste do país são afáveis. Winge assente em resposta e olha em volta, para confirmar que o quarto está nas condições que exigiu. Estende-lhe a pequena bolsa que preparou, com a quantia que acordaram previamente. Ela faz-lhe sinal para que a deixe em cima da cómoda.

— Ficas toda a noite, como de costume?

— Sim, Johanna. Espero que o dinheiro seja suficiente.

Ela ri-se.

— Mesmo que não fosse, estaria disposta a fazer-te um desconto. És o meu melhor cliente. Pagas bem e exiges pouco, que é o contrário daquilo a que estou habituada. Ou procuras algo em especial desta vez?

Winge abana a cabeça.

— Não. O habitual.

Pendura o casaco e tira a gravata. Do bolso do colete, retira o pequeno frasco e estende-lho com muito cuidado. Ela retira a rolha e deita algumas gotas do conteúdo no pescoço e no decote. Ele pendura a camisa e as calças numa cadeira, enquanto despe as poucas peças de roupa que ela traz vestidas, e, juntos, enfiam-se debaixo das cobertas.

Ele vira-lhe as costas. Ela põe o braço por cima dele, como ele lhe ensinou. O toque dela sente cada uma das costelas, e a respiração é tão leve que mal se movem. Parece-se com a mulher dele, com o mesmo cabelo longo e a mesma cor de olhos. Agora também cheira ao mesmo. E o calor do seu braço é igual.

Ela apaga a luz ao lado da cama e sente levemente o pulso dele. A respiração acalma-se quando o sono chega. Várias vezes, ele fica agitado sem chegar a acordar completamente. Ela acaricia-lhe a testa com os movimentos que ele lhe mostrou, murmurando as palavras que ele lhe ensinou.

Acorda de madrugada, como sempre, sem saber se sente alívio ou incómodo, aqueles momentos fugazes entre o sono e a vigília, quando a mente adormecida o deixa reviver a vida que em tempos teve. Sai da cama e veste-se. Johanna permanece deitada e só acorda quando Winge gira a chave na fechadura para abrir a porta.

— Esta foi a última noite.

Ela espreguiça-se e esfrega os olhos.

— Fartaste-te do nosso acordo?

— Não, nada disso. Mas não tenho mais dinheiro.

Ela encolhe os ombros e faz um sorriso torto. Winge põe o casaco sobre os ombros, notando que o tecido na zona dos cotovelos está a ficar tão fino que é quase translúcido. Usa a roupa que irá durar até ao fim da sua vida.

7.

Cardell ouve os relógios de Sankta Hedvig e Sankt Jacob tocarem as duas da tarde quando chega a Nybron debaixo de nevoeiro e chuviscos. O barco desaparece na névoa por trás dos edifícios à beira da água e de Kastellholmen, com a sua fortaleza octogonal, onde três bandeiras suecas babam a água da chuva para o poste. Por baixo dele, o Katthavet balança, e o Fatburen é menos nojento apenas por causa da água fresca que entra pelo Saltsjön. As praias em volta do Katthavet estão cheias de dejectos de latrinas que transformam a área num pântano lamacento arrastado pela corrente desde Norrmalm. Apesar de a superfície ter um tom amarelo-acastanhado, há um grupo de lavadeiras junto à ponte, cada uma com a sua trouxa. À vez, mergulham as roupas na água imunda e depois batem-nas com as suas pás de madeira. Ao lado fica Packartorget.

Com dificuldade passa por um mendigo sentado no chão, com as mãos deformadas estendidas à sua frente, em busca de piedade. No mercado de peixe está o cavalo de madeira com mais um homem sentado no dorso, a chorar baixinho com pesos em volta dos tornozelos, e pelas roupas parece ser um cocheiro contratado que terá sido apanhado a roubar. Um tipo seminu está amarrado ao pelourinho com sangue a escorrer-lhe do nariz para a boca.

Cardell começa a caminhar por entre as barracas do outro lado da ponte. Ali, as famílias vivem amontoadas nessas barracas em escombros. Têm mais motivos do que quaisquer outros para temer

a estação que se avizinha: Quando o Inverno enche todos os cantos das casas dos pobres com os seus corpos gelados, os cadáveres são amontoados nos cemitérios até o chão descongelar.

Continua a avançar ao longo da rua Riddaregatan em direcção ao estaleiro em Terra Nova, onde as margens foram cobertas de terra e galhos para criar espaço para se construírem docas e oficinas, que da beira da água se estendem para o interior. Ali, a densidade das casas é menor. A cidade começa a chegar ao fim, e a brisa salgada é mais eficaz a remover o fedor do centro da povoação. Cardell só precisa de seguir um pouco mais aquela rua até ver o círculo de edifícios da propriedade de Spenska, reunidos em volta de um bosque de tílias. No espaço entre os edifícios, é recebido por uma velha governanta com uma chaleira de cobre. Explica ao que veio.

— O Sr. Winge tem um quarto no segundo andar da casa nova de tijolo. Pode esperar na cozinha. Tem lá lume para secar a roupa.

A rapariga desaparece pelas escadas acima para anunciar a visita. Na cozinha há pão no forno. As criadas e criados correm de um lado para o outro. Cardell fica parado. Não demoram muito a pôr-lhe uma caneca na mão. Abana a cabeça para recusar um pão de trigo por não ter mãos para lhe pegar. Pouco depois, a governanta regressa e leva-o ao andar de cima. Não precisa de lhe mostrar qual é o quarto de Winge. A tosse anuncia-o de longe.

O quarto de Cecil Winge é sombrio. Os móveis alinhados ao longo das paredes indicam que alugou o quarto mobilado. Não há muitos bens de Winge à vista. Pilhas de livros, uma mala. Uma secretária foi colocada junto à janela para aproveitar a luz, e em cima do tampo está o que parece ser um relógio parcialmente desmontado. O calor do piso de baixo sobe por entre as tábuas do chão e é a única fonte de aquecimento no quarto, quando a lareira não é acesa.

Um homem com uma vida completamente diferente da de Cardell poderia ter confundido o cheiro com o aroma a ferro que por algum

motivo impregnava o ar, mas ele conhece-o bem de outros tempos. É o cheiro a sangue, e debaixo da cama avista um penico com manchas vermelhas ao longo dos bordos, ali guardado recentemente. Desvia imediatamente o olhar.

Winge está sentado na beira da cama, pálido e imóvel. Não dá o menor sinal de ter estado a tossir. Enquanto Cardell tenta em vão formular as palavras que treinou desde o dia anterior, é Winge quem fala primeiro.

— Falou com alguém que sabe o que se passa comigo. Está arrependido da última coisa que me disse, apesar de não o ter dito por mal.

Cardell assente com um suspiro de alívio.

— Não tem importância, Jean Michael. O que importa é que está aqui. Posso perguntar-lhe o que o fez mudar de ideias?

— O senhor disse que me pagava, e Deus sabe quanto preciso do dinheiro.

— Não lhe teria oferecido nada se não tivesse achado que havia um motivo mais profundo para o seu envolvimento. Não havia dinheiro nenhum em jogo quando se atirou para o Fatburen e saiu de lá com o Karl Johan nos braços.

— Durante a guerra… tive um amigo que estava sempre ao meu lado. Deve ter-me salvado a vida uma centena de vezes, e o mesmo fiz eu. Quando tivemos o acidente, caímos os dois à água. Ele fora atingido na cabeça por uma viga, e eu mantive-lhe a cabeça à tona durante todo o tempo que consegui. Apareceu-me num sonho anteontem, como já aconteceu tantas outras vezes. Quando entrei no Fatburem, ainda bêbedo, senti-me como se estivesse a lutar outra vez com as mesmas ondas. Só que desta vez não havia ondas para o arrancarem das minhas mãos, aguentei-me, e chegámos os dois a terra. Estou sóbrio desde então, mas essa sensação ainda perdura.

— Agradeço a sua confiança, Jean Michael. Não pergunto para me intrometer. A oferta de pagamento está garantida, mas quero

certificar-me de que a sua lealdade não é vendida a outro por um preço melhor. Como é a sua situação? Tem emprego como guarda, mas não parece trabalhar.

Cardell estremece de desconforto ao pensar nos colegas da guarda, todos bons homens, que aceitam subornos constantemente.

— Não. O meu cargo é uma esmola dada a um aleijado que ficou inválido ao serviço do reino. Dos que regressaram da guerra, sou considerado como um dos que tiveram sorte. Há outros a pedir, a fazer negócios ilícitos nas esquinas ou a trabalhar como escravos nas tabaqueiras. Consegui o cargo de guarda através de bons contactos, mas raios me partam se esperam que vá andar atrás de vagabundos ou de prostitutas! Tiveram tanta escolha como eu.

Começa a escurecer mais. Winge acende a luz na secretária com um fósforo. A chama afasta as sombras que dançam em volta deles. Winge senta-se na beira da cama e cruza as pernas.

— Há algumas coisas que precisa de saber. Estou a actuar às ordens do chefe da polícia, Norlin, e é com a autoridade dele que procuramos o assassino do Karl Johan. O serviço do Norlin está a chegar ao fim, e já mencionou o nome do seu sucessor. Magnus Ullholm. Há alguns anos, o Ullholm foi designado para gerir o fundo de pensões para viúvas da Igreja. Durante uma inspecção, descobriu-se que desaparecera muito dinheiro, e as suspeitas recaíram sobre o Ullholm. Nessa altura, eu estava a trabalhar no tribunal e participei no processo contra ele. Nunca duvidei da sua culpa, menos ainda depois de ele ter decidido fugir para a Noruega, obrigando-nos a encerrar o processo. Agora foi perdoado pelo barão de Reuterholm, que sabe explorar qualquer pessoa. O Ullholm não é o tipo de homem que esqueça uma ofensa. Assim que souber do acordo que tenho com o Norlin, vai pôr-lhe fim imediatamente e fazer tudo o que estiver a seu alcance para nos travar.

Winge levantou-se e começou a caminhar de um lado para o outro, com os braços atrás das costas.

— Segundo: o que vamos investigar é um caso muito estranho. Não foi cometido por um criminoso qualquer. Que recursos são necessários para manter um homem preso durante o tempo suficiente para o mutilar desta forma sem ser descoberto? Imagine a determinação que não exige. Uma determinação férrea. Quem sabe o que vamos descobrir se conseguirmos desvendar este mistério? Corre o risco de fazer um inimigo por cada moeda que receber, talvez um por cada lado de cada moeda. Digo-lhe isto porque corre mais perigo do que eu.

Winge vira-se para a janela, onde a chuva começa a misturar-se com a neve.

— Eu não vou sobreviver ao próximo Inverno. Em breve terei desaparecido. Terá de enfrentar sozinho o que lhe vier a acontecer.

Cardell baixa o olhar. Não conhece Winge há muito tempo, mas já está a perguntar-se se a tentativa de curar a ferida deixada por Johan Hjelm não irá acabar por deixar outra no seu lugar. Ainda assim, não lhe custa tomar a decisão. Cardell bate com a palma da mão na secretária, com tanta força que faz saltar as peças do relógio e misturarem-se todas.

— Vamos aproveitar ao máximo o tempo que temos, para o senhor também sofrer a sua parte das consequências.

Cardell vê a imagem de Winge reflectida no vidro e pergunta-se se é um sorriso que está a vislumbrar pela primeira vez.

8.

Na taberna Flaggen, na praia de Ladugårdsviken, o ambiente é animado. Dois músicos, um com uma lira e o outro com um violino, queriam tocar por esmola e acabaram por se juntar num concerto em vez de competirem. Muitos entram para ouvir. Ao fim de pouco tempo, há gente amontada ao longo das escadas. Lá fora, o ar é cortante, apesar de a neve ter derretido praticamente mal caiu. O ar frio nocturno subiu do Saltsjön e espalhou-se por toda a cidade. Winge e Cardell jantam ao pé da lareira, para se manterem afastados da porta.

Cardell tem muito apetite, Winge quase nenhum. Da cozinha são trazidos panados de peixe, uma terrina de cenouras com manteiga e sal, várias salsichas, bacalhau cozido e arenque frito, uma travessa de nabos fumegantes, pão e queijo e uma porção de pudim acompanhado de gomos de laranja e natas doces.

Cardell come como se fosse a sua última refeição, mais do dobro do que o seu novo amigo. Winge deixa Cardell silenciar a fome sem o interromper. Come apenas algumas garfadas e depois decide-se antes por um café. Quando o guarda termina a refeição, franze o nariz ao sentir o cheiro da bebida acabada de fazer e recusa a chávena que lhe é oferecida.

— Nunca entendi o que vêem as pessoas nessa mistela.

— Suponho que aprendemos a gostar do sabor, mas o efeito sente-se imediatamente. Jean Michael, quer contar-me como perdeu o braço?

— Não é uma história que eu goste de contar, mas talvez seja melhor que todos saibam como foi a guerra do rei Gustav, para evitarem campanhas semelhantes no futuro. Os meus feitos não foram heróicos nem determinantes. Fui uma figura insignificante num acontecimento fora do meu controlo, entregue à morte e poupada pelo destino. O braço perdeu-se, mas salvou-me a vida.

Apesar do baixo nível de Mickel Cardell, suspeitou desde cedo que a guerra fora uma decisão apressada. Durante cinco anos, Cardell serviu na Artilharia do Exército. Juntamente com milhares de outros, foi levado de barco com o resto da frota de Estocolmo para o golfo da Finlândia, no Verão de 1788. Em Hangö, reuniram-se com a frota que partira de Karlskrona às ordens do irmão do rei, o duque Karl. Cardell foi levado a bordo do *Fäderneslandet*, um navio com sessenta canhões, desenhado por Chapman e construído em Karlskrona, cinco anos antes.

— Portanto, estivemos o mesmo tempo ao serviço do exército, eu e o *Fäderneslandet*. Achei que era um bom sinal. Vim a descobrir que estava enganado.

Cardell estava no convés do *Fäderneslandet*, na madrugada de 17 de Julho, quando a frota naval sinalizou que tinha o inimigo à vista. Meia hora mais tarde, Cardell viu os mastros aparecerem no meio do nevoeiro, a leste, e sentiu a primeira pontada de pavor. De ambos os lados, a visão era igual: dezassete navios russos contra um número igual de suecos.

— Porra, ia ser a minha primeira batalha, Winge. No mar, acontece tudo muito devagar. Quando as duas frotas começam a disparar uma contra a outra, as manobras têm início. Uma segue o vento e tenta aproximar-se da outra. Depois posicionam-se lado a lado, com os canhões a postos. Ao ouvirmos a ordem, disparamos. Um tiro a seguir ao outro. Só conseguimos ver pelas aberturas dos canhões enquanto os limpamos e carregamos novamente. Nos melhores casos, víamos ondas ensanguentadas e detritos, nos

piores, armas prontas a arrasar-nos o convés. Estamos tão determinados como o nosso adversário. É horrível. As balas não penetram no casco, mas batem-lhe e fazem o barco todo abanar. As farpas de madeira ferem a carne e partem os ossos, como se fossem de manteiga. Os homens defecam e urinam onde estão, e a merda mistura-se com o sangue enquanto escorregamos neles. O suor tem um cheiro diferente quando enfrentamos a morte, sabe? Misturado com o fumo de pólvora, é o próprio aroma do mal. Se tivéssemos balas suficientes, a vitória teria sido nossa.

»Mil homens perderam a vida em Hogland, o dobro dos russos em comparação com os suecos. Quando a escuridão caiu, ambos os lados ficaram em silêncio. Na manhã seguinte, os suecos bateram em retirada para Helsínquia, porque sem munições a batalha não podia continuar. Os russos escolheram não nos perseguir. Perdemos um navio e capturámos um navio deles em troca: o *Vladislav*, com setenta e sete canhões.

»Se tivéssemos sabido o que sabemos hoje, teríamos acabado com ele. O *Vladislav* ia custar-nos a guerra. Havia febre tifóide a bordo. Levámo-la connosco para Sveaborg. Fui destacado para lá durante o Inverno, enquanto a frota naval voltava para Karlskrona. Tivemos de abrir caminho pelo gelo com picaretas. Os navios levaram a febre para a Suécia. Nesse Inverno, Sveaborg transformou-se num inferno. Mortos e infectados por toda a parte. Morríamos como moscas. Os catres das casernas tinham cinco homens por cama, e os que estavam mais abaixo morriam. Os mais doentes começaram a ter visões. Arregalavam os olhos vermelhos e fitavam coisas que mais ninguém via enquanto gritavam descontroladamente. Vi homens a saírem nus para o meio de um nevão, para mais tarde serem encontrados congelados nos lugares mais estranhos. Fui poupado à epidemia. Com o Verão, a guerra regressou ao golfo da Finlândia. Fomos massacrados em Svensksund e lutámos sem hipóteses de vencer em Viborg. Ainda assim, os combates mal me perturbaram. Escapei incólume ao frio,

aos ferimentos e aos tiros. Em Maio de 1719, chegaram reforços de Åbo. Fui um dos que foram encarregados de ajudar os recém-chegados. Fui transferido para o *Ingeborg*, uma fragata. Odiei-o desde o início. O Chapman, que também o tinha construído, nunca estivera num barco, Winge. Era matemático e desenhou navios que não foram concebidos para transportar pessoas. Tinha cento e vinte pés de comprimento, uma dúzia de canhões, todos de dois tiros de doze libras. Metia água. O casco deixava entrar lama tão espessa que se podia cortar à faca. Por fim, juntámo-nos à frota.

»Pela segunda vez, os navios suecos estavam a preparar-se para a chacina em Svensksund, com muitos feridos, perseguidos pelos russos e isolados da frota naval, que estava presa em Sveaborg. E tínhamos chegado ao fim outra vez. Sem fuga possível, a batalha parecia ser a única opção, e Gustav queria lutar.

»Vieram atrás de nós de madrugada, às sete da manhã. Foram quatro horas de disparos, e diria que foram as piores quatro horas da minha vida, não fossem as que se seguiram. Estávamos certos de que era a morte que tinha vindo para nos buscar, dividida por trezentos navios. Muitos já tinham tentado desertar. Vários milhares de homens foram deixados no mar durante a fuga de Viborg. Nessa manhã, em Svensksund, os supersticiosos ouviram as vozes dos seus companheiros no vento. Gritavam por companhia. Quando os russos chegaram, atacaram-nos o costado de estibordo, que abriu. Lutámos durante horas com os canhões.

»Ao meio-dia, o tempo mudou: veio um vento de sudoeste, primeiro suavemente, depois com um rugido. Com o vento vieram as ondas, que cobriram o mar de picos brancos sob as nuvens negras. O fogo dos navios suecos tornou-se muito mais poderoso do que o dos russos, que começaram a disparar às cegas, quando as ondas chegaram. Um grupo mais pequeno de navios suecos soltou-se e foi atacar o flanco direito dos russos por trás, fazendo-o bater em retirada com o pânico.

»O flanco esquerdo interpretou a fuga dos companheiros como

uma ordem geral e seguiu-os. Para trás ficou o centro da frota russa. Foram todos abatidos quando a escuridão caiu sobre Svensksund. Um a um, os navios afundaram, deixando os mortos e feridos a boiar na água manchada de sangue. Quando os últimos tentaram escapar, já era tarde. Foram apanhados pela tempestade e naufragaram todos na costa finlandesa.

»E eu, Winge? O *Ingeborg* foi atingido por um disparo russo à tarde. O tiro fez cair uma bala de dez libras do meu lado, que saiu pelo bordo oposto. Uma dezena de canhões arruinados. Os que não estavam no caminho das balas foram apanhados por elas quando saíram a rolar. As balas estavam tão quentes que brilhavam e pegavam fogo a tudo o que encontravam. Quando nos encontrávamos tão longe da nossa posição que os canhões já não podiam atingir-nos, saltei para o convés, onde o caos se tinha instalado. A nossa única possibilidade de salvar a fragata, que estava agora a afundar, era ancorá-la e atracá-la. Lutávamos com a âncora quando o armazém de pólvora explodiu. A âncora soltou-se, e aqueles que não ficaram mutilados imediatamente foram atirados borda fora. Aterrei numa parte do convés. Estava sem fôlego. Foi quando a âncora desceu e caiu em cima do meu braço esquerdo. Prendeu-me à madeira e, enquanto o meu amigo se afogava, eu fiquei a flutuar. À noite, fui encontrado por um canhoneiro que se dirigia para a frota principal. Ataram-me o braço com força e cortaram-no abaixo do cotovelo. E foi assim que acabou a guerra para o Mickel Cardell. Fiquei a recuperar num acampamento em Lovisa. Uma ambulância trouxe-me de volta a Estocolmo, onde vivo há três anos como me vê agora.

Cardell bate no tampo da mesa com a mão esquerda feita do mesmo material.

— Certamente sabe que foi uma guerra sem sentido cuja vitória não nos trouxe nada. Uma coisa, em particular, ficou-me na memória, Winge. Na Primavera de 1790, conheci um jovem oficial chamado Sillén, que me falou de um acontecimento depois do

nosso encontro perto de Fredrikshamn, no início desse ano. O rei Gustav e os seus homens andavam à procura do *Amphion*. Um tal capitão Virgin tinha-se alistado e relatado uma tentativa falhada de controlar o estaleiro russo próximo. Como se quisesse justificar o seu fracasso, mostrou ao rei a sua mão ferida e apontou para o companheiro, que tinha recebido um tiro na barriga e estava caído no chão com as entranhas espalhadas. O rei apontou para o cadáver ainda fumegante e disse aos oficiais presentes, em tom de brincadeira, que o cadáver lhe lembrava uma boneca de trapos da sua ópera *Gustaf Wasa*, comentário que o rei e os assistentes celebraram com aplausos e risos. Foi por este homem que lutámos e morremos e foi este o agradecimento que nos deu.

Winge pensa no relato que acaba de ouvir enquanto bebe o resto do café. Cardell limpa a testa com a manga do casaco.

— E agora?

— Tenho um nome para si, Jean Michael, que talvez possa ajudar-nos. Quanto a mim, vou investigar o tecido da mortalha em que o Karl Johan foi embrulhado. Sabe onde me encontrar. Procure-me quando tiver alguma coisa para me dizer.

9.

O comissário da igreja de Maria com quem Cardell combinou encontrar-se por intermédio de Winge e da polícia toma o seu pequeno-almoço sob a forma líquida. Tenta em vão manter o equilíbrio à porta de casa. É corpulento, tem o nariz torto, partido certamente mais de uma vez. Por baixo da superfície da pele, os derrames entrelaçam-se.

— Henric Stubbe, às suas ordens! Chamam-me Stubben.

O homem abafa um arroto, encolhe os ombros e desculpa-se.

— Mickel Cardell, seu humilde criado. Obrigado pela sua atenção.

— Não tem nada que agradecer. Entre, entre. Não quero abusar, mas, por amor de Deus, vamos tomar um copo primeiro. Ver os bairros de Maria e Katarina sóbrio não é coisa que deseje nem ao meu pior inimigo.

Meia hora mais tarde, passada a beber uma mistela que Cardell supõe ser preparada com um vinho barato e uma bebida mais forte, saem novamente para a rua Sankta Katarinagatan. Stubben descreve a zona por que é responsável.

— A merda que não é atirada para o Fatburen corre pela colina abaixo na direcção do Gullfjärden. Os recém-nascidos vão pelo mesmo caminho, mas param no cemitério. Meu Deus, Cardell, aqui, no bairro de Maria, não têm muito, mas fodem como coelhos e, se não vão com a própria mulher, vão com a de outro. É uma gravidez a seguir à outra assim que põem o anel no dedo das raparigas, até

a desgraçada ser levada com os pés para a frente e as mãos a arrastar no chão, dez filhos e outros tantos anos depois do casamento. Não são muitas as pessoas que crescem e se tornam bons representantes da raça humana como nós os dois. Os poucos que sobrevivem chegam aos vinte anos, altura em que o Ceifeiro os vem buscar.

Stubben sua por baixo do chapéu e da peruca, senta-se numa caixa de madeira e pousa os adereços para a cabeça no colo, enquanto a coça alegremente, fazendo cair uma nuvem de caspa.

— É uma pena e um horror. As raparigas ainda mal se conseguem manter nas pernas e já têm de aprender a abri-las. Começam por ir com cestas de fruta de porta em porta e fazem tudo o que podem para convencer um homem bom a pecar. E prejudicam-se, pois é só uma questão de tempo até apanharem doenças. Algumas não têm dinheiro para os tratamentos por o gastarem todo em bebida. Ao fim de uns anos não há um único homem que olhe para elas. Aqueles que são espertos e espevitados tratam do assunto antes de a rosa ter desabrochado!

Stubben lança-lhe uma piscadela de olho cúmplice.

— Mas já sabe isto tudo, se é guarda. Olhe, vêm ali dois colegas seus!

Cardell só precisa de olhar para as silhuetas para conseguir identificá-los pelo nome: Fischer e Tyst, guardas como ele.

Caminham pela rua e espreitam para dentro das portas e para os becos, na esperança de apanharem um pecador com a boca na botija.

Cardell não havia trabalhado muitas horas como guarda quando regressou para junto do comandante, que o recebera naquela manhã, e fitou o chão. A sua única visita à tecelagem de Långholmen deixara-o prestes a vomitar: pobres, exaustos, presos aos seus trabalhos forçados enquanto morriam lentamente de fome e eram deixados à mercê da caridade dos colegas. Percebeu que, qualquer que fosse o pecado que aqueles pobres diabos tivessem

cometido, nada fazia merecer a vida entre aquelas paredes. Disse-o nesses mesmos termos. Tentaram mudar-lhe a forma de pensar, mas ele manteve-se silencioso perante o responsável, que se limitou a encolher os ombros, cuspir para o chão e dar meia-volta.

Obviamente, alguém achou que seria mais fácil continuar a pagar-lhe os poucos tostões que o serviço valia a arriscar a ira de quem o havia recomendado. Continua a receber o ordenado e pode usar o uniforme que lhe foi dado; sempre é melhor que as suas roupas. O casaco, as botas, o cinto. O bastão, esse, partiu-o sobre uma perna e atirou-o ao Riddarefjärden.

Cardell leva Henric Stubbe para uma rua lateral para evitar encontrar-se com Fischer e Tyst, enquanto o comissário continua a tagarelar.

— E depois há o Fatburen, Cardell. Meu Deus! E você mergulhou naquela água, se bem entendi. Alguma vez lá esteve com vento forte? Não? Sobe um cheiro intenso vindo de Årstaviken. Põe os moinhos em movimento, até que a madeira começa a deitar fumo… Mas, quando o vento incide no Fatburen, faz uma bela sopa. A porcaria que assentou no fundo é trazida à superfície. As pessoas fogem a sete pés para Kvarnberget ou para Danto e Vintertullen. Conhece bem Söder, Cardell?

— Mais ou menos, mas vi a zona principalmente pelas janelas das estalagens.

— Ah, não perde nada! Vou dizer-lhe uma coisa. É uma terra de ladrões. As crianças aprendem a roubar desde o berço para não morrerem à fome. Depois começa a romaria para a prisão, no melhor dos casos, ou para o cadafalso, no pior. Porra, na estalagem, na noite passada, um tipo leu uma carta do Correio de Estocolmo onde se queixavam dos romances nocturnos em Stadsholmen, em que as prostitutas oferecem os seus serviços em troca de poucas moedas. Rimo-nos dos problemas dos pobres aristocratas. Aqui, deste lado de Slussen, qualquer pessoa pode ser nossa por metade do preço, homem ou mulher.

Caminham juntos pelas ruas em volta do Fatburen, visitando um quarteirão a seguir ao outro. Casas brancas de pedra que abrigam fábricas e famílias onde várias gerações dividem o espaço acanhado, juntamente com as tábuas, cuja remoção as autoridades ainda não aprovaram, com medo dos incêndios. Nas ruas, as pedras da calçada estão soltas, arrancadas dos seus lugares pelo passar das botas e pelas rodas das carroças. Param no poço da igreja de Maria para beberem um pouco de água. Cardell faz um esgar. Stubben dá uma gargalhada.

— Não vem do mar. O Saltsjön corre contra Slussen e fá-la subir para o poço. Por isso a água tem um sabor forte. Muitos cervejeiros viram as suas produções arruinadas por tirarem a água do poço sem a provarem primeiro.

Stubben aponta para as casas, conta boatos sobre os residentes, bate às janelas e às portas e deixa Cardell fazer perguntas. As respostas são vagas. As pessoas simples aprenderam a temer as autoridades, que arrastam sem qualquer misericórdia quem não tem licença de trabalho para albergues destinados a pobres e para os trabalhos forçados. Tudo é negado com a mesma fórmula que conhecem desde a infância: não ver, não ouvir, não falar. Ao fim de algumas horas, Cardell começa a duvidar de que vá obter respostas mesmo às perguntas mais simples. Stubben encolhe os ombros.

— Ora, o que esperava o Cardell? Vamos descer a colina e comer alguma coisa.

Ouve-se uma agitação vinda de Järngraven, onde os carregadores estão a içar a carga para a baía. Os mercadores moscovitas fazem o possível para abafar o ruído. Na taberna Pelikan, em Bödelsbacken, a poucos passos de Slussen, servem-lhes nabos e arenque, com uma caneca de cerveja para cada um. O espaço está apinhado. Dividem a mesa comprida com outros clientes. Cardell ouve as mesmas expressões de desagrado da boca de todos. Os nomes do duque Karl e do barão Reuterholm são sussurrados com insultos, fala-se das dificuldades económicas, da

negligência do reino e da necessidade urgente de mudança.

— Se me permite perguntar, Mickel Cardell: o que está a fazer, ao certo? Não haverá já trabalho suficiente nesta cidade? Ouvi falar do Cecil Winge e até já o vi. É fácil perceber que algo nele não está bem. O homem parece um cadáver que fugiu do túmulo. Não é natural uma pessoa agarrar-se à vida daquela maneira. Devia ir ao encontro do seu destino. Mas você, Cardell? Um homem com vida, com um futuro à sua frente! Porque desperdiça o seu tempo nesta missão infrutífera?

Cardell sabe conter-se. Tem muito treino. A raiva foi reprimida durante tantos anos que cada momento é um exercício. No seu estado de embriaguez, a tentação de endireitar o nariz de Stubben com um soco tornou-se demasiado forte. Em vez disso, inspira profundamente e olha para a multidão na praça.

— O tempo dirá se a missão é infrutífera ou não. Mas acredite em mim, Stubben, quando lhe digo que não tenho propriamente uma fila de benfeitores ricos à minha porta. Lembra-se de alguma coisa dessa noite?

Henric Stubbe bebe alguns goles da caneca enquanto pondera e depois solta uma gargalhada.

— Sim, foi uma noite estranha, se quer saber. Acordei cedo de manhã para mijar — acontece mais frequentemente com a idade — e, como o penico ameaçava transbordar, fui ao pátio. Demorei algum tempo, mas, enquanto estava ali parado a verter águas, os olhos começaram a habituar-se à escuridão. Subitamente senti que estava numa posição estranha, como se a casa e as paredes se tivessem mexido. Quando me endireitei — ainda com a pila de fora, percebe Cardell —, senti algo à minha frente, algo duro e angular. Pareceu-me melhor ir buscar uma candeia e voltar. E lá estava ela: uma liteira, Cardell, com janelas pequenas e cortinas e uma fita. Raramente recebo visitantes de liteira hoje em dia, sabe, apesar de me preocupar cada vez menos em tapar o membro com o passar dos anos.

Stubben faz uma pausa e ri-se da sua própria piada.

— Estava vazia, danificada e abandonada. E não havia ninguém por perto. Já lá não estava quando acordei no dia seguinte, e ainda bem, porque, caso contrário, ter-se-ia tornado uma fonte de diversão para todos os miúdos das redondezas, até alguém decidir decorá-la como casa de Inverno e mudar-se para lá permanentemente. Suponho que o dono teve um acidente durante a noite, a escondeu no lugar mais protegido que encontrou e providenciou outro transporte, mandando depois os criados com cordas para a levarem dali para fora.

— Como era a liteira?

— Verde, com pormenores em dourado. Cara mas velha, o que não é estranho, uma vez que já não se vêem tantas nas ruas como há uns anos.

— Havia mais alguém em casa que pudesse ter visto qualquer outra coisa?

— Gosto tanto da minha companhia que evito partilhá-la com outros. Fiz a mesma pergunta a outras pessoas do bairro, por mera curiosidade, mas ninguém parecia ter visto nada.

— E o que faz o Stubben para além do trabalho de comissário?

— A ressaca não é a única coisa que resulta da bebida, Cardell. Negoceio com bebidas! Quando o líquido fica parado, acumula-se uma camada no fundo, cascas das bagas e dos frutos, com muitos nutrientes, que pode ser usada como alimento para os animais. Recolho-a nas destilarias, por vezes também nas casas mais ricas, e vendo-a às quintas e estábulos. Se o Cardell provasse, duvido que gostasse, mas os porcos, as vacas e os gansos não se fartam dessa mistela.

— Fui artilheiro durante muitos anos, e todas aquelas explosões deixaram marcas. Se uma pessoa estiver ao lado de um canhão de trinta e seis libras quando este é disparado, sente que lhe explodiu em cheio na cara, e, se tiver ranho no nariz, este é imediatamente projectado para fora. Mas o Stubben, que é um homem honesto e

que ainda tem boa cabeça para pensar, talvez possa ajudar-me com o meu raciocínio. Consegue pensar num meio de transporte capaz de carregar um morto pela cidade sem ser descoberto?

Stubben franze a testa e morde o lábio inferior.

— Sim, teria de ser algum tipo de transporte coberto.

Cardell inclina a cabeça.

— É difícil circular de carroça. Ouvem-se os cascos na calçada, as rodas rangem, e qualquer ladrão invejoso poderia tentar roubar a carga, mesmo dentro dos limites da cidade.

— Quer dizer que tem de ser algo silencioso e discreto? Não sei o que poderá ser.

— O que disse o Stubben ainda há pouco acerca da sua descoberta no pátio, que só por acaso fica justamente na margem norte do Fatburen?

— A liteira? Não pensa certamente que o corpo foi transportado numa liteira?

— Não *numa* liteira, seu tolo maldito! Nessa mesma liteira. Fez-me percorrer o bairro todo sem motivo, quando aquilo que procurava estava mesmo à sua porta. O meu único consolo é que o passeio pareceu incomodá-lo mais a si do que a mim. Trouxeram o corpo para aqui, escondido atrás das cortinas, dentro de uma saca, mas partiu-se uma pega, e tiveram de abandonar a liteira e de a vir recolher o mais rapidamente possível. Talvez esteja numa carpintaria neste preciso momento. Ouça, Stubben: se quer ter alguma hipótese de manter o cargo de comissário, corra para casa agora mesmo e fale pessoalmente com todas as pessoas da vizinhança, desde crianças a velhos. Se alguém tiver visto a dita cadeira e for capaz de a descrever com mais detalhe, ou à pessoa que a carregava, quero ser informado, e antes do anoitecer.

No caminho de regresso por Slussen, Cardell fala sozinho, animado e em voz baixa, sob o burburinho de Strömmen.

— Agora sim, Karl Johan, apanhei-te pelo colarinho e não te vou

deixar fugir. Só preciso de encontrar uma liteira verde com pormenores dourados e uma pega nova.

Lança um olhar à igreja de Maria e acrescenta:

— E salpicos de urina.

10.

Winge passara todo o dia a investigar o tecido precioso. A tarefa consumira muito tempo. Os mercadores de tecidos protegiam-se uns aos outros e recusavam-se a responder a perguntas sobre mercadorias que não eram suas. A melhor informação que recebera apontara-o na direcção de um mercador inglês que podia já ter deixado Estocolmo. Mas ninguém sabia onde estava atracado o seu navio, e a única forma que Winge tinha de descobrir era procurando ele próprio nos registos.

A cave da alfândega estava repleta de mercadorias e conversas. Os oficiais corriam de um lado para o outro, seguidos de rapazes que os acompanhavam com os seus lápis e blocos. Mercadores, donos de navios e capitães regateavam tarifas, expressavam cepticismo em relação ao peso marcado pelas balanças e à honestidade dos funcionários. Os que não conseguiam fazer-se entender repetiam as mesmas palavras num tom mais alto. Winge demora várias horas a conseguir dar a um dos oficiais da alfândega uma pequena quantia para consultar a lista de navios que entraram no porto. O navio chama-se *Sophie*, e o porto de origem é Southampton, tendo-lhe sido designado um ancoradouro no porto de Orfeus, perto de Slottsbacken. A partida já foi autorizada, estão apenas à espera de que o vento mude de direcção para largarem.

Já anoiteceu quando Winge deixa a alfândega, se apressa ao longo do cais e desce as escadas em direcção aos barcos a remos. A ponte Skeppsbron ainda está marcada pelos vestígios da festa de

São Miguel, coberta de ramos e galhos e lixo deixado para trás. Olha, inquieto, para o Saltsjön, mas não há nenhum navio a partir. Já é muito tarde, e o vento mal consegue levantar as bandeiras nos mastros.

Sente a tosse subir-lhe à garganta, estimulada pelo ar húmido vindo do mar e pelo esforço físico. A dor no lado do tronco é como uma faca cravada entre as costelas.

Contrariado, vê-se obrigado a abrandar e tem de transferir mais do seu peso para a bengala com pega de prata. O arco que esta forma sob o seu corpo recorda-o de que foi feita mais como acessório do que como apoio.

Winge solta um suspiro de alívio quando descobre que o navio ainda está no seu lugar. Ainda está atracado com o costado de estibordo voltado para o cais, uma escuna com o mastro dianteiro mais alto do que o mastro principal. Não nota nenhuma actividade. As pessoas que saíram nos seus passeios nocturnos visitam os cafés e estalagens, os estivadores voltaram para casa, e os marinheiros mergulharam nas ruas de Stadsholmen em busca de entretenimento.

Atravessa a prancha. Só há um homem no convés. Com uma expressão de concentração, carrega uma caixa negra no meio da escuridão.

— Josef Satcher?

O homem responde em francês. É corpulento e lento, usa um tricorne cinzento e botas grossas, e a barba chega-lhe a meio do peito.

— Chamo-me Thatcher. Suponho que seja tão pouco adequado para negociar com os suecos como as minhas mercadorias. Presumo que não fala a minha língua?

Winge fala muito bem francês, fala bem alemão, compreende bastante grego e lê fluentemente latim, mas não tem grandes conhecimentos de inglês. Thatcher faz um aceno indiferente.

— O meu sueco também não é grande coisa. Vamos falar francês, então. O que o traz aqui?

— Chamo-me Cecil Winge. Dizem-me que o senhor é uma autoridade no que respeita a tecidos de algodão.

Thatcher tapa a caixa e convida Winge a sentar-se ao seu lado. Winge estende-lhe o tecido negro. Thatcher examina-o demoradamente, sem dizer nada.

— Os meus dedos já me dizem muito, mas, para lhe poder dar uma resposta definitiva, preciso de uma candeia. Mas, antes, pode explicar-me a razão do seu pedido.

— O tecido foi encontrado a envolver um homem afogado e mutilado cujo destino estou a tentar desvendar.

Thatcher observa-o em silêncio por um momento, depois levanta-se e volta com uma candeia acesa. À luz desta, inspecciona o tecido, enquanto Winge aguarda em silêncio. Em seguida, pega num pequeno cachimbo de madeira que acende com a chama da candeia antes de falar.

— Diga-me, Sr. Winge, a expressão *homo homini lupus est* diz-lhe alguma coisa?

— Plauto escreveu isso durante as Guerras Púnicas: Os homens são lobos para os outros homens.

— Deve perdoar um simples mercador que não teve uma educação clássica. Conheço estas palavras de Voltaire, mas, tendo em conta o seu significado, não me surpreende que sejam mais antigas. E o que pensa o senhor delas? Somos lobos uns para os outros, à procura de fraquezas antes de atacarmos?

— Temos leis e regras para travar essas pessoas.

Thatcher ri-se por entre o fumo que sopra do cachimbo.

— Nesse caso, o sistema funciona mal, Sr. Winge. Eu próprio sou um óptimo exemplo. O vosso país está na bancarrota, Sr. Winge, e, se o correio andasse um pouco mais depressa, eu poderia ter sabido disso a tempo de impedir a minha própria desgraça. Não há aqui ninguém que queira as minhas mercadorias e, para evitar

regressar a casa sem ter feito negócio, tive de vender a minha carga ao desbarato. Para além das taxas da alfândega, os punhos gananciosos dos clientes fecharam-se, e a lista dos meus credores tornou-se maior do que a dos meus devedores. Estou perdido, Sr. Winge. Viu o que eu estava a fazer quando me interrompeu?

— Sim. Estava a carregar o que parecia ser um cofre.

— Consegue imaginar o que pode levar uma pessoa a fazer algo assim?

Winge assente e baixa o olhar. Começa a perguntar-se se a morte terá um odor ou outra característica que lhe permita detectar facilmente a sua presença e pergunta-se se essa sensibilidade resultará do seu trabalho ou doença.

— Vai deitá-lo borda fora. Uma vez que os bens de um homem valem frequentemente a sua vida, presumo que tenciona agarrar-se a ele esperando que o peso acelere o seu afogamento.

Thatcher sopra um anel de fumo perfeito por cima da água, onde o fumo se dissipa com o vento.

— Sou pessoalmente responsável pela minha carga. Tudo o que tenho está empenhado. Os homens que investiram em mim o seu dinheiro na esperança de terem lucro vão acabar comigo. Vão tirar-me tudo quando regressar a casa. Posso alcançar o mesmo resultado antes de deixar Estocolmo e poupo-me a uma longa viagem e a um grande desconforto. A minha viagem é encurtada para vinte pés debaixo da quilha do *Sophie* e, com os papéis nos braços, reduzo o risco de a minha dívida ser herdada.

Thatcher aspira uma baforada do cachimbo. Há algo maléfico no seu olhar quando fita Winge por detrás dos remoinhos de fumo.

— Porque haveria de o ajudar? Porque haveria, como meu último gesto em vida, de confirmar mais uma vez a minha incapacidade de obedecer às leis da natureza e de me opor a alguém que já provou ser o melhor de dois lobos? Se eu próprio fosse um lobo capaz, este não seria o meu fim. Que tipo de lobo é o Sr. Winge? Um lobo hábil? Um bom caçador?

— Infelizmente não sou um lobo. O que faço não é para saciar a minha sede de sangue. Ainda assim, vou ser bem-sucedido na minha missão, com a sua ajuda ou sem ela.

Thatcher estremece subitamente e abraça o seu próprio corpo, ainda com o cachimbo pendurado nos lábios. Nesse instante em que a fatídica decisão está tomada, já parece ir a caminho de outro mundo.

— O senhor parece anormalmente magro e pálido, Sr. Winge. O que lhe falta?

— Dois pulmões capazes de funcionar. Tenho tísica. Não vou sobreviver-lhe por muito tempo.

Thatcher ri-se em voz alta, uma gargalhada ruidosa e alegre que ecoa pelo barco e se espalha pelo mar.

— Mas porque não disse logo? Como seria o mundo se nem os moribundos se ajudassem? Há algo que posso fazer por si, porque o tecido que me mostrou pode perfeitamente ter a solução que procura para o seu mistério.

Faz sinal a Winge para se aproximar e ilumina o tecido com a luz da candeia.

— Veja. O tecido tem duas camadas, unidas por uma costura. A costura dá-me uma informação muito clara, especialmente por estar aberta no lado mais estreito: alguém virou este tecido do avesso. Vejamos.

Thatcher enfia o punho grosseiro pela abertura, agarra o lado contrário e vira o tecido do avesso, como se fosse um saco.

— *Voilà!* Aqui está uma coisa que não se vê todos os dias.

Ao longo dos bordos do tecido há uma tira larga, um padrão intricado em tons dourados que as águas do Fatburen só conseguiram descolorar, sem apagar completamente. Representa figuras humanas em grupos de quatro, unidas em actos sexuais. Os homens têm órgão sexuais exageradamente grandes, as mulheres são curvilíneas. Os rostos expressam êxtase. O pequeno quarteto repete-se ao longo de toda a margem do tecido.

— A minha opinião especializada é de que tanto o tecido como a impressão são da mais alta qualidade, embora tenha de admitir que espero que o artista tenha usado a sua liberdade artística e não modelos reais. Bem, mas isso agora não importa. As minhas próprias prestações nessa matéria já pertencem ao passado. Espero que os meus filhos sejam mais bem-sucedidos do que eu, mas tenho as minhas dúvidas. Na minha ingenuidade, eduquei-os para serem bons, portanto, só posso esperar que sejam presas tão fáceis para os outros, como eu fui.

Thatcher sacode os restos de tabaco do cachimbo antes de mudar de ideias e de o lançar borda fora. Ergue o seu corpo enorme e abre o cofre, cuja tampa de chumbo cobre pilhas de papéis. Ainda existe espaço para mais.

— Portanto, se o Sr. Winge me dá licença, tenho de embalar mais umas coisas para a minha viagem. Agora que já o ajudei a encontrar a sua pista, só precisa de a seguir pelo meio do bosque até achar a presa. E vejo que a sua expressão mudou. Não me engana! O senhor é mesmo um lobo. Já vi suficientes para saber e, mesmo que esteja enganado, sei que vai tornar-se um em breve… ninguém pode correr com os lobos sem aceitar as suas condições. O senhor tem as presas e os olhos brilhantes de um predador. Nega a sua sede de sangue, mas ela espalha-se à sua volta como um odor. Um dia, os seus dentes brilharão, manchados de vermelho, e irá saber que eu estava certo. A sua mordida será profunda. Talvez venha a revelar-se o melhor lobo, Sr. Winge, e com esta esperança desejo-lhe uma boa noite.

11.

Cardell acorda com suores frios. A palha do colchão pica-lhe as costas, e os piolhos fazem-lhe comichão no corpo todo. Do outro lado da parede de madeira, ouvem-se os gritos de uma criança, que em breve são seguidos da voz de outra criança, noutro ponto mais afastado do labirinto de quartos. A bebedeira da noite anterior ainda perdura, a de quando decidiu celebrar a revelação da liteira no pátio de Stubben. Balança, tentando manter o equilíbrio, enquanto desaperta as calças com que adormeceu e vaza águas para o penico. Abre a janela e despeja o conteúdo para o pátio de baixo. Lá fora, as nuvens estão tão baixas que a torre da igreja Storkyrkan parece fantasmagórica. O relógio, que só consegue ver quando esforça tanto os olhos que lhe começa a doer a cabeça, diz que passa pouco das nove da manhã. Precisa de uma bebida.

Fora do quarto que Cardell arrenda há pouco mais de meio ano, algumas mulheres preparam papas de aveia entre sussurros. Não sabe os nomes delas, mas dá-lhes os bons dias, pede para beber uns goles de água do balde trazido do poço e depois desce a escada e sai para Gåsgränd. Dirige-se para Södermalmstorg, onde pode beber a crédito. Por hábito, sustém a respiração quando passa por Flugmötet, ao pé de Kornhamnen. A comporta Röda Slussen foi construída para permitir a passagem de pequenos navios do lago Malar. A ponte recém-construída no lado do Saltsjön, que o povo já baptizou como Comporta Azul, foi terminada há poucas semanas e é vista com desconfiança. Parece demasiado frágil, comparada com

a construção maciça de Polhem. Muitos preferem esperar pela vermelha, em vez de arriscarem a vida na azul. Mas não Cardell. Ele próprio não sabe se é por ser mais corajoso ou por dar menos valor à própria vida.

Algo se passa ali. Na Södermalmstorg há uma grande multidão que caminha numa massa unida para Stenhuggarbrinken. Indiferente, Cardell deixa-se guiar por ela. A avaliar pela exaltação que se sente em frente à cave Hamburg, é dia de execução. Os vagabundos juntaram-se para gritar insultos ao condenado, que em breve chegará, trazido por um carcereiro, para receber o seu castigo.

Cardell faz uma pausa na taberna da porta ao lado e depois segue a multidão ao longo da rua Götgatan e descendo a colina Postmästarbacken, onde os edifícios começam a rarear. Os edifícios militares erguem-se de ambos os lados da rua. Em frente, a estrada segue pela colina de Hammarby acima. No cimo da colina, o cadafalso ergue-se contra as nuvens de tempestade, e três postes sustentam a forca num triângulo mortal. A multidão está espalhada em volta, um grupo de quarenta homens, mantidos à distância pela guarda da cidade, que os afasta com bastões. No meio do pátio, o juiz assume o seu lugar para ler a sentença. Cardell percebe que não vão usar a forca. Não é um ladrão que vai ser enforcado, é um assassino de mulheres que vai ser decapitado.

O carrasco faz-se esperar. A sua chegada é anunciada pelas vozes das crianças de rua que correm atrás das rodas, enquanto atiram ao condenado todo o lixo que conseguiram encontrar. O homem é jovem, ainda não deve ter vinte anos, e foi preso por estrangular a noiva por causa de uma galinha roubada — queria saciar a fome de imediato, e ela queria manter a galinha viva por causa dos ovos.

Quando o homem é levado para o meio do pátio, começa a tremer da cabeça aos pés, e uma mancha escura alastra-lhe pela

perna esquerda das calças. O público está exultante. Duas prostitutas que Cardell conhece de vista, embora não saiba o seu nome, gritam insultos à virilidade do homem. Ao lado delas grita um homem com o nariz transformado numa cratera apodrecida pela doença francesa, que expele ranho descontroladamente. O juiz retira-se com a postura mais digna que consegue. Já está a beber de uma garrafa de prata e caminha aos ziguezagues para evitar sujar os sapatos.

O silêncio cai quando a porta da sala do carrasco se abre e ele aparece. Chama-se Mårten Höss e tem uma popularidade que resulta de um misto de respeito e desprezo. Traz ao pescoço o capuz que é o uniforme da sua profissão. Embora muitos dos seus antecessores preferissem esconder o rosto, este carrasco não é tímido. O seu rosto é enrugado, mas tirando isso é perfeitamente comum, e os olhos negros são inexpressivos. Ele próprio foi condenado por partir o maxilar a um meio-irmão com uma caneca numa altura em que o cargo de carrasco ficara disponível. Escaparia ao castigo enquanto desempenhasse essa função. A cada golpe do machado ou da espada, aproxima-se mais do seu fim pelos mesmos meios. A cada nova execução, as suas mãos parecem cada vez mais trémulas, parece cada vez mais bêbedo.

Dizem os boatos que Höss tentou pôr fim à própria vida três vezes e que, quando a coragem para se atirar para as profundezas de Årstaviken lhe falhou pela terceira vez consecutiva, decidiu escapar ao machado bebendo até à morte. Isso não o torna menos popular: a sua embriaguez durante as execuções é tida como uma forma de entretenimento.

O júbilo aumenta quando os guardas se afastam e Höss entra no pátio. Vem a cambalear e quase cai para trás ao fazer uma vénia exagerada para o seu público. O entusiasmo dos espectadores contagia-o. O Mestre Höss — apelido irónico, dada a sua falta de experiência — recebe o machado afiado de um dos ajudantes e

agita-o no ar. Höss escorrega na lama enquanto saltita na direcção do condenado e levanta o machado, como se fosse cortar-lhe a cabeça a meio do salto e com o condenado de pé. Os dois assistentes que estão junto do condenado baixam-se, não vá o mestre fazer precisamente isso. A populaça dá vivas e bate palmas.

O instrumento da execução é trazido para a frente: um bloco de madeira simples coberto de marcas de machado e de nódoas. O condenado é empurrado para baixo até ter a cabeça encostada à madeira. Um dos ajudantes põe-lhe um pé entre as omoplatas, enquanto o outro lhe prende uma tira à mão direita e a fixa ao bloco. Tem de ser cortada primeiro, para garantir que nem um condenado passa para o outro mundo sem dor. O carrasco assume o seu lugar. Um homem na parte de trás da multidão interrompe o silêncio para gritar um palavrão. Com um sibilo, Höss deixa cair o machado, mas pára a curta distância do braço trémulo do homem.

Höss orgulha-se dos seus talentos artísticos. Limpa o suor imaginário da testa com o braço, apoia ambas as mãos na parte de baixo das costas e alonga-as com gestos exagerados, como se tivesse carregado algo muito pesado. A aprovação da populaça é suficiente para lhe permitir repetir o número três vezes. O condenado começou a chorar. Apesar de já não estar amarrado, não se move daquela posição, mas os soluços que lhe agitam todo o corpo são evidentes.

Apesar da bebedeira, o Mestre Höss tem experiência suficiente para saber que, se não executar a sentença agora, a multidão vai enfurecer-se. O choro transforma-se num grito assustado que acalma até a multidão exaltada. A exultação transforma-se em expectativa.

Quando o assistente volta a pôr o pé em cima do condenado, Höss cospe para as mãos, levanta o machado e deixa-o cair sobre a mão com um golpe seco. Ao som dos gritos de dor, um dos

assistentes levanta a mão decepada da lama e atira-a para a multidão. Os dedos decepados de um condenado dão sorte — o polegar, especialmente, favorecem os ladrões em detrimento da justiça, e estes são abundantes e supersticiosos. A mão vai ser desmanchada e vendida pela pessoa que conseguiu agarrá-la.

Mårten Höss cambaleia para a frente para dar o golpe fatal, enquanto o condenado solta gritos roucos. Já não parece uma voz humana, antes uma voz vinda de outro mundo, como um eco do lado de lá do nevoeiro.

O Mestre Höss precisa de várias tentativas para separar a cabeça do corpo. O primeiro golpe acerta no ombro, o segundo na nuca, deixando-o com o escalpe aberto e uma orelha pendurada. É difícil perceber se Mårten Höss está a rir ou a chorar quando começa a dar golpes descontrolados com o machado e a gritar a plenos pulmões:

— Um castigo para ti e um aviso para os outros! Um castigo para ti e um aviso para os outros!

Só ao quinto golpe as duas vozes se calam, a do condenado e a do carrasco.

Os conhecedores concordam que foi a pior execução do Mestre Höss até à data. Concordam que podia ter bebido menos por respeito à profissão: não vão tolerar muitos mais espectáculos como aquele. Quando o próximo homem justo for condenado à morte, Höss será o próximo a ser executado naquele bloco.

Quando o local da execução fica vazio, as matronas vêm recolher o sangue que se acumulou ali. Não há nada melhor para tratar os enfermos. Os assistentes viraram o corpo e levantaram-lhe as pernas para o fazer derramar o máximo de sangue possível e para evitarem sujar-se quando transportarem o corpo para a campa aberta junto à prisão.

*

Mickel Cardell abandona o local. Quando ergue a cabeça, vê a silhueta de Cecil Winge, com as suas roupas escuras, à beira do caminho. O encontro imprevisto leva Cardell a hesitar. Fica parado a observar Winge durante muito tempo, sem revelar a sua presença. O rosto pálido não denuncia qualquer emoção, nem qualquer sinal de que o seu dono ficou especialmente afectado com a cena que acaba de testemunhar. Só quando Cardell se aproxima repara que os dedos magros apertam o punho da bengala com tanta força que o braço treme.

Winge está absorto nos seus próprios pensamentos, ainda voltado para o pátio, e interrompe-se para cumprimentar Cardell com um aceno de cabeça quando este se aproxima. Começou a chuviscar no pátio da prisão de Hammarby.

— Boa tarde, Jean Michael. Não via uma execução há mais de um ano. Vim para ver a justiça ser cumprida, tendo em conta o homicídio que estamos a investigar. É este o destino que aguarda o assassino, se formos bem-sucedidos.

— E?

— Nunca percebi a lógica de o Estado punir um assassinato matando um dos seus cidadãos, e de uma forma tão cruel. Mas a minha maior objecção é a seguinte: o tribunal não faz qualquer esforço para entender os réus. Como podemos impedir os crimes de amanhã se não entendermos os que foram cometidos ontem? A resposta, Jean Michael, é que as pessoas responsáveis nunca pensaram nisto. Pensam que o seu dever é julgar e punir, e mais nada. Muitos que eu próprio interroguei viram os seus dias terminar no cadafalso. O meu único consolo é saber que ninguém foi executado sem ter sido ouvido, saber que fiz o possível para convencer o culpado da sua culpa e para me certificar de que todos tinham a possibilidade de contar a sua versão dos factos.

— A populaça não vem para ver razão, por muito que se esforce para a entender. Sem o medo do machado e da forca, Estocolmo ficaria reduzida a cinzas numa noite.

Winge não responde e deixa Cardell continuar.

— O meu encontro com o Stubbe pode ter-nos aproximado da solução. Contar-lhe-ei mais quando tiver informações adicionais, mas por agora posso dizer-lhe que procuro uma liteira verde que pode ter sido usada para transportar o Karl Johan na sua última viagem.

Viram as costas à prisão e à mancha vermelha que é agora tudo o que resta do homem que foi ali levado para morrer. Juntos começam a dirigir-se novamente para Skanstullen. Winge quebra o silêncio quando chegam ao fundo da colina.

— Falou-me do rei Gustav e da guerra, Jean Michael. O que sentiu por perder tanto num combate que começou por motivos desonestos é perfeitamente válido. Assim sendo, quero contar-lhe algo acerca de mim que poucos sabem, mas que é a verdade. Fez-me esta pergunta, e sei que os boatos dizem que deixei a minha mulher para a proteger.

Cardell sente-se desconfortável, pouco habituado à franqueza. Fita as próprias botas, que se enterram cada vez mais na lama.

— À medida que a tosse aumentava, fui ficando cada vez mais doente, mais magro, mais fraco, e comecei a desaparecer diante dos olhos dela. Já não tinha nada para lhe oferecer, não podia ser para ela o que um marido deve ser.

A voz rouca de Winge é monocórdica e não denota emoção, como se estivesse a recitar as escrituras. Cardell sente a determinação que mantém a firmeza das palavras, como a baixa pressão que se sente antes de um trovão.

— Claro que eu sabia o que estava a acontecer. É o resultado de uma vida inteira dedicada ao serviço da justiça. Pormenores que sugeriam secretismo — sempre tive muito jeito para os descobrir. Encontrei em nossa casa coisas que me eram desconhecidas. Ela dizia que ia visitar amigas, mais tarde eu descobria que era mentira. Mas, acima de tudo, notei-o no comportamento dela. Parecia feliz. Tinha as faces rosadas e um brilho nos olhos, que até ali só

revelavam um prenúncio de morte.

Winge vira-se para Cardell. Tem o rosto imóvel como uma estátua.

— Pela primeira vez em meses, parecia a mulher por quem me tinha apaixonado.

Winge demora-se nesse pensamento antes de continuar.

— Por fim, apanhei-os em flagrante, num momento de fraqueza. Tinha feito o possível para o evitar, mas estava doente e não prestei atenção. A minha tosse abafava o som daqueles encontros e vice-versa. Ele era um jovem oficial com sabre e bandoleira, usava um bigode preto e tinha todo o futuro pela frente. Não posso censurá-la. Nessa mesma noite, preparei a minha partida para a casa do Roselius. Nunca mais a vi.

Cardell abre a boca para oferecer um comentário, mas Winge antecipa-se a ele, com o rosto voltado para o Hammarbysjön, sobre o qual o vento começou a soprar por cima das ondas.

— Não precisa de dizer nada. Como o próprio Cardell afirmou quando nos conhecemos, não ando à procura de compaixão. A minha franqueza não é um convite à amizade. Sei apenas que ambos beneficiaremos de conhecer os pontos fortes e fracos um do outro para os desafios que se avizinham. Não há nada mais importante neste momento. Não preciso de palavras de conforto. Não seja meu amigo, Jean Michael. Já não temos tempo para isso. A única coisa que poderia trazer-lhe seria sofrimento.

Separam-se na alfândega, onde Winge apanha uma carruagem.

— Encontre-se comigo amanhã às nove no Lilla Börsen. O que me disse acerca da liteira parece promissor, e tenho muito que fazer. Tenho esperança de conseguir vingar o Karl Johan.

12.

Cardell conclui, apenas algumas horas depois de deixar o local da execução, que andar de liteira já passou de moda. Sente emoções confusas. Por um lado, deveria ser fácil encontrar a liteira verde de Stubben, mas a tarefa tornava-se difícil por não ser uma actividade regulada. Não existe uma guilda que supervisione os carregadores, e as liteiras que se viam por toda a parte quando era criança foram usadas para alimentar os fogões ou compradas por carregadores independentes que aguardam nas esquinas por clientes.

As perguntas de Cardell levam-no a um local perto de Barnängen, na zona de Katarina. Ninguém sabe nada da liteira. Um carroceiro barbudo com uma peruca de crina de cavalo espirra enquanto mastiga tabaco e amaldiçoa os tempos, que o privam do seu ganha-pão. No início do século, nenhum cavalheiro hesitava em fazer-se carregar pelas ruas por dois homens corpulentos. No final da década de setenta do século XVIII, tinha duas dúzias de liteiras ao seu serviço, mas agora o número descera para um terço, e os preços pareciam continuar em queda livre. Os homens que no passado usavam libré envergavam agora uma simples grinalda. As cores das liteiras? O velho abana a cabeça com uma expressão amargurada porque o seu nome escrito nelas — em tinta preta sobre um fundo branco — já não é conhecido. Cardell deixa Barnängen com o caso por resolver.

Ao anoitecer, homens começam a acender os candeeiros de rua

com a ajuda de escadas ou de paus compridos. O cheiro de óleo a queimar sente-se por toda a parte, apesar dos esforços do administrador da cidade no sentido de tornar cada bairro responsável pela iluminação e de garantir que os candeeiros se tornam mais espaçados à medida que se afastam de Stadsholmen.

Enquanto anoitecia, Cardell chegou à outra ponta da cidade, uma zona de Ladugårdslandet esquecida por Deus, nos arredores de Norrtull. Seguiu o Rännilen, o fedorento riacho onde a água suja corre por entre aberturas em arcos castanhos, em direcção a norte, com as colinas de Brunkebergsåsen à esquerda e as praias de Träsket à direita. A água tem um cheiro horrível, mas nada que se compare com o Fatburen. Um pouco de água corrente e um volume superior dão-lhe uma maior capacidade de absorver os dejectos e esgotos da cidade.

Para lá de Träsket, os edifícios de pedra dão lugar a casas de madeira, e a calçada é substituída por terra batida. A quinta que Cardell procura fica perto de Surbrunnen. Diz-se que ali vive um carpinteiro que ainda repara e constrói liteiras. O espaço entre as casas está às escuras, mas Cardell surpreende-se ao constatar que ainda há ali gente, apesar de as noites de serem mais frias em Outubro. Um homem está sentado nos degraus em frente à porta, e nas sombras por baixo da fachada, um pouco adiante, uma figura corpulenta parece incapaz de decidir em que pé deve apoiar-se.

O homem sentado cumprimenta-o com um aceno. É tão largo de ombros como Cardell, mas mais pesado, com uma barriga saliente que ameaça fazer saltar os botões do casaco. O corpo emite uma impressão confusa de força e preguiça. A cabeça é redonda como uma bola, o pescoço, tão largo que cria a impressão de que a cabeça assenta directamente em cima dos ombros. A boca do homem é larga, os lábios grossos; os olhos são vesgos. Masca tabaco e cospe-o em intervalos regulares. Cardell responde ao aceno com uma pequena vénia.

— Chamo-me Mickel Cardell. Peço desculpa pela hora tardia, mas procuro o carpinteiro Vries.

— E encontrou-o. É o meu nome e o de mais ninguém. Sente-se, vamos, deixe-me oferecer-lhe um pouco de tabaco.

Cardell permanece de pé, mas aceita a bolsa que lhe é oferecida. Quando se aproxima mais, percebe que a figura que está de pé é um jovem, apesar de ser grande como um gigante. Ao pé dele, Cardell e o homem sentado nas escadas parecem anões. Cardell percebe que o rapaz deve ser um imbecil. Tem a boca aberta, e um longo fio de baba escorre-lhe do queixo. O seu olhar faz-lhe lembrar o de uma vaca, parado e vazio. Em volta do pescoço tem uma tira de couro, a outra ponta prende-o ao corrimão da escada.

— Porque está o mestre carpinteiro à porta de casa à noite?

— O ar da noite é um bálsamo para a alma. E o senhor, o que o traz a mim, carpinteiro Pieter de Vries, aos arredores de Träsket, numa noite como esta?

Um sorriso travesso cruza o rosto do homem enquanto o tabaco lhe escorre pelos cantos da boca.

— Procuro uma liteira, uma liteira verde com uma pega partida. Um rapaz de rua em Katthavet diz que pensa tê-la visto ser trazida para aqui há não mais de quatro dias.

Desenha-se uma ruga de preocupação na testa do homem.

— Oh, não, caro senhor, não me lembro de nada disso! Lamento muito que tenha vindo tão longe para conseguir apenas um pouco de tabaco. Talvez estivesse a ser levada para outro carpinteiro aqui no bairro?

Cardell assente, pensativo.

— Não há mais nenhum. E também me foi dito que pode ser difícil entender o mestre carpinteiro de Vries porque veio de Roterdão e fala tão mal sueco que é um milagre ter clientes, por muito talentoso que seja.

O homem dá uma gargalhada enquanto se ergue do degrau, estica as costas, fazendo-as estalar, e sacode as calças.

— Ah é assim? Muito bem. Jöns Kuling admite sempre quando é apanhado a mentir.

Cardell faz um gesto na direcção do jovem, que continua perdido no seu próprio mundo.

— Quem é?

— É o meu irmão, Måns. O Sr. Cardell já deve ter percebido que ele não é bom da cabeça. Sabe, Cardell, o nosso pai e a nossa mãe não vêm de uma cidade grande como o senhor, vêm de uma cidade tão pequena que é difícil encontrar companheiro, portanto, chegada a altura de casar, o meu pai não viu alternativa senão fazê-lo com a própria irmã. Estes crimes contra Nosso Senhor não escapam impunes, e o castigo veio na forma do Måns. Matou a mãe à saída do ventre, a maior monstruosidade que a parteira alguma vez viu. Não é grande pensador, mas, se precisar de alguém que consiga levantar uma liteira e de a carregar durante horas sem se queixar, o Måns é o homem certo.

— E o senhor carrega a parte da frente, presumo?

— O Sr. Cardell está absolutamente certo. Se os papéis se tivessem invertido, tínhamos ido parar ao inferno antes que o pobre passageiro desse conta. Portanto, sentamo-nos aqui à espera de dias melhores. O carpinteiro disse-nos para voltarmos amanhã de manhã cedo, mas a liteira é o nosso único meio de subsistência, não podemos abandoná-la. Especialmente quando o nosso mecenas sugeriu que os serviços prestados não têm sido satisfatórios ultimamente e que, se alguém aparecesse a fazer perguntas sobre uma liteira verde e o seu paradeiro nos últimos dias, a coisa não ia acabar bem para nós. Supondo que a situação não pudesse ser resolvida de imediato, se é que o Sr. Cardell me entende. E agora aqui estamos nós, o senhor, eu e o Måns.

Jöns endireita-se e solta o nó que prende Måns. Dá alguns passos em direcção ao centro do pátio, balança a cabeça para um lado e para o outro para descontrair os músculos rígidos e expulsa o ranho das narinas.

Solta uma gargalhada feroz para Cardell enquanto ergue os punhos, cada um deles grande como um balde. Os ombros e as ancas são enormes, dos anos a marchar debaixo daquela liteira.

— Não devia ter vindo aqui espiolhar, porque a única coisa que vai descobrir é como o seu caminho acaba. Agora vamos, dê-me um murro para vermos qual é a sua resistência.

Cardell vira-se para a esquerda, para manter Jöns e Måns no seu campo de visão. O jovem, enorme, parece notar a mudança e salta sem sair do mesmo sítio enquanto solta sons expectantes. Um membro comprido como um antebraço destaca-se ao longo da coxa, dentro das calças demasiado justas. Depois de trocarem ameaças, Cardell dá o primeiro murro. O punho esquerdo, de madeira, atinge com força o lado do corpo de Jöns Kuling e fá-lo dobrar-se de dor. A expressão de surpresa transforma-se numa gargalhada quando apalpa o lado do tronco e fita a palma da mão ensanguentada.

— Raios o partam, Cardell! Esse golpe foi a valer! As minhas costelas parecem o fundo de uma chaleira. Você tem punhos de aço!

— De madeira, na verdade.

— Ah, Cardell, você luta bem. Um homem do meu calibre. Mas isso não pode ser, não é? Temos de melhorar esta rixa. Måns!

O irmão estava apenas à espera da ordem, e o ataque súbito é tão simples e imprevisível que Cardell é apanhado de surpresa. Måns lança-se para a frente para desferir um golpe a que Cardell não consegue esquivar-se e cai com o peso de todo o corpo em cima dele. Måns senta-se em cima do diafragma de Cardell, e então começam a chover murros. Cardell sente o nariz ser esmagado, uma sobrancelha ficar aberta e o sangue escorrer-lhe para um olho. Jöns posiciona-se rapidamente do seu lado esquerdo, e Cardell sente os dedos subirem-lhe pelo antebraço, em busca das tiras de couro que prendem a prótese de madeira. As tiras soltam-se, a prótese sai da sua cavidade, o braço de madeira desliza para fora da manga do casaco, e ele fica indefeso. Por cima do som que às

cegas percebe vir dos punhos de Måns a atingirem-lhe o rosto, Cardell ouve o que parece um sussurro afectuoso e vê os lábios de Jöns moverem-se junto aos ouvidos do irmão. Os golpes param.

— Vamos, querido Måns, vamos deixar o Cardell levantar-se para nos mostrar o que vale sem a sua arma secreta.

Cardell limpa o sangue dos olhos e pestaneja vigorosamente para recuperar a visão. Jöns Kuling troça dele enquanto atira o braço de madeira por cima do ombro, fazendo-o aterrar contra a parede da casa. Måns, começa a rugir enquanto lambe os nós dos dedos para os limpar. Cardell tem os ouvidos a zumbir e vê o mundo a andar à roda. Por cima dele, as estrelas brilham no céu. As constelações estremecem num remoinho. A boca de Cardell está cheia de dentes partidos. Pergunta-se se será o sabor do pó das estrelas aquilo que sente.

Mentalmente, Cardell vê o sangue nos cantos da boca de Johan Hjelm, ouve a voz rouca de Cecil Winge e o som dos canhões russos ao longe, enquanto estremece ao vislumbrar o sorriso desdentado nos lábios podres de Karl Johan sob a luz fraca da cripta. Começa a cambalear na direcção dos dois vultos oscilantes, sentindo o braço morto ganhar forma ao seu lado, terrível e poderoso, cheio de dor e ódio.

— Venham lá, seus rufias nojentos.

13.

O café de Gustav Adolf Sundberg mudou-se para a Järntorget de Bergsgränden, ao pé da igreja de Klara, mas já recebeu a alcunha de Lilla Börsen por se estar a tornar um ponto de encontro para os habitantes de Skeppsbron. Muitos bebem chocolate quente, mas a maioria, como Cecil Winge, prefere intermináveis chávenas do amargo café arábica, especialmente por correr o boato de que as autoridades estão a pensar proibir completamente aquela bebida, numa tentativa de conter as conspirações nos cafés.

Por enquanto, contudo, os boatos correm livres como o café. Alguns deles sobre o comportamento bizarro do príncipe Gustav, de quinze anos, para com os seus cortesãos, outros sobre o duque Karl, que anda a cortejar o ladrão do Rudenschöld, cujo coração pertence ao traidor Armfelt, outros ainda sobre o autor Thomas Thorild, que supostamente caiu de uma mesa em Lübeck enquanto gritava que o exílio lhe dera a imortalidade que anos com a língua entre as nádegas do barão Reuterholm não lhe haviam conseguido dar. Winge decide esperar mais uma hora por Cardell. Quando o relógio de bolso marca as dez e meia, ainda está sozinho.

Winge segue a rua Västerlånggatan em direcção a norte, até chegar a Gåsgränd, e pergunta na quinta por Cardell. Um sapateiro que se prepara para pôr solas novas numas botas de cavaleiro tem a resposta que procura.

— O guarda mutilado? Arrenda um quarto na casa da viúva

Pihlman.

Nas escadas da casa há um grupo de crianças a brincar. A casa não tem fogões, mas a lareira aberta no último andar é mantida quente por uma rapariga magra de pele amarelada. Teve febre na semana que passou e sabe que Cardell deixou o quarto na manhã do dia anterior e não regressou. Winge vê-se obrigado a abandonar a casa de Pihlman sem ter chegado a qualquer conclusão. A voz da rapariga segue-o enquanto desce a escada.

— Se o Mickel não voltar até a Pihlman vir receber a renda, ela põe-no na rua!

Winge caminha pela rua em direcção a Stortorget para se conceder algum tempo para pensar. Sem a ajuda de Cardell, as suas possibilidades diminuem. Fica por um momento junto do poço, onde as crianças e os criados enchem as vasilhas. Quando se levanta para seguir caminho, dirige-se a Slottsbacken e Indebetouska, fazendo com uma paragem pelo caminho.

Já é de tarde. As sombras tornam-se mais longas nos corredores em frente à sala do chefe de polícia Norlin, onde Cecil Winge espera que a reunião vespertina da polícia termine. Vislumbra a silhueta de Norlin pelo vidro da porta e decide esperar para dar tempo ao chefe da polícia para se preparar. Finalmente, ouve-se a voz do outro lado. Um polícia aproxima-se e abre a porta a Winge.

— Mande-o entrar.

Norlin está sentado à sua secretária atulhada, com a camisa e o casaco apertados até cima e a peruca pousada em cima da pilha de papéis à sua frente. Não oferece uma cadeira a Winge, que tem de permanecer de pé. Norlin coça a cabeça e esfrega os olhos vermelhos.

— Ainda não passou muito tempo desde a última vez que falámos. Lembras-te do que te disse acerca das condições deste caso, Cecil? Lembras-te de que te pedi para seres discreto? Em vez

disso, decides interromper uma reunião da polícia para me mostrares um padrão impresso num pedaço de tecido. Não viste o maldito Barfud à escuta, com o lápis a postos?

— Não só o vi, como o acordei da sesta para afastar a ressaca e o convenci a vir comigo a Indebetouska, onde lhe prometi que a reunião da polícia daria uma boa história para o *Extra Posten* de amanhã.

Norlin pousa a cara nas palmas das mãos.

— O Barfud escreve o que quer entre as suas longas citações da Bíblia, e o Holmberg imprime-as sem ver no seu jornal infame. Quanto mais provocadoras melhor. E Estocolmo inteira lê. Porquê, Cecil?

— O meu aliado, um guarda desgraçado chamado Cardell, parece ter sido afastado do jogo. O meu instinto diz-me que foi porque me aproximei demasiado da verdade. O tecido é a minha última esperança. É caro e esteve pendurado na casa de alguém com dinheiro. Quem tiver visto este tecido vai reconhecê-lo de imediato pela descrição no jornal. Se alguém influente estiver interessado em calar esta investigação, irá abordar-te. Irá exigir a minha cabeça numa bandeja. Talvez até a tua. E tu, Johan Gustaf, vais dar-me o nome dessa pessoa.

— O Reuterholm lê o *Extra Posten* como todos os outros coscuvilheiros do reino. O barão vai ver isto como mais uma prova de que dou prioridade a outras coisas que não as suas ordens. Esta é a oportunidade por que ele esperava para me demitir. Acabaste de escrever a minha sentença, Cecil.

— Tendo em conta o que a chefia fez pelo teu bem-estar no ano que passou, suponho que é um favor que te fazem ao abreviarem o teu serviço, pois assim prolongam-te a vida.

— Eu devia ter pensado com quem me estava a meter antes de te ter pedido ajuda. Cecil Winge, sempre pronto a sacrificar tudo e todos pelos seus ideais.

Os olhos de Winge brilham.

— Sim, foste tu que me pediste ajuda, e talvez devesses ter-te lembrado de quem sou. A lealdade a ti deve ter sido suficiente para me fazer aceitar este caso, mas, no momento em que a decisão foi tomada, a minha lealdade foi transferida para o morto. Agora, a minha responsabilidade é para com ele, não para com o teu prestígio. Ainda há poucas noites, estive na igreja de Maria a examinar o corpo. Deixa-me descrevê-lo, já que nunca o viste: os seus membros foram amputados há muito tempo. Cada ferida teve tempo para sarar e permitir ao corpo suportar a intervenção seguinte. Foi mantido algures durante meses, preso a uma cama. Provavelmente tentou gritar por ajuda, mas de pouco lhe serviu, uma vez que lhe tinham cortado a língua. Deve ter tentado suicidar-se, mas nem sequer tinha dentes. Tão-pouco tinha olhos. Consegues imaginar, Johan Gustaf? Jazer sozinho e impotente, a aguardar o dia em que a serra te leva mais uma parte do corpo? Eu vou apanhar quem fez isto. Vou descobrir porquê. E tu vais dar-me o nome dele assim que o descobrires, em vez de estares para aí a queixar-te do Reuterholm e da tua honra. Falas de sentenças de morte na minha presença. Não tens vergonha?

Norlin sente a resignação ocupar o vazio deixado pela raiva. Tem saudades da mulher e da filha, do seu cheiro, dos seus risos. Do outro lado da mesa, Winge fita-o com pupilas dilatadas e um rosto emaciado. Norlin suspira pesadamente e pousa a mão num papel dobrado à sua frente.

— Recebi notícias de Paris esta manhã. As minhas fontes dizem-me que tencionam levar a rainha ao tribunal da revolução. Sabes tão bem como eu como isto vai acabar. Maria Antonieta vai perder a cabeça, tal como o marido. Vão atirá-la para uma vala comum, para cima dos milhares que estão à sua frente na fila para a guilhotina. São tempos negros estes em que vivemos, Cecil.

A voz de Winge é suave quando responde.

— Johan, tu mesmo mo disseste aqui na outra noite: por que motivo fazemos o que fazemos, se não for por este?

— Tens razão, claro, como sempre. Nunca se deve discutir com o Cecil Winge, ele tem sempre razão, tanto nos tribunais como na universidade. Faremos como queres. Agora deixa-me em paz para escrever uma carta ao Reuterholm, num tom suficientemente submisso para conseguir algum tempo e me adiantar à fúria que vai sentir quando o jornal chegar à rua.

Winge faz uma vénia.

— Obrigado, Johan Gustaf.

14.

O secretário Isak Reinhold Blom detesta todas as partes de Estocolmo que cometeram o erro de se espalhar para além de Stadsholmen. Ladugårdslandet acima de todas. A chuva ao início da manhã limpou as ruas da lama. Miúdos de rua, pedintes e famintos dobram as esquinas a correr, a fugir do homem da foice, que se aproxima. O grupo desaparece no meio dos marinheiros e soldados de uniformes sujos.

Devia ter pensado duas vezes antes de decidir ir a pé para a quinta de Spenska. A água que se acumulou nas poças infiltra-se nas costuras das botas até cada passo fazer parecer que está a pisar manteiga. Blom encontra constantemente razões para amaldiçoar a sua sorte. Apesar de estar há sete anos ao serviço da polícia, não chega a ganhar cento e vinte Riksdaler por ano.

Quando foi promovido do cargo de notário para substituir o velho Hallquist como secretário da polícia, esperava receber um aumento. Em vez disso, a carga de trabalho multiplicou sem receber mais um tostão.

Ouve alguém tossir ao longe. Aquilo acalma um pouco o seu mau-humor. Há quem esteja pior do que ele. Cecil Winge chegara muito mais longe do que ele, mas teria sorte se ainda visse o novo ano.

A tosse pára quando Blom bate à porta. Quando esta se abre, um momento mais tarde, Winge parece completamente imperturbável.

Ainda assim, do bolso do colete de Winge espreita um canto do lenço húmido e ensanguentado. Blom fica espantado com a determinação do homem e vai directo ao assunto.

— O Norlin enviou-me com a correspondência pedida de Indebetouska. As queixas não tardaram a chegar.

Blom senta-se junto ao fogão para secar as botas depois de entregar o pequeno embrulho a Winge. No interior há três cartas com os selos quebrados. Blom pigarreia e continua.

— Provavelmente foram escritas à pressa logo que o *Extra Posten* chegou à rua. Todas dizem a mesma coisa, mas apontam motivos diferentes. A primeira carta vem de um comerciante rico que está preocupado com o preço do algodão e com as consequências para as finanças do reino. Um conde Enecrona, do Colégio Comercial, alerta-os para o perigo da degradação moral que pode advir de alertar o público para coisas que nunca poderiam ter imaginado. Por fim, mas não menos importante, temos Gillis Tosse, que acha que as coisas escandalosas estão, pela sua natureza, ligadas às correntes revolucionárias. Tosse acusa-te de seres jacobino.

Winge aquece alternadamente os dedos de uma mão na palma da outra.

— Eu conheço o Tosse. Talvez também te recordes dele? Estudou em Uppsala na mesma altura que nós.

— O nome não me soa familiar.

— É um preguiçoso que não gosta de ler, mas vem de uma família tão rica que conseguiram comprar-lhe um cargo mesmo sem ter tido qualquer sucesso académico. Lembro-me de como olhava com ares de superioridade os que labutavam à secretária: suponho que via os nossos esforços como prova da nossa moral decadente. O chefe Norlin disse-te porque te mandou aqui com estas cartas?

— Não, mas não era preciso dizer. Não sou estúpido, Winge. Fui eu que segui o protocolo quando apareceste com o teu tecido e li sobre ele no *Extra Posten*. Esperas que algum destes cavalheiros

que escrevem a queixar-se tenha outros motivos para além dos que aponta. Talvez uma ligação ao corpo encontrado no Fatburen, suponho.

Winge aperta os lábios com tanta força que se transformam numa linha fina. Ao mesmo tempo, fecha os olhos e massaja a testa.

— É verdade. Admito que esperava que os nomes me dessem uma ideia mais clara, mas nunca ouvi nenhum deles e não vejo que outra coisa possam ter em comum, para além de dinheiro.

Blom esboça um sorriso conhecedor.

— Mas eu vejo. Só que não há nada de graça nesta vida, e quero algo em troca.

— Se estiver dentro das minhas possibilidades, é teu, Blom.

— No dia em que a tua saúde piorar, quero que me avises, e apenas a mim, o mais depressa que conseguires. Há uma aposta acerca da tua morte entre os homens da esquadra. O valor em jogo é três vezes o meu salário anual.

— Se a informação que tens para me oferecer for útil, não me importo que alguém lucre com a morte que vou sofrer de qualquer forma. Enviarei um mensageiro no momento exacto em que souber que a febre se aproxima. Agora tu.

Blom sente um friozinho no estômago ao pensar na maquia valiosa que poderia melhorar drasticamente a sua situação e permitir-lhe terminar a escrita do já começado *Religionens Nödvändighet för Samhällets Bestånd* (A Necessidade da Religião para o Melhoramento da Sociedade), não no seu quarto gélido, mas em grande estilo, no Clas på Hörnet, depois de uma sucessão de pratos transbordantes trazidos da cozinha: arenque, borrego assado, guisados.

— Muito bem! Já ouviste falar de uma sociedade chamada As Euménides?

— Só por alto. É uma das muitas ordens herméticas que fazem caridade com as crianças pobres, se não me engano. Doam fundos aos pobres das congregações mais desfavorecidas da cidade.

— Correcto. As Euménides caracterizam-se pela sua grande generosidade, e só os ricos podem pertencer a essa sociedade. Sabes que escrevo poesia. Em tempos conheci um Claes von der Ecken, herdeiro de uma casa comercial, que me pagou generosamente para recitar os meus poemas. O Ecken era membro da Ordem das Euménides. O seu negócio estava em queda, e, quando tentou abandonar a sua missão caridosa para salvar o seu ganha-pão, os elementos da ordem uniram-se para o arruinar. Espera-se que os membros desempenhem as suas obrigações sem desculpas. O banco exigiu o pagamento imediato dos empréstimos do Ecken, e ninguém aceitou emprestar-lhe dinheiro. Certa noite, apareceu um vagabundo à minha porta a dizer que a quantia que eu recebera para ler os poemas era apenas um empréstimo. Era o Ecken, agora falido. E foi assim que despertou o meu interesse pela Ordem das Euménides. Um dia tive a oportunidade de ver a folha de registo dos membros. A minha memória é quase tão boa como a tua, Winge: os autores de todas as cartas que recebeste pertencem à ordem.

Quase imperceptivelmente, os pés de Winge começam a bater no chão.

— A tua história pode ser menos sensacional do que parece. Sabes de onde vem esse nome, Blom?

— Euménides? Não.

— Tive um preceptor que tinha paixão pelos clássicos gregos e que me fez passar horas incontáveis debruçado sobre Ésquilo. Na nossa língua, a tradução dessa palavra é «as benevolentes». Na história, é como os sábios se referem às fúrias, as deusas da vingança, para escaparem à sua ira.

Blom começa a desejar que a visita termine e que a sua participação seja esquecida. A ganância é a única coisa que o faz ficar.

— Mais uma coisa. Sei que se reúnem na casa de Keyserska, ao lado dos Röda Bodarna.

Winge começa a andar de um lado para o outro enquanto pondera.

— Já ouvi o nome dessa casa; é um dos muitos bordéis secretos que têm autorização para assim continuar, com a bênção da polícia, desde que não se ocupem de outras actividades. É um sítio estranho para uma ordem com fins caritativos.

— Oh, é mais estranho do que isso, Winge. Sei que a ordem não se limita a alugar o espaço da casa de Keyserska. É dona do edifício.

Winge vira-se para a janela, pensativo, fitando o Ladugårdstullen, enquanto recorda as últimas palavras que Mickel Cardell proferiu. Lá fora, sob o crepúsculo, o vento abrandou e o Kurckan calou-se, esperando a aproximação da brisa nocturna.

— Tu que estás tão bem informado, Blom, por acaso não sabes se a casa de Keyserska tem liteiras próprias e se são verdes?

15.

À noite, as divagações sobrepõem-se ao sono. A luz que incide num ângulo oblíquo sobre a secretária alonga as sombras das peças desmontadas do relógio de Cecil Winge. Engrenagens e pequenas peças transformam-se em formas semelhantes a insectos que dançam sempre que a corrente de ar agita a chama da vela. Isak Blom já saiu há muito tempo. A visita obrigou Winge a conter a tosse terrível que o atormentara durante toda a tarde. O penico com o vómito manchado de vermelho espreita de debaixo da cama. Dói-lhe a garganta.

Esta noite, Winge não tem disposição para trabalhar no relógio. A reunião de uma mão-cheia de peças de metal num todo ganha vida própria, desde que o relojoeiro tenha perícia suficiente para colocar todas as peças no lugar certo. Esta actividade costuma acalmar-lhe a mente, mas, em vez disso, fica sentado a pensar no que terá sido feito de Mickel Cardell depois de se separarem em Skanstull.

Do pouco que sabe da vida de Cardell, parece-lhe que o guarda atrai a violência como o ferro atrai um íman, mas também revela uma capacidade de enfrentar, indómito, essas situações. Parece-lhe improvável o desaparecimento não estar relacionado com a busca da liteira. Afiou a navalha de Occam toda a vida, e esta diz-lhe que o guarda se aproximou demasiado da verdade para se poder defender. Não consegue adivinhar os detalhes. Depois de montar o relógio, mede a pulsação, constatando que tem cento e sessenta e três batidas por minuto, e sente uma perturbação crescente no

diafragma. Não há esperança de encontrar sono ou tranquilidade.

Na arca ao lado da cama há um frasco de vidro com *thebaica*, produzido por um boticário de Björn, na rua Fyrverkargatan, do outro lado de Artillerigården. Gotas de ópio misturadas com álcool, ácido succínico e bicarbonato de amónio. Tem aquela tintura há muito tempo, mas sempre se recusou a usá-la. Diz-se que é um medicamento forte. Em Björn, informaram-no de que, se tomasse uma dose considerável, a tintura não só diminuía a dor, como também a capacidade de raciocínio. Pela primeira vez, está disposto a correr esse risco.

Mede as gotas da solução de ópio num copo e bebe. Rapidamente, um calor alastra-se-lhe pelo corpo. Começa a sentir uma esperança de alívio. A garganta fica dormente ao entrar em contacto com o líquido. Do lado de fora da janela, os últimos raios de Sol sobem pelas velas do Kurckan até que todo o moinho desaparece na escuridão. Winge mergulha nos seus pensamentos.

Depois do pôr-do-sol e mais uma vez com o relógio reduzido às peças que o constituem, Cecil Winge perdeu a noção do tempo. Não sabe quantas horas passaram, até que se apercebe do erro que cometeu. Cardell parece ter sido eliminado. Algures, terá encontrado um fim terrível. Também Winge se deu a conhecer através do artigo no *Extra Posten*.

Não seria lógico supor que o assassino de Karl Johan viria agora atrás de si? Que outra solução poderia ser mais simples do que matá-lo? A saúde de Winge não é segredo. Uns pulmões doentes que exalam o seu último suspiro depois de semanas a testar os limites do conhecimento dos médicos do hospital Serafimerlasarettet não seria surpreendente para ninguém. Uma visita a meio da noite, uma almofada em cima da cara, e a sua vida chegaria ao fim sem ninguém desconfiar de nada.

Winge sente um frio na espinha. Levanta-se para olhar pela janela, mas depara-se apenas com o seu próprio reflexo, emaciado

e pálido. Põe o casaco por cima dos ombros, coloca uma vela no castiçal e protege a chama. No corredor, apaga a chama com o indicador e o polegar e fica à escuta na escuridão. A casa está vazia. As raparigas e os rapazes têm os seus quartos noutro lado, e, na lareira da cozinha, as brasas já foram postas a aquecer para a manhã seguinte. Winge abre a porta que dá para o pátio e sente o ar húmido, o aroma ácido dos campos salgados pela brisa marinha. Lentamente, os seus olhos começam a habituar-se à escuridão.

*

A propriedade está escura e silenciosa. Lá fora, as tílias balançam. Não se vêem luzes da cidade por entre as pontes: já deve passar da meia-noite. O portão está aberto. Do outro lado, os campos são banhados pelo luar. Uma visão tão pacífica durante o dia que parece fantasmagórica à noite.

Ali, os mortos foram enterrados em pânico no início do século, quando a peste chegou a Estocolmo, a bordo de um navio mercante holandês. No cemitério de Katarina, os mortos haviam sido embrulhados nas próprias roupas de cama e cobertos com cal durante uma semana, à espera de que houvesse espaço no cemitério apinhado. Em Ladugårdslandet, tinham conseguido lidar melhor com as consequências da doença. Para lá da casa mais afastada, haviam aberto valas para enterrar os corpos. Hoje em dia, a terra é mais fértil ali do que em qualquer outra parte. Os jardins da propriedade mantêm-se floridos até às primeiras geadas, mas os jardineiros aprenderam desde cedo a não cravar as pás demasiado fundo na terra.

Há mais qualquer coisa lá fora. Winge não está sozinho. Vê uma sombra que se aproxima, vinda da água, um vulto negro que não pertence ali. Aproxima-se lentamente, encolhido e atento, para não ser descoberto. Winge refugia-se nas sombras atrás do muro. De

cada vez que uma nuvem encobre a Lua, a paisagem desaparece. Quando a luz regressa, o vulto está mais próximo. Não é esta a morte com que Winge passou tanto tempo a tentar reconciliar-se, não é a morte previsível e doce que imaginara, antes uma morte violenta e degradante, entre o horror e a ignorância, sob a forma da ponta de uma faca, de pancadas ou do estrangulamento.

Agora consegue ouvir os passos, fracos e quebradiços. Ouve o som da sua própria pulsação enquanto tenta respirar sem fazer barulho. O vulto transpõe o portão, entra no pátio e passa por baixo das copas das árvores. Winge percebe que está a perder a batalha contra um ataque de tosse que se avizinha e toma a decisão. Mais vale deixar o confronto vir até si e ter uma morte sangrenta. A descoberta do seu corpo junto das tílias levantará questões. Acabará por sair algo bom desta noite que parece só poder terminar mal.

Dando poucos passos, Winge aproxima-se da figura e agarra-a. Winge percebe o seu erro quando sente a mão fechar-se em volta de nada. Esta figura não tem forma. Não é um assassino vindo da cidade, antes alguém saído da campa para assombrar aquelas paragens durante a noite. Winge sente o sangue escorrer-lhe das têmporas e vê dois pontos brilhantes no lugar dos olhos. Quando o fantasma se vira para ele, não tem rosto humano. Quando a testa de Winge bate no chão, este já perdeu a consciência.

Ao acordar, está na sua cama. A luz da manhã entra pelo vidro sujo da janela. O fogão está aceso, a lenha estala sob as chamas. Winge demora alguns momentos a orientar-se. O efeito do ópio abandonou o seu corpo. No lugar dele ficou uma dor de cabeça latejante. Quando fala, a língua parece ter-lhe engrossado dentro da boca.

— Agarrei-lhe no braço esquerdo, Jean Michael. A prótese de madeira não estava lá, a manga estava vazia.

Cardell passou da cadeira da secretária para a cama.

— É possível. O que senti foi um puxão no casaco. Ainda mal me tinha virado quando o Winge caiu no chão.

— Pensei que era uma aparição; pensei que estava a tentar agarrar um fantasma. Como fui tolo. Em minha defesa, devo dizer que o seu rosto também não ajudou a esclarecer o mal-entendido. O que lhe aconteceu? Onde esteve?

Ambos os olhos de Mickel Cardell estão tão cobertos de hematomas que parece usar uma máscara. Tem o nariz partido, os lábios feridos, e, por baixo deles, Winge percebe que lhe faltam vários dentes. Uma das maçãs do rosto parece estar metida para dentro, alterando-lhe a forma da face. Cardell faz um esgar de dor quando fala.

— Cuidei das minhas feridas em casa de um conhecido na zona de Kattrumpetullen e teria enviado notícias se não tivesse dormido durante mais de um dia. Quando finalmente regressei a casa, encontrei o meu quarto cheio de rapazes polacos e todas as minhas posses largadas na escada, dentro de uma saca. À falta de outro lugar onde procurar refúgio e sem sítio para dormir, decidi vir aqui, o que explica a minha aparição tardia.

— E a liteira?

— Encontrei a liteira e os seus carregadores. Tive de os persuadir a responder às minhas perguntas. O maior dos dois foi relativamente tranquilo: lento de ideias e fácil de assustar quando se conhecem alguns truques. O irmão foi mais difícil de quebrar, demorei algum tempo com ele. Durante este jogo, tiveram a arte de me tirar o braço de madeira. Quando o consegui recuperar, usei-o como arma até só restarem farpas. Depois de resistir tanto quanto pôde, o gordo fugiu na direcção da alfândega, agarrado à perna que não lhe consegui partir. Duvido que o irmão o consiga reconhecer se algum dia voltarem a encontrar-se. O mesmo se pode dizer de mim. Lamento não ter conseguido evitá-lo. Mas consegui obter uma informação do tipo quando lhe pisei os dedos com a bota: são donos de metade da liteira, sendo que a outra parte pertence ao seu

empregador, a entidade para quem fazem a maior parte dos serviços. Pertence aos Röda Bodarna, em Norrström, no Klara Sjö.

— A casa de Keyserska.

— Exacto. A sua investigação conduziu-o a esta casa?

— Sim. Deixe-me descansar um pouco mais. Quando acordar, vamos comer. Esta noite vamos confrontar os assassinos do Karl Johan.

16.

Na zona dos Röda Bodarna, o barulho calou-se com o nascer do dia. Dos navios que entregam cereais no cais, resta apenas um, que ainda está a descarregar a mercadoria. Dois estivadores, ambos bêbedos, rolam um barril com esforço. Um deles canta uma canção vulgar para si e para o amigo:

— *Ah, se eu vestisse roupas de mulher e cantasse o* faderallan lallan la*, forraria o meu casaco a couro…*

A Norrström corre ali no seu caminho para o Saltsjön, passando pela construção abandonada da ponte. Na outra margem ergue-se a fachada da casa Riddar, com a torre da igreja a destacar-se na pequena ilha, à direita. Há luz em Strömsborg, com o seu estranho edifício em forma de cruz e a sua cúpula coberta de bandeirolas. A praça está vazia, os postos das lavadeiras desertos. Vozes abafadas e os passos dos trabalhadores a caminho de casa ouvem-se da ponte sobre o Klara Sjö. Winge fica imóvel, voltado para Stadsholmen.

— Apesar de tudo, é bonita.

Cardell assente, embora relutante.

— A cidade? Cheira mal e está repleta de moribundos que só querem encurtar as vidas miseráveis uns dos outros, mas, sim, à luz da noite é bonita, e mais bonita ainda com mais água a separá-la dos seus observadores.

Cardell cospe tabaco para a água e vira-se para o lado direito. Ao lado deles ergue-se a casa de Keyserska, com a sua longa fachada

voltada para a praça e o lado mais curto a dar para a água. Tem três pisos e a entrada ladeada por arcos. No frontão há um Sol poente em relevo. Há luz no primeiro andar. Alguém solta uma gargalhada. Cardell esfrega o coto desprotegido por causa do frio.

— E agora?

— A menos que tenhas trazido um aríete, fazemos a única coisa que podemos: batemos à porta.

O homem que a abre faz Cardell recuar de surpresa. A sua pele é negra e, sob a luz fraca e com a sua libré clara, parece por momentos não ter cabeça. Mais de uma vez, Cardell viu o assistente negro do rei Gustav, Badin, que era também o bastardo que criou, correr junto dos barcos na ponte Skeppsbron, mas nunca vira nada assim tão de perto. Winge toca na aba do chapéu em jeito de cumprimento.

— Boa noite. Vim visitar a senhora da casa.

O homem de pele negra responde com um sorriso rasgado, abrindo a porta de par em par e fazendo-os entrar com um gesto largo. Toca uma sineta de prata e guia-os até uma escada que sobe em semicírculo, antes de fechar a porta de carvalho atrás deles e de regressar para o seu lugar num banquinho, sob uma candeia acesa.

No primeiro andar, chegam a uma porta que já se encontra aberta. À porta está uma mulher jovem, que usa um vestido simples, suficientemente transparente para permitir vislumbrar os mamilos. Tem uma fita de seda no cabelo e parece não usar maquilhagem para além dos lábios pintados de vermelho e do sinal desenhado por cima do lábio. Faz uma vénia maquinal e sorri para Winge.

— Ah, entre, senhor. Deve ser um dos novos iniciados. Deixe-me despir-lhe o casaco e retirar-lhe dos ombros as preocupações do mundo! Chamo-me Naná, sua humilde criada.

As paredes do corredor estão decoradas com um papel num padrão de flores negras e roxas. O chão está coberto de tapetes turcos vermelhos. Do tecto pende um candelabro com uma dúzia de

velas. Na mesa ao longo da parede há castiçais acesos. Winge põe-lhe um ducado na mão. Os lábios da mulher formam um O silencioso ao sentir o peso do ouro.

— Chamo-me Winge. Estou aqui para falar com a dona da casa.

— Mas, claro, *monsieur*! É assim que recebemos todos os novos visitantes. Uma conversa confidencial para criar uma ligação agradável. A *madame* insiste nisso. Para melhor poder atender as suas necessidades, precisa de saber tudo acerca de si. Não tem de se preocupar com nada. Estamos aqui para o servir. Peço-lhe que aguarde apenas um pouco, senhor, antes de o levar ao salão.

Winge assente. A mulher quebra o silêncio ao fim de um momento, com um gesto para Cardell, que continua parado à porta.

— Quer castigar o seu criado, *Monsieur* Winge? Muitos dos nossos clientes têm essa inclinação, e é algo que podemos providenciar. Diga à *madame* o que deseja, e será feito!

— É possível bater na mercadoria?

— O seu desejo é uma ordem para nós, senhor. Claro que demasiado entusiasmo pode afectar o valor da mercadoria para os clientes futuros, mas, supondo que está disposto a pagar o prejuízo, não há qualquer problema.

— Entendo.

De outro ponto, naquele piso, ouve-se um relógio tocar.

— Agora, se *monsieur* quiser ter a bondade de me acompanhar. Quer mandar o seu criado esperar aqui?

— Prefiro tê-lo comigo, caso o meu desejo de o castigar se torne demasiado forte.

Seguem a mulher pela casa de Keyserska. Do lado de fora da janela, a imagem da cidade ainda visível é simplesmente magnífica. O salão para onde são levados está vazio. Há um sofá de frente para uma poltrona. Winge senta-se, a convite da mulher. Esta serve vinho num copo de vidro esfumado e estende-lho com um sorriso.

— *Madame* Sachs virá dentro de momentos, *monsieur*. Espero

que não considere um abuso se lhe disser que desejo que voltemos a encontrar-nos em breve.

Deixa o salão. Winge pousa o copo e dá alguns passos rápidos pela divisão, até uma abertura curva coberta por uma tapeçaria na outra ponta. Levanta uma ponta da tapeçaria, revelando um padrão de silhuetas envolvidas em actos sexuais.

— Jean Michael, penso que estamos prestes a ouvir coisas muito piores do que as que já nos foram ditas. É da maior importância que se contenha, para bem do Karl Johan. Esta *Madame* Sachs é a nossa única oportunidade de obter informações. Entende?

Cardell abre a boca, mas volta a fechá-la sem dizer uma única palavra. Assente, em silêncio, e assume o seu lugar junto à parede. Enfia a mão boa no bolso do casaco e amarra a manga esquerda num nó junto ao coto.

É difícil determinar a idade da mulher que, ao fim de alguns minutos, afasta a tapeçaria. Ou é jovem ou mantém uma ilusão de juventude, apesar de já ter uma vida longa. O vestido que usa é esplêndido, um modelo pouco exagerado, com bordados dourados a debruarem uma barra vermelha. Tem o rosto maquilhado com um pó branco que mascara as borbulhas e rugas, mas as olheiras permanecem visíveis por baixo dos olhos. Os lábios formam um sorriso, sem emoção, rodeado por rugas profundas. O pescoço revela uma cicatriz que parece causada por um estrangulamento. A expressão afável desaparece subitamente.

— Os senhores não são os convidados que eu esperava. A Naná deve ter estado a beber. Não tenho nada a discutir convosco nem nada para vos oferecer. O melhor que têm a fazer é desaparecer daqui.

Winge levanta uma mão em protesto.

— Está enganada, *madame*. O meu nome é Cecil Winge. Vim de Indebetouska. Segundo entendi, a senhora mantém este estabelecimento de forma tão aberta graças ao contributo de

clientes poderosos, obviamente com ligações à polícia. Os sistemas que se baseiam em segredos têm uma inércia intrínseca, e muita gente que não tem consciência do seu acordo pode arruinar-lhe facilmente o negócio antes que os seus mecenas tenham a oportunidade de evitar a catástrofe. Posso ter aqui vinte polícias dentro de meia hora.

O rosto dela não denuncia o que sente, mas a voz transformou-se num sussurro.

— Sabe com quem está a meter-se?

— A Ordem das Euménides é proprietária desta casa.

— Então, se sabe, é óbvio que está a fazer *bluff*. Mesmo que o que diz seja verdade, eles nunca deixariam um acto como esse escapar impune, e o preço a pagar seria elevado.

— Estou a morrer de tísica. O actual chefe da polícia está prestes a ser despedido. Nenhum de nós tem nada a perder. Não me tente.

Sachs solta um risinho ruidoso.

— O senhor é jovem e crédulo. Toda a gente tem algo a perder. Mas a sua pequena ameaça só pode significar que quer algo em troca do seu silêncio. Talvez vos veja pelas costas mais facilmente se der em vez de tirar. Vamos, diga. O que pretende? Quer deitar a mão ao meu cofre? Acesso livre à minha mercadoria para reviverem as memórias do brilho extinto das vossas mulheres?

— Um homem mutilado foi levado daqui numa liteira e lançado ao Fatburen, embrulhado num tecido igual ao que está pendurado atrás de si. Conte-me tudo o que sabe acerca dele e do destino que conheceu.

O seu olhar passa de Winge para Cardell e foca-se no coto do braço do homem.

— Sim. Agora entendo. Perdi recentemente uma liteira e respectivos carregadores. O maior dos dois regressou anteontem, envergonhado e a chorar. Não consegue dormir à noite, atormentado por pesadelos horríveis. Nunca aprendeu a falar, mas, quando lhe demos um pedaço de giz e uma ardósia, desenhou um

demónio com um só braço. Agora vejo que a realidade é muito menos assustadora do que a história, mas o homem é um imbecil.

Sachs volta-se novamente para Winge. Cardell já viu aquele olhar nos cães que são espicaçados para lutar. Antes de atacarem, avaliam a força do adversário e as suas possibilidades. Nos seus olhos, os apostadores bem-sucedidos vêem em quem devem investir o seu dinheiro. Cardell também já apostou e julga-se tão hábil nessa adivinhação como qualquer outro. Estuda o rosto da mulher. Um gigante feroz. E Winge? Não parece grande coisa, mas os seus olhos dizem o contrário. Não há ali medo. Cardell sabe quem vai ganhar antes de Sachs o perceber. Ela solta uma gargalhada amarga e agita os braços. Quando sorri, os dentes estão pretos da podridão.

— Olhem para vós! Um fracote escanzelado e um aleijado maltrapilho! E atrevem-se a julgar-me. O que é que gente da vossa laia sabe da vida dos meus nobres senhores? Gente que cresceu sob o fardo das fortunas de gerações, à espera de herdar bens, quintas, domínios e títulos? Estes homens foram criados para governar. A responsabilidade é pesada. Precisam de redenção de uma forma que vocês não podem entender. Ainda mal jogaram a primeira ronda da noite e já estão a pedir à criada que lhes pegue no membro, que o esfregue entre os seios e que depois feche os lábios em volta dele. Aos doze anos, já rodaram a casa toda, aos dezoito sodomizaram todos os criados. Experimentaram todo o repertório da cidade sem encontrarem satisfação e, nessa altura, procuram-me. Mijaram em bocas abertas por diversão, espancaram, torturaram, humilharam e destruíram. Eu posso oferecer-lhes coisas melhores. Damos-lhes tudo o que desejam. Em *soirées* especiais, ofereço-lhes o inesperado, uma vez que muitos apreciam coisas que nunca haviam imaginado. Tenho uma selecção de criados diferentes, alguns repugnantes para acentuar a beleza de outros, uns para aumentarem o prazer dos meus clientes com a sua maldade, a sua humilhação, a sua dor ou a sua infelicidade. Tenho

corcundas, anões, pessoas com lábio leporino, hidrocéfalos, desfigurados e deformados. Os que exigem pagamento recebem-no, tal como as nossas meretrizes. Outros servem-nos de graça. A criatura no saco era um deles. Em tempos, foi a minha *pièce de résistance*! Não entendem? Melhor do que qualquer outra coisa, era capaz de associar as alegrias da vida, lembrar a cada um dos seus observadores da felicidade absoluta inerente às suas vidas. Alguns contentavam-se em tê-lo por perto enquanto se divertiam. Outros escolhiam usá-lo, desfrutar do que ele podia oferecer, indefeso como era. Não servia sempre voluntariamente, mas não tinha dentes. Riam-se quando o seguravam pelo nariz e o obrigavam a mastigar-lhes os membros tesos e a engolir tudo. Os meus clientes são homens que governam o mundo. O que é o sacrifício de um meio-homem comparado com o seu bem-estar?

Winge sente a tempestade formar-se dentro de Cardell como um magnetismo que alastra pela sala. Pousa o braço sobre os ombros do guarda antes de este dar o primeiro passo e faz sinal a Sachs para que continue.

— Apesar de toda a sua abominação, ainda retinha parte da sua beleza. O cabelo era bonito, era jovem. O contraste tornava-o popular. Fez-me rica, sem ter tido de pagar um tostão por ele. Porque não haveria de ser a primeira a queixar-me da sua morte?

— Devo entender que os membros da Ordem das Euménides não são apenas seus senhorios, mas também seus clientes?

— Sim. E, antes de os condenarem, saibam que dão a sua riqueza a todas as pessoas desfavorecidas da sociedade. Quem são os senhores para os censurarem pelo que acontece entre estas paredes, quando metade das instituições de caridade de Estocolmo fecha as portas sem dar o menor contributo?

— Como chegou o homem mutilado até si?

— Certa noite alguém bateu à minha porta. Era um homem que se recusava a revelar o seu nome, mas que me trazia um presente: a criatura. Não deu qualquer justificação. Disse que era do seu

interesse passar os seus últimos dias aos meus cuidados. Pagou-me pela estadia e deu-me instruções sobre como lidar com ele. Não comia sozinho, portanto, tínhamos de lhe abrir a boca e deitar lá para dentro uma papa líquida uma vez por dia. Quando os seus serviços não estivessem a ser requisitados, devíamos mantê-lo num armário.

— Era cego e surdo?

— Não tinha olhos, braços, pernas, língua ou dentes. Quanto aos ouvidos, não sei.

— E o estado mental?

— Quem poderia sobreviver a uma coisa daquelas e manter a sanidade mental? Presumi que era imbecil, e houve uma coisa que me convenceu disso. Mencionei que ele se recusava a comer. Havia uma excepção: comia as próprias fezes sempre que defecava e conseguia fazê-lo sempre que não estávamos a controlá-lo. Quem faria uma coisa dessas se não tivesse perdido o juízo?

— E depois? Morreu. *Madame* desfez-se dele.

— Foi como diz. Embora o alimentássemos, foi ficando mais emaciado de dia para dia. Certa manhã, parou de respirar. Não estava na nossa casa há mais de quatro semanas.

— Porquê o Fatburen? A Norrström passa mesmo em frente à vossa casa.

— O meu estabelecimento já teve necessidade de se livrar de vestígios noutras ocasiões e teve más experiências quando fez como o senhor sugere. O que é deitado à água aqui tende a dar à costa na maré-alta, e em Träsket os pobres pescam coisas que não querem saber se engordaram a comer a própria merda. Só um idiota se poria a vasculhar no Fatburen.

Cardell atravessa o salão antes de Winge ter tempo de reagir. A sua mão boa aterra no pescoço fino da mulher. Os seus dedos quase se unem atrás do pescoço.

— E que tal é a sua capacidade de nadar, *madame*? Talvez devêssemos ver se dá à costa em Skeppsholmen ou se segue

viagem pelo Saltsjön? Já vi afogamentos suficientes. Ouvi-os gritar enquanto se debatiam para engolir a sua última golfada de ar. Muitos dos que nunca manifestaram culpa confessam os seus pecados nesses momentos. Pergunto-me como soaria a senhora.

— Não tenho medo de gente como vós. Se me contasse entre os vivos, estaria noutro lugar, feliz e livre, e não a coleccionar lixo nos arredores deste lugar nojento a que chamam cidade.

Sachs cospe-lhe no rosto. Surpreendido, solta-a, e, quando limpa o cuspo dos olhos, Winge posiciona-se entre eles. É a ele que a mulher se dirige quando volta a levantar a voz, rouca do estrangulamento.

— Ponha-se daqui para fora e leve o maneta consigo! Vejo que o túmulo já o aguarda com impaciência. Pode dar graças por o seu contacto com As Euménides terminar aqui, porque não têm nada a ganhar em enfrentarem-nos na sua superioridade. Quanto à pessoa que me entregou a criatura no saco, agora sabem tanto como eu. Nunca a tinha visto e não voltei a vê-la. Cumpri a minha parte. Agora cumpram a vossa!

Lá fora, escureceu entre os Röda Bodarna. Não se vêem estrelas no céu. Mais abaixo, em Kungsträdgården, algo é celebrado com luzes: todas as janelas do Arsenal estão iluminadas. É Cardell quem fala primeiro.

— Quando tudo isto terminar, volto cá e mato aquela mulher.

Winge responde com um tom ausente, como se não quisesse deixar-se distrair pela voz de Cardell.

— Ouviu o que ela disse tão bem como eu, Jean Michael. Se voltar a encontrá-la aqui, será porque ela decidiu aceitar a morte. Estará a fazer-lhe um favor.

Winge tropeça na calçada, senta-se e pousa o rosto nas mãos. Demora algum tempo a falar novamente.

— Receio que tenhamos chegado a um beco sem saída. Preciso de tempo para pensar, e é exactamente aquilo que menos tenho. Há

algo que me escapa, que se agita nos limites da minha compreensão, como um pesadelo passado. Não consigo vê-lo com clareza, por mais que tente.

Cardell demora algum tempo a responder. Uma mão invisível torceu-lhe o pescoço e corta-lhe a respiração. O coração enche-se de terror, sente-se tomado por um medo que não consegue explicar ou contrariar. Na escuridão, o braço esquerdo ganha forma e lança ondas de dor latejante pelo ombro acima. Tem de fazer um grande esforço para manter a voz firme.

— Tem de haver alguém que saiba mais, alguém cuja existência ainda desconhecemos.

Cardell virou-se para esconder a deformidade. A atenção de Winge desvia-se quando mergulha nos seus pensamentos.

— Sim. Sem essa pessoa, a nossa missão parece condenada a falhar.

— Está disposto a desistir? É isso que está a dizer?

Winge tira o relógio do bolso do casaco. Mal consegue ver o mostrador sob aquela luz fraca e, com o olhar fixo naquele círculo, conta os segundos ao mesmo tempo que encosta dois dedos à carótida, sob o maxilar. Ao fim de um minuto, contou cento e oitenta batimentos. Volta-se então para Cardell, para finalmente responder.

— Não. Mas o tempo começa a escassear.

SEGUNDA PARTE

Sangue e vinho

Verão de 1793

Na vida, motivos muitos tereis para beber,
Se para bem os ponderar tempo houver.
Felicidades ou tristezas sempre o destino envia,
Para todas enfrentar, um só remédio, a cada dia:
Vinho, os ditosos mais felizes torna ainda;
Alívio de provações e mágoas sobrevindas.

Os tempos serão o que deles fizerdes,
Inquietações o ébrio não irão perturbar.
Sede alegre com amigos, se os tiverdes.
«Adeus!», dizei-lhes, se a festa acabar.
O vinho é o conforto que a Providência deu,
Do berço ao casamento, da velhice ao céu.

— Anna Maria Lenngren, 1793

1.

Querida irmã!

É a minha intenção escrever-te sempre que tenho oportunidade, mas, como ainda não sei para onde enviar os meus escritos, terás de me desculpar pelos longos textos que redijo enquanto espero pela oportunidade de os entregar a um portador.

Ainda assim, é com prazer que pego na pena e te escrevo sobre o dia de hoje, que começou com bons auspícios. Acordei de madrugada, saí imediatamente da cama, tirei o penico de porcelana do seu lugar, subi a camisa de noite até à cintura e agachei-me na posição habitual. O esvaziar das tripas foi um prazer como tenho tido poucos, uma vez que todos os factores se conjugaram para produzir os melhores resultados. Apesar de a minha alimentação não ser a melhor ultimamente, a consistência era impecável: suficientemente firme para oferecer alguma resistência, deixando para trás uma sensação de realização, mas ainda assim bastante suave para não causar o menor desconforto. No mesmo segundo em que soltei a tripa, fui recebido com a fanfarra do galo do vizinho e senti que era merecido. Quando lavei o rosto e me vesti, estava de excelente humor.

Este estado de espírito estava prestes a ser posto à prova. Pouco depois de terminar a minha rotina matinal, ouvi as pancadas na porta que temia, seguidas de gritos roucos. — «Kristofer Blix! Abre para podermos falar contigo! Blix, seu canalha!» Escolhi não obedecer, por ter a certeza de que viera do criado ao serviço do

homem que me havia emprestado uma quantia razoável. Por isso, não perdi tempo e enfiei as minhas posses num saco de viagem, pu-lo ao ombro e saí para a cozinha, pela porta ao lado. Junto ao fogão, encontrei a rapariga, Elsa Johanna, que me fitou e me lançou um olhar zangado quando roubei um pão e saí pela janela que dava para o quintal. Seis varas abaixo, estava o monte de estrume onde a dona da casa, a viúva cuja alma caridosa me havia permitido viver a crédito, juntava os dejectos dos cavalos. Baixei-me até estar suspenso apenas pelos braços, fechei os olhos, disse uma prece silenciosa e soltei-me do peitoril da janela.

Imagina o meu alívio quando aterrei incólume no estrume. De lá de cima, ouvi a voz da Elsa Johanna despedir-se de mim. «O melhor que fazes, Blix, é não voltares a aparecer por aqui, porque a viúva Beck esperava certamente ter a cama aquecida muitas noites ainda antes de considerar a dívida saldada, e, quando ela for fazer as contas, o teu cabelo bonito não te vai valer de muito!» Sacudi alegremente as minha madeixas douradas, que por esta altura já me davam pelos ombros, acenei-lhe uma despedida enquanto sacudia a porcaria das calças e saí pelo lado oposto do quintal. Fiquei feliz por a rapariga me ter lembrado disso, pois, se não fosse ela, ter-me-ia esquecido: pus o chapéu na cabeça e tive o cuidado de esconder todo o cabelo debaixo dele. Como sabes, o meu cabelo louro sempre foi uma fonte de orgulho para mim, mas nem sempre joga a meu favor, pois torna-me reconhecível ao longe.

Ah, Estocolmo, querida irmã! Quem me dera que pudesses ver a cidade como a vejo! Tão diferente da Karlskrona da nossa juventude. Aqui, as casas são de pedra esculpida, e toda a cidade brilha como ouro, especialmente sob a luz matinal, em dias como este. Todos os edifícios são diferentes, mas a cor é a mesma. Um homem educado contou-me que foi o grande arquitecto da cidade, Carlberg, que deu essa indicação, e o seu sucessor, König, seguiu-a à risca. Imagina, irmã: um único homem, escolhido pela sua integridade, que venera a cidade como um jardim, pela sua beleza.

Já pensaste quanto a nossa cidade delapidada, com as suas casas de madeira, poderia beneficiar de cuidados semelhantes?

O meu trajecto do cimo da colina de Södermalm em direcção a Slussen ofereceu-me uma vista maravilhosa de Stadsholmen, e mais uma vez fiquei de excelente humor. Quem poderia queixar-se de passar os dias numa cidade assim? Na ilha, as torres da igreja reluzem: Nikolai, Franciskus, Gertrud. As ondas brilham e reflectem a luz! As fachadas de Skeppsbron erguem-se na direcção das ondas do Saltsjön, onde os navios estão ancorados, e do outro lado da ilha fica o palácio do rei, um edifício tão grande que é quase impossível de descrever por palavras.

Pouco antes do meio-dia, atravessei Slussen pela ponte vermelha, virei à esquerda ao longo da praça Kornhamnstorg com os dedos a tapar o nariz por causa do Flugmötet — um monte de fezes alto como uma montanha, irmã, ali reunido à espera do transporte para os campos e para as refinarias de salitre —, passei por várias pessoas finas e pedintes, cada um deles com algum pormenor fascinante, fosse um relógio de ouro à cintura, uma peruca de cabelo verdadeiro, um pé deformado ou mãos tão desfiguradas que o melhor que temos a fazer é ignorá-las, algo de que não sou capaz. Pouco depois, dei comigo na praça de Riddarhustorget. Ainda mal tinha tido tempo de olhar em volta quando uma voz me chegou aos ouvidos. «Ora vejam, é o Blix, na rua, à luz do dia! E mais uma vez à procura de alojamento, a avaliar pelo saco que carrega!» Virei-me, ainda atento à presença de credores e dos seus castigos, mas foi com alegria que vi que era o meu amigo Rickard Sylvan, que ia a caminhar pela calçada, vestido com um casaco novo com gola bordada, uma peruca de lã e calças compridas. «Oh, mestre Sylvan, de quem sou um humilde criado!», respondi, «Não terá por acaso informação sobre uma propriedade que alugue quartos a um preço razoável ou mesmo um sótão, de preferência propriedade de um cavalheiro generoso disposto a emprestar uns Riksdaler a um jovem em início de vida?» Rimo-nos

e abraçámo-nos. «Infelizmente, Kristofer, eu próprio tenho dificuldade em encontrar um colchão para mim, especialmente um que não se ponha a andar a meio da noite, levado pelas pernas de milhares de piolhos, e me faça acordar num lugar completamente diferente daquele onde adormeci. Mas nem tudo está perdido, irmão: tenho algumas moedas no bolso. São o suficiente para uma refeição e uma bebida para empurrar a comida para baixo.»

«Graças a Deus», disse, «quando acordei soube logo que seria um dia feliz!» Demos o braço e dirigimo-nos para a cidade para comer alguma coisa.

Em Freden, o dono da taberna olhou-nos de lado assim que eu e o Sylvan entrámos. O Sylvan teve de negociar com ele antes de podermos sentar-nos. As moedas que tinha no bolso foram examinadas, e o homem confiscou-lhe toda a bolsa como pagamento por muitas canecas bebidas a crédito no passado, mas aceitou aquele pagamento como prestação, desde que nos comprometêssemos a pagar o resto mais tarde. Sentámo-nos à mesa, enchemo-nos de arenque acabado de assar e bebemos tudo o que nos apeteceu.

Depois de algumas canecas, partilhei com o Sylvan as preocupações que me atormentavam: devia ao Jonas Silfver mais do que podia pagar. Se fosse apanhado pelos seus cobradores, iria parar à prisão, onde a minha beleza e juventude ficariam arruinadas. Fiquei espantado quando o Sylvan soltou uma gargalhada: «Kristofer Blix, não sabes nada sobre a anatomia da dívida?» O Sylvan pôs-me um braço sobre os ombros. «Ouve, Kristofer, vou ensinar-te umas coisas sobre a vida numa cidade grande, cuja ignorância tenho de te perdoar ao ver que chegaste há pouco tempo.» Os meus olhos arregalaram-se à medida que ele falava.

O que Rickard Sylvan me explicou foi um método infalível para me manter vivo e gozar a vida ao mesmo tempo. Como bem sabes, é apenas uma questão de tempo até uma pessoa pobre e

endividada ser levada ao tribunal pelos credores, altura em que lhe tiram tudo o que possui como pagamento das dívidas. Se os bens não cobrirem o valor da dívida, a pessoa é atirada para a prisão, onde fica até os que lhe são chegados conseguirem angariar dinheiro suficiente para a sua libertação. «O truque», sussurrou Sylvan, «é nunca pedir muito ao mesmo benfeitor! Digamos que recebeste dois Riksdaler do Jonas Silfver. Naturalmente não podes pagar, uma vez que os gastaste nas necessidades da vida, como raparigas, vinho e música. Nessa altura, procuras outro conhecido, pedes-lhe quatro Riksdaler e marcas um encontro com o Silfver para lhe pagares uma prestação. Podes pagar-lhe um Riksdale e prometes pagar o restante em breve. E agora, Blix, quanto dinheiro tens para te divertires?» «Três Riksdaler!», exclamei. «Exacto, Kristofer, e depois repetes o procedimento. Desde que te rodeies de pessoas generosas, tudo correrá bem, uma vez que usas sempre parte dos novos empréstimos para pagar os empréstimos antigos.» Sylvan pestanejou e deu-me um beijo brincalhão no rosto. «É assim a vida na cidade grande, irmão Blix! Um brinde aos novos amigos que vamos conhecer esta noite e cuja generosidade te vai libertar dos cobradores do Silfver!» «Um brinde ao mestre Sylvan!», gritei eu mais alto do que planeava, fazendo o dono da taberna franzir a testa, e esvaziei a minha caneca.

Devemos ter ficado muito tempo em Freden, mas não consigo lembrar-me ao certo de quanto. A noite já tinha caído quando saímos aos tropeções para a rua, apoiados um no outro para manter o equilíbrio. A praça e as longas ruas estavam mergulhadas nas sombras, mas o céu nocturno ainda ostentava tons de vermelho sobre os telhados e iluminou-nos o caminho. Encontrámos um grupo de pessoas como nós junto ao poço e seguimo-las, já que estavam a ir para um baile em Slottsbacken. Demorámos um pouco mais do que esperava a negociar a nossa entrada, e usei esse tempo para me libertar de um pouco do que tinha bebido. «*Sic transit gloria*

mundi!», gritou o Sylvan alegremente enquanto eu limpava o vómito da boca. Lá dentro, deparei-me com um salão maravilhoso, querida irmã, com tectos tão altos como os da igreja da nossa terra, com galerias que subiam até meio das paredes, onde os convidados bebiam vinhos finos de copos de cristal e brindavam connosco. Se rastejássemos com falinhas mansas, podíamos convencê-los a verter os copos para cima de nós enquanto tentávamos apanhar o líquido com a boca. A peruca do Sylvan sofreu com a falta de habilidade do dono para a proteger da queda do líquido, e a lã molhada colou-se-lhe ao nariz. Mas que importância tinha isso no meio de tão grande celebração! Todos se divertiram com as nossas macacadas. Nesta altura, o salão começou a girar, mesmo quando eu estava parado, e desisti da minha tentativa de dançar o minuete quando quase derrubei uma mesa.

Sentei-me por um momento e devo ter adormecido encostado à parede, porque ao fim de algum tempo dei comigo a ser abanado por um tipo de libré e a ser levado para a porta. Já eram quase dez horas, por isso tinham de terminar o baile para não provocarem a intervenção da polícia. Lá fora, na praça, as pessoas estavam de pé a conversar, apesar de as candeias nas esquinas mal conseguirem iluminar o espaço imediatamente abaixo delas. Não sabia para onde o Sylvan e os outros tinham ido. À falta de melhor, sentei-me a conversar com um cavalheiro nas escadas em frente ao Börsen. Ele só queria falar da música que tinham tocado no baile. Não querendo parecer um campónio, tentei mostrar-me crítico, já que me parecia a forma mais fácil de dar uma aparência conhecedora. Para minha alegria, as minhas críticas revelaram-se interessantes para ele. Comentei que os músicos pareciam ter tido muita dificuldade em seguir as notas e que a actuação deixara um pouco a desejar. Quando o homem pareceu muito interessado no papel da trompa na orquestra, não hesitei em criticá-la, dizendo que era um instrumento que se deixa abafar, mesmo quando é tocado por um virtuoso. Por esta altura, os meus olhos já se tinham começado a habituar à

escuridão, e notei que o homem estava confortavelmente sentado numa espécie de caixa. Olhei em volta, mas não vi outros assentos semelhantes e, enquanto falávamos, ocorreu-me que a caixa tinha contornos semelhantes aos de uma trompa. Ainda mal tinha tido tempo de contemplar esta estranha coincidência quando levei um murro em cheio na boca. «Vagabundo maldito!», rugiu o homem, que se havia levantado entretanto e parecia um gigante à minha frente. «Quero ouvir-te cantar, para ver se és muito melhor a manter o tom!» Desatei a correr, e o que lhe faltava em musicalidade sobrava-lhe em resistência, pois, mesmo quando já ia ao fundo da rua Nygatan, ainda conseguia ouvir os passos dele a perseguirem-me, ocasionalmente acompanhados de gritos carregados de ódio.

Por ter dormido uma sesta no salão de baile, não sentia necessidade de descansar naquela noite e em vez disso dei um passeio, atravessando Slussen em direcção à igreja de Katarina para esperar o nascer do Sol. Comi o pão que ainda tinha e encostei-me a uma lápide na relva aromática para te escrever esta carta com uma tinta feita por mim, com carvão e um pouco de água. Agora o Sol está a nascer e não desilude — as torres já começam a aparecer, as cruzes e os galos no cimo delas brilham, e, mais uma vez, Estocolmo veste o seu fato dourado. Mal de quem se queixa só por ter um lábio aberto!

2.

Querida irmã, passaram-se alguns dias desde que pude escrever-te. Uma vez que já não me atrevo a mostrar a cara em Beckskan, tenho passado as noites ao relento, onde me parece melhor, e por isso tenho desfrutado do tempo maravilhoso do início do Verão. Frequentemente, também consigo dormir umas horas nas tabernas, mas, se o taberneiro se mostrar demasiado atento, há sempre outros lugares para os que não exigem muito. Um breve passeio, e encontro logo um celeiro, um campo ou uma cama de ervas. Que mais se pode desejar, para além de descansar no ventre da mãe natureza, com as folhas a fazerem de almofada e uma manta de estrelas a cobrir-nos? De manhã, os sinos das igrejas acordam a cidade. Mais uma vez atravesso as pontes para encontrar algo para comer e beber um pouco de um poço. É de um dos muitos estabelecimentos da cidade que te escrevo, fortalecido por um café matinal e por um pedaço de pão, enquanto molho a pena nas borras.

Eu e o meu amigo Rickard Sylvan juntámo-nos à companhia de uns jovens cavalheiros cujos pais fazem comércio ao longo da ponte Skeppsbron. Os cavalheiros têm dinheiro de sobra, e, quando eu e o Sylvan os divertimos, frequentemente apelamos à sua generosidade. Eu e o Sylvan competimos para ver quem é capaz de aguentar mais do que nos é oferecido. O que conseguir manter-se apoiado numa perna durante um minuto inteiro é considerado o vencedor e recebe o título de majestade da noite, sendo coroado

com uma terrina de sopa. Eles riem até às lágrimas, irmã! A alegria deles parece não ter fim, e o mesmo posso dizer da bebida. Oferecem-nos cervejas de todos os tipos, araque e aguardente em abundância, mas é o vinho que mais me agrada, querida irmã, um líquido rubro, como raios de Sol servidos em copos e garrafas. Há mais tabernas do que é possível contar, uma em cada porta, e a luz do interior escoa para a rua, transformando a noite em dia. Passamos de uma para a seguinte, com os braços sobre os ombros uns dos outros, até que, um a um, todos caem e vão para casa. O Rickard Sylvan, citadino nato, não partilha a minha paixão pelo ar livre e dorme aconchegado em frente à lareira, em casa de um primo, algures para lá da ponte Nybron.

Quando estávamos a saciar a nossa sede numa cave em Stora Nygatan, rebentou uma briga violenta. Uma caneca atirada passou-me a milímetros da cabeça e estilhaçou-se contra a parede atrás de mim. Um bando de marinheiros estrangeiros levantou-se. Começaram a gritar uns com os outros num linguajar estranho, e, antes que dessemos por isso, a briga havia rebentado em pleno. Refugiei-me debaixo da mesa. Quando um dos homens caiu no chão, os outros decidiram fugir. Do meu esconderijo vi que o homem caído estava muito ferido. Por um lado, devido aos golpes que recebera e, por outro, porque tinha tido o azar de cair e pousar a mão em cima dos cacos de uma garrafa, o que o fazia jorrar sangue do pulso. Quando o perigo parecia ter terminado, aproximei-me do homem e comecei a examinar-lhe os ferimentos.

O ferimento no pulso parecia ser o mais grave e era de um tipo que me habituara a ver nos meus anos em Karlskrona. Apliquei os ensinamentos recebidos e fiz pressão na ferida, que depois cobri com um pedaço de tecido que arranquei da manga do marinheiro. Depois cobri o braço todo e amarrei-o, fazendo estancar o sangramento. O marinheiro mal deu conta de mim enquanto o fazia, sentado no chão e a balançar o corpo para trás e para a frente como

estava. Murmurava na sua língua. «Os amigos dele chamaram-lhe puta à mulher e recusaram-se a retractar-se», explicou-me um homem de nariz vermelho que assistira a tudo, divertido, «e ela agora ainda vai ter menos vontade de andar a cometer traições quando vir o marido aparecer em casa com a cara neste estado!» O homem riu-se da própria piada. «Taberneiro! Traz uma bebida para consolar este desgraçado e uma dose quádrupla para o cirurgião! Ele está vivo!» E, assim, recebi os cumprimentos do taberneiro. Deram-me de beber, e toda a gente queria pagar-me copos como recompensa. O ferido ficou sentado até um carpinteiro seu amigo o ajudar a levantar-se, altura em que, com uma expressão vazia e sem dizer uma só palavra, saiu a cambalear para a noite, lá fora. Este episódio lembrou-me do que me trouxe a Estocolmo, mas tenho de admitir que, depois de me oferecerem tantas bebidas, a minha mente vagueou para outros lugares.

Fortalecido pela minha popularidade, decidi pôr em prática a fórmula do Sylvan. Partilhei um cachimbo com um dos cavalheiros que encontrámos e pedi-lhe um empréstimo de vinte xelins para arranjar um alojamento melhor. A reacção dele não foi a que eu esperava. Empalideceu um pouco e pareceu envergonhado. Sem dar justificações, pediu licença e levantou-se da mesa. Fiquei confuso, pois a quantia não era avultada, tendo em conta a liberalidade com que ele gastava o seu próprio dinheiro. Estava zonzo de tanta bebida e não voltei a pensar no assunto. O burburinho em volta das mesas foi diminuindo com o avançar da noite, e, quando já não via nenhum dos meus amigos, decidi que estava na hora de ir dormir.

Na rua, encontrei o Rickard Sylvan à minha espera. Ainda mal tinha conseguido pôr-lhe um braço por cima do ombro quando ele me agarrou pelos colarinhos e me atirou contra a parede, fazendo-me bater com a nuca. «Blix, seu imbecil! É verdade que pediste um empréstimo de vinte xelins ao Wallin para não dormires ao relento?» Eu não podia negá-lo. O Sylvan largou-me, fazendo-me cair no chão

com estrondo. Ele encostou-se à parede e tapou a cara com as mãos. Eu fiquei sem fala até que ele se virou novamente para mim e viu a minha expressão confusa. Resignado, fingiu que me ia bater e pôs-me um braço em volta do pescoço. «Kristofer», disse, «se pedires uma quantia tão pequena, o Wallin vai perceber que estás a enganá-lo. Expliquei que nós os dois recebemos muito poucos recursos das nossas famílias, cujas propriedades um dia vamos herdar. E depois tu deixaste claro que não passamos de dois charlatães que não têm um tostão.» «Mas o que devia ter feito? Estamos realmente falidos!» O Sylvan suspirou e revirou os olhos. «O que devias ter feito, Kristofer, era inventar um motivo para precisares de um empréstimo maior — dizer que precisas de uma peruca nova ou de comprar um colar de pérolas para oferecer à tua mãe —, referindo que já tinhas gastado o teu dinheiro noutros luxos, e dizê-lo como se fosse a coisa mais natural do mundo. De homens como este é mais fácil obter um empréstimo de três ou cinco Riksdaler do que mendigar alguns xelins.» «Mas e as nossas roupas? Estamos vestidos como mendigos! Quem haveria de acreditar que somos filhos de gente fina?» «Tens de os fazer acreditar na tua mentira. São precisos dois para uma mentira ser bem-sucedida. Um para contar a mentira, outro para acreditar nela!» Fiquei sem resposta, e o Sylvan não conseguiu conter uma gargalhada. «Podes ser estúpido como uma porta, Kristofer Blix, mas ao menos és um estúpido honesto. E talvez essa tua honestidade possa vir a ser-nos útil. A partir de agora, falas comigo antes de pedires empréstimos aos nossos novos amigos.» O Sylvan, que agora parecia ter recuperado o bom humor, levou a mão ao colete e tirou um porta-moedas. «Enquanto tu nos denunciavas ao Wallin, ao menos eu consegui sacar uma boa maquia ao Montell, a quem disse que precisava de comprar uma bengala com punho de prata, compra que era urgente por ter visto um tenente-coronel a olhar para a mesma bengala que eu e porque o meu pai, de cujos recursos dependo, estava a visitar os Geer em Finspång.» «Mas eu

pensava que o teu pai…» Interrompi o que ia a dizer quando, no meio da minha bebedeira, vi o Sylvan a abanar a cabeça. «Kristofer Blix, às vezes prevejo um futuro negro para ti.» Lançou-me um olhar de censura e depois pegou-me no braço. «Já está a amanhecer. Vamos lavar-nos a um poço e depois vamos a um café tomar o pequeno-almoço.»

3.

Querida irmã! Hoje de manhã cedo fui surpreendido pela mudança do tempo, que trouxe consigo um frio que eu não sentia desde Abril. Acordei com a água da chuva, que tinha formado um ribeiro que corria para o meu abrigo e me lambia as faces. As minhas roupas já estavam encharcadas, e eu estava tão gelado que todo o meu corpo tremia. Para me aquecer, levantei-me de um salto e marchei no mesmo lugar, agitando os braços. Algumas migalhas de pão e um pedaço de queijo duro serviram-me de pequeno-almoço. Esperei pelo nascer-do-Sol, para apenas descobrir que este não conseguia espalhar luz nem calor por trás de nuvens pesadas. Felizmente, a chuva tinha parado, e não vi motivo para esperar mais, portanto, dirigi-me para a cidade. O tempo sempre afectou o meu estado de espírito, como certamente te recordas. Em retrospectiva, decidira fazer o que já adiara demasiado tempo.

Uma caminhada rápida levou-me através dos prados e em direcção a Ladugårdslandet, com as suas casas com paredes frágeis, cujas fendas entre as tábuas às vezes eram tão grandes que nos permitiam passar uma mão e tocar nas pessoas que dormiam do outro lado. As ruas ainda estavam desertas, mas, junto à Artilharia, já havia actividade e agitação. Os soldados saltavam ou marchavam sob o comando dos seus superiores.

De Packartorget vi as lavadeiras no cais junto ao Katthavet, a esfregarem roupas sujas e a baterem-lhes para as secarem ao máximo naquele ar húmido. Aquela visão levou-me a pensar na

minha própria aparência, coberto de fuligem e pó como estava. No Serafen, para onde me dirigia, uma aparência mais cuidada ser-me-ia útil, por isso corri para o cais para tentar persuadir uma das lavadeiras a tratar também da minha camisa. A maioria estava demasiado ocupada para sequer reparar em mim, e as que notaram sorriram e recusaram o meu pedido. Na praia havia uma rapariga a cuidar de um bando de crianças, a mais pequena das quais ainda era um bebé de colo. Cantava para ele enquanto lhe oferecia o seio. A melodia era melancólica, e as palavras que distingui formavam uma canção de embalar demasiado cruel:

«É assim a vida, e o dia está a chegar ao fim; se não conseguimos respirar, o túmulo é o nosso destino.»

Do lugar onde me tinha posto à escuta, reparei que uma das mulheres no cais havia interrompido as suas tarefas e tinha lágrimas a caírem-lhe pelo rosto. Estava a olhar para mim sem dizer uma palavra, mas estendeu-me a mão. Talvez tivesse perdido um filho, talvez eu me parecesse com o falecido. Apressei-me a despir o casaco, puxei a camisa por cima da cabeça e estendi-lha. Ela molhou-a na tina do sabão, deu-lhe uma esfregadela rápida, enxaguou-a e estendeu-ma depois de lhe dar algumas pancadas com a pá de madeira para a secar. Fiz uma vénia de agradecimento e vesti a camisa ainda molhada, agora limpa e branca.

Do outro lado do Klara Sjö, ergueram muros, cobriram-nos com tábuas e fizeram uma ponte com mil varas de comprimento para permitir aos cidadãos circular até Kungsholmen. Fiquei parado um bom bocado, a duvidar da estabilidade da ponte junto aos Röda Bodarna. No lago Malar nadavam gansos brancos, e as ondas chocavam com o muro de pedra e faziam abanar a ponte. Uma mulher que passava com uma porca coberta de lama riu-se e disse. «Olha, rapaz! Se te segurares bem, podes chegar ao outro lado sem as sereias te fincarem os dentes nas pernas e te arrastarem para as profundezas!» Respirei fundo e, apertando as cordas com tanta

força que fiquei com os nós dos dedos brancos, comecei a atravessar para o outro lado.

Novamente em terra firme, dei comigo já quase no meu destino: um belo portão sob um arco. Por cima do portão, vi as palavras «Kongl. Lazaret» e a imagem de dois leões a segurarem um escudo dourado. Ao lado dele havia um castanheiro em flor. Entrei, seguindo o caminho do outro lado do arco, mas parei pouco tempo depois. O edifício principal tinha quatro andares e uma ala de cada lado. Era o hospital Serafimerlasarettet, conhecido como Serafen entre os habitantes da cidade. Do outro lado daquelas portas, encontrei um átrio espaçoso e abordei um jovem que caminhava apressadamente sobre o chão de pedra, para alguma tarefa urgente. Expliquei-lhe ao que ia. «O Professor Martin», respondeu, «não é visto no Serafen desde o ano de Nosso Senhor de 1788, e devemos dar graças por isso, pois esse foi também o ano da sua morte.» Fiquei sem palavras. O homem lançou-me um olhar piedoso. «Queria falar com o Roland Martin pessoalmente ou pode falar com seu sucessor? O Professor Hagström está na sala de anatomia, na ala norte.» Limitei-me a assentir. «Suba ao andar de cima e depois siga pelo lado direito.»

A meio caminho, deparei-me com um odor que conhecia bem e que nunca hei-de esquecer: o cheiro da morte. Lá em cima encontrei uma porta entreaberta e pela fenda deparei-me com uma visão macabra. Numa mesa jazia o cadáver de um homem, aberto da cabeça ao abdómen. A pele fora puxada para os lados, expondo as entranhas. O peito estava erguido por meio de ganchos fortes. Restava apenas metade do rosto, depois do crânio e da musculatura da face terem sido expostos. Dois olhos brancos fitavam o tecto. Foi então que reparei no homem que estava ao lado do cadáver. «Veio à minha procura?», perguntou enquanto voltava a investigar a barriga aberta do morto. «Ando à procura do Professor Hagström», respondi, notando que tinha um certo tremor na voz, não tanto por causa do morto, mas mais por causa do professor.

Suponho que teria cerca de quarenta anos. A avaliar pela aparência, tinha uma excelente saúde, usava apenas um colete por cima da camisa, por cima deste um avental de couro apertado em volta da cintura, e tinha as mangas arregaçadas. «Sou eu. Pode entrar, se a visão disto não lhe fizer muita confusão.» Pousou a faca e começou a lavar as mãos numa bacia de porcelana. «Em que posso ajudá-lo?» «Chamo-me Johan Kristofer Blix», disse eu, tirando o chapéu, «e desde 1788 fui aprendiz do mestre Hoffman em Karlskrona.» «Emanuel Hoffman?» «Exacto, senhor professor.» «Nesse caso não é de espantar que não tenha mostrado a menor perturbação ao ver uma imagem que faz a maioria dos meus visitantes empalidecer e correr para a janela mais próxima», comentou Hagström. «Se passou os anos da guerra em Karlskrona, o senhor é que é o professor, e eu o aprendiz, pelo menos no que toca à visão da morte e da degradação.» O Professor Hagström mandou-me sentar e perguntou-me pelas minhas experiências em Karlskrona, enquanto pedia um bule de café, que ao fim de alguns minutos foi trazido por uma mulher vestida de branco. As palavras saíram-me em catadupa. Nunca tinha falado dos terríveis anos da guerra, nem mesmo a ti, minha irmã, e já estava na altura de o fazer.

A frota de guerra regressou pelo Östersjön no Inverno de 1788, com um navio capturado aos russos em Hogland. Chamava-se *Vladislav*, um navio com setenta e quatro canhões. A frota naval ainda mal havia chegado ao porto quando o gelo se instalou, e os doentes vindos do *Vladislav* começaram a exibir um tipo de enjoo que nunca se tinha visto. Os afectados pela doença foram rapidamente acometidos de febre e calafrios. A sua pele começou a ficar amarela, e as pernas e braços encheram-se de bolhas. Em alguns, a doença afectava os pulmões, e tossiam até ficarem com os lábios azuis. Ao fim de alguns dias, a febre desaparecia tão depressa como havia surgido, apenas para regressar com força renovada, uma semana mais tarde. Vi os mais fortes sobreviverem a

dez surtos destes antes de sucumbirem, nessa altura transformados em velhos, com as costas curvadas e o olhar vazio. O Inverno foi intenso, e todas as superfícies foram transformadas em camas. Cada vez mais pessoas adoeciam, não apenas os marinheiros, mas também os habitantes da cidade, até o hospital estar a rebentar pelas costuras. «Tornei-me moço de recados e mais tarde aprendiz do Mestre Hoffman, por volta do Ano Novo. Servi-o até à sua morte, depois da qual permaneci no hospital durante mais três anos.» O mestre esperava que a infecção diminuísse na Primavera, mas acabou por acontecer o contrário. Milhares de pessoas morreram, enquanto novos recrutas atravessavam o país para tomar o lugar dos falecidos, apenas para adoecerem também. O professor interrompeu-me. «Foi a febre que causou a morte do Emanuel Hoffman? Só o conheço de ouvir falar.» «Não», respondi, «foi uma bala de canhão russa que matou o meu mestre.»

Em Junho, a frota partiu para leste para continuar a campanha contra os russos, e o Hoffman foi com eles. Por haver falta de ajudantes, eu também fui com ele, a bordo do *Tapperheten*, construído por Chapman em Karlskrona, com sessenta e quatro canhões. Encontrámos os russos a sul de Öland e trocámos tiros até que o inimigo decidiu bater em retirada. Eu tinha subido ao cordame, uma vez que nunca havia testemunhado uma batalha naval, e não consegui resistir à tentação de assistir. Ajudara o mestre a espalhar serradura pelo convés para absorver o sangue derramado, para não escorregarmos se houvesse muitos feridos, e aproveitei a oportunidade num momento em que ninguém estava a ver. Estava num ponto tão alto que consegui avistar o *Tapperheten* de cima e ver a bala a voar por cima das ondas. Atingiu-nos a estibordo, e do outro lado do navio vi um corpo despedaçado cair em cima de um monte de farpas em chamas. «Foi assim o fim de Hoffman. E tanto eu como a tripulação demos graças por o combate ter terminado depressa, pois eu não teria sido grande ajuda para a tripulação inteira, sem as instruções do meu mestre.» A frota

regressou a Karlskrona, e foi ali que permaneci durante o resto da guerra. No entanto, a febre havia piorado: com as velas da frota fizemos uma tenda suficientemente grande para abrigar cinco mil doentes e agradecemos a Deus por o Outono de 88 ter sido tão frio que pudemos deixar os mortos ao ar livre. Quando a Primavera chegou, tínhamos menos doentes, e o pior já parecia ter passado. Fiquei lá para ajudar enquanto fosse preciso. Quando os mortos do Inverno foram enterrados, pudemos ir de casa em casa tirar os mortos das suas camas, onde haviam sido deixados quando foram apanhados pela febre.

O Professor Hagström observou-me com um olhar firme enquanto eu terminava a minha história. «E depois veio para Estocolmo. Estou certo ao supor que me procurou na esperança de continuar o seu percurso como cirurgião?» «Não posso negá-lo.» Hagström suspirou. «Vemos muitos como o senhor, Blix, demasiados. Durante a guerra, a necessidade foi grande, e qualquer pessoa com um par de mãos capaz era melhor do que não ter ninguém. Mas as coisas já não são assim. Veja o nosso hospital! Tirámos a medicina e a cirurgia do domínio dos artesãos e elevámo-la a ciência.

O professor levantou-se, incitado pelo seu próprio discurso, e debruçou-se sobre o cadáver. «O Blix sabe dizer-me o nome deste osso?» Tive de admitir que não sabia. «Qual é o melhor ponto para prender a veia que corre debaixo da pele neste ponto?» Mais uma vez, limitei-me a abanar a cabeça. «O Emanuel Hoffman alguma vez disse ao Blix qual pensava ser a origem da febre?» Ao ouvir a pergunta, soltei uma exclamação de alegria, pois finalmente sabia a resposta. «O Mestre disse-me que a doença vinha de uma espécie de cheiro que emana das águas estagnadas e dos pântanos.» Hagström sorriu, mas a expressão do seu olhar era triste. «Era a opinião dele. Hoje em dia temos outra. Infelizmente, o seu mestre era da velha escola, hábil a separar os membros com uma faca, mas sabia pouco mais.» Hagström olhou em volta e levantou um

espesso volume encadernado a couro de uma prateleira na parede e estendeu-mo. «O Blix entende alguma coisa disto?» As letras eram-me familiares, mas formavam palavras que não faziam sentido. Foi essa a minha resposta, e Hagström baixou os ombros ao ouvir a resposta. «Lamento, mas não há muito que possa fazer por si neste momento, Blix.» Ainda assim, franziu as sobrancelhas, pensativo, e a sua expressão animou-se. «Espere aqui um momento», disse, dando meia-volta e deixando-me a sós com o morto.

Nesse momento roubei uma coisa, irmã. Admito-o e arrependi-me assim que o fiz, mas, quando me preparava para a devolver, ouvi os passos de Hagström no corredor, e a oportunidade tinha passado. O professor entrou com um pequeno caderno escrito numa língua que eu entendia. «Homens menos capazes do que o senhor tornaram-se cirurgiões competentes sem saberem ler francês», disse Hagström pondo-me o caderno na mão. «Escrevi este resumo por minha iniciativa, para ajudar os meus alunos nos seus estudos. Prepare-se bem e talvez se qualifique para iniciar os estudos já no próximo ano, embora não possa dar-lhe certezas.»

Hagström olhou-me novamente com uma expressão concentrada no seu rosto inteligente e aberto. «Tem o casaco manchado de sangue, Blix. É seu?» Abanei a cabeça. Hagström aproximou-se e curvou-se sobre mim. «Os seus olhos têm um tom amarelado quando deviam ser brancos. Como é a sua vida, Blix? Bebe muito?» Senti-me corar, o que deve ter dado a Hagström a resposta que procurava. «Venha aqui, Blix, veja isto.» O professor levantou um pouco a carne do abdómen do morto e revelou uma protuberância fedorenta, coberta de altos. «Isto é o fígado do homem, Blix, e foi o que o matou. Se tivesse bebido menos, ainda estaria entre nós. Órgãos arruinados como este encontram-se em muitas pessoas desta cidade e puxam-nas para a campa como ímanes. Que isto lhe sirva de lição sobre moderação.»

O medo deve ter sido aparente no meu rosto, porque o olhar do

professor encheu-se de compaixão. Tirou uma bolsa bordada do bolso do colete e extraiu moeda após moeda, que ia pousando na mesa, até que pareceu mudar de ideias e despejou todo o conteúdo da bolsa, fazendo um monte em cima da mesa. «Leve isto, Blix, e cuide de si, para eu poder ter o prazer de o encontrar na minha aula de Anatomia na próxima Primavera.» Fiquei sem palavras. Devia haver quase vinte Riksdaler em cima daquela mesa! Um tesouro maior do que eu alguma vez sonhara! Recolhi as moedas, guardei-as nos bolsos e fiz uma vénia e depois outra e mais outra. As lágrimas corriam-me pelas faces, em parte por gratidão, mas especialmente pela vergonha de ter roubado aquele bom samaritano, aquele homem bondoso cujo gesto eu retribuíra de forma tão maldosa. Vi que os olhos do professor também se tornaram brilhantes ao verem a minha comoção. Estendeu a mão, sem dizer nada, e eu peguei-lhe e beijei-a.

Quando eu estava a sair, fez-me uma última pergunta com voz rouca. «Só mais uma coisa, Johan Kristofer. Que idade tem?» «No Inverno, vou fazer dezassete anos, se Deus quiser», respondi no mesmo tom.

4.

Querida irmã, aqui os dias são maravilhosos, e as noites repletas de abundância e felicidade! Despedi-me das minhas noites ao abrigo das copas das árvores para lá de Ladugårdslandet e entre os túmulos da igreja de Katarina e, com uma parte do dinheiro que o Hagström me deu, aluguei um quarto na zona de Pomona, em Överskärargränd. Foi uma visão de cortar a respiração. Das janelas do sótão, os telhados estendem-se até onde a vista alcança e brilham como ouro polido sob a luz do Sol. Agora tenho a minha própria cama, no topo desta cidade dourada, onde os raios do Sol chegam muito depois de as ruas estarem mergulhadas na penumbra. À noite, as luzes da cidade chegam até mim, e, quando ergo o olhar, as estrelas parecem muito mais próximas. Tenho um lugar no chão em frente ao fogão para o Sylvan. Enquanto partilhávamos uma garrafa, discutimos a nossa nova situação e pensámos como podíamos arranjar mais dinheiro até eu estar pronto para começar a estudar no Serafen. Gabámo-nos e rimo-nos enquanto dávamos palmadinhas nas costas um do outro e brindávamos.

Rapidamente percebemos qual era a melhor forma de gerir a nossa fortuna, os meus quase vinte Riksdaler e os quatro que o Rickard conseguira emprestados do Clemens Montell. O dinheiro não ia durar para sempre. Cada um daqueles Riksdaler tinha de ser multiplicado. «Para ganharmos mais, temos de fingir ser exactamente o contrário do que somos: dois jovens com berço,

vítimas da avareza dos pais, mas em vias de herdar grandes fortunas. O tipo de jovens a quem emprestar dinheiro parece um investimento no futuro.» Com estas palavras, o Sylvan pôs-me um braço pelos ombros e fomos ao alfaiate junto ao Ferken. Levámos uma mão-cheia de Riksdaler e escondemos o resto dentro do meu colchão de palha. A princípio, o alfaiate recusou-se, mas tornou-se muito cooperante quando lhe mostrámos o dinheiro. Procurámos cuidadosamente nas gavetas e armários roupas da melhor qualidade, mas usadas o suficiente para terem um preço razoável. Experimentá-las foi um prazer que nunca hei-de esquecer. Como dois jovens nobres, fizemos caretas, batemos palmas e fingimos elogiar-nos um ao outro em francês enquanto nos víamos ao espelho: «*Magnifique, monsieur* von Blix!» «Bem pode dizê-lo, Sr. de Sylvan!» Comprámos coletes com bordados vermelhos e roxos, cada um o seu casaco com bordados dourados nos punhos, camisas novas e calças pelos joelhos feitas de pelica, com meias altas e sapatos com fivelas vistosas. O Sylvan encontrou uma peruca de crina de cavalo em muito melhor estado do que a peruca ruiva que usara até então, ao passo que eu continuei a escolher usar o meu cabelo louro num rabo-de-cavalo, embora agora cuidadosamente penteado com um pente de marfim e preso com uma fita junto ao pescoço. Lado a lado em frente ao espelho, mal podíamos acreditar nos nossos olhos. Abraçámo-nos com a emoção do momento. O Sylvan passou muito tempo a queixar-se do preço que o alfaiate tivera a ousadia de cobrar, e depois pusemos o dinheiro em cima da bancada e saímos.

E assim disse adeus não só às roupas gastas e às noites passadas sob as estrelas, mas também aos estabelecimentos que havíamos frequentado até ali, onde os bêbedos vomitavam para cima dos seus companheiros de mesa, passavam prostitutas de uns para os outros e se pegavam à pancada sempre que a oportunidade surgia. Em vez disso, passámos a frequentar o Börsen, as caves famosas da cidade e os bailes no palácio. É engraçado como as

pessoas se dispõem prontamente a ajudar quem não precisa de ajuda, ao mesmo tempo que se desviam do caminho para não terem de ver os pobres. Rapidamente nos tornámos amigos de filhos de condes, homens nobres e chefes das guildas e tentávamos sempre mostrar-nos graciosos, divertidos, animados. Irmã, lembras-te de quando te contei do meu primeiro baile em Slottsbacken, onde deixámos alegremente que nos deitassem vinho para cima, nas galerias? Desta vez não tivemos dificuldade em entrar nos bailes e espantámo-nos com a prontidão com que os intrusos que rastejavam pelo chão se deixavam humilhar em troca de bebida. Encontrámos uma situação em que nunca mais tivemos de pagar por nada do que comíamos ou bebíamos, bastando para isso procurar a companhia dos que estavam dispostos a oferecer.

E assim passámos muitas noites de Verão. Quando já era claro que pertencíamos ao grupo das festas e todos perguntavam por nós sempre que a nossa ausência se fazia notar, começámos a pedir dinheiro emprestado. Escrevíamos notas promissórias em troca dos empréstimos, com as assinaturas que havíamos ensaiado diligentemente a esta mesma mesa e com a mesma pena de ganso com que te escrevo agora. Nenhum dos nossos novos amigos revelou o menor cepticismo. Para eles, o dinheiro não tinha valor, mas a nossa amizade e companhia eram muito apreciadas. À noite, virávamos os bolsos para cima do colchão em Överskärargränd e notávamos que os nossos vinte e quatro Riksdaler se tinham transformado em trinta, depois em quarenta e que agora haviam duplicado. Registávamos as nossas dívidas e distribuíamos os ganhos da noite para pagar alguns empréstimos mais antigos. Ao fim de pouco tempo, ganháramos a confiança de todos e, se um benfeitor relutante expressasse dúvida, pedíamos emprestado a um dos anteriores o suficiente para lhe pagar. Desta forma, o saldo do colchão foi aumentando. Os cinquenta transformaram-se em setenta, os setenta em noventa.

«Querido Kristofer Blix, amado irmão e apreciado companheiro», disse o Sylvan um dia quando regressou de um passeio ao sol, ao longo da Skeppsbron, «diz-me, alguma vez ouviste falar do Lomber?» «Sim, claro», respondi, «é um jogo de cartas, não é? Como o Faraó?» «Sim e não! O Faraó é um jogo em que a sorte dita quem ganha. No Lomber, é a perícia, a sorte não conta.» «A que se deve este interesse por jogos de azar, Rickard?», perguntei, sentando-me na cama e saboreando o calor como um gato.

E foi então que ele explicou: muitos dos cavalheiros estão obcecados com o Lomber, e grandes somas trocam de mãos às mesas de jogo, todas as noites, nos salões onde se pode jogar sem a interferência da polícia. Eu disse imediatamente que me opunha a apostar o nosso dinheiro em jogos, porque o risco me parecia muito superior à possibilidade de ganharmos. «Espera, Kristofer, não me deixaste explicar até ao fim!», protestou o Sylvan. «Há partidas e partidas. Encontrei o Block em Logården — conheceste-o na Ópera na semana passada, lembras-te? Ele falou-me de umas noites que são organizadas pelo seu amigo Carsten Vikare. O Vikare selecciona previamente os seus convidados, com base em três critérios: riqueza, maus hábitos de bebida e natureza crédula. Há cinco jogadores por mesa, mas quatro conspiram contra o convidado, que não tem qualquer outra possibilidade a não ser perder o dinheiro todo. Chamam ao pobre coitado a lebre, e está subentendido que eles são os cães. Comunicam sem palavras, por meio de gestos e sinais. Os conspiradores partilham o ganho igualmente entre si, à excepção do anfitrião, cujo ganho é a dobrar.» «Sim, e então?», perguntei, mas não podia negar que despertara o meu interesse. «Kristofer, há um lugar livre a uma dessas mesas. E esse lugar foi-me oferecido. O risco é mínimo, e o Block garantiu-me que só preciso de ter um conhecimento rudimentar do jogo. Se a lebre for suficientemente gorda, podemos duplicar o nosso tesouro numa noite, Kristofer. Duzentos Riksdaler!»

Foi como se o meu estômago tivesse sido invadido por um

enxame de abelhas. Sentei-me na cama tão depressa que fiquei zonzo. Fui buscar uma garrafa de vinho e dois copos e enchi-os. Brindámos. «Ao Sylvan e ao Blix!», gritei. «Jovens, belos e em breve mais ricos do que nunca!» «Ao Blix e ao Sylvan!», respondeu ele, «e aos duzentos Riksdaler ou mais!» Saímos para comprar um baralho de cartas nessa mesma tarde e jogámos partidas sucessivas de Lomber até o Rickard compreender as regras do Carl Gustaf Block, mas logo chegou a hora de nos pormos bonitos e de nos dirigirmos para a Stortorget e para a nossa diversão nocturna. O jogo não parecia difícil. Das quarenta cartas, são dadas oito a cada um dos jogadores. À vez e por ordem, cada um faz apostas relativamente a quantas rondas tenciona ganhar com as oito cartas. O mais ousado escolhe o trunfo. «Tal como na vida», declarou o Sylvan, esvaziando o copo.

5.

Na quinta-feira à noite arranjámo-nos, com perucas empoeiradas e gravatas novas. Inspeccionámo-nos mutuamente com um olhar crítico, escovámos os cabelos e a caspa dos ombros e das golas e esvaziámos o colchão de todo o nosso tesouro. O grupo ia reunir-se às sete horas numa sala que o Carsten Vikare tinha reservado atrás do Terra Nova, em Gaffelgränd, que em tempos foi uma taberna, mas que agora só abria para marinheiros e convidados seleccionados. O relógio da igreja de Nikolai indicava que faltava um quarto de hora quando subimos pelas pedras em Överskärargränd. O calor era opressivo, e o ar parecia formar ondas. Tínhamos o coração na boca devido à responsabilidade depositada no Sylvan. Um ataque vindo das sombras podia representar a sorte grande para um criminoso!

As nossas preocupações revelaram-se desnecessárias. A caminhada ao longo da rua Västerlånggatan em direcção à praça Järntorget e daí até ao castelo fez-se sem incidentes. No Terra Nova fomos recebidos pelo Block, que nos apresentou ao Vikare. O primeiro não conseguiu evitar lançar uma piscadela de olho conspiradora ao Sylvan e indicar a lebre com um gesto discreto, a qual veio a revelar-se um alemão com vestes caras e uma corrente de ouro pendurada do colete. Foi oferecido vinho enquanto as mesas eram preparadas, e, depois de bebermos, cada pessoa foi levada à sala de jogo pela mulher do anfitrião. No momento em que me preparava para entrar, senti uma mão contra o meu peito e,

surpreendido, ergui o olhar e vi o Carl Gustaf Block abanar a cabeça. Sussurrou-me ao ouvido: «Só os jogadores, se não te importas. Não queremos que a presa sinta que há o perigo de alguém estar a ver as cartas por cima do seu ombro.» Olhei para o Rickard, que já estava na sala, prestes a sentar-se no lugar que lhe fora designado à mesa. «Não te preocupes, Kristofer. Espera por mim no Kryp-In. Vou ter contigo assim que a partida terminar.» Deu-me alguns xelins. Limitei-me a encolher os ombros e a desejar-lhe boa sorte e depois saí.

No Kryp-In, em frente à Bankohuset, a festa já estava a correr em pleno. Um homem corpulento com o nariz vermelho-escuro deslizava o arco sobre as cordas do violoncelo, acompanhado por um tipo careca que tocava uma flauta. Os instrumentos combinavam-se para formar uma música belíssima. Sentei-me a uma mesa e descobri que não sentia falta de companhia. A música era mais do que suficiente. Pus uma moeda de doze xelins em cima do balcão, pedi um *danziger* e disse à rapariga que estivesse atenta à minha caneca e que a enchesse assim que lhe visse o fundo.

Sentia-me com um estranho humor. Normalmente, quando bebo, sou inundado por uma sensação de alegria e fico zonzo, como se tivesse estado a rodopiar. Desta vez foi diferente. Lembrei-me do alto que o professor Hagström me mostrara na barriga do cadáver e, ao olhar em volta para os meus companheiros e companheiras de bebedeira, constatei que já não me pareciam bonitos ou alegres. Exibiam os seus dentes castanhos em risos de luxúria e troça. No espelho atrás de um candeeiro na parede, vi o meu próprio reflexo, ainda jovem, mal feito adulto, mas com pele pálida e membros magros. Eu não era um deles, mas naquele momento dei-me conta de que era provavelmente aquilo em que me ia transformar. Não há encantamento a pairar sobre o meu modo de vida que possa poupar-me ao peso da carne. Também o meu nariz acabaria por inchar como um cacho de uvas, a minha barriga acabaria por

intumescer e formar um alto daqueles por causa da bebida.

Jurei que aquele não seria o meu destino. Ia pegar na minha parte dos duzentos Riksdaler e usá-la para outra coisa. O dinheiro deveria ser suficiente para pagar ao Hagström o que me dera, para ter um tecto sobre a cabeça durante toda a Primavera e mais tempo ainda, para arranjar quem me ensinasse um francês razoável para desvendar os mistérios dos livros de cirurgia nessa língua e ainda para oferecer aos meus colegas comida e bebida enquanto juntos estudávamos o legado de Lineu, Scheele e Acrel. Dedicaria a minha vida a ajudar ricos e pobres, sem cobrar nada aos carenciados. Quando a próxima guerra chegasse à nossa costa, eu e os meus irmãos iríamos combater o contágio se fosse necessário. Nunca mais haveria órfãos obrigados a cavar buracos e a encher valas comuns com os seus pares. Quando eu fosse mais velho, arranjaria uma mulher e traria filhos ao mundo. Seria um bom pai, não irascível e indiferente, não bêbedo e ameaçador, nunca iria bater nem castigar. Os meus filhos cresceriam sem que lhes faltasse nada.

Despertei do meu devaneio quando um grupo que estava a dançar formou uma cadeia e se pôs a bambolear-se à volta da minha mesa. Devo ter estado sentado mais tempo do que julgava, porque a sala já estava quase vazia. Perguntei as horas a um cavalheiro que tinha um relógio pendurado de uma corrente, e ele disse-me que era quase meia-noite. E ainda não havia sinal do Sylvan! Talvez tivesse voltado para Överskärargränd, pensando que eu me fartara de esperar e que fora para casa.

Chegado a Överskärargränd, também não vi sinais do Rickard Sylvan. Abri a janela e debrucei-me para fora para respirar um pouco de ar fresco. Por cima das águas erguia-se uma meia-lua majestosa rodeada de um remoinho de pó de estrelas, perfeitamente reflectida nas águas imóveis. Deixei-me cair no colchão e contemplei aquela bela visão até já não conseguir manter

os olhos abertos.

Acordei lavado em suor e sequioso como um náufrago. Não tinha forma de determinar que horas eram, mas a Lua já fizera um longo percurso. Pus-me à escuta no meio da escuridão, tentando identificar a respiração do Rickard, e tacteei com o pé no chão, mas ainda estava sozinho. Levantei-me para ir buscar água ao balde junto às escadas e acendi uma vela para não cair. Quando me aproximei das escadas, ouvi um som e não consegui perceber se era humano ou de um animal. Com uma mão a proteger a chama, desci, descalço e em silêncio. Quando cheguei ao fundo das escadas, deparei-me com a silhueta trémula do Rickard Sylvan. Chorava desesperadamente, com o rosto enterrado nas mãos. Quando se virou, vi que as lágrimas tinham formado riscos no pó branco com que cobrira o rosto. A peruca estava desgrenhada, e tinha as roupas cobertas de lama. Demorei muito tempo até conseguir fazê-lo falar. Só consegui quando pousei a vela na escada, pus os braços à volta dele e o balancei para trás e para a frente até o fazer parar de tremer e de chorar. «Era eu, Kristofer», sussurrou ele, «a lebre era eu.»

Eles traíram-nos, minha irmã. O Carsten Vikare, o Carl Block e os seus comparsas usaram o suposto alemão, que era tão de Estocolmo como nós. Enganaram-nos por serem exactamente como nós. Com todos os enganos a que sujeitámos as pessoas à nossa volta, tornámo-nos crédulos e deixámo-nos convencer de que éramos os únicos capazes de se apropriarem de ouro não merecido. Os jogadores não eram os filhos de mercadores ricos que afirmavam ser. Eram como nós, saídos da sarjeta, e nós e os nossos cem Riksdaler tornámo-nos presas fáceis. Tiraram todas as moedas ao Rickard enquanto ele pensava que a perda era a fingir, mas, quando o jogo terminou, o dinheiro foi dividido, acompanhado de risos escarninhos. Quando ele protestou, bateram-lhe e atiraram-no para a rua. «Kristofer», disse o Sylvan enquanto encostava a

testa ao meu ombro, «desta vez estamos mesmo perdidos. Quando chegar a altura de cobrarem as nossas dívidas, vão atirar-nos para a prisão. Só vamos recuperar a nossa liberdade quando já formos velhos. Vão mandar-nos para uma casa de correcção e vão prender-nos ao trabalho numa fábrica para o resto da vida, sob os açoites do cinto do capataz!» Continuei calado. No meu íntimo, todo o meu ser gritava «não». Quando a vela se apagou, a minha imaginação iluminou as trevas, e, tal como no meu devaneio no Kryp-In, vi o nevoeiro fechar-se sobre o meu futuro prometido.

6.

Ficámos sentados nas escadas até ao amanhecer. Com a luz da manhã, a tranquilidade que nos banhara até então quebrou-se. Corremos para o nosso quarto. Encontrámos o papel onde tínhamos anotado todos os nossos empréstimos, e o resultado pareceu-nos fatal. Muitos dos empréstimos que tínhamos pedido estavam prestes a vencer. Se não pagássemos, os nossos credores iriam enfurecer-se. Em pouco tempo, começariam a falar entre si e descobririam a fraude, que tínhamos pedido o dinheiro emprestado para fugirmos com ele. Um ou mais iriam ao tribunal, mostrariam as notas promissórias vencidas e exigiriam a ajuda da polícia para recuperarem o seu dinheiro. As queixas acumular-se-iam, o total da dívida seria somado, e nós seríamos presos. «Temos de sair daqui, Kristofer», sussurrou o Sylvan com os olhos cheios de lágrimas, «e temos de o fazer antes que descubram o nosso paradeiro!» «Mas para onde havemos de ir?» «Temos de seguir caminhos separados. Tanto os casacos azuis como os homens da polícia vão andar à procura de dois homens com roupas vistosas. Temos melhores hipóteses de escapar se estivermos sozinhos.» «E depois? Não podemos esconder-nos para sempre!» «Temos de deixar a cidade, Kristofer, entendes?» Pensei, com um peso na alma, em tudo o que sacrifiquei para vir de Karlskrona para aqui, nas estradas que me gastaram as solas, nas boleias em carroças que paguei com serviços que preferia não ter prestado. O Sylvan, que passara toda a vida na cidade por ordem do destino, estava provavelmente pronto

a deixar Estocolmo, mas, para mim, a fuga era um sonho desfeito, um sonho pelo qual eu lutara toda a vida. O Rickard não vira a pobreza e a miséria das zonas rurais. Disse-lhe isso mesmo. Não me deu ouvidos. «Vou partir em direcção a Skanstull e daí para Fredrikshald. Se Deus quiser, chegarei lá antes do fim do Verão.»

Reunimos as nossas poucas posses, eu no mesmo saco com que chegara, o Sylvan numa trouxa que fez com uma camisa velha. Antes de o galo cantar e de o Sol nascer, já estávamos a descer a rua. Nenhum de nós conseguia expressar por palavras o que sentia. Abraçámo-nos uma última vez, ambos à beira das lágrimas, e depois cada um seguiu o seu caminho, o Sylvan para norte, para tentar pedir dinheiro emprestado ao primo para a viagem, e eu em direcção ao Saltsjön, para procurar o alfaiate no beco em Ferken. Este fez-se esperar até meio da manhã e fingiu não me reconhecer nem às roupas que eu vestia. Como todos os comerciantes, parecia ter um sexto sentido para perceber a necessidades dos clientes, e eu não estava em posição de negociar. Troquei as roupas finas que tínhamos comprado por roupas mais simples: um colete grosseiro, do tipo que um lavrador usaria, um casaco quente com remendos nos cotovelos, um par de calças e uns sapatos resistentes. Um gorro de malha substituiu o chapéu. Pareceu surpreendido quando lhe perguntei quanto me ia pagar pela diferença. «Pagar-lhe por estes trapos sujos? O jovem só pode estar a brincar!» Por fim, deu-me um punhado de xelins para se livrar de mim. Escondi o cabelo debaixo do gorro, dirigi-me para a ponte Skeppsbron e olhei em volta.

Para onde ir? Não podia mostrar a cara em Stadsholmen. Um encontro infeliz numa rua estreita e era o meu fim. Também frequentara muito a zona de Ladugårdslandet. Södermalm parecia ser a minha única alternativa, com o tipo de gente que impediria que me sentisse sozinho na minha desgraça. Segui as pedras do cais em direcção a Slussen, passando pelas quatro rodas que controlavam a cascata sob Kvarnhusgränd, e segui caminho,

passando pelos moinhos de vento.

Ao contrário do que esperava, a vida como pobre e sem-abrigo era pior em Södermalm do que em qualquer outra parte da cidade, precisamente por haver muitos pobres e carenciados nessa zona. Nas tabernas e nas caves, os funcionários tinham aprendido a distinguir quem não tinha dinheiro. Sabiam imediatamente quem entrara só para apanhar algumas migalhas e dormir algumas horas num canto. Repetidas vezes fui posto na rua ou impedido de entrar, a menos que mostrasse uma bolsa recheada de moedas à porta. Isto significava que todos os abrigos estavam apinhados à noite, e as casas punham criados a guardar os celeiros. Acabei a dormir sob as copas das árvores em Danto ou perto de Vintertullen. As moedas que recebera do alfaiate não chegaram para mais do que algumas bebidas diluídas e pão velho. Ninguém exigia pagamento pela água de Årstaviken, por isso pude lavar as mãos e a cara no mar, e, quando o calor se tornou intenso, fiz uma cama com palhas na zona seca da baía.

Certa noite, vieram atrás de mim, querida irmã, enquanto eu dormia. Como tantas outras vezes, divisava o teu rosto nos meus sonhos, apenas para o ver substituído por um riso trocista que me fitava. Uma bota pesada fora pousada no meu ombro e mantinha-me preso ao chão. Uma candeia iluminou-me o rosto, e o gorro foi-me arrancado da cabeça. «Kristofer Blix. Espero que tenhas dormido bem, porque a tua vida de preguiça acaba aqui.» Tentei virar-me debaixo do pé, sem sucesso. «Nunca ouvi falar de ninguém chamado Blix! O meu nome é David Jansson. Vinha a regressar a casa de Sista Styvern e parei aqui para descansar enquanto esperava o amanhecer.» «Dizes tu! E qual é o nome do teu pai?» «Jan Davidsson, é caldeireiro em Hedvig Eleonora, e a minha mãe é Elsa Fredrika, nascida com o nome Gudmundsdotter.» Mencionei a igreja mais remota de que consegui lembrar-me, esperando que

acreditassem na minha palavra sem querem verificar a informação. Estava enganado. «Ora vejam bem. E onde é a casa dos teus pais?» «Para lá de Träskbacken, ao pé dos moinhos!» «Então, ficarás certamente grato por te escoltarmos por essa zona tão violenta.»

Agarraram-me por baixo dos braços e puseram-me de pé, enquanto me seguravam com força para me impedirem de fugir pelo meio dos arbustos. Eram três homens. O homem que falou era um tipo corpulento com pernas curtas, tinha a boca cheia de tabaco e o rosto tão sujo que era difícil distinguir-lhe as feições. Seguiu à frente com a candeia, enquanto os seus dois companheiros, em silêncio, me levavam entre eles. Eu não conseguia vê-los bem, por estar constantemente a levar pancadas de mão aberta na nuca sempre que fazia menção de me virar. Sempre que eu tropeçava, um deles dava-me um beliscão. O hálito dele dava-me vómitos quando me sussurrava ao ouvido. «Mantém o ritmo, seu tolo, se não queres que te torça o pescoço!» Mal tínhamos conseguido passar o Fatburen quando percebi que a minha desculpa fora uma tentativa fútil e que seria violentamente castigado se chegássemos a Träskbacken antes de admitir que não tinha ali ninguém conhecido, muito menos os meus pais. «Esperem. Eu menti. Sou a pessoa que procuram.» O homem da candeia virou-se para trás. «És o último de uma dezena de vagabundos da tua idade que tivemos de arrastar pela cidade na última semana, portanto, essa é uma boa notícia.» Deu um sinal, e, nessa altura, uma dor intensa explodiu nos meus olhos, e a cara bateu-me na calçada. Nesse momento, ouvi uma gargalhada que parecia o relinchar de um cavalo e vi um bastão ensanguentado antes de perder a consciência.

Acordei com um cheiro a sais debaixo do nariz. Estava sentado numa cadeira. As mãos que me mantinham direito largaram-me os ombros quando consegui manter-me sem cair para a frente. Tinha a cabeça a latejar, e a nuca doeu-me quando lhe toquei. A sala

apareceu quando a minha visão clareou. Havia tapeçarias a cobrirem paredes de pedra e tapetes no chão de madeira. A sala não tinha janelas. A cadeira estava no centro do espaço, em frente a uma secretária com pernas curvas. Do outro lado desta havia um homem sozinho sentado numa poltrona. Com um desconforto crescente, reparei que a minha cadeira não estava directamente pousada no tapete, antes se encontrava em cima de um pano manchado. O homem reparou no meu olhar e falou. «Estás a perguntar-te para que serve essa manta. É para proteger o meu tapete turco das impurezas. Muitos dos convidados que se sentam no lugar que ocupas agora, Kristofer Blix, não conseguem conter as tripas. Os que não sangram derramam outras coisas.» Soltou um risinho quando me virei. «Pareces assustado, Blix, e não é de espantar, mas o teu destino está parcialmente nas tuas mãos. Lembra-te disto quando me responderes. Se não for pelo teu bem, que seja pelo do meu tapete.» Usava vestes caras, tinha uma barba tão curta como o seu cabelo e entradas que começavam a aparecer na linha do cabelo. Os seus olhos eram de um azul gélido. Supus que tivesse pouco mais de quarenta anos. A voz do homem era rouca. «Chamo-me Dülitz. Sabes quem sou?» Abanei a cabeça. Dülitz esticou-se por cima da secretária e encheu um copo com o líquido vindo de uma garrafa — água, a avaliar pela cor. «Deliraste bastante antes de recuperares a consciência, Blix, e, pela forma como falas, diria que não és de Estocolmo. Qual é a tua terra natal?» «Karlskrona.» Ele assentiu. «Pelo menos temos uma coisa em comum, tu e eu, estamos ambos longe de casa.» Bebeu. Sequioso, só pude assistir em silêncio.

«Durante a minha infância na Polónia, trabalhei com vidro, Blix.» Pronunciou o meu nome como se tivesse um sabor desagradável. «Fiz dragões, leões, reis, quimeras e bailarinas emergirem do fogo e gravarem-se no vidro. Vim para aqui à procura de refúgio quando a minha terra foi tomada pelos russos, apenas para descobrir que as pessoas como eu haviam sido proibidas de praticar a nossa arte. O

rei determinara-o, sem dúvida para ganhar popularidade entre os seus súbditos. Não sei como os pobres desgraçados cortam vidros para cobrir as janelas. Felizmente tive sorte. Quando ponderava o que podia fazer, bateram-me à porta certa noite, já tarde. Abri e deparei-me com um jovem, parecido contigo. Mandei-o entrar, servi-lhe pão e vinho, e ele explicou ao que vinha. ”Preciso de um empréstimo”, disse. Fiquei confuso. ”Sim, tenho dinheiro para emprestar, mas porque me procuraste justamente a mim?” ”É judeu, não é?” Na vossa língua, Blix, há centenas de anos, um judeu é uma pessoa que empresta dinheiro em troca de algum lucro. O facto de eu nunca me ter endividado ou emprestado dinheiro na vida não dizia nada ao jovem. Eu era judeu, portanto, todos podiam procurar-me para pedir dinheiro, sem qualquer sinal de gratidão, porque fazê-lo estava na minha natureza.» Enquanto Dülitz falava, tirou um cachimbo de uma caixa, encheu-o com tabaco e acendeu-o com um fósforo. «O meu convidado, ansioso por adquirir a dívida, não se mostrou tão disponível na altura de pagar o empréstimo que eu lhe dera por caridade. Percebi que encontrara a minha nova profissão.»

O rosto de Dülitz ensombrou-se. «Não sou um simples explorador que se dedica à usura, Kristofer Blix. Também negoceio outras mercadorias. Quando a dívida do jovem se tornou suficientemente avultada, percebi que era dono dele, que podia fazer com ele o que quisesse, desde que o destino que escolhesse para ele fosse preferível a ser atirado para uma cela húmida na prisão. Hoje em dia, a vida humana é a mercadoria que negoceio. Em tempos, moldei o vidro nas formas que desejava. Hoje, moldo as vossas vidas da mesma maneira.»

Com estas palavras, o homem pousou o cachimbo que apagara entretanto e tirou de uma gaveta uma pasta de couro, que pousou à sua frente e cujo conteúdo começou a apresentar como um jogo de paciências em cima de um tampo de mármore, perfeitamente alinhado, apesar de não ter desviado o olhar de mim nem por um momento. «Reconheces isto, Blix?» Eram as notas promissórias,

todas as que assinara com o meu nome e cujo total somava mais de cinquenta Riksdaler. «Comprei as tuas dívidas e agora és meu, Kristofer Blix, de corpo e alma.»

Demorei algum tempo a conseguir falar. «O que planeia fazer comigo?», perguntei. Respondeu-me num tom indiferente. «O que sabes fazer? Que habilidades e competências tens? É isso que pretendo determinar com esta nossa primeira conversa. O teu valor, para mim.»

Disse-lhe tudo. Que mais podia fazer? Contei-lhe dos meus anos em Karlskrona, tudo o que aprendera e tudo o que sabia fazer, e esperei que fosse suficiente. Dülitz mergulhou uma pena branca num tinteiro e anotou as minhas palavras que pareciam mais dignas de nota. «É tudo?», perguntou quando eu não tinha mais nada a acrescentar. «Muito bem. Todas as noites, ao toque da meia-noite, virás à minha escada. Fá-lo-ás até eu ter decidido como me vais servir.» Senti um alívio maior do que algum dia pensei sentir ao pensar em deixar aquela sala abominável e, ainda que por pouco tempo, respirar um pouco de ar fresco, limpar o pânico da garganta e sentir o vento no rosto. «A primeira ideia que te vai ocorrer vai ser a de fugires de mim, portanto, quero que fique claro que vou encontrar-te e que… vamos deixar a conversa por aqui, já que conseguiste manter a manta limpa até agora. Depressa! Leva o Blix lá para fora.»

Fui agarrado pela parte de trás do pescoço e posto de pé. O homem teve de me apoiar quando as pernas me falharam e de me manter direito enquanto cambaleava em direcção à porta. Ainda assim, consegui lançar uma última pergunta por cima do ombro. «O que aconteceu ao meu amigo, o Rickard Sylvan?» Dülitz respondeu, inexpressivo. «Encontrámo-lo muito antes de ti. Muitas das manchas nessa manta são dele. A nossa conversa não foi tão gratificante como esta. Depois de muitas entrevistas, decidi que o valor dele era inferior à dívida. Dei-lhe vinte dias para me pagar o que deve e depois vou entregá-lo ao tribunal, para passar uma década ou duas

na casa de correcção e ter uma morte lenta numa fábrica.»

Ao fundo da escada, em frente à casa de Dülitz, na terra onde o meu saco de viagem aterrou a seguir a mim, pus-me de gatas e vomitei até só sair bílis.

7.

Lembro-me deste dia com arrependimento, querida irmã. Na rua onde tinha vomitado até ter o estômago vazio, levantei a cabeça do chão e limpei a boca. Vi que a casa de Dülitz ficava perto de Södermalmstorg e que os seus rufias não tinham tido de me arrastar para muito longe de onde me haviam atacado.

Não sabia o que fazer quando aquela noite terrível chegasse ao fim e uma nova manhã descesse sobre Estocolmo. Não tinha como saber o que o Dülitz escolheria para mim e dei comigo a seguir a rua Hornsgatan sem destino, em direcção aos limites da cidade, até que à minha frente estava o monte Ansgarieberget. A rua estava deserta. Alguns bêbedos e vagabundos passaram por mim depois de uma noite de aventuras no Bensvarvarträdgården. O caminho levou-me ao sopé da colina, e agora estava junto ao monte que se ergue acima de Skinnarviken. Comecei a subir, ansioso por me afastar das construções humanas. Do topo da colina, Estocolmo estendia-se aos meus pés. Quando o meu olhar seguiu a linha da cidade sobre Helgeandsholmen, até Norrmalm e daí até à ponte Kungsholmsbron, fui tomado por um sentimento de culpa ao ver os muros do Serafen. Foi demasiado para mim e deixei-me cair no chão, onde fiquei com os braços em volta dos joelhos e a testa encostada às pernas.

A semana que passara fora quente, e agora parecia-me que a pressão que o calor produzia estava prestes a abrandar. Nuvens negras aproximavam-se vindas das ilhas. Ouvi os trovões ao longe,

a rugirem e a estalarem, enquanto atravessavam a paisagem.

No meu saco, ainda tinha o que roubara ao Hagström. Abri-o, tirei o meu saque e ergui-o contra a luz matinal que nascia a leste. Era um frasco de vidro transparente. No centro havia um lagarto, que flutuava no líquido com a cauda a tocar no fundo. O Hoffman tivera coisas semelhantes, e eu observava-as atentamente, pois o conteúdo parecia imune à decadência por estar mergulhado no álcool. O mestre ficara com os seus frascos, mas agora este era meu. O lagarto parecia-me estranho. Um corpo largo, preto e liso, com a boca aberta e a língua de fora. Ao longo do dorso, manchas amarelas-claras formavam um padrão estranho. Os olhos, redondos, pretos e imóveis como pedaços de carvão, pareciam fitar-me, hostis, de dentro do frasco, com ar de desafio. «És um pobre coitado, Kristofer Blix, roubaste-me em vão, pois não te atreves a fazer nada comigo.» Parti a cera que selava o frasco, puxei o cordão que a mantinha no lugar e abri o frasco. O cheiro era-me familiar. Cheirava a álcool, mas também a algo mais, intenso e doce. Pesquei o lagarto para fora com os dedos, escorregadio e relutante. Estremeci ao sentir o toque da pele morta, completamente lisa e sem escamas. Atirei-o para o fundo da colina e bebi até o frasco estar vazio.

A embriaguez começou a correr-me nas veias. Bebi muito, querida irmã, e especialmente nos meses que passaram desde que pus os pés na nossa capital, mas agora sentia-me tomado por algo que nunca sentira. Algo que me abriu os olhos pela primeira vez e me mostrou outro mundo, escondido por trás do nosso. Não era a luz da manhã que se reflectia em tons de roxo no mar! Uma onda de sangue corria pela cidade, descia pelas ruas, saía de todas as portas e janelas, numa corrente borbulhante. Os mortos despertavam diante de mim. Não havia um palmo nesta cidade que não tivesse sido usado em tempos como cadafalso, como cemitério para vítimas da peste, como trincheira ou como vala comum para

onde fossem atirados os corpos mutilados dos soldados depois da guerra. As mãos deles, algumas inteiras e brancas, outras destruídas e inchadas depois de uma morte por afogamento, estendiam-se por entre as pedras da calçada como ervas daninhas. Agarravam o ar à procura dos pés dos vivos.

Nesse mesmo instante, a tempestade abateu-se sobre mim. Gotas pesadas de chuva caíram sobre Estocolmo e atacaram os telhados, os fiordes e as montanhas. Senti nos ouvidos os estalos dos trovões. Quando os relâmpagos explodiam muito perto, as nuvens que cobriam a cidade ganhavam a forma de um escaravelho preto-azulado, com costas curvas. A aparição surgia por entre as casas, com membros de fogo azul. Talvez procurasse entre os edifícios, da mesma forma que fora de porta em porta em Karlskrona, com um lenço a cobrir-me o rosto, na Primavera de 1790, quando as vítimas da febre começaram a descongelar nas suas casas e era possível seguir o cheiro até as encontrarmos, nas camas onde os seus corpos inchados jaziam e em que centenas de ratazanas aguardavam, com medo das pessoas, e lutavam para defender os seus tesouros.

Num estado de confusão, vi mulheres aos gritos amontoarem-se nos cemitérios de Estocolmo, para darem à luz pequenos cadáveres que rastejavam para fora dos seus colos directamente para os túmulos, tão depressa que o cordão umbilical arrastava as mães para debaixo da terra. Dos palácios junto à ponte Skeppsbron e das mansões vinham cavalheiros com roupas finas e com os dentes transformados em pequenas farpas. A rir e a gritar, perseguiam os vagabundos, os mendigos, os jovens dos reformatórios, os tecelões, os criados e criadas, desfaziam-nos em pedaços e engoliam a sua carne até terem os estômagos inchados como abcessos.

Não era o Sol nascente que agora ardia sobre o tecto da cidade, eram as próprias chamas do inferno. Vi Emanuel Hoffman sair do meio das chamas, cambaleante, com um buraco no diafragma, aberto pela bala russa, as vísceras a arrastarem no chão e a cabeça

de lado por causa do pescoço partido. Tacteou às cegas, à sua volta. «Onde estão as minhas pinças, Kristofer, onde está a minha serra, aproxima-te. Vou rebentar-te até mijares vermelho, para nunca mais te esqueceres!»

Acordei, zonzo e febril, numa vala, ao som da minha própria voz e com a chuva a cair-me no rosto. Gritei o teu nome uma e outra vez.

8.

Da terceira vez que voltei à porta de Dülitz, mandaram-me entrar. Nas noites anteriores, a porta só se abrira uma fresta, um rosto aparecia à contraluz, abanava a cabeça, e a porta fechava-se, deixando-me à procura de sítio para dormir. Ainda sentia o efeito da bebida. O lagarto devia ter libertado algum veneno com o poder de me afectar a consciência. Quando olhei para o céu estrelado, senti uma tontura, como se não estivesse a observar o firmamento por cima de mim, mas um abismo onde as estrelas formavam imagens estranhas que me deixavam maldisposto.

Pela terceira vez, dirigi-me à casa na rua Köpmansgatan, e desta vez o que temia aconteceu. A porta abriu-se, e o brutamontes que estava no corredor deu um passo para o lado e mandou-me entrar. Pouco depois, dei comigo na mesma cave sem janelas onde acordara da última vez. Já lá não estavam nem a cadeira nem o tapete, o que me deixou menos ansioso. Dülitz estava à secretária, como se não se tivesse mexido desde o nosso último encontro, e ergueu o olhar de um livro de registos mal entrei. Quando as sombras oscilaram sobre o rosto do homem, vi uns dentes caninos compridos aparecerem entre os lábios, dois pequenos chifres formarem-se na testa e cada dedo exibir uma longa garra. Esfreguei os olhos para me obrigar a regressar à realidade. «Bêbedo Blix, estão à tua espera.» «O que me vai acontecer?», perguntei com voz rouca e com o som do meu coração desenfreado a ecoar-me nos ouvidos. Dülitz olhou-me com indiferença. «Foste vendido, Blix. As

tuas dívidas foram transferidas para o teu comprador, tal como a tua vida.» «Quem as comprou? O que quer essa pessoa de mim?» «O padeiro pergunta-se o que os seus clientes vão fazer com o pão? O talhante pergunta-se o que acontece às salsichas que vende? São consumidos. Cumprem a sua função. O comprador pode fazer com os bens o que entender, neste caso, contigo, Kristofer Blix.» Dülitz volta a fechar o livro. «O nosso último encontro está a chegar ao fim, o que é uma bênção, porque as noites que passaste no campo tornaram a tua presença um incómodo para o nariz e para os olhos. Não sei mais do que tu acerca do destino que te aguarda, mas faz-nos um favor a ambos e nunca mais mostres a cara aqui, se algum dia recuperares a tua liberdade.»

Um homem desceu as escadas. Não sei se foi uma partida do lagarto de Hagström, mas a sua mera presença arrepiou-me os cabelos da nuca. Não sei qual a melhor forma de o descrever. Não era alto nem baixo, nem velho nem novo. Usava vestes que em tempos haviam sido belas, mas que se apresentavam marcadas pela falta de interesse do dono. Os punhos do casaco estavam esgaçados, com fios soltos a penderem dos bordados. Faltavam vários dos botões de madrepérola que adornavam o colete que em tempos fora belo. Não usava peruca, tinha o cabelo caído e fraco. Apesar de não ter feito nada de ameaçador, não consegui evitar sentir um medo que não conseguia explicar.

Havia algo de errado nele, todo o meu ser mo dizia. Havia um vazio a pairar por cima da sua figura, uma falta de presença, como se não fosse humano, apenas um corpo morto que escolhera ignorar a sua condição por motivos que só ele conhecia. Ou algo cruel que assumira uma forma humana, mas que não conseguia manter completamente o disfarce. O rosto não tinha expressão, como se os músculos e tendões que puxam os cantos da boca e movem as sobrancelhas tivessem sido cortados e paralisados. Dülitz cumprimentou-o com um aceno de cabeça e fez um gesto na minha direcção.

Quando o homem virou a cabeça para mim, foi como se não estivesse a ver-me. Observou-me como se o meu lugar tivesse sido ocupado pelo vazio, como se eu fosse um móvel ou uma nódoa no papel de parede atrás de mim. Quando falou, foi com uma voz monocórdica, que não revelava emoções ou expectativas. O seu único traço distintivo era uma espécie de gaguez. Era como se alguns sons não conseguissem sair-lhe dos lábios e ficassem presos na boca, obrigando-o a escolher outras palavras. «Aqui está o valor total em notas de Riksdaler, para reclamar no banco ou onde lhe convier.» O homem estendeu um envelope a Dülitz, que abriu o selo para examinar o conteúdo. Quando pareceu satisfeito, assentiu num gesto de aprovação e, em troca, entregou-lhe um maço que continha as notas promissórias vencidas que agora governavam o meu destino. O homem guardou-o no bolso do casaco. Sem proferir uma palavra de despedida, deu meia-volta e fez-me sinal para que subisse a escada à sua frente. Tirei o gorro da cabeça e apresentei-me. «Chamo-me Johan Kristofer Blix…»

Ele virou-se para mim e olhou-me nos olhos pela primeira vez. Foi o suficiente para me silenciar. Naqueles olhos pálidos, que pareciam gigantes em comparação com o rosto, não havia misericórdia, não havia compaixão, apenas um ódio contido que eu nunca sentira, o tipo de ódio que um deserto sente pelos viajantes que tiveram a ousadia de atravessar as suas dunas, triunfante e paciente como a própria eternidade. Baixei o olhar, mas senti o dele ainda a queimar-me o rosto. Deu um passo na minha direcção, aproximando-se o suficiente para me permitir sentir-lhe a respiração na minha testa, e, embora tenha desejado recuar, não me atrevi a desviar-me. Ao fim de um longo momento, o homem quebrou o silêncio. «Alguém despejou o penico na rua aqui em frente. As luzes não iluminaram bem as pedras da calçada e pisei-o há pouco, quando me dirigia para aqui. Só descobri o erro quando senti o cheiro a fezes. Importas-te de me limpar os sapatos?» O silêncio alastrou entre nós enquanto eu hesitava. Algures em pano de fundo,

Dülitz e os seus ajudantes assistiam, mas o homem não pareceu reparar neles. Quando lhe lancei um olhar duvidoso, fitou-me com os mesmos olhos mortos. Esperou até que eu me ajoelhasse e puxasse a manga do casaco para cima da mão para a usar como pano. Ele abanou a cabeça. «Não. Não é assim.» A princípio não entendi o que queria dizer. Sempre que me esticava para a frente para lhe limpar os sapatos, repreendia-me com a mesma voz monocórdica. Quando já tinha esgotado todas as possibilidades, baixei a cara para o sapato sujo e estiquei a língua. Pela primeira vez, o homem não reclamou. Permaneceu no mesmo lugar, não mexeu o pé um milímetro para me facilitar a tarefa, e, enquanto eu tentava conter os vómitos por causa daquele sabor asqueroso, tive de rastejar à volta dele para cumprir a tarefa. Chorei baixinho. Ele não mostrou prazer ou desprezo ao ver os meus soluços e vómitos. Era como se eu tivesse deixado de existir. Quando terminei, levantei-me, com as pernas trémulas. Ele travou-me. «Não estava a falar desse sapato.» Quando terminei, repetiu o gesto na direcção da porta sem dizer uma palavra. Levantei-me sobre as pernas vacilantes e subi as escadas.

*

Lá fora esperava uma carruagem puxada por quatro cavalos. Era coberta, tinha aberturas dos lados e parecia puxada por tiras de couro presas às pegas. O cocheiro desceu do seu lugar e alimentou os cavalos com o conteúdo de um saco. O homem que agora era dono das minhas dívidas fez-me sinal para que entrasse. Até ao cocheiro se dirigia com poucas palavras. «Regresse.» «O caminho todo? Senhor, é longe, não deseja repousar durante a noite?» «Não. O caminho todo sem parar em albergues ou estalagens.» O cocheiro murmurou uma resposta que não consegui perceber. Ouvi o som de moedas trocarem de mãos, e o homem sentou-se na

carruagem à minha frente. Com um estalido com a língua e uma sacudidela das rédeas pôs a carruagem em movimento. Desceu a colina em direcção à água, atravessou a comporta e seguiu em direcção à ponte Skeppsbron.

A cidade passou. Reconheci-a do meu devaneio na colina de Skinnarviksberget, com o sangue a borbulhar nas sarjetas, uma coutada onde os mais fortes perseguiam e abatiam todos os que atravessavam o seu caminho. Sob a luz de um candeeiro de rua, vi o Rickard Sylvan. Estava encostado a uma parede numa rua onde rapazes e homens se vendiam. Não me viu. Nos seus olhos não vi nada do que em tempos ali houvera, nem a expressão travessa, nem a alegria, nem o seu entusiasmo contagiante ou a sua manha dissimulada. Tudo havia desaparecido, restavam apenas dois poços negros de desespero. Era o olhar de alguém cuja força vital fora torcida e estrangulada, enquanto o corpo continuava a tropeçar e os pulmões a respirar. O meu coração estava prestes a rebentar.

Chegámos à alfândega no lado norte, em Stallmästaregården, ao fim de menos de uma hora de viagem, e o cocheiro foi parado. Por cima de nós havia um portão em arco, suficientemente grande para deixar passar uma carruagem. Um guarda alfandegário sonolento bateu do lado da carruagem e iluminou-a com a sua candeia. «Boa noite», disse com voz grogue, «viajam tarde.» Susteve um bocejo. «Posso ver a vossa carta de viagem?» O homem à minha frente tirou um papel do bolso do casaco. Claro que eu não tinha documentos, querida irmã, nem mesmo quando chegara à cidade. Tive de mentir para conseguir passar e, desde então, não passara os limites da cidade. Por não ter apresentado documentos, limitando-me a ficar sentado em silêncio, o guarda alfandegário presumiu que o homem era o meu guardião e dirigiu-lhe as perguntas que me diziam respeito. «E o jovem?» Os olhos vazios do homem ergueram-se pela primeira vez e fitaram os do guarda alfandegário. Falou com a mesma voz morta que parecia imitar a fala humana sem nunca a ter ouvido. «Qual é seu nome e o dos

seus superiores?» «Chamo-me Johan Olof Karlsson, senhor, e o meu superior chama-se Anders Fris.» «Como o Johan Olof pode ver, estou sozinho nesta carruagem e não há aqui mais ninguém.»

O guarda alfandegário fitou-o por uns segundos antes de ceder. Lançou-me um olhar breve, pálido e assustado, com manchas vermelhas no rosto, e senti uma pena que me fez o sangue gelar nas veias. Sem dizer mais nada, o guarda alfandegário devolveu-lhe os documentos, virou-nos as costas e deu uma palmadinha do lado da carruagem para dizer ao cocheiro que podia seguir. Demorei algum tempo a perceber o que mais me perturbara. Foi o seguinte: eu não ouvira nenhuma mentira sair da boca do meu guardião e supus que o que ele dissera era verdade. Eu não era nada para ele. Mas o que tencionava fazer comigo? Não conseguia entender. Tinha a cabeça cheia de pensamentos terríveis e uma ansiedade que nunca sentira. Mesmo nos anos da guerra em Karlskrona, a morte e o horror eram identificáveis.

O balanço da carruagem naquela noite de Verão deixou-me sonolento, apesar de me esforçar para me manter acordado. Ainda assim, acabei por adormecer e não sei quanto tempo passou. Fui acordado por um solavanco, quando uma roda se desviou do eixo. Nunca viajaste para fora da cidade, minha irmã, e nunca estiveste longe do lume e da comida quando a noite cai, mas eu já. Lá fora há uma escuridão que engole tudo e torna o mundo irreconhecível. A existência é apagada, e os que vêem tornam-se cegos. Mesmo quando as estrelas brilham, a noite é apenas uma massa disforme. Conseguia apenas distinguir abetos e pinheiros em fileiras intermináveis à nossa passagem, uma floresta vasta sem qualquer tipo de luz.

Ele não se mexeu. Permaneceu sentado com o mesmo rosto vazio e fitava a escuridão enquanto passávamos, sem fixar o olhar em nada.

9.

Devemos ter atravessado a noite sobre aquelas rodas ao longo de vários quilómetros, porque, quando acordei, era de dia, a carruagem parara, e eu estava quase a cair do banco. O novo amanhecer nascera cinzento. O calor do Verão desaparecera. À minha frente estava ele, o homem, como se o cansaço não o afectasse. Sem proferir uma palavra, abriu a porta da carruagem e saiu. Segui-o. «Há algum estábulo onde possa dar de beber aos meus cavalos e um celeiro onde possa dormir uma sesta?», perguntou o cocheiro, erguendo o olhar com uma expressão cansada. «Não há aqui nada para si nem para os seus cavalos», respondeu o homem, tirando uma moeda do porta-moedas e atirando-a ao cocheiro. O cocheiro pareceu satisfeito, virou a carruagem e desapareceu pelo mesmo caminho.

Estávamos num pátio empedrado. No centro havia uma fonte, com uma estátua de uma mulher sentada, rodeada de náiades e golfinhos. A água já não jorrava, antes escorria pelas aberturas e regava uma massa de musgo castanho. Era como se a própria pedra derramasse lágrimas, para uma base tão turva que já não era possível ver-lhe o fundo. Do outro lado do pátio havia um edifício alto com duas alas. À nossa volta havia um denso bosque de abetos. Para lá dele, estendiam-se campos desertos com as colheitas apodrecidas na terra. Aquela casa em tempos sumptuosa estava devoluta. A tinta estalada caía da fachada. Entre as pedras do pátio cresciam ervas altas. Não havia sinal de vida nos muitos

anexos, celeiros e edifícios circundantes. Algures, um cão ladrou. O medo e a melancolia tomaram conta de mim. Aquela propriedade devia ter sido atingida por uma catástrofe que a deixara como uma ferida gangrenada na paisagem. Em tempos fora um lugar bonito. Mas já não era. Não tive tempo de pensar antes de as palavras me saírem da boca. «Para onde viemos? O que aconteceu aqui?» Encolhi-me ao perceber que falara sem que me tivesse sido ordenado, mas o meu guardião surpreendeu-me com uma resposta, parado no pátio, voltado para mim como se esperasse para ver a minha reacção, com os olhos cheios de melancolia. «Esta é a propriedade dos meus antepassados. Os pássaros já não cantam aqui.» Não entendi o que queria dizer, mas também não tencionava perguntar.

Fez-me sinal para que o seguisse, não até à casa grande, mas a um dos edifícios baixos do lado esquerdo, onde os campos começavam. Levantou uma barra da porta e fez-me sinal para que entrasse. Os meus olhos demoraram algum tempo a habituar-se à escuridão, mas senti uma presença, uma sensação de estar a ser observado por alguém que esperava ali e que não me queria bem. O espaço tinha um ar abafado. Recuei um passo assim que ouvi um murmúrio profundo à minha frente. Foi então que o vi: uma figura enorme que caminhava, impaciente, para trás e para a frente. Era um cão grotesco, o maior que já vira. A cabeça devia dar-me pelos ombros, o corpo pesar mais do que o meu. Por baixo do pêlo, os músculos contraíam-se. Vi a baba escorrer dos cantos da boca do monstro e a morte brilhar-lhe nos olhos. Um momento antes de a sua mandíbula se fechar em volta do meu pescoço, o cão foi travado a meio do salto, e o som de madeira a estalar e de metal a bater em metal fez-me perceber que estava preso com uma corrente. Quando os meus olhos se habituaram mais à escuridão, vi os elos enferrujados dessa corrente em volta do pescoço largo e a outra extremidade presa a uma viga. Os meus joelhos fraquejaram e caí no chão de madeira. Rastejei para trás com os olhos a

lacrimejarem do seu hálito e o rosto salpicado com a baba que saltava sempre que a besta expirava. «Este é o *Magnus*», disse a voz atrás de mim. Senti o gorro ser-me arrancado da cabeça e atirado para a escuridão, onde a besta se lançou sobre ele. «Com o tempo, podes vir a fartar-te da minha hospitalidade», continuou o meu anfitrião. «Quero que saibas que, se isso acontecer, as correntes que prendem o *Magnus* soltam-se com facilidade. Ele nunca se vai esquecer do teu cheiro. Conhece o cheiro do teu medo e do mijo que te escorre pela perna e vai encontrar-te sozinho, debaixo das árvores, onde ninguém pode proteger-te. Vai desfazer-te em pedaços e deixar-te ali para seres comido pelos corvos.» O meu anfitrião passou por mim e saiu. Segui-o.

*

Tal como o exterior da casa sugeria, querida irmã, o interior também estava muito degradado. Havia várias janelas com vidros quebrados e muitas das telhas do telhado estavam partidas. Pairava um cheiro forte a bolor e podridão: certamente caía água do telhado quando chovia. O papel de parede estava encarquilhado por causa da humidade, que distorcera os padrões, criando imagens confusas. O chão de madeira estava abaulado e rangia a cada passo, as divisões estavam vazias e às escuras, e os forros das cadeiras e sofás estavam tão ressequidos que se haviam rompido, com o enchimento a sair para fora. No grande átrio, o meu anfitrião dirigiu-me algumas palavras por cima do ombro antes de me virar costas e sair novamente. «Amanhã começamos a nossa tarefa.» Ouvi os passos atravessarem o pátio e dei comigo sozinho.

Uma vez que não me havia atribuído um lugar para dormir, não vi alternativa senão procurar um. Encontrei muitas portas fechadas ou trancadas. O amplo andar de baixo fora construído para receber visitas. Um grande salão de baile estava vazio e desolado, com

cadeiras empilhadas a um canto. A longa mesa da sala de jantar tinha lugar para uma dezena de pessoas, mas o tampo estava estalado ao centro e apresentava uma fenda que o atravessava de uma ponta à outra. Por cima da lareira havia um retrato pintado a óleo, mas alguém o desfigurara. A avaliar pela roupa, era um homem, voltado para o espectador, com campos verdejantes atrás de si. Tinha anéis nas mãos e uma medalha pendurada de uma fita de seda ao pescoço. Não tinha rosto, minha irmã, alguém o cortara. Por cima dos ombros da figura havia apenas um buraco com os contornos esgaçados. Muito mais tarde, viria a encontrar os restos do retrato entre as cinzas da lareira.

Ao cimo das escadas encontrei uma sucessão de quartos, todos vazios. Escolhi um para mim. O colchão estava húmido, e a estrutura escurecida, portanto, decidi dormir no chão com o saco de viagem a fazer de almofada, o mais longe possível da porta e com as costas voltadas para um canto.

Ao longo do lado mais estreito do edifício ficavam os quartos grandes, provavelmente em tempos reservados aos habitantes da casa. À esquerda havia mais um quarto com um retrato, desta vez de uma mulher. Usava um vestido antiquado. Os seus braços estavam estendidos num gesto convidativo, como se sugerisse ao espectador entrar no quadro. Também o seu rosto fora removido, mas com muito mais minúcia do que os golpes que haviam desfigurado o quadro no salão. Não demorei muito tempo a encontrar o pedaço em falta. Na cama larga que estava encostada à parede, as roupas da cama formavam o contorno do corpo de uma mulher deitada de barriga para cima sob as cobertas, e o rosto do retrato fora cuidadosamente colocado sobre a área correspondente à cabeça. O rosto da boneca tinha um sorriso caloroso, mas também havia outra coisa, algo que parecia revelar outros sentimentos. Não tinha forma de saber se era do próprio modelo ou se o pintor não lhe fizera justiça. Na cama, ao lado desta estranha

boneca, havia uma depressão no colchão. Percebi que devia ser ali que o meu anfitrião passava as noites, deitado de lado e com um braço por cima dela. A minha suspeita seria confirmada nas noites seguintes, quando o ouviria através da porta fechada do quarto. Falava com a boneca durante a noite, mas nunca suficientemente alto para me permitir perceber o que dizia. Outras vezes, emitia outros sons; não sei se risos ou choro.

Desconfortável com o que vira, voltei para o quarto que tinha escolhido, pus uma cadeira a trancar a porta, fui para o meu canto e agachei-me com os joelhos contra o peito. Fiquei ali, a tremer de frio e de inquietação, até que adormeci. À noite, a casa enchia-se de sons, minha irmã, como se estivesse assombrada pelos que ali tinham vivido em tempos. Dormia a intervalos curtos. Os sonhos confundiam-se com as impressões dos sentidos, como acontece frequentemente quando estamos entre o sono e a vigília. Pareceu-me ouvir o som de passos arrastados pelos corredores vazios, gritos de luxúria, de dor, e pedidos de ajuda, risos, ecos de festas cuja alegria já terminara há muito tempo, como se conseguisse ver os homens e mulheres com máscaras estranhas a jogarem às escondidas nos corredores e quartos. Pelos cantos da casa, um vento agoirento soprou toda a noite, e à hora do lobo começou a chover, o que tornou o ar lá dentro frio e húmido. Ouvi também a água da chuva a pingar no chão, dois pisos acima de mim.

10.

Acordei com a estranha sensação de estar a ser observado e, quando abri os olhos, vi o meu anfitrião sentado na cama que eu preterira a favor do chão. «Está na hora», disse ele enquanto eu esfregava os olhos e me levantava. Segui-o para fora do quarto, pelas escadas abaixo e para o outro lado do pátio, em direcção aos edifícios, onde o *Magnus* me deu os bons-dias ladrando furiosamente. Ainda tinha medo da besta, mas continuámos a andar, passando pelo celeiro decrépito e em direcção a uma casa de pedra mais pequena. O meu anfitrião abriu a porta com uma chave de ferro e mandou-me entrar. Para lá da entrada, numa divisão grande com uma lareira apagada e suja, havia uma mesa. Em cima da mesa encontrava-se um jovem que não devia ser mais velho do que eu. Tinha as mãos e os pés atados com cordas, que estavam presas debaixo da mesa e o impediam de se mover. Tinha um pau preso entre os dentes e fixado com uma fita que lhe dava a volta à nuca. Por trás do pau vi um pedaço de tecido que lhe fora enfiado na boca para o calar. Tinha um pano atado sobre os olhos. Não estava consciente. Ao lado da mesa havia uma quantidade de garrafas que cheiravam a vinho azedo e um funil. Supus que lhe tivessem dado tanto que perdera a consciência. As suas feições eram limpas e belas, e o cabelo era longo, tal como o meu, e louro como fios de ouro. Mal conseguira assimilar aquela visão sombria quando a voz surda disse por trás do meu ombro: «Disseram-me que foste aprendiz de um cirurgião. Conta-me, quantos membros cortaste

para salvar as vidas dos feridos?» «Só usei a serra e a faca algumas vezes, mas assisti inúmeras vezes, enquanto o meu mestre o fazia», respondi com voz trémula. O meu anfitrião assentiu. «Este é o teu paciente agora, Kristofer Blix. Desejo que lhe separes os membros do corpo, como se tivessem sido feridos por balas ou por uma baioneta. Ambas as pernas e ambos os braços. Também quero que o cegues. Quero que lhe seja cortada a língua. Quero ainda que fique surdo. É a tarefa que te exijo como pagamento pela tua dívida. A vida dele está agora nas tuas mãos, e, se o matares, por compaixão ou negligência, o seu destino vai parecer-te invejável em comparação com o que te estará reservado. Serão postos ao teu dispor todos os instrumentos e medicamentos de que precisares. Há alguma coisa do que disse que não tenhas entendido?»

Virei a cabeça, confuso. Não podia acreditar no que tinha ouvido, era como se os pesadelos de Skinnarviksberget tivessem voltado para me assombrar. A consternação fez-me esquecer a minha situação e abandonar a postura submissa. «Não! Não vou fazer isso, por preço algum, nem mesmo pela minha liberdade! Mande-me para Estocolmo e para a prisão. Prefiro vinte anos preso a uma mesa de trabalho numa fábrica a isto. Deixe-me apanhar a carruagem para Estocolmo!» Ele abanou a cabeça. «Essa possibilidade já não existe. Se me desafiares, deixarei o cão devorar-te, vivo, a começar pelas pernas.» «Mas o que fez ele, diga-me! Não pode ter feito nada para merecer isto.» Ficou parado à minha frente, em silêncio, antes de responder. «Faz a tua escolha.»

Por cima do meu choro, ouvi a sua respiração lenta e limpei as lágrimas com a manga do casaco. Ele não precisava de esperar pela minha resposta, pois ambos sabíamos qual seria. Voltou a falar. «Foi anestesiado com vinho e vai estar assim até à noite. Quando anoitecer, quero que lhe seja retirada a língua. Depois, podes avançar pela ordem que preferires. As intervenções têm de ser o mais breves possível, para não lhe porem a vida em perigo. Debaixo da mesa vais encontrar um estojo semelhante ao dos cirurgiões,

com todos os instrumentos afiados e em bom estado. Se precisares de mais alguma coisa, ser-te-á dada logo que o mencionares.» Não consegui conter o choro, mas, com as lágrimas e o ranho a escorrerem-me pelo queixo, lembrei-me das instruções de Emanuel Hoffman e das três coisas que usava para afastar os gases que ameaçavam espalhar a infecção pelos ferimentos. «Zimbro para fumigar a sala», disse eu, «caruma de pinheiro para espalhar no chão. E também vinagre.»

11.

Fiquei sozinho na sala com o rapaz amarrado. O meu peito arquejava ansiando por ar. Só passados alguns minutos depois de recuperar o fôlego ouvi a sua respiração. Pensar sobre a crueldade que estava prestes a cometer contra este jovem que podia ser meu irmão fez-me entrar em pânico, e fugi da casa de pedra. O meu anfitrião não estava à vista. Eu dissera-lhe a verdade: assistira muitas vezes Emanuel Hoffman enquanto este separava pele e músculos até o osso estar visível, prendia grampos nas veias, pressionava o joelho contra o ombro do ferido e, ao fim de alguns movimentos da serra, deixava o membro cair, altura em que podia fechar a ferida. Nem todos sobreviviam à amputação. Outros ainda morriam durante a convalescença. As ratazanas entravam pela costura e faziam o coto ficar negro e cheirar mal. E nessa altura a morte sobrevinha, a acompanhar a febre e os arrepios. Hoffman nunca me deixou fazer a cirurgia sozinho. Ambos achávamos que bastava passar-lhe os instrumentos de que ele precisava. Como poderia ser bem-sucedido agora?

Passei pelo celeiro, onde o monstruoso *Magnus* estava acorrentado. As paredes estavam tão ressequidas que as tábuas haviam encolhido e formado grandes fendas. Pus as mãos em concha em volta do rosto e fitei a escuridão. Rapidamente consegui vê-lo. Levantou-se devagar, quando um sexto sentido animal lhe disse que estava a ser observado. Pareceu-me que estava a olhar directamente para mim com olhos famintos. Respirava com a boca

aberta, e a baba começou imediatamente a escorrer-lhe pelos dentes amarelos. Vi-me no campo, com ele em cima de mim. Os meus pés dentro das suas mandíbulas, a serem mastigados até chegar às pernas, e depois as rótulas a partirem-se como nozes. Comecei a chorar novamente, querida irmã, quando percebi que não era de coragem que precisava para mutilar outro ser humano, era de cobardia para salvar a minha pele a todo o custo. E isso era muito fácil para mim.

Quando me sentei na fonte, pensei nos escritos que recebera de Hagström. Corri para o quarto, virei o saco de viagem e comecei a ler o mais depressa que conseguia. Encontrei ali alguma ajuda, sob a forma de textos e imagens a ilustrar várias intervenções, incluindo amputações, e os instrumentos necessários. A amabilidade do professor talvez fosse, mais uma vez, a minha salvação. Mas e a língua? Não havia em lado nenhum descrição de algo semelhante. Nisso só podia contar com o meu raciocínio. O maior problema era estancar a hemorragia. O sangramento é útil para restaurar a saúde num corpo, mas apenas dentro de certos limites.

Apesar de Hagström não ter descrito nada semelhante no seu texto, decidi fazer o que Hoffman me havia ensinado. Chamava-lhe miasma, os gases invisíveis que se erguem das impurezas, nas profundezas da terra, e que penetravam nos pulmões e nos ferimentos. Mas o homem dissera-me para ir buscar as coisas de que precisasse, por isso saí em busca de uma despensa. Não encontrei nada que cheirasse a vinagre, mas atrás das prateleiras vazias vi outra porta, e atrás dela uma escada que conduzia a uma cave. Acendi uma tocha para iluminar o caminho até lá abaixo e, quando ergui a chama acima da cabeça, vi fileiras sucessivas de garrafas empoeiradas. Era uma adega. Embora eu procurasse vinagre, Hoffman obtivera muitas vezes o mesmo resultado deixando vinho a azedar em salas fechadas. Peguei em todas as garrafas que consegui carregar.

Recolhi caruma no bosque, bem como zimbro. Não tive de andar

muito. Espalhei as agulhas de pinheiro em volta do rapaz amarrado e enrolei o zimbro num pau, que acendi para espalhar um fumo denso e branco. Deixei o fumo encher a sala enquanto pisava os galhos incendiados para os apagar.

No estojo que se encontrava debaixo da mesa encontrei todos os instrumentos que vira o Hoffman usar, embora estes estivessem mais limpos e parecessem quase novos. Havia grampos, uma serra, facas. Testei a lâmina contra a unha do polegar e constatei que estava afiada.

Estava pronto para lhe cortar a língua, querida irmã. Soltei a tira que lhe mantinha o pau preso entre os dentes, levantei a bola de tecido molhado que tinha dentro da boca e tirei-lhe a fita de tecido que lhe cobria os olhos. Acendi um pequeno lume na lareira e deixei que as chamas pegassem. Lentamente, ganharam uma cor rubra, e o espaço foi ficando iluminado à medida que o fogo se tornava mais forte. Cortei um pedaço de madeira e pus-lho entre os molares, para lhe manter a boca aberta. Virei-lhe a cabeça para o lado, para impedir que o sangue escorresse para a garganta. Quando levantei a faca, as minhas mãos tremiam tão violentamente que perdi a coragem. Enfiei-lhe os dedos na boca, quente e húmida, apenas para descobrir que era impossível agarrar a língua. Repetidas vezes, ela escapou-me por entre o indicador e o polegar. Lembrei-me da sensação de tentar agarrar o lagarto do frasco, no monte de Skinnarviken. Desisti, pousei a faca e saí da sala. Peguei numa das garrafas de vinho, parti-lhe o gargalo, à falta de meios para a abrir, e bebi até me arder a garganta e ter a camisa de linho ensopada.

O Sol começava a pôr-se. Ainda não era o anoitecer, mas já faltava pouco. Sentei-me, com as mãos nos joelhos, e balancei para trás e para a frente. Foi então que o ouvi, na sala atrás de mim, apenas alguns murmúrios no meio do torpor que lhe fora infligido. Falava a dormir e fungava: «Nós não somos responsáveis.»

Mal conseguia fazer o que me haviam ordenado com o paciente

inconsciente. Agora que ele estava acordado, não tinha a menor hipótese. Levantei-me de um pulo, fortalecido pelo vinho. O ferro incandescente enchia a sala com o seu odor, perceptível mesmo através do odor do zimbro. Desanimado, atirei a pequena faca para o lado e comecei a vasculhar no meio dos instrumentos dispersos. Na minha simplicidade, conseguira resolver o problema. Encontrei rapidamente os instrumentos que deveria usar. Ali estava a pinça e a tesoura. Puxei-as para mim, agarrei na língua com a pinça, apenas para constatar que a base ainda estava fora do alcance da tesoura. Saltei novamente para junto dos instrumentos e peguei num pequeno martelo e num cinzel de ponta arredondada. Já vira o Hoffman executar nos seus pacientes, em menor escala, o que agora me preparava para fazer, apesar de o meu estômago se ter revolvido com essa visão. Virei-lhe a cabeça para o maxilar estar voltado para baixo, encostei a ponta do cinzel aos dentes ao longo do maxilar, fechei os olhos com toda a força de que fui capaz e dei-lhe uma pancada com o martelo até ouvir as raízes dos dentes estalarem. Desloquei o cinzel e bati-lhe novamente, e mais uma vez. Por fim, restavam apenas gengivas feridas e buracos no lugar dos dentes. Agora era possível usar a tesoura. Cortei-lhe a língua o mais perto da base que consegui. Quando estiquei a mão para agarrar o atiçador do lume, por distracção agarrei-o com a mão e, pela primeira vez desde Karlskrona, senti o cheiro a carne queimada. Praguejei, embrulhei a manga do casaco em volta dele e encostei o metal incandescente à corrente de sangue que jorrava da ferida aberta.

Só nesse momento ele gritou, querida irmã. Mas não foi o pior. O pior foi quando abriu os olhos e me fitou.

Aquele olhar vai acompanhar-me até ao túmulo.

12.

Tenho bastante tempo para escrever, querida irmã, agora que os dias mais quentes do Verão estão a chegar. A tarefa que me foi imposta deixa-me com muitas horas do dia livres. As feridas precisam de tempo para cicatrizar, e tenho de estar atento à capacidade de recuperação do meu paciente. Frequentemente, as minhas funções resumem-se a prestar-lhe os cuidados diários. Alimento-o com papas, lavo-o e cuido de todas as suas necessidades. Muitas vezes, quando ele fica inquieto e solta uivos, dou-lhe vinho, mas ele nem sempre o quer, e sou obrigado a usar o funil. Não consigo ouvi-lo. Fica mais calmo quando o efeito do vinho se faz sentir.

O mesmo se pode dizer acerca de mim. Vou constantemente à adega buscar mais garrafas, e é frequente beber tanto quanto consigo. O meu anfitrião não parece importar-se com o que eu faço nos meus tempos livres. Viu-me tropeçar pelos corredores enquanto cambaleava da adega para o quarto, mas não disse nada. A bebedeira não me traz alegria, mas ainda assim é preferível à sobriedade. Pelo menos torna menos claras as imagens que se me infiltram na mente. Consegues imaginar o horror de encostar a ponta de uma faca a uma vista e pressionar até todas as imagens desaparecerem para sempre? Cenas como esta vêm-me constantemente à memória quando fecho os olhos.

De cada vez que amputo mais um membro, dou-o ao *Magnus*. Vejo os dedos das mãos e dos pés desaparecerem dentro daquela

garganta vermelha, ossos serem esmagados entre os seus dentes até exporem o tutano. Ele olha-me do seu canto como se dissesse: «Tu és o próximo.»

*

A bebedeira constante torna mais difícil distinguir o sonho da realidade. Os padrões do papel de parede parecem balançar e mover-se como tentáculos à minha passagem, preparados para me agarrarem se me aproximar demasiado. Na adega, certa noite, quando fui buscar mais vinho, vi um emaranhado de ratazanas à luz da tocha, presas pelas caudas e a guinchar. Ou terá sido um sonho? Rastejaram ao longo da parede soltando sons horríveis e desapareceram num canto. Dizem que é um mau augúrio. Muitas vezes bebo até cair antes de ir para o quarto, tanto para me ajudar a adormecer como para não acordar sóbrio.

Certa noite, acordei com um som perto de mim e vi que o meu anfitrião havia entrado no meu quarto, vasculhado os meus pertences e que agora estava sentado na cama a ler o que eu te tinha escrito, querida irmã, estas cartas que nunca te enviei e que foram redigidas para os teus olhos e para os de mais ninguém. Se não foi um sonho, também o ouvi rir.

Os escritos do Hagström têm-me sido muito úteis. Incluem desenhos que mostram a melhor forma de separar um membro do corpo, onde devo fazer as incisões e a importância de deixar uma aba de pele para cobrir o coto. Primeiro amarro-o para estancar a hemorragia, com uma tira de couro que trouxe dos estábulos e que corto no comprimento certo. Unto o couro com banha para o manter maleável e forte e impedir que fenda quando aperto com toda a força de que sou capaz.

Não tenho muito apetite, querida irmã, e ainda bem, porque tenho de esgravatar os campos em busca de comida. Não sei como o meu anfitrião se mantém vivo. Talvez tenha comida armazenada num lugar que só ele conhece. A camisa está-me larga, as calças caem-me pelas pernas abaixo. Ultimamente, tenho de as amarrar em volta da cintura para as manter no lugar. O retrato da sala assombra-me os sonhos. O meu anfitrião disse-me que é o seu pai. Diz que o odeia. Nos meus sonhos, vejo um homem com belas vestes a tactear às cegas pelos quartos e corredores da casa, com um buraco no lugar da cabeça. Procura o filho, não sei se para o abraçar ou para o estrangular.

Ontem preparei-me para lhe separar o braço esquerdo do ombro. Já só falta este e a perna do lado contrário. Depois disso, terei de encontrar uma nova forma de manter o meu paciente amarrado à mesa, pois já praticamente não me restam membros para prender com as tiras de couro. Afiei a faca e examinei cada um dos dentes da serra com o polegar, para verificar se estava afiada. Espalhara vinagre pelo chão e pelas paredes, substituído a caruma de pinheiro e fumigado a sala para purificar o ar. Acabara de dar um nó na tira de couro e de atravessar um pau nela para a torcer com toda a força de que fosse capaz quando notei algo. A luz do Sol entrava na sala e brilhava-lhe no dedo. Era um anel, minha irmã, no dedo mindinho da mão esquerda. Já devia tê-lo visto, mas até agora não lhe dera importância. Debrucei-me para o observar melhor. O anel era de ouro e tinha uma face oval. Cuspi na mão e fi-lo deslizar para fora do dedo — a mão tentou agarrar-me com as unhas falhadas, mas fui suficientemente rápido para não me deixar arranhar. Na face de pedra escura estava gravado um brasão, belo e detalhado. Senti-me zonzo, como se tivesse batido com a cabeça. Soltei a tira de couro e fui sentar-me no degrau da entrada.

Ao longe, um corvo grasnou do cimo de uma bétula. Fiquei muito tempo em silêncio a observar o anel. Era o tipo de anel usado por homens nobres, com um brasão a representar a família. Embora

nunca me tivesse sido dito o seu nome, aquele anel poderia identificá-lo se alguém soubesse interpretar o brasão.

Comecei a tremer enquanto os pensamentos me rodopiavam pela cabeça. A providência dera-me uma oportunidade de ter um pequeno gesto benevolente para com aquele a quem fizera mais mal do que uma pessoa infligiria ao seu pior inimigo. Mas como? Comecei a andar de um lado para o outro em frente ao pequeno edifício de pedra. O vinho que bebera turvava-me os pensamentos. Quando a voz falou atrás de mim, pensei que me ia bater ou que ia cair morto no chão. «Como vai o braço esquerdo? As tuas roupas ainda não têm manchas. Do que estás à espera?» O meu anfitrião estava mesmo atrás de mim. Move-se sem fazer o menor ruído. Senti os cabelos da nuca arrepiarem-se e ouvi a mentira na minha voz quando respondi, ao mesmo tempo que fechava a mão em volta do anel de ouro, «De nada, senhor, ia começar agora mesmo». Como sempre, o seu rosto não revelou qualquer expressão em volta daqueles olhos vazios como um lago escuro sob o céu nocturno. «O que apertas com tanta força na mão? Tens os nós dos dedos brancos. Mostra-me.» Baixei a cabeça, estendi as mãos e mostrei-lhe as palmas. Ambas vazias. Antecipando o seu sentido sobrenatural que lhe permitia perceber sempre quando lhe estavam a esconder algo, soltei o meu segredo na relva atrás de mim, por trás da minha perna. Ele fitou-me demoradamente enquanto eu mantinha as duas mãos trémulas estendidas à minha frente. «Não desperdices o teu tempo. Estás a ficar mais magro a cada dia que passa. Não me serves para nada se morreres de fome antes de concluíres a tua tarefa.» Dito isto, deu meia-volta e deixou-me. Quando ouvi os seus passos atravessarem o pátio, baixei-me para procurar o anel. As suas últimas palavras haviam-me dado a ideia de que não conseguiria encontrá-lo sozinho.

Na sala, encostei a mão à face do meu paciente. O seu rosto ainda era belo, apesar de haver apenas duas órbitas vazias por trás da ligadura e de as faces terem afundado devido à falta de dentes.

Nunca lhe tinha tocado assim, e ele pareceu acalmar-se. Peguei no anel com o polegar e o indicador e aproximei-o dos seus lábios. Quando ele percebeu o que era, pus-lho na boca e fui buscar água. Fi-lo beber e ouvi o som dos goles. Abri-lhe os lábios para olhar lá para dentro. Não havia o menor vislumbre do ouro. Tinha-o engolido.

O meu anfitrião tem um plano para o pobre coitado. Este desmembramento deve ter outra razão de ser. No seu estômago, o meu paciente transporta agora a prova do seu nome e da sua origem. Para quê não sei, pois em breve ter-lhe-ei decepado os membros restantes e tê-lo-ei privado de uma oportunidade de comunicar com o mundo exterior, mas talvez alguém o encontre, siga as pistas e venha dar aqui, ao monstro que é responsável por esta atrocidade sem igual. Não sei se o meu paciente ainda consegue ouvir. Seguindo as ordens do meu anfitrião, ao terceiro dia enfiei-lhe um espeto no canal auditivo, o mais fundo que consegui, e até bati palmas junto aos seus ouvidos, sem obter qualquer reacção. Ainda assim, curvei-me, aproximei a boca de um dos ouvidos e disse: «Se o anel sair, vou dar-to a engolir novamente, depois de o ter lavado. Quando nos separarmos, terás de ser tu a tratar dessa tarefa se quiseres mantê-lo. Como vais fazê-lo, não sei.»

Se ele entendeu, não deu o menor sinal. Depois cortei-lhe o braço esquerdo, levei-o num balde ao *Magnus* e fui para a adega beber até cair para o lado. Continuava a não conseguir dormir. Como já venho fazendo há muito tempo, preparei a minha tinta com fuligem e água, mergulhei a pena nela e escrevi-te, minha irmã e única amiga.

Lembras-te, minha irmã, de como costumávamos falar de um mundo para além deste, naquelas noites de Primavera em que me ajoelhava ao lado da tua cama até os pássaros começarem a cantar e os primeiros raios de Sol entrarem pela janela? De como costumávamos fantasiar acerca de um belo prado para além deste

vale de miséria e sofrimento, onde um dia saltaríamos de mão dada por entre as flores, sem medo nem preocupações, e onde a tristeza nunca poderia alcançar-nos? Quando nos cansássemos, deitar-nos-íamos à sombra das árvores, refrescados pela brisa. Beberíamos água fresca de uma fonte e saciaríamos a nossa fome com maçãs e bagas. Riríamos juntos, muito, muito longe da febre de Karlskrona, onde os barcos a remos chegavam todos os dias, lançados pela frota de Inverno e apinhados de corpos pretos-azulados, para atracarem nas nossas praias. Seríamos felizes juntos, como só um irmão e uma irmã podem ser.

Já não sonho com prados e bagas, querida irmã. Esses sonhos foram destruídos. Dizem que a inocência, depois de perdida, não pode ser recuperada, e neste Verão os sonhos foram-me roubados. Como posso voltar a sentir alegria ou felicidade depois do que vi e fiz?

Passaram-se quase quatro anos desde que a febre te levou, minha irmã, e que o teu coração parou de bater. O lençol lavado com que te cobri repousou sobre o teu peito. Percebi que já não respiravas e que não me restava mais nada senão cavar a tua sepultura, fazer uma coroa com flores de Primavera para deixar na terra e unir dois paus numa cruz para erguer sobre a tua última morada.

Já não te peço que esperes por mim à sombra das árvores, com um rubor no rosto e o vestido de linho que a nossa mãe te deu pelo aniversário, o qual viria a ser o teu último. Em vez disso, todos os dias rezo para que estejas em paz na sepultura onde te deixei e para que não exista nenhum prado paradisíaco para lá da morte, onde possas saber o que fiz. Peço para também eu ser em breve deitado numa cova igualmente escura onde exista apenas o vazio e absolutamente mais nada.

TERCEIRA PARTE

Borboletas nocturnas

Primavera de 1793

Emoções! Vida! Para onde fugis?
Neste abismo por onde persisto em cair,
As sombras obrigam-me a recordar
Tempos que há muito teimaram em passar.
Este negro caminho que é meu destino,
Estas nuvens que me cobrem sem sentido,
Estes véus que os pensamentos ateiam,
Este frio que me gela cada veia,
Esta fragilidade… tudo em breve parece explicado:
Em vida encontro-me já enterrado.

— Johan Henric Kellgren, 1793

1.

Anna Stina sabe que o fogo é um jogo de ângulos e espaço. O que vai ser queimado tem de ser cuidadosamente empilhado e de ter espaço suficiente para atear. É como uma coisa viva, o fogo, e, como tudo o resto, precisa de respirar. As brasas dos paus cuidadosamente colocados que acende no fogão da casa, em Katarina, revelam-se mais difíceis de fazer pegar do que imaginara. A pilha de Årstaviken é feita de pequenos galhos e vai incendiar-se assim que for tocada por uma tocha. O padre aguarda pelas sete horas. Quando o homem no cimo da torre da igreja de Katarina der as horas, a fogueira será acesa em honra de Santa Valborg.

Anna Stina costumava ter medo do fogo. Nas histórias infantis este era sempre um monstro, descrito por aqueles que tinham visto as suas casas reduzidas a cinzas, mas Anna Stina foi criança noutros tempos, criada em Estocolmo, que foi construída em pedra e não em madeira, e com os anos tornou-se cada vez mais difícil para ela ver a ligação entre o fogo devorador e o fogo acolhedor da lareira. Também esta noite, quando crescer dali a algumas horas, será domado, controlado e diminuído com o auxílio de baldes.

A noite está quente, mas o vento que sopra do mar é frio. É bem apreciado, uma vez que o Barnängen agora chega ao Fatburen de barlavento, onde a geada desapareceu e o fedor pode ser visto a olho nu, no meio dos enxames de moscas. Entre a Primavera e o Verão, a luz nocturna é agradável. Para trás ficou a escuridão dos

meses de Inverno, em que os caminhantes nocturnos tinham de apalpar o caminho de braços estendidos à sua frente, de candeeiro em candeeiro, todos os objectos perdidos passavam a pertencer à sarjeta e a única esperança era insinuar-se junto dos limpadores das ruas no dia seguinte ou permanecer no mesmo lugar até ser madrugada. De todas as estações do ano, a Primavera é a preferida de Anna Stina. O ano ainda não teve tempo de quebrar as suas promessas. Tudo parece possível.

Não é a única a alegrar-se. O prado está repleto de pessoas. Na relva estão sentadas crianças, pobres e vagabundos das congregações de Katarina e Maria, lado a lado com os trabalhadores das fábricas, os que têm tempo e energia para despender. Mais à frente estão as pessoas finas, os donos das fábricas com amigos da cidade entre as pontes, um grupo de nobres com roupas bonitas de seda e rendas. Ao lado dela está sentado Anders Petter, o vizinho. É alguns anos mais velho e já está a aprender a acompanhar o pai no mar. Um dia, saltará para o cais e caminhará com passos firmes sobre uma prancha irregular. E as velas brancas levá-lo-ão para lá do Saltsjön, em direcção ao mar, até Beckholmen ocultar o percurso do barco pelo mundo fora, muito longe de Estocolmo. Inveja-o. Sente-se presa à cidade por correntes que não são menos pesadas apenas por serem invisíveis.

A brisa vinda de Hammarby intensifica-se. Puxa os joelhos para o queixo e, ao mesmo tempo, ouve-se um grito das alturas. A tocha é encostada à base da fogueira, onde o fogo começa a lamber ansiosamente os galhos. As chamas pegam e sobem até ao topo. Um tumulto espalha-se por entre os grupos ali reunidos quando se descobre que o grito não veio da torre, mas de um dos miúdos de rua, que, impaciente, imitara essa voz. Tal coisa nunca havia acontecido. Um guarda corre, desanimado, pela colina acima para perseguir os pecadores, que rapidamente desaparecem em todas as direcções, com risinhos, mas os celebrantes encolhem os ombros. A alegria espalha-se. Garrafas de aguardente passam de

mão em mão. O crepúsculo intensifica-se. O fogo, que é agora uma garra luminosa a fazer pressão contra as estrelas, torna difícil distinguir algo mais do que silhuetas. Uma delas, no entanto, é inconfundível: uma figura embriagada está presa às mãos dos casacos azuis e é mantida à distância enquanto uma grande pinça a prende pelo pescoço. Debate-se e tenta saltar, primeiro para um lado, depois para o outro. As suas imprecações e natureza arrogante atraíram um séquito de observadores, que riem às gargalhadas. Só depois de o grupo passar Anna Stina repara que Anders Petter pousou a mão na dela.

Anna Stina sempre soube que este dia haveria de chegar. Não é ingénua. Anders Petter foi um bom amigo enquanto brincavam juntos nos jardins, mas ambos tinham crescido, e o interesse dele ultrapassara há muito os limites da amizade. Não tem nada contra Anders Petter. É uma companhia agradável e é bonito, com o cabelo escuro e os olhos claros, mas não se sente pronta para o passo que ele quer dar. Não sente desejo de proximidade física, tal como a mãe, Maja, que viveu sozinha toda a vida. Talvez uma noite, num futuro pouco distante, quem sabe, mas agora não. Já esperava por isto há algum tempo e passara noites em claro a ponderar como abordaria a rejeição sem arruinar a amizade. Por isso, é com surpresa que constata que a reacção surge espontaneamente, antes de ter tempo de a invocar. Afasta a mão. No silêncio que se segue, não sabe o que dizer. Está feliz por ter escurecido o suficiente para poder esconder o rubor do rosto. Em vez disso, é Anders Petter que fala.

— Sabes que gosto de ti, Anna. Sempre gostei.

As palavras escapam-lhe.

— Em breve estarás em idade de casar, Anna. A tua mãe já não tem muita saúde. Quando ela se for, não vais ter ninguém. Podemos procurar o padre, Anna, e pedir-lhe a bênção…

A voz dele vai ficando mais sumida até que desaparece completamente. Ela continua sem saber o que dizer. Odeia-se por

isso, sabendo que a dor dele aumenta com o seu silêncio. É como se fosse um bloco de mármore, perdido entre as torres de Barnängen, a caminho do cinzel de Sergel.

São os soluços de Anders Petter que a puxam de volta para a consciência. Já não consegue vê-lo, mas ouve o seu amigo de infância outra vez, o mesmo rapazito que consolou quando esfolava os cotovelos ou quando sofria os castigos do pai. Quando era pequena, Katarina não era a pocilga suja que aprenderam a conhecer com a idade, antes uma terra de contos de fadas, cheia de aventuras e imaginação. As ideias eram dela, mas sem ele não teria sido possível concretizá-las. Ela transformara o tecto de um abrigo no convés de um barco a navegar em direcção à China ou à Índia. Pedras e lascas de madeira transformavam-se em porcelanas e jade para felicidade de ambos. Quando as chuvas de Verão faziam a água correr pela colina de Katarina abaixo, transformavam-se em bombeiros. Anna Stina descrevia as chamas que só ela via, enquanto Anders Petter trabalhava e ria, carregando um balde furado. Ela dourara os dias com a sua fantasia. Durante muito tempo, pensou que era por isso que ele gostava tanto dela.

Mais uma vez, a reacção partiu directamente do seu coração, sem tempo para pensar ou calcular. Vira-se e abraça-o, põe os braços finos em volta dos seus ombros trémulos e sente que ele escondeu o rosto nas mãos. Balança-o para trás e para a frente, como sempre fez. Ele reage, põe os braços em volta dela e enterra o rosto no seu pescoço, enquanto ela lhe acaricia o cabelo. É um abraço redentor, e Anna Stina começa a pensar que está tudo bem quando os lábios dele procuram os seus. Cobre a boca dela com a sua ao mesmo tempo que os seus braços a apertam com força. Quando ela recua, ele segue-a, e caem para trás na relva. Ele muda de posição, pressionando-a contra o chão com as suas ancas pesadas, e, quando ela tenta protestar, a língua salgada de Anders Petter entra-lhe na boca.

Anna Stina sente-se confusa, como se aquilo fosse um mal-entendido. O horror segue-se imediatamente. Anders Petter sabe que foi rejeitado. Talvez espere que os beijos a façam mudar de ideias, que tenha sido apenas para proteger a sua honra que ela o rejeitou, que talvez esteja grata por poder fingir que a culpa foi dele. Os sons que Anna Stina tenta emitir são sufocados por Anders Petter, primeiro uma tentativa de falar com ele, depois os seus gritos a pedir ajuda. Segue-se o pânico, e o peito e os ombros de Anders Petter prendem-na ao chão, enquanto tenta afastar-lhe as pernas com os seus joelhos fortes. Algo está prestes a ser-lhe roubado, algo que não quer dar, e não há nada que possa fazer.

Mais tarde, Anna Stina recordar-se-á de todas as coisas que lhe passaram pela cabeça naquele curto espaço de tempo. As emoções conflituosas. Uma parte do seu ser que lhe sussurrara que a culpa era toda sua, que o que acontecera era algo natural, que aquele tipo de aproximações devia ser bem recebido. Conheciam-se desde sempre. Porque não haveriam de se conhecer também desta forma? Por toda a parte, no bairro pobre de Katarina, vêem-se as relações infantis transformarem-se em relações adultas. Quantas delas não terão começado com cenas como esta, em que o rapaz que se tornou homem é quem sabe e a rapariga que se tornou mulher tem de ser forçada a ver a razão?

Não. Ela suga-lhe o lábio inferior e enterra nele os dentes com toda a força de que é capaz. Sente um líquido quente com um sabor metálico. Quando ele recua, Anna Stina consegue estender a mão sob a chuva que cai sobre si e dá-lhe uma chapada, duas. Os braços que a prendiam retrocedem para conter o sangue, a pressão que a mantinha presa desaparece. Anders Petter sai de cima dela e fica deitado na relva.

Choram cada um para seu lado. Anna Stina é a primeira a parar. Estende a mão para tocar novamente em Anders Petter, como amiga, como que para lhe dizer que é capaz de perdoar o que aconteceu, mas é como se o seu toque o queimasse. Ele afasta-se

com um sacão, quase caindo, mas por fim consegue levantar-se e começa a correr pela colina acima.

Anna Stina fica sentada mais algum tempo. Lá em baixo, junto à baía, a fogueira é uma pilha incandescente que em breve estará reduzida a cinzas. Um velho com o chapéu de lado e nós na barba está sentado um pouco mais acima e lança-lhe um sorriso desdentado com uma mão enfiada dentro das calças, cobertas de sujidade e de vomitado. Esteve ali sentado durante todo aquele tempo. Cospe um pouco de tabaco pelo espaço entre os dentes da frente.

— Estava à espera de um espectáculo melhor, mas tenho a certeza de que hás-de encontrar um adversário mais fogoso, e nessa altura talvez tenhas a bondade de avisar um pobre coitado disposto a pagar um xelim para assistir!

Dá uma palmada na perna e ri-se da sua própria piada. Ela estremece de desconforto, sacode a erva da roupa e segue o mesmo caminho que Anders Petter seguiu, em direcção a Katarina.

2.

Com a Primavera chega o calor, com o calor chega a febre. Espalha-se rapidamente e, embora atinja jovens e velhos, ricos e pobres, é mais cruel para os mais fracos. Desde que Anna Stina se lembra, a sua mãe, Maja, sempre trabalhou como lavadeira em Barnängen, com as costas curvadas sobre lãs e linhos nas baías e cais, ombros com ombros com outras mulheres na mesma situação. Na Primavera adoecia. Foi sempre assim. A febre atacava facilmente as fábricas, apesar de manterem as janelas fechadas para afastar os fumos nocivos da cidade, e Maja Knapp estava sempre entre os afectados. Começava com uma dor de garganta e inchaços de ambos os lados do maxilar inferior. À noite ficava com calor, destapava-se e suava copiosamente. Ao final do dia ficava na cama. Às vezes tinha muito frio, às vezes calor, e Anna Stina, que partilhava com ela as cobertas, via-se ser puxada ou afastada pela mãe, adormecida. Maja não quer comer, mal consegue beber, tem de ser obrigada a alimentar-se.

Às vezes delira. As palavras surgem como uma corrente, como se não conseguisse contê-las, às vezes palavras que ninguém conseguia entender, outras vezes falando com grande clareza, como se estivesse acordada e em plena posse das suas faculdades. Nesta noite, enquanto Anna Stina tenta fazê-la abrir a boca para a obrigar a engolir colheradas sucessivas de sopa, fala do fogo. Como muitos velhos, chama-lhe o galo vermelho, o fogo que destruiu quase toda a zona de Maria no ano de 1759, quando Maja Knapp

ainda só saíra do ventre da mãe há poucos anos. Anna Stina ouviu aquela história mais vezes do que consegue contar, mas nunca como naquela noite. Sob a influência da febre, Maja fala descontroladamente, e os detalhes surgem como se estivesse a ver a cena diante dos seus olhos. É a história de como foi ali parar, à congregação de Katarina.

Maja Knapp aluga uma cama para si e para a filha em Katarina, mas foi na congregação de Maria que nasceu. Estava na casa dos pais nesse dia, num Verão em que o calor se transformara de alegria em seca. No espaço entre as casas, construiu uma quinta feita com caruma de pinheiro e pinhas, com pedras a fazerem de casas e paus a fazerem de cerca. O pai e a mãe estavam a trabalhar nos campos para lá de Danto. Enquanto a mulher do vizinho, que já era demasiado velha para trabalhar, ficava de olho em Maja entre sestas, ela podia brincar durante horas à sombra de uma tília.

A tarde ainda mal começara quando o sino da igreja de Maria começou a tocar descontroladamente. Duas batidas claras, repetidas uma e outra vez, antes do toque das quatro. Rapidamente veio a resposta da torre de Katarina, e um momento mais tarde o mesmo sinal emanou das três torres da cidade entre as pontes. Depois soou o toque do outro lado do Gullfjärden, de Klara, Jakob e Hedvig, e da torre do sino no topo de Brunkebergsåsen. Seguiu-se um canhão em Skeppsholmen, com uma salva dupla, e repetiu-se, com os mesmos dois tiros. Por toda a cidade foram hasteadas as bandeiras que sinalizavam que havia fogo. A sua cor indicava a direcção do perigo.

O cheiro fez-se sentir pouco depois, um cheiro a fumo. Fazia arder os olhos. Os primeiros fugitivos começaram a descer as ruas, pessoas que haviam carregado todos os pertences que desejavam salvar em carrinhos ou às costas. Na primeira meia hora foram apenas os poucos que viviam perto da igreja e esperavam que o

fogo fosse extinguido. A esperança desapareceu com as ratazanas.

Apareceram numa onda cinzenta, saídas das caves e dos anexos e dos armazéns junto ao porto, a correr em direcção ao Saltsjön. Toda a gente sabe: quando as ratazanas fogem, tudo está perdido. A seguir veio o pânico. Uma hora depois de os sinos terem começado a tocar, o vento intensificou-se, cobriu a cidade de fumo, e a congregação de Maria ficou mergulhada na escuridão.

*

Um jovem apareceu a correr para levar a velha da casa ao lado. Mal olhou para Maja. Só quando já estava a sair da propriedade a consciência o obrigou a voltar atrás.

— Corre, miúda. O fogo está a vir de Danto e Hornstullen. Corre para Slussen.

Por estar proibida de sair para a rua sem estar acompanhada, escolheu esperar, até que o fumo lhe deixou os olhos a lacrimejar. Cada golfada de ar que engolia resultava num ataque de tosse. Na rua, desorientou-se rapidamente. Nunca tinha saído de casa sozinha, e o fumo apagara todos os pontos de referência conhecidos. As torres das igrejas, os moinhos. A multidão assustava-a. Passos pesados com socas de madeira, rodas de carroças e carrinhos de mão. Em vez de ser atropelada contra o chão de terra e as pedras da calçada, escolheu esconder-se numa abertura entre duas tábuas numa parede. Junto ao chão ainda era possível respirar ar puro e, com o rosto encostado ao solo, esperou. Do meio das trevas, a oeste, vinham sons terríveis. Vacas e cavalos que haviam sido deixados presos eram assados onde estavam e soltavam vozes de agonia. Maja Knapp ainda estava no seu esconderijo quatro horas mais tarde, quando o Sol se pôs e a corrente de fugitivos terminou. Só nessa altura se aventurou a sair e a ver o céu em chamas.

Das pedras da calçada, viu-o pela primeira vez, o galo vermelho. Mais alto do que a torre da igreja de Maria e com chamas que se erguiam até aos céus. Subiu a colina à beira da água e chegou ao topo da montanha com um rugido avassalador. Engoliu tudo o que encontrou pelo caminho. As chamas lamberam a madeira seca das paredes dos edifícios. Cercaram as casas de pedra dos ricos por todos os lados até deixarem marcas negras nas fachadas e nas pilastras, partindo os vidros das janelas e transformando o interior em fornalhas, um calor suficiente para pegar fogo aos móveis e às tapeçarias. Quando as telhas de cobre dos telhados se tornaram incandescentes, saltaram das traves, levadas pelos ventos quentes como morcegos vermelhos de asas magoadas. O calor do hálito do galo vermelho fez-lhe bolhas na cara. As marcas que estas deixaram ficariam consigo para o resto da vida.

Mais ao fundo da rua, viu um homem com uma só perna a coxear apoiado na bengala, com o fogo no seu encalço. Quando a bengala ficou presa nas pedras e lhe foi arrancada da mão, tentou rastejar. As roupas e a peruca começaram a deitar fumo enquanto gritava, e subitamente a peruca pegou fogo. De repente, ficou com a cabeça exposta, sem que as chamas lhe tivessem tocado. Continuou a gritar durante muito tempo. Finalmente, ela começou a correr, a chorar e a gritar, para longe do calor, com o rosto sujo marcado pelas lágrimas. À sua volta, faíscas voavam e ateavam novos fogos onde aterravam. Parecia-lhe que estava a correr por uma floresta, com chamas em vez de folhas.

O colo da mãe aguardava-a na praça Södermalmstorg, onde os habitantes haviam sido levados para Slussen pela guarda. Nunca mais viu o pai. Já não se lembra do rosto dele.

O fogo durou mais um dia. Maja e a mãe viveram da caridade das igrejas nos primeiros tempos. Mais tarde, foram acolhidas pelo dono da propriedade de Danto. Da sua casa não restava nada. Nunca conseguiram identificar o corpo do pai. Uma geração inteira foi

transformada em vagabundos do dia para a noite, condenados a vaguear para o resto da vida pelas ruas da cidade, bêbedos e andrajosos, sombras das pessoas que haviam sido em tempos. Trezentas quintas e casas deixaram de existir. Vários bairros foram reduzidos a cinzas.

Durante a sua infância, Maja Knapp viu-os renascer, mas agora como uma cidade de pedra. As casas de madeira da sua infância desapareceram. Os carpinteiros morriam à fome, enquanto os pedreiros enriqueciam. Juntamente com a mãe, Maja Knapp mudou-se para Katarina, onde as casas de madeira ainda estavam de pé, organizadas em ângulos irregulares e em todas as direcções, para os donos conseguirem fazer mais dinheiro com elas. A chuva entrava pelos telhados, e os chãos eram de terra, pelo que os baldes deixados para apanhar a água congelavam nas noites de Inverno. Uma nova armadilha mortal para os desamparados. Ali ficaram. A mãe encontrou um novo homem e teve outra filha. O pai desapareceu assim que a barriga começou a notar-se.

Anna Stina pousa a mão na testa da mãe. Maja Knapp está quente, a sua respiração é fraca. Não há dúvida de que é a febre que está a fazê-la recordar o incêndio na congregação de Maria, às mãos do galo vermelho. Anna Stina sente um aperto no peito. Não quer deixar a mãe sozinha, mas não tem outro remédio senão ir à procura de ajuda, apesar de não ter nada para oferecer em troca.

Quando põe o xaile por cima dos ombros e abre a porta para sair a correr, surpreende-se ao ver que já ali está alguém: o sacristão Boman, da igreja de Katarina. É jovem e espera um dia vir a assumir a direcção da paróquia, quando o pastor Lysander for ao encontro do Criador. Cheira tanto a álcool que de certeza esteve a beber momentos antes de Anna Stina abrir a porta. Ela não esperava a ajuda dele e perguntou-se quem o teria enviado.

— A mãe Maja tem febre. Por favor, leia para ela enquanto vou buscar o farmacêutico.

Quando Anna Stina regressa, meia hora mais tarde, não cumpriu a sua missão. O farmacêutico Josef Karlsson saiu para jantar. A mulher disse-lhe que ele já devia estar tão bêbedo que não serviria de nada, mesmo que Anna Stina fosse a Djurgården chamá-lo.

O silêncio abateu-se sobre a casa. Mesmo as famílias com quem dividem a residência estão em silêncio à porta, quando Anna Stina entra. Ao lado da cama, o sacristão está de pé com as mãos unidas. O lençol foi puxado para cobrir o rosto de Maja, e, a princípio, Anna Stina não entende o motivo. O sacristão pigarreia. As palavras que pronuncia parecem demasiado solenes para aquela voz tão jovem.

— Anna Stina, a tua querida mãe, Maja Knapp, deixou-nos. Que Deus tenha piedade dela.

Murmura algumas palavras que ela não ouve. Os joelhos cedem sob o peso de Anna Stina. Perde o fôlego, como se tivesse levado um murro no estômago. Não tem nenhum som, nenhuma palavra para acrescentar ao vazio que toma conta dela. As lágrimas começam a correr. A injustiça é mais do que consegue suportar. Maja Knapp, que durante tantos anos cuidou sozinha da filha, que enfrentou o desdém da congregação por ter uma vida miserável, que arruinou o corpo a trabalhar dia após dia, sofreu tanto para morrer sozinha e sem consolo? É demasiado. O corpo de Anna Stina estremece. O sacristão Boman tem dificuldade em encontrar as palavras quando volta a falar.

— Não foi por causa da sua mãe que aqui vim esta noite. Vim a mando do pastor. Deve saber que nenhum de nós tinha conhecimento do que o destino havia planeado para esta noite. Acredito que terá sido a providência a garantir que a mãe Maja tivesse um homem de Deus ao seu lado na sua última hora.

Boman recupera a compostura e limpa o nariz antes de continuar.

— Recebemos cartas com testemunhos contra si. Tem de ir ao consistório responder pelas acusações de prostituição e maus costumes. O padre vai querer falar consigo primeiro.

3.

— Como ganha o seu pão, Anna Stina?

Elias Lysander é baixo e atarracado e, com quase cinquenta anos de idade, tem quase tanto de largura como de altura. A batina preta fica-lhe justa na barriga e no peito, e o papo no pescoço cobre-lhe a gola. A recepção é escura, com paredes forradas a tecidos que carregam a sujidade de décadas. O que pretendia parecer sóbrio e solene perdera-se devido à falta de cuidado. Livros e pastas estão empilhados entre tinteiros e cachimbos de barro. Lysander recebe as pessoas sentado à sua secretária, enquanto os réus ficam de pé, à sua frente. Anna Stina viu poucas vezes o pastor fora do púlpito. Parece simultaneamente diminuído e maior. De perto, cheira a suor e a fumo, e o arenque que comeu ao pequeno-almoço ainda lhe perdura no hálito. Ao mesmo tempo, o poder que representa torna-se mais tangível, dirigido apenas a ela e não a uma multidão. A voz é a mesma, uma voz forte e habituada a ser ouvida. Anna Stina não consegue impedir a voz de tremer quando fala.

— Vendo fruta de um cesto e ganho algum dinheiro.

Lysander assente, como se a resposta confirmasse o que já sabia. Deixa passar algum tempo antes de continuar, com o olhar fixo em Anna Stina, que não sabe se há-de fitá-lo ou não.

— O sacristão Boman diz-me que a sua mãe, Maria Knapp, nos deixou.

— Maja. A minha mãe chama-se Maja.

A voz de Anna Stina é fraca. Lysander lança um olhar venenoso a

Olof Boman, com os olhos raiados de sangue. O sacristão está num canto, com as mãos unidas atrás das costas, e finge não fazer caso. Anna Stina corrige-se, interrompendo o silêncio tenso.

— Chamava-se.

Lysander afasta a irritação. O alívio de Boman graças à distracção é tão evidente que o barómetro na parede quase mostra a pressão a baixar.

— Deus dá e Deus tira, Anna Stina, e deve encontrar conforto na certeza de que a sua mãe está num lugar melhor.

Lysander parece não saber como conduzir aquela conversa, mantendo um tom de compaixão. Tem uma ressaca do dia anterior, e nem a bebida matinal, nem a bebida da hora do almoço, nem o café conseguiram diminuir-lhe a dor de cabeça. Opta por uma espécie de irritação, à falta de melhor solução para ir directo ao assunto.

— Como pensa sustentar-se na ausência da sua mãe? Maja Knapp não era casada, o pai de Anna Stina nunca foi conhecido, e não tem noivo, apesar de já estar na idade.

Ainda mal passou um dia desde que Maja foi levada de sua casa, para o cemitério dos pobres de Katarina. Anna Stina providenciou o melhor funeral que pôde. Fez-se a mesma pergunta, e duvida de que a resposta, que não lhe pareceu satisfatória, convença Elias Lysander.

— Talvez eu consiga negociar uma renda menor ou talvez o senhorio tenha um espaço mais pequeno para me alugar. Assim terei o suficiente para comer. Suponho que também posso vender mais, se o comerciante Jansson me deixar. Estou preparada para trabalhar mais horas por dia.

Lysander e Boman trocam um olhar intenso.

— E que tipo de fruta vende a Anna Stina?

Anna Stina sente que há algo ameaçador na voz do pastor.

— Limões, quando há, ou então ameixas, bagas e maçãs no fim do Verão e no Outono.

Lysander lança-lhe um olhar severo.

— Anna Stina, sabe o que se diz das raparigas que andam por aí com cestos?

Sabe. Não consegue enfrentar o olhar do pastor quando responde.

— Que muitas se vendem em troca de dinheiro e que só levam algumas peças de fruta no cesto.

Ela própria já as tinha visto nas ruas e aos portões, raparigas ao lado das quais trabalhava, a descerem as escadas das casas com o cabelo em desalinho, as roupas amachucadas e o cesto tão cheio como estava no início da manhã. Todas sonhavam encontrar um pretendente. Toda a gente conhece as histórias. Era sempre uma amiga de uma amiga, que hoje dança entre barões, com um colar de pedras preciosas ao pescoço e o cabelo levantado em penteados tão altos e belos que bate nos candelabros de cristal quando passa. Algumas saem-se melhor do que outras nos colchões e nas escadas. Umas com compostura, outras com sofrimento. Poucas duram muito tempo. Desaparecem. Para onde vão ninguém sabe. Algumas deixam para trás o cesto, não em troca dos salões de baile e das mansões, mas de um bordel, onde mudam de nome e passam os dias e as noites deitadas de costas enquanto os convidados se aliviam entre as suas pernas. Borboletas nocturnas.

— A Anna Stina e a sua mãe Maja não parecem ter passado necessidades, apesar de não haver um homem na casa e de ter nascido do pecado. A Anna Stina deve ter ganhado bem com as frutas que leva no cesto. E agora apresenta-se diante de mim e diz-me que os seus limões parecem ter agradado muito aos seus clientes?

Anna Stina sente o sangue a subir-lhe às faces. O rubor parece ser interpretado como mais um sinal de culpa. Não sabe o que dizer. Ele parece determinado a entender a verdade como mentira. O pastor Lysander inclina-se para a frente, cruza os dedos e prossegue, sem ter obtido resposta.

— Bem pode ficar calada. Há testemunhas dos seus pecados, Anna Stina. A congregação de Katarina pode ser pobre, mas, se pensa que não há aqui pessoas dispostas a defenderem o que está certo, engana-se.

Elias Lysander quer ser deixado em paz neste final de manhã, a sós com o seu tabaco, sentado numa poltrona gasta, no jardim. O processo parece-lhe tão entediante como previsível. Como pode esta rapariga mentir-lhe descaradamente, a ele que vive e trabalha em Katarina há anos e que conhece a história de cor? A filha é uma prostituta, tal como a mãe, numa longa linhagem que atravessou várias gerações, desde o pecado original. Gente sem o divino dentro de si, incapaz de distinguir o bem do mal, entregue aos desejos da carne e às bestas do Jardim, pagãs simples que só adoram Mamom, Baco e Vénus. A situação tem vindo a piorar ao longo do último século, e o fardo de Lysander torna-se mais pesado a cada ano que passa.

O fogo de 1759 atirou a congregação de Maria para a miséria. Quando as casas de pedra surgiram e novas rendas foram aplicadas, foi Katarina que recebeu os pobres. Por estas almas perdidas, é Elias Lysander que tem de responder perante Deus, e, por mais que se esforce, nunca é suficiente. As sessões do consistório da igreja, onda a sua sujidade é limpa por padres de todas as congregações, de Klara, Maria, Jakob, Nikolai e Hedvig Eleonora, são as piores. Desenvolveu o hábito de se fortalecer antes das sessões com uma bebida, mas nem a aguardente consegue calar o ressentimento em relação aos colegas, que conseguem ver o que é claro para todos: Elias Lysander é um mau pastor para o seu rebanho. Mais um cordeiro que se perdeu sem que tivesse podido fazer algo para o evitar. A raiva causada pelas injustiças da vida abate-se sobre ele.

— Anna Stina Knapp, não tem nada a ganhar com as suas mentiras. Natanael Lundström e a sua mulher, Klara Sofia, pessoas

boas que contribuíram para o bem da congregação com colectas e orações, submeteram testemunhos escritos de como tentou aliciar o seu filho, o aprendiz de marinheiro Anders Petter, para a ruína. Eu próprio interroguei o rapaz. Ele diz que a Anna Stina o atraiu para um lugar isolado, que desvendou o seu sexo diante dele e rolou as ancas, que se lhe ofereceu de todas as formas possíveis e tentou fazê-lo quebrar o sacramento. Como tantas outras mulheres, só quer encontrar um Adão para Eva, tentá-lo e desviá-lo do bom caminho. O que faz com o seu cesto é mais do que óbvio, e o casal Lundström afirmou-o categoricamente. Não tenho razão para duvidar.

Lysander faz uma pausa. Ficou ofegante com aquele relato, e o seu coração bate descompassado. A rapariga está imóvel, com o seu vestido de linho branco, a saia pela altura dos joelhos, para a poupar à imundície que tem de atravessar todos os dias, a cabeça baixa sob o lenço com que cobriu a cabeça, muda e pálida. Quando Lysander volta a falar, o tom da sua voz é mais baixo e pelos seus próprios motivos: que sejam as prostitutas de Ladugårdslandet e Brunkeberg a arruinar os seus padres desta vez.

— Apesar da gravidade do pecado, não gostaria de ver a Anna Stina ser levada ao consistório. Ainda é jovem e tem a ignorância da juventude, que deverá jogar a seu favor. Melhor será que este problema seja resolvido na congregação. Ainda assim, não pode sair impune. Por isso, sugiro o seguinte: deve arrepender-se dos seus pecados perante mim e o sacristão Boman, reconciliar-se com Anders Petter e a sua família, com preces de perdão e promessas de arrependimento e recuperação, e só então o castigo será perdoado. Quando virmos que já não tem pecados, e que não quer continuar a andar por aí com o cesto a vender mais da mesma fruta, definiremos uma quantia simbólica. Entende, Anna Stina?

*

Anna Stina sente a mesma paralisia que sentiu junto ao leito de morte de Maja. Não consegue respirar, não consegue mexer-se. A única coisa que consegue fazer é permanecer imóvel, enquanto Olof Boman se contorce e o rosto do pastor Lysander se cobre de um tom cada vez mais escuro de vermelho.

— Perdeu a fala? Não entende o esforço que estou a fazer para a poupar? Tem de confessar os seus pecados e de se emendar para salvar a sua honra!

Talvez fosse por Anna Stina ter tão pouco. Pensa que talvez aqueles que têm mais coisas mundanas também possuam a capacidade de atribuir um menor valor à verdade. Sob o olhar furioso de Lysander, sente que a verdade é a única coisa que tem, e é com surpresa que descobre que não está disposta a abdicar dela. É sua e é tudo o que possui. Maja Knapp está morta, e agora Anna Stina toma a única decisão que pode tomar, e é o único consolo que encontra depois da morte da mãe. Debaixo da terra, Maja esquiva-se a testemunhar a catástrofe que Anna Stina já antevê. Um ténue sussurro vem-lhe aos lábios, mas é como se ecoasse entre as paredes daquela sala e ficasse a pairar no ar.

— Não.

Anna Stina fecha os olhos enquanto aguarda a explosão. Esta não chega. Quando volta a abrir os olhos, tudo está na mesma. Lysander encontra-se sentado na cadeira, com as suas costas demasiado largas para o assento. Boman finge não estar ali. Os olhos semicerrados do pastor emanam um ódio mudo, mais assustador por estar contido. Não sobe o tom de voz. Este é quase dócil.

— Desapareça da minha vista, Anna Stina Knapp.

Ela começa a chorar assim que lhe vira as costas. Promete a si mesma que estas lágrimas serão as suas últimas. Está a mentir.

4.

— Estão aqui dois homens à tua procura!

Anna Stina conhece a rapariga apenas como Ulla. Ninguém lhe conhece o apelido, nem ela própria. Anna Stina demora alguns momentos a reagir. Ulla não é boa da cabeça, e é fácil ignorar o que diz sem pensar no que significa. Tal como Anna Stina, percorre as ruas com o seu cesto, mas mais a sul de Maria. O comerciante Efraim Jansson tem um sistema para as suas raparigas, em que cada uma tem a sua própria rota, e as suas zonas são bem guardadas. Que Deus ajude quem as invadir. Pode esperar ser perseguida até uma esquina e receber puxões de cabelos, murros e arranhões.

Ainda assim, às vezes encontram-se nas zonas fronteiriças, como neste caso. Anna Stina caminha das praias de Lortfjärden para a rua Repslagargatan, a oeste, e para a rua de Sankta Katarina, a sul. Ulla em volta do Fatburen, onde mais ninguém quer pôr os pés. Encontram-se no cimo da colina Postmästarbacken, com vista para Slussen lá em baixo e para a cidade entre as pontes. O cesto de Anna Stina está quase vazio. Espera conseguir vender o resto da carga no caminho de regresso a Jansson, mais ao fundo da colina, esperando que ele tenha mais fruta para lhe dar. Se se apressar, ainda pode dar mais uma volta antes do pôr-do-sol.

Ulla olha-a de olhos semicerrados e boca aberta. Anna Stina não sabe muito acerca dela. A rapariga carrega o cesto desde o início da Primavera, e as semanas de trabalho ao ar livre deixaram a sua

marca. A pele ficou castanha do sol e da poeira, e as costas curvaram-se do peso que carrega. Vende com dificuldade e apenas o suficiente para manter o emprego. É sempre alvo de desconfiança na altura de entregar a receita, e os artigos que lhe sobram têm de ser rapidamente divididos pelas outras para serem vendidos antes de se estragarem. Anna Stina já a viu sair a coxear de recantos e celeiros, onde alguém abusou dela, com a saia suja e com a touca de cores garridas de lado. Os pensamentos de Anna Stina voltam ao prado e a Anders Petter. Fica horrorizada ao pensar na quantidade de situações semelhantes que Ulla já terá vivido. É um milagre a rapariga ainda não ter engravidado.

À noite, Anna Stina pensa no que Lysander disse e tenta imaginar as partes da história que não conhece: que Anders Petter deve ter regressado a casa naquela noite, furioso por ter sido rejeitado, e que os pais devem ter descoberto o que aconteceu ao filho. Sabe o suficiente acerca de Natanael e Klara Sofia Lundström para poder adivinhar o resto. A mãe, em particular, sempre encarou Anna Stina com desconfiança à medida que os anos passavam, e a amizade entre ela e Anders Petter durava certamente devido ao medo que tinha de o filho escolher casar com uma simples rapariga de rua, em vez de esperar por alguém do seu nível e preferir cortejar a filha de um nobre. Se Anders Petter lhe tivesse dito algo que não a verdade, não hesitaria em pensar mal de Anna Stina, uma aventureira que lhe queria fisgar o primogénito e arrastá-lo para uma vida de depravação com os únicos meios que tinha ao seu dispor. Perguntas que sugerissem as respostas desejadas ter-se-iam encarregado do resto. Anders Petter, provavelmente lavado em lágrimas, só teria precisado de assentir com a cabeça para confirmar as suspeitas da mãe.

Ulla funga. O ranho escorre-lhe para o lábio superior. Anna Stina desperta do seu devaneio.

— Que tipo de homens?

Ulla limpa o nariz à manga gasta do vestido.

— Usam roupas estranhas. Um deles tem um olho a menos.

— O que querem eles comigo?

— Perguntaram se eu conheço uma rapariga chamada Anna Stina. Qual delas, perguntei eu, Knapp ou Anderssonskans. Knapp, disseram eles, a que carrega o cesto na congregação de Maria.

— Quando os encontraste? O que respondeste?

Ulla faz uma careta, tentando concentrar-se o suficiente para responder a várias perguntas ao mesmo tempo.

— Já há algum tempo. Antes do meio-dia, porque o sino da torre ainda não tinha tocado. Eu teria ouvido se tivesse. Fui ao poço da igreja porque tinha sede.

— Porque não foste antes ao poço de Brunnsbacken? Se o Dragão te tivesse visto ao pé da igreja, ter-te-ia dado uma sova outra vez. Sabes isso melhor do que ninguém.

Ulla sorri e soergue o lábio numa expressão orgulhosa, exibindo o buraco no lugar dos três dentes da frente que Karin Ersson, conhecida como o Dragão, Draken, o nome do bairro que fica na rota do cesto de Ulla, arrancou com uma pedra da última vez que Ulla saiu da sua rota.

— Perguntaram se eu conhecia a Anna Stina Knapp e se sabia onde podiam encontrá-la. Perguntei o que tinha acontecido ao olho do mais alto e à perna do mais baixo. O mais baixo disse que, se eu tivesse juízo, estava calada e respondia às perguntas deles em vez de inventar perguntas para lhes fazer. Respondi que podia tentar, mas que era difícil calar-me e responder ao mesmo tempo. Então o mais alto puxou-me os cabelos.

Ulla levanta a touca para lhe mostrar uma zona vermelha atrás da orelha, onde o escalpe está visível por entre as madeixas desgrenhadas.

— Doeu-me tanto que perdi o cesto e quase comecei a chorar, mas depois pensei que a Anna Stina sempre foi boa para mim e que aqueles dois não vinham para lhe fazer bem, por isso disse-lhes que conhecia bem a Anna Stina, uma rapariga grande com cabelos

pretos e uma corcunda que carrega o seu cesto para lá de Björngården.

A descrição contrasta completamente com o cabelo louro de Anna Stina, com as suas costas direitas e com o seu território a oeste, perto de Repslagarns. E correspondia a Karin Ersson e ao seu território, na zona de Draken.

Separaram-se. Anna Stina corre pela calçada sob a luz cada vez mais fraca. No armazém, Efraim Jansson está prestes a terminar as tarefas do dia e a preparar o seguinte. Anna Stina desistiu da ideia de dar mais uma volta à sua zona para esvaziar o cesto. O comerciante reclama ao ver alguns dos seus produtos serem devolvidos.

— Então a menina Knapp já tem dores nos pés? Prefere ir para casa empoeirar as faces e perfumar o pescoço com água de rosas?

Reconhece o brilho nos seus olhos quando analisa os números na sua folha.

— Os ruibarbos estão a ficar passados. Já não vou poder vendê-los ao mesmo preço amanhã. Sabe-lo tão bem como eu. A diferença vai ser deduzida do teu pagamento.

Recebe algumas moedas pelo que conseguiu vender. Menos do que contava.

Em Postmästarbacken as sombras começam a ficar mais longas. O Sol desce do outro lado da colina, e a pouca luz que resta tem um tom amarelo-avermelhado. Anna Stina olha em volta antes de sair, mas não vê nenhum homem igual aos descritos por Ulla, nem no cimo da colina, nem lá em baixo, junto à praça e a Slussen. Anna Stina sobe a colina em direcção a Katarina, passando pelo cemitério e pela fábrica de têxteis. Mais adiante, começam a aparecer as casas de madeira, com as suas passagens estreitas e becos cujos nomes só os habitantes conhecem. Entre elas está a casa onde Anna Stina lamenta já não poder viver.

Vê-os no mesmo instante em que eles a vêem. Estão à espera atrás de uma fachada de madeira decrépita. Os seus uniformes são azuis, bem cuidados e abotoados até ao pescoço, e usam meias até aos joelhos. O mais baixo carrega uma espada, o mais alto um bastão e uma corda. O mais baixo fuma um cachimbo de barro, e ela ouve-o praguejar quando a surpresa o faz parti-lo entre os dedos. Os dois lançam-se no seu encalço sem dizerem uma palavra. Anna Stina esconde-se entre duas paredes de madeira. A passagem torna-se cada vez mais estreita, mas, por fim, condu-la a um pequeno pátio. Encostado à parede da casa está um velho horrível a esculpir um pedaço de madeira sob a luz fraca do fim do dia e que mal tem tempo de soltar uma exclamação de espanto antes de ela saltar a cerca do outro lado do pátio. A rua do outro lado é como a maioria das ruas daquele bairro, sem chão empedrado, apenas terra batida. Vira ao acaso para a direita e corre o mais depressa que consegue. Atrás dela ouve-se um grito — «Travem essa ladra!» — vindo dos seus perseguidores, numa tentativa de conseguirem ajuda para a sua perseguição, ou do velho, a quem a experiência ensinou que, se uma pessoa corre pelas ruas de Katarina, regra geral é porque leva algo roubado.

Junto a um armazém há tábuas soltas encostadas à parede, e o ângulo é suficientemente largo para lhe permitir enfiar-se entre a madeira e a parede. Espera ali até ao cair da noite. Quando volta a espreitar para fora, as estrelas brilham sobre Katarina, mais do que é possível contar, mais nítidas e fortes porque a maioria dos senhorios não se dá ao trabalho de instalar luzes. Tem de sair dali, mas não sem as suas coisas. Ainda tem alguns xelins guardados numa bolsa, uma escova de Maja, uma pulseira entrançada que lhe foi oferecida no baptismo e uma mão-cheia de contas de vidro. Ainda lhe resta alguma comida. É o suficiente para alguns dias, para atravessar Slussen e desaparecer na cidade entre as pontes ou nas quintas do outro lado da ponte Norrbro.

Esgueira-se ao longo das paredes e contorna o quarteirão para não voltar para trás pelo mesmo caminho. A casa tem várias portas exteriores novas, e as paredes interiores também se multiplicaram, para poder albergar mais famílias. Anna Stina segue um dos fossos que serve de sarjeta e entra por um buraco entre as tábuas da cerca. Fica imóvel um momento, deitada na relva, e procura movimento. Nada.

A porta que é usada pelo aprendiz de carpinteiro, Alm, e pela mulher está fechada, mas o trinco é fácil de levantar com um pau. Entra para o espaço escuro, gatinha sobre as tábuas rangentes, cujo ruído é composto pelo ressonar de Alm, e chega à porta do quarto que dividia com a mãe, Maja. Não precisa de ver para encontrar o que procura. Quando está de saída, pára. Na cozinha, há um tacho de cobre muito usado mas comprado por uma quantia que demoraram meses a pagar. Já vai a meio caminho do fogão quando a lâmina de aço da espada lhe pousa no ombro.

— Ah, Anna Stina. Estávamos a começar a pensar que não vinhas a casa esta noite. Não é verdade, Mudo?

Quando os seus olhos se habituam à escuridão, vê que é o homem baixo que fala. O mais alto murmura uma resposta, e o mais baixo encolhe os ombros.

— O nome descreve-o bem. O tipo não diz duas palavras seguidas desde que os russos lhe pregaram um susto tal que lhe tiraram o pio. Já eu dou pelo nome de Fischer, e falo muito mais, para alegria de todos. Não se importa de se sentar no banco enquanto o Mudo acende uma candeia? Talvez tenha no seu saco alguma coisa que nos sirva.

O Mudo acende a candeia com um fósforo e resmunga até a chama pegar e a luz se espalhar pela cozinha. A sua órbita está vazia. Fischer, baixo e atarracado, com o pouco cabelo que tem penteado para cima da careca e com um bigode fino que não consegue esconder-lhe a cicatriz que lhe atravessa o lábio, vasculha o saco. Estende a perna esquerda com o joelho rígido à sua frente.

— Peixe podre e legumes velhos. Bem, ao menos tem um pouco de café. Se o Mudo também quiser acender o fogão, podemos beber algo.

Por cima do fogão há um pequeno moinho. Fischer pega nele, pousa-o no joelho e estala os dedos para atrair a atenção de Anna Stina. Tem alguns grãos de café na palma da mão.

— Vou ensinar-lhe uma lição sobre a vida. Estes grãozinhos são a Anna Stina Knapp e as suas amigas, que se esgueiram por entre as casas e abrem as pernas em troca de algumas peças de cobre.

Aponta para o moinho.

— Isto aqui sou eu e o Mudo, o poder secular que representamos.

Deita os grãos para cima das lâminas do moinho. Os grãos estalam ao serem esmagados.

— Este é o processo que a Anna Stina vai atravessar. Pode parecer-lhe desagradável, mas veja!

Fischer puxa um tabuleiro da parte debaixo do moinho e mostra-lhe o café moído. Cheira-o com prazer.

— Ah! Café pronto a ser preparado e desfrutado por gente de bem. Quando o fim é bom, tudo é bom. E é assim que vai ser para a Anna Stina, quando for castigada para corrigir a sua vida de pecado.

O café demora um pouco a levantar fervura. Anna Stina fita o chão. Fischer inclina-se para a frente. A expressão alegre abandona-lhe o olhar, que se torna duro como pedra.

— Suponho que sabe quem somos?

Anna Stina sabe. À excepção de Ulla, não há ninguém nas congregações de Maria ou Katarina que não conheça os homens de azul, normalmente coxos, deformados ou mutilados a ponto de não poderem assumir outro cargo na polícia ou no exército. Dia e noite, caçam mendigos, ladrões, vagabundos e prostitutas, qualquer pessoa que, aos olhos do governador não tenha utilidade para a cidade. A maioria dos homens de azul não representa perigo, uma vez que gastam tudo o que ganham na taberna. Frequentemente,

deixam-se subornar ou convencer a deixar passar pequenos delitos, por meio dos mesmos crimes que procuram combater.

— São chuis.

Ele ri-se, sem alegria.

— É o que nos chamam. Mas já corrigi coitados mais indefesos do que a pequena Anna Stina por dizerem essa palavra em voz muito mais baixa. Guardas, se faz favor! Cabe-nos andar por esta imundície de bairros a separar o trigo do joio e conduzir-vos na direcção de uma vida honrada e moral. O Elias Lysander está farto das meretrizes que se espalham pelo seu rebanho como piolhos, cada vez mais novas, na minha opinião. O pastor está farto de ser envergonhado na Igreja. Com a nossa ajuda, não precisa de passar por isso. Apanhamos as prostitutas em troca de pagamento, e o bom nome do pastor não é maculado. Só precisamos de esperar pela madrugada e depois percorrer o caminho até ao tribunal para uma breve pausa ao longo do Gullfjärden. Verá que não vai ter de esperar muito.

Anna Stina não se atrevera a fazer as perguntas cujas respostas já conhecia, mas de repente não consegue conter-se mais. As palavras saem quase sozinhas.

— O que querem de mim? Para onde me levam?

— Queremos que se torne uma pessoa melhor. Não, minto. Eu e o Mudo vamos ser pagos por a termos apanhado e não queremos saber o que lhe acontece depois disso.

O Mudo faz um som, algo entre gáudio e riso, enquanto Fischer continua.

— Para onde vai? A Anna Stina Knapp vai ser amarrada e mandada para a fiação. É uma borboleta nocturna a quem tiraram as asas.

5.

Tudo acontece tão depressa como Fischer antecipara. O caminho até ao fundo do monte de Katarina, sob o ar carregado de humidade, com uma corda atada em volta do pulso direito, e os risos escarninhos dos limpadores de latrinas, que podiam ter enfrentado um destino semelhante. A espera em frente ao tribunal e um processo que termina em poucos minutos, depois de um testemunho escrito já submetido por Lysander e com informações adicionadas pelo próprio Fischer. Com algumas palavras de repreensão, o seu destino é selado.

Anna Stina Knapp é considerada culpada de prostituição e comportamento imoral. A sua transferência para a fiação é considerada urgente por ter perdido a única guardiã e, consequentemente, a capacidade de se sustentar, especialmente tendo em conta que o comerciante Efraim Jansson já não tenciona continuar a empregá-la. O juiz, corado e com a cara inchada por ter acabado de acordar, caça um piolho debaixo da camisa enquanto profere as palavras, que saem num fluxo rápido.

— O tribunal espera que as competências que Knapp vai adquirir na fiação sejam uma boa base para um futuro de trabalho pago nas fábricas. Com esta perspectiva em mente, o veredicto será de um ano e meio. Ao fim desse tempo será uma tecelã qualificada.

Ri-se das suas próprias palavras, enquanto deixa cair o martelo. Observa o piolho que aprisionou entre o polegar e o indicador e limpa a mão à bainha da toga.

*

Anna Stina é levada antes de ter a oportunidade de protestar ou de fazer perguntas. Atrás dela há guardas e casacos azuis, prontos para apresentarem ao tribunal as pessoas que apanharam durante a noite. O Mudo guia-a ao longo da fila de homens e mulheres tão bêbedos que mal se têm de pé, alguns dos quais a sangrar das pancadas. Lá fora aguarda-a o Ryssgården. Fischer boceja ao enfrentar a luz da manhã e estica a perna rígida, enquanto apoia as mãos no fundo das costas.

— Nem pensar em irmos a pé até Långholmen, se pudermos evitá-lo. Vamos apanhar uma boleia.

O Mudo assente em resposta. Fischer tenta em vão acender o cachimbo de barro partido, mas interrompe-se quando vê uma carroça carregada de lenha, puxada devagar por um boi, que vem de Slussen. Apressa-se a abordar o cocheiro e, ao fim de uma breve troca de palavras, faz sinal ao Mudo para o seguir. Na parte de trás da carroça há espaço para todos em cima da lenha acabada de cortar. Fischer pega na corda que prende Anna Stina e ata-a a uma das tiras que prendem a carga na carroça.

— Estamos à espera de mais uma passageira. Não demora nada. Aqui o Mudo vai a correr buscá-la.

Quando regressa, é Karin Ersson que traz na outra ponta da corda. O Dragão. Fischer encolhe os ombros ao ver o olhar de reconhecimento no rosto de Anna Stina.

— Apanhámo-la graças àquela rapariga imbecil do cesto. Foi mais fácil de encontrar do que a Anna Stina, bastou-nos seguir os gemidos de um oleiro excitado. Conseguimos apanhar a menina Ersson em flagrante delito.

Quando o Mudo se aproxima, Anna Stina vê-a de perto pela primeira vez em muito tempo. Tem o vestido manchado de lama seca. As costas curvas formam uma marreca por cima de um

ombro, uma silhueta que todas as raparigas do cesto aprendem a reconhecer ao longe. A rapariga conhecida como Dragão parece ter passado por muito desde que Anna Stina a viu pela última vez. O seu corpo, alto e esguio, parece ter emagrecido durante o Inverno. O cabelo está tão empastado com a sujidade das ruas que parece ter ficado grisalho antes do tempo. Uma massa de sangue seco cobre-lhe a nuca. Tem as roupas rasgadas e os pés descalços e cobertos de feridas. Provavelmente anda a dormir na rua há semanas.

Os seus olhos azul-claros estão arregalados. Anna Stina já viu a mesma expressão nos olhos dos ursos acorrentados que dançam no jardim zoológico, enquanto os donos os picam com o chicote. Uma ira contida, impotente e desesperada, mas sempre prestes a explodir como enxofre exposto à chama, uma raiva dolorosamente construída para afastar o medo.

O Mudo empurra o Dragão para cima da carroça à sua frente. A rapariga lança uma mirada incerta a Anna Stina antes de encontrar um espaço para se sentar. O cocheiro dá um estalo com a língua, e a carroça começa a avançar pela colina acima, em direcção à rua Hornsgatan. De caminho, passam pela prisão dos devedores, antes de virarem para baixo, na direcção da água, e daí para a rua Hornstullsgatan, passando pelo Gubbhuskvarnen e pelo Alman. Quando o caminho vira para a direita, vê o lugar pela primeira vez: Långholmen, do outro lado da ponte das tecelagens, aquela a que ouviu chamar a Ponte dos Suspiros.

A ilha é pedregosa e estéril. O pouco solo que existe não chega para cobrir a rocha, que desponta em picos negros e afiados. Do outro lado da ponte há um aglomerado de edifícios. Atrás deles surge a fachada da fiação. Anna Stina nunca viu edifícios assim, nem em Maria nem em Katarina. Mais perto dele ergue-se a torre da igreja da tecelagem. Um sino preto pende, solitário, na torre, adornada com uma cruz e uma flâmula. Atrás dela, vislumbra alas

com grades nas janelas.

Os velhos dizem que estes lugares têm a sua própria memória e poder. Anna Stina não tem dificuldade em acreditar. Já sentiu os arrepios ao passar pelo cadafalso de Hammarby, o desconforto ao percorrer os cemitérios da peste, a vibração no ar, como se fosse um vestígio dos horrores vividos nos cavalos de madeira e nos pelourinhos.

Mesmo em volta das fábricas sente algo, como se as pedras estivessem infiltradas pelo mal. Quando passa a ponte, sente-se tomada pela mesma sensação. Dos muros da fiação, um ódio antigo abate-se sobre ela, apurado ao longo de décadas. Muita gente sofreu ali.

Um som vindo do lado esquerdo chega aos seus ouvidos, a última coisa que esperava ouvir naquela paisagem sombria. Alguém está a cantar. A voz é transportada pelo ar estagnado daquela manhã, e o seu dono parece ter sido talentoso na juventude. A voz é afinada, mas perdeu a força.

— *O Deus da noite prepara aqui a sua presa…*

A canção vem de uma mansão à direita, ao lado do caminho, que tem uma janela aberta. A fachada da casa, pintada com o mesmo tom amarelo da cidade entre as pontes, sofreu os efeitos da proximidade com a baía. A humidade e a geada penetraram na fachada e soltaram grandes lascas de tinta. Quando a carroça se aproxima do edifício principal, constata que a fiação se encontra no mesmo estado. A voz continua atrás deles.

— *Descerei às profundezas do abismo negro…*

O cocheiro puxa as rédeas para travar o boi. Fischer e o Mudo fazem o Dragão e Anna Stina descerem da carroça. Fischer lança alguns olhares em volta antes de se dirigir ao cocheiro.

— Muito bem, meu amigo, está na altura do seu pagamento. Raparigas, tenham a bondade de levantar os vestidos para o nosso amável cocheiro. E sejam generosas!

O Dragão hesita, mas encolhe os ombros, solta uma gargalhada e deita a língua de fora ao cocheiro, enquanto faz o que lhe foi ordenado. Anna Stina sente o mesmo que sentiu quando enfrentou Lysander, o roubo a que está prestes a ser sujeita, que significa tão pouco para o mundo, mas que é tudo para ela. Mais uma vez, fica imóvel. Cerra os punhos até as unhas se cravarem nas palmas das mãos. O cocheiro aponta para Anna Stina com uma expressão acusadora e expressa a sua insatisfação.

— Então e esta? A outra não era grande coisa. Só por ela, não teria vindo até aqui.

Fischer lança um olhar venenoso a Anna Stina e olha para o Mudo sem dizer nada. O outro tira o bastão do cinto. No mesmo instante, o portão abre-se atrás deles. De lá de dentro sai um homem com as vestes negras de padre. Pára ao descobrir o pequeno grupo junto da carroça e olha de um para o outro com uma expressão inquisitiva. O padre é alto e magro, com o cabelo grisalho espetado. Os seus olhos são tão protuberantes que as pupilas flutuam no meio da parte branca. As pálpebras contornam os olhos com uma regularidade estranha. Parece perceber que algo se passa ali, apesar de Karin ter sido rápida a recompor-se. Aproxima-se mais e olha de Fischer para o Mudo com uma expressão de desagrado.

— Então?

Fischer tira imediatamente o chapéu azul da cabeça e responde num tom submisso.

— Fischer e Mudo, números doze e vinte e cinco da guarda. Vimos entregar as duas novas fiandeiras aos cuidados do inspector Björkman.

O padre funga e aproxima-se mais até ter a ponta do nariz quase colada à de Fischer. O guarda tem de fazer força com os calcanhares para se impedir de recuar.

— Aos cuidados do inspector Björkman, diz. Não pode estar a falar do mesmo inspector Björkman que passa dias a fio a cantar árias esquecidas de óperas igualmente esquecidas no palco, talvez

como elegia à majestade que lhe atribuiu o posto apenas para lhe permitir continuar a entregar-se à gula por que peca mais do que qualquer outro, seguida do vinho e da autodestruição. Creio que não estamos a falar do mesmo inspector Björkman.

Fischer endireita-se sem saber o que responder. Os seus olhos parecem à beira das lágrimas enquanto tenta fitar os olhos do padre.

— Parece ter perdido a fala, Fischer. Vou dar-lhe a resposta, para poder ter algo melhor a dizer da próxima vez que alguém mencionar o inspector Björkman. O Björkman é um porco, um canalha que não hesitaria em ir para o campo violar as bezerras e depois rebolar-se nu na lama da luxúria e assustar a congregação de Maria com o seu ressonar.

A voz do padre sobe cada vez mais de tom à medida que prossegue. Os perdigotos saltam-lhe dos lábios sempre que atinge uma nota mais alta. Anna Stina percebe que não é o olhar intenso do homem que deixa Fischer com os olhos a lacrimejar. O fedor de aguardente que rodeia o padre atinge-a agora, apesar de estar a vários metros de distância e de uma leve brisa ter começado a soprar sobre a ilha.

— Mas talvez o Fischer seja da mesma laia, a avaliar pela sua barriga.

O padre começou a andar à volta de Fischer, com as mãos atrás das costas, como se fosse um professor severo a fazer uma inspecção.

— O Fischer olhou para o nosso gado quando estava a vir para aqui? Talvez tenha visto o touro excitado e tenha tido vontade de saltar a cerca e de baixar as calças. Os animais não estão formalmente sob o meu cuidado, e a questão de terem alma ou não é do domínio de homens mais sábios do que eu, mas juro-lhe que não vou hesitar em testemunhar na sua condenação ao fogo do inferno, se isso acontecer. Sugiro que se ponha daqui para fora, e depressa, logo que tenha entregado a sua carga à fiação.

Entendido?

Fischer, cuja testa se encheu de gotas de suor devido à tensão, apressa-se a soltar a corda do braço de Anna Stina. Com a boca junto ao seu ouvido, sussurra-lhe uma despedida.

— Se voltarmos a encontrar-nos, Anna Stina Knapp, reza para me veres antes de eu te ver a ti.

Empurra-a a ela e ao Dragão para o lado de dentro do portão, onde um guarda com o mesmo uniforme azul as aguarda. O padre desaparece atrás delas, em direcção às casas junto à ponte, um pouco cambaleante, enquanto murmura em voz baixa, como se ainda estivesse a repreender Fischer, que cospe por cima do ombro.

— Então aquele é que é o vigário Neander. Ouvi dizer que é doido. Agora tenho a prova.

O guarda junto ao portão, um homem mais velho com pele manchada e sem cabelo nem sobrancelhas, solta um risinho.

— Lamento. Todos os que se cruzam com o Neander quando ele está de mau humor têm discussões deste tipo.

— Qual é o problema dele?

— Para além de uma falta generalizada de bons modos, foi informado de que o seu barítono preferido e inspector da tecelagem, Björkman, se demitiu e tenciona retirar-se para Savolax.

— Se odeia assim tanto o inspector, seria de esperar que estivesse contente.

— Os dois têm uma história conflituosa que dura há muitos anos. Há anos que o vigário escreve cartas de protesto sobre Björkman a todas as autoridades de que se consegue lembrar, incluindo o próprio rei Gustav, o que resultou em ser multado em vinte Riksdaler por ter usado na carta um tom que não era digno dos olhos do monarca. Dizem que abriu uma garrafa de champanhe mal soube que o rei estava morto. Acho que o Neander está furioso por o Björkman estar prestes a escapar à vingança que planeou para ele há muito tempo.

— Quem vai assumir o lugar do Björkman?

— Ninguém sabe, mas pode demorar até ao Outono ou mais ainda. Quem haveria de querer vir para esta ilha miserável? O Björkman manteve a indiferença durante vinte anos. Provavelmente foi o que lhe permitiu manter-se são. Mal o vi fora da tecelagem desde o Inverno. O Neander diz as orações de manhã e à noite, regra geral tão bêbedo que mal consegue recitá-las de cor, e está-se borrifando para as fiandeiras porque não o podem ajudar na sua luta contra o inspector. É o Pettersson que controla tudo, como o Fischer bem sabe, e não haverá grande mudança com a chegada do novo inspector.

— Porra, que belo monte de merda é este lugar! Não tenho muitos motivos para me sentir grato, mas não ter de viver neste ninho de vespas é certamente um deles. Aqui tem as suas duas novas tecelãs, ambas prostitutas. Boa sorte, meninas.

Fischer toca respeitosamente na aba do chapéu, dá meia-volta e sai.

6.

O guarda do rosto às manchas chama um colega mais novo, abre um trinco e conduz os três ao pátio. No centro há um poço com uma bomba. O pequeno quadrado de céu acima das suas cabeças parece tão distante como se Anna Stina estivesse a olhá-lo do fundo de um buraco. Do outro lado das janelas cobertas por grades vêem-se vultos debruçados sobre as suas tarefas. Um dos lados do pátio termina num edifício de aspecto mais velho e que parece construído com outra finalidade. Quase se assemelha às mansões que Anna Stina viu em volta de Södermalm, construídas há mais de cem anos para os cavalheiros se divertirem. Certamente estava ali primeiro e foi incorporado na tecelagem à medida que esta foi sendo alargada. Os guardas mantêm-se parados. Têm de esperar pelo capataz.

Este não tem pressa nenhuma. Se a rapariga conhecida por Dragão sente a mesma ansiedade que Anna Stina, não o mostra, pelo contrário, importuna o guarda encarregado de as vigiar. Salta no mesmo lugar e pede para ir à casa de banho. O guarda encolhe os ombros.

— Fica quieta, se tens um pouco de juízo. O Petter Pettersson já vem a caminho. Se fores esperta, não o provocas.

Ela lança-lhe um olhar trocista e imita-o com uma careta assim que ele lhe vira as costas. Continuam à espera.

O capataz é um tipo enorme, com ombros tão largos como os braços de Anna Stina abertos. O uniforme azul não lhe assenta

bem, usa o casaco desabotoado. Ela duvida de que conseguisse abotoá-lo, mesmo que quisesse. Transpira por causa do calor. O seu rosto é grande e redondo, com uma boca que vai quase de orelha a orelha, um nariz tão largo e arrebitado que parece um focinho, e tem olhos brilhantes com olheiras marcadas. O cabelo, basto, está preso junto ao pescoço com um nó forte. A pele está coberta de velhas cicatrizes. A sua voz é áspera e grave.

— Bem-vindas ao nosso pobre recanto, belas franguinhas! O meu nome é Pettersson, e sou o capataz da casa, juntamente com o meu colega Hybinett. Foram trazidas para cá para melhorarem o vosso modo de vida. Os vossos nomes?

É o guarda mais novo que aponta e responde em vez das prisioneiras.

— Anna Stina Knapp, Karin Ersson.

Pettersson estuda-as. Anna Stina fita o chão, como sabe que aquele tipo de homem prefere. O Dragão fita-o com um olhar de desafio. Balança os joelhos para conter a vontade de se aliviar. Pettersson aponta para ela com uma mão grande como um presunto.

— O que se passa com a menina Ersson?

— Diz que quer mijar.

— É verdade, menina Ersson? Está certamente habituada a correr livremente e a urinar onde lhe apetece, como um animal selvagem na natureza.

Ela hesita antes de responder. Anna Stina nota o tom de desafio na voz de Pettersson, o seu ar sarcástico, e reza para que Karin Ersson tenha o bom senso de não morder o isco. Não tem. Estica o queixo para a frente e cospe a sua resposta.

— Ninguém tem nada a ver com a minha necessidade de esvaziar a bexiga.

Os cantos da boca de Petter Pettersson levantam-se num sorriso que faz Anna Stina estremecer. Um gato do campo gordo com um rato debaixo das garras. Passa lentamente a língua pelos lábios

enquanto se aproxima dele.

— Quero vê-la.

Segura o queixo de Karin Ersson com o indicador e o polegar e vira-lhe o rosto para a luz.

— Ah, conheço bem as raparigas como a menina Ersson. Andam pelas caves e bordéis da cidade. Também gostas de dançar?

Anna Stina quer pedir-lhe para não morder o isco, para ficar calada, na esperança de que ele se canse daquele jogo. Não pode fazer nada. A outra rapariga solta uma gargalhada confiante.

— Sim, dou uns passinhos.

Pettersson parece impressionado quando se vira para o colega.

— Eu não disse que sabia? Conheço bem as minhas fiandeiras! E danças bem, menina Ersson, ou moves-te como um saco de farinha entre os teus cavalheiros e ficas com dores nos pés ao fim de uma polca ou duas?

Ela ri-se, trocista.

— Está a olhar para uma rapariga capaz de dançar toda a noite enquanto as outras se cansam e caem no chão!

Pettersson assente.

— Se assim o dizes! Quero acreditar na tua palavra, mas a experiência ensinou-me que não é fácil. Queres dançar um pouco aqui, para mim?

Ela hesita. Ao fim de um momento, não vê alternativa a não ser dar alguns pequenos passos de dança sem sair do lugar. Pettersson abana a cabeça.

— Não, não. Em volta do poço. É assim que fazemos aqui na ilha. Não queres dar umas voltas para vermos se és assim tão talentosa?

Oferece-lhe o braço, dobra um joelho numa vénia e raspa com o pé no chão. Ela deixa-se guiar para o poço, onde uma bomba se inclina sobre um pequeno tanque de pedra para recolher a água derramada. Ela parece insegura a princípio, empertiga-se e, com um floreado, põe o braço em volta de um cavalheiro invisível e deixa os

pés moverem-se ao som de uma música que só ela ouve, andando à volta do poço a rodopiar. Pettersson bate palmas e assobia.

— Vejam só! A menina Ersson dança perfeitamente. Gostaria de lhe pedir mais uma volta, e com o mesmo entusiasmo.

A segunda volta é semelhante à primeira. Mas, quando Pettersson pede uma terceira e uma quarta, ela já não mostra o mesmo interesse. Cansou-se do jogo e deixa os braços penderem, abrandando o ritmo. Quando Pettersson bate as palmas e lhe pede que dê mais uma volta, ela fica parada com os braços cruzados.

— Chega de dança. Já não me estou a divertir e continuo a precisar de ir à casa de banho, atrás de um arbusto ou àquela esquina ali.

Sem parar de fitar Karin Ersson, Pettersson estala os dedos para o guarda que estava de pé, ao lado de Anna Stina. Sem dizer uma palavra, abandona o pátio, desaparecendo para trás de uma porta dupla. A voz de Pettersson já não denota diversão quando volta a falar.

— Podes mijar mais tarde. Agora vais dançar. Portanto, menina Ersson, dá mais uma volta. O Löf há-de regressar em breve e vai trazer uma surpresa. Mas primeiro tens de dar mais uma volta. Talvez duas, se tiveres sorte.

Já não é uma dança, antes uma marcha saltitante. Quando o guarda Löf regressa com um saco por cima do ombro, Pettersson aproxima-se mais de Karin. Löf estende-lhe o saco, e ele levanta-o à frente dela com um braço forte como um tronco.

— É aqui que vive o Mestre Erik. Espera um pouco, já vos apresento.

Tira do saco uma extensão de couro entrançado com duas varas de comprimento e uma pega, mais estreita na outra ponta.

— Talvez a menina nunca tenha visto um chicote. Não precisamos da ajuda do Mestre Erik se continuar a dançar tão bem. Agora dê mais uma volta, com um pouco mais de entusiasmo, se faz favor.

Dá mais três voltas e meia antes de Pettersson desferir a primeira chicotada. Abrandou tanto o ritmo que ele quase consegue acompanhá-la com as suas botas pesadas. A chicotada ecoa entre as paredes do pátio, e os gritos dela soam quase instantaneamente. A tira de couro mais fina na ponta atinge-a por cima dos tornozelos, deixando uma marca vermelha. Morde o lábio para conter as lágrimas, mas a sua respiração acelerada revela que Karin Ersson está à beira do choro. Pettersson também percebe.

— Isto não foi nada, menina Ersson. O Mestre Erik consegue ser pior. Continua a dançar e veremos se ele não tem de se juntar à dança outra vez.

Agora aparecem rostos nas janelas em volta, magros e pálidos. A rapariga dá cinco voltas antes de receber nova chicotada, agora na coxa e com tanta força que lhe rompe a pele. Depois de mais sete voltas, urina pelas pernas abaixo e continua a dançar com o vestido molhado. O sal faz-lhe arder as feridas. Começa a chorar, primeiro em silêncio, mas depois cada vez mais alto. Ao fim de pouco tempo, já não é possível distinguir os sons que faz devido às chicotadas do resto dos gemidos. Pede e implora, promete isto e aquilo a Pettersson. Ele ignora-a. Por fim, chama pela mãe, com gritos lancinantes. Ao fim de duas horas, já só consegue rastejar, enquanto Pettersson continua a deixar o chicote cair-lhe sobre as pernas e costas. Quando o Sol está no seu ponto mais alto, o sino da torre toca. As fiandeiras saem das suas salas para comer. Algumas apontam e riem-se da dança da rapariga. A maioria nem consegue olhar para ela.

Toda a resistência que o Dragão desenvolveu nas ruas de Maria desaparece sob os golpes em volta do poço, a pouco e pouco, como se Pettersson estivesse a descascar uma das cebolas que Anna Stina costumava vender do seu cesto. Por fim, resta apenas uma criança assustada. Enquanto Anna Stina se mantém de olhos fechados e pernas trémulas do esforço de se manter de pé durante aquele tempo, sente algo dentro de si a mover-se na direcção

contrária. Uma casca começar a endurecer à sua volta. Ouve aquele monstro torturar uma rapariga por prazer e com a lei do seu lado, sem ninguém poder levantar um dedo em protesto. Pettersson é igual a Anders Petter em Barnängen, a Lysander no seu gabinete, ao juiz no seu tribunal, a Fischer e ao Mudo com o bastão, a corda e a espada. Enquanto Karin começa a deixar um rasto de sangue em volta do poço, Anna Stina jura que nunca mais se permitirá ser uma rapariguinha indefesa, independentemente de como o mundo a veja. Nos seus pensamentos e acções, tem de se afastar daquele lugar cruel, e depressa, antes de se juntar ao rebanho de mortas-vivas da fiação. Já é tarde demais para Karin Ersson. Anna Stina sabe que nunca mais voltará a ser o que era.

Pettersson faz uma pausa, com o peito inchado a arquejar por baixo da camisa, de cansaço, mas também por outro motivo: percebe que Anna Stina está horrorizada. Pára para limpar o suor do rosto e olha para ela, que está de pé ao lado de Löf, o qual começou a balançar os pés de calor.

— Olha, Jonatan! Leva essa daí e mostra-lhe a cama dela, o lugar onde vai comer e a roca de fiar. E, quando voltares, traz uma garrafa, por favor. A educação é um trabalho árduo, e cheira-me que a Ersson ainda é capaz de dançar mais uma ou duas valsas, apesar de não parecer.

7.

Aprende o trabalho da fiação. O seu trabalho será fiar, hora após hora, junto a uma roca, ao lado de dezenas de outras como ela, curvadas e exaustas depois de horas incontáveis a pedalar. Às quatro da manhã são acordadas e vão assistir à oração matinal dita pelo padre que as recebeu à chegada, normalmente tão ressacado que as mãos lhe tremem. Depois comem um pequeno-almoço de côdeas de pão e papas na mesma sala onde trabalham, e que é também onde dormem, nas camas dispostas ao longo das paredes. O almoço é servido ao meio-dia, o jantar às nove da noite, quando o seu turno termina. Pedaços duros de carne salgada e arenque podre misturados com aveia e nabos. As refeições são servidas a quatro raparigas de cada vez, em taças de madeira velhas. Não chegam para as saciar. Não tarda a perceber o motivo. Há um guarda presente às refeições, e podem pedir mais comida, encomendas que ele regista num livro grande. Por cada meada que uma prisioneira fia, é-lhe atribuído um pequeno pagamento, e espera-se que o usem para comprar alimentos que não são servidos gratuitamente. Manteiga, queijo, leite, carne que não passou meses em sal. Todas o fazem. Podem escolher isso ou morrer à fome.

O trabalho é medido em meadas, cada uma com três mil varas de comprimento. Anna Stina demora o primeiro dia inteiro a fiar cem varas. Sempre teve mais facilidade em usar a mão esquerda do que a direita, e tem dificuldade em aprender os movimentos da roda de fiar. O fio que lhe corre entre os dedos sai demasiado fino ou

demasiado grosso e parte-se constantemente. Tem de o unir depressa, porque o vigilante está sempre a andar de roca em roca para controlar o trabalho. Quando a noite cai, percebe que não está a aprender suficientemente depressa. Se não fiar melhor e meadas mais longas, não vai ter nada para comer, e sem comida não vai conseguir fiar. Conhece bem os efeitos da fome e sabe como enfraquece a mente e o corpo.

As outras três do grupo têm idades diferentes. Uma é velha, tão curvada e envelhecida que o corpo parece ter-se moldado à roca, como se todo o seu ser fosse agora dedicado àquele trabalho e não servisse para mais nada. Murmura em voz baixa enquanto fia. Uma membrana branca leitosa cobre-lhe um dos olhos. O outro fita o vazio. As mãos parecem mover-se sozinhas.

Mais adiante, há uma mulher da mesma idade que sua mãe, Maja. É magra e nervosa. Sempre que o guarda faz a ronda, olha para a vara e fica tensa. Quando o guarda lhe passa por trás, encolhe os ombros para proteger o pescoço de um golpe súbito. Às vezes move-se tão violentamente que o fio se parte.

Mais perto de Anna Stina está uma rapariga que não deve ser muitos anos mais velha do que ela, com cabelos negros e olhos igualmente escuros. Mantém o rosto baixo sobre o trabalho, mas os seus olhos têm vida própria. Escondidos debaixo da franja, oscilam para um lado e para o outro, não lhes escapa nada. Anna Stina sentiu-os a observarem-na quando lhe foi mostrado o seu lugar e quando começou a fiar. Agora já não repara neles. Não demoraram muito a explorar tudo o que havia para saber. Quando o guarda lhes vira as costas para falar com o seu substituto, Anna Stina inclina-se para a rapariga.

— Mostra-me como se fia.

Sem interromper os movimentos do pé no pedal que faz a roda puxar a lã cardada, a rapariga lança um olhar rápido a Anna Stina. Os guardas interrompem a conversa, e o substituto começa a

caminhar de um lado para o outro na sala. Quando está suficientemente longe para não as conseguir ouvir, ela responde-lhe com um sussurro.

— Quero o teu pagamento pela primeira meada em que te ajudar.

O guarda roda sobre os calcanhares. Deve ter ouvido algo, mas não consegue identificar a origem, e, depois de passar o olhar sobre todas as fiandeiras, desiste. Passa-se algum tempo até Anna Stina sentir que é seguro responder. Pondera demoradamente a oferta.

— Dou-te o pagamento todo da primeira e metade do da segunda, mas tenho de te pagar a primeira mais tarde.

A rapariga do lado lança-lhe uma mirada céptica. Anna Stina enfrenta o seu olhar.

— Se eu não comer alguma coisa depressa, nenhuma de nós vai lucrar com o meu trabalho.

A rapariga inclina-se para a frente e estende uma mão com o polegar levantado. Anna Stina hesita por um momento, mas depois levanta também o polegar, e, quando os dedos das duas se tocam para selar o acordo, sussurra:

— Se se partir ou ficar irregular, eu fico com o dinheiro. A primeira meada tem de estar pronta amanhã à noite.

A outra rapariga lança-lhe um sorriso torto e ri-se.

— Combinado, mas, se morreres de fome antes de aprenderes, eu fico com o teu vestido e com tudo o que deixares.

Cuidadosamente, vira a roca para Anna Stina poder ver. Abranda o ritmo do pé no pedal e começa a trabalhar lentamente. É uma grande ajuda. Mais tarde, nessa noite, quando se dirigem para a oração nocturna e durante esta, têm a oportunidade de falar em sussurros na igreja. A rapariga chama-se Johanna.

— Quanto tempo te deram? — pergunta ela.

— Um ano e meio.

Johanna ri-se sem alegria. Depois fica em silêncio o tempo suficiente para se certificar de que não atraiu a atenção do guarda.

— És muito nova. Aqui os castigos não se medem em dias ou

anos. Medem-se em meadas. Com um ano e meio, o juiz queria dizer mil meadas. Diz-se que conseguimos fiar cem meadas num ano se nos aplicarmos. Se fizermos duas por dia, seis mil varas. Nem a Ovelha, a mulher vesga que trabalha ao nosso lado, consegue fazê-lo, e passou a vida toda a aprender a técnica.

Anna Stina fica muda enquanto faz as contas. Tenta vislumbrar o futuro próximo, a sensação da lã nas mãos, a ideia de se tornar melhor com o passar dos dias. Imagina os pés e as mãos a moverem-se o mais depressa possível e tenta perceber quanto tempo corresponde a mil meadas. A conclusão a que chega é como um murro no estômago.

— Três anos! Ou mais.

O silêncio de Johanna é piedoso. Também fez as mesmas contas e lembra-se da sensação. Encolhe os ombros.

— Talvez quatro ou cinco. Se arranjares problemas, começam por te partir os dedos. E nessa altura ficas reduzida a uma meada por semana e tens de roubar para não morreres à fome. Se fores apanhada, recebes um castigo adicional.

À volta delas, as fiandeiras cabeceiam, tentando gozar de alguns minutos de sono antes de os guardas que patrulham a igreja lhes baterem com as canas. As duas raparigas calam-se quando o pároco Neander começa a citar de cor a sua Bíblia, e depois Johanna volta a inclinar-se para o seu ouvido.

— Porque te mandaram para aqui?

— Prostituição. Mas sou inocente. E tu?

— Qual é a probabilidade de duas inocentes serem sentadas em rocas lado a lado?

Johanna encolhe os ombros e continua.

— Há aqui assassinas e ladras. A única coisa que fiz foi deitar-me com homens por meio xelim.

No céu por cima da propriedade, as estrelas brilham na noite pálida. Quando os guardas escoltam as fiandeiras da igreja para as

suas salas, levam consigo as candeias e deixam-nas na escuridão. As portas são trancadas. A noite de Primavera lá fora é suficientemente clara para deixar entrar uma luz ténue pela janela e projectar sombras no chão. Anna Stina está acordada. A palha do colchão tresanda e está carregada de piolhos. As ratazanas correm ao longo das paredes em direcção a lugares onde há mais comida. A noite parece romper uma barragem que tantas fiandeiras conseguiram erigir quando o Sol brilhava. Ouvem-se os choros e gemidos de várias. Outras ressonam ou fungam, ou falam enquanto dormem. Anna Stina também sente as lágrimas queimarem-lhe os olhos, mas lembra-se da promessa que fez a si mesma e fita a escuridão. Ao fim de algum tempo, as formas e cores começam a dançar à sua frente. Johanna está na cama ao lado da dela. Sussurra no meio da escuridão.

— Estás acordada?

Demora um pouco a responder.

— Sim. Custa-me adormecer à noite, mesmo depois de um longo dia de trabalho.

— Quem são as outras duas do nosso grupo?

Johanna suspira da sua cama. Provavelmente está a pesar a importância de uma noite de sono contra a possibilidade de ser distraída por algo diferente. Demora um pouco a fazer a sua escolha.

— Uma chama-se Lisa. Não é boa da cabeça. Era casada, mas dizem que o marido a enlouqueceu. Encontraram-na a caminhar pelas ruas de manhã, completamente nua. Podiam tê-la mandado para o hospital em Danviken, mas enviaram-na para aqui. Não fia suficientemente depressa. Já era magra. Há uma aposta sobre se irá sobreviver até cair a última folha do castanheiro, lá fora. Ninguém apostou que conseguirá manter-se viva até a neve chegar.

— E a velha?

— Chamam-lhe a Ovelha. Por causa do cabelo e porque parece estar a balir quando fala constantemente consigo própria e com

pessoas que mais ninguém vê. É a que aqui está há mais tempo. Lembra-se de quando isto era apenas a mansão Ahlstedt e as alas ainda não existiam, nem elas nem a igreja. Eles dividem-nos em grupos, sabes, as que se prostituíram ou roubaram estão connosco, ao passo que as que fizeram coisas piores estão sozinhas. A Ovelha passou anos sentada ao pé das piores, mas agora está velha e mudaram-na para aqui. Vai ficar até ao dia em que tiverem de a carregar com os pés para a frente.

— Sabes o que fez para vir cá parar?

— Dizem que afogou os filhos num poço.

Ficam em silêncio por momentos.

— Johanna, não posso ficar aqui.

Não obtém resposta.

— Tem de haver maneira de fugir.

Ouve novamente o riso amargo.

— Não nos últimos tempos. No ano passado, alguém da ala sul conseguiu soltar a grade de uma janela. Sete prisioneiras atreveram-se a saltar e a correr para o outro lado da ponte. Foi um escândalo e a única vez que vi o inspector na fiação. Ele tem uma voz bonita, mas estava a berrar e a rugir. Inspeccionaram todas as grades, as que estavam enferrujadas foram substituídas, todas as chaves foram contadas, e trouxeram mais guardas. Qualquer pessoa que parecesse estar com ideias levava com o chicote. Desde essa altura, temos estado quietinhas, sentadas com as nossas rocas. Ninguém conseguiu fugir daqui.

Anna Stina sente a pouca esperança que lhe resta fraquejar como uma chama sob a brisa. Passa-se mais algum tempo, e depois Johanna sussurra uma última coisa.

— Minto, houve uma. Chamava-se Alma. Alma Gustafsdotter. Estava no grupo da Ovelha, antes de eu ficar no seu lugar. Mas ninguém sabe como ela o fez. E mais uma coisa: as que fogem não demoram muito a regressar. Os guardas rondam as mesmas zonas,

apanham-nos e voltam a prender-nos uma corda ao braço. Num instante estamos sentadas diante da mesma roca, com o colo cheio de lã. Mas a Alma não. Simplesmente desapareceu. Ninguém sabe como.

O gemido de um mergulhão chega do lado do fiorde. Maja Knapp costumava dizer que eram os marinheiros afogados a gritar as suas saudades da terra firme, das profundezas.

8.

Passam-se duas semanas até Anna Stina voltar a ver a rapariga conhecida como o Dragão, mas, quando acontece, percebe que poderia não a ter reconhecido no meio das outras. O corpo ágil está agora retorcido e curvado. Uma perna está virada num ângulo estranho, o que a obriga a manter as pernas abertas para não cruzar os pés. Cada centímetro de pele visível por baixo da camisa vai de um tom preto-azulado a amarelo, em torno de feridas parcialmente cicatrizadas. Parece incapaz de parar de tremer. Transformou-se numa velha em poucos dias. Quando cruza o olhar com Anna Stina, não parece reconhecê-la. Se não conseguir parar de tremer, não vai ser capaz de fiar, e Anna Stina já viu o resultado entre as fiandeiras da sua sala. Começam a mover-se cada vez mais devagar até que ficam apáticas e mal tocam na lã, a menos que o guarda as ameace com a cana. Fiam cada vez menos, recebem cada vez menos, não conseguem pagar a comida, e, com o correr dos dias, a carne desaparece-lhe dos corpos. Por fim, caem e são levadas para o hospital, para uma curta estadia a caminho da campa.

Anna Stina tem o hábito de levar um pedaço de queijo e pão enrolados no vestido e, quando passa por ela no pátio, tenta dar-lhe a comida sem o guarda ver. A outra recua, como se se preparasse para receber um golpe, confusa e assustada. O capataz, Petter Pettersson, parece muito satisfeito com a transformação da rapariga desafiadora que recebeu há poucas semanas. Diverte-se a

esgueirar-se por trás dela e a pregar-lhe sustos. Os guardas seus amigos riem-se, mas são de um tipo diferente. Os castigos acontecem todos os dias, e todos eles são capazes de manobrar o Mestre Erik sem misericórdia, mas ninguém com o zelo e entusiasmo de Pettersson.

Johanna sussurra-lhe que também já começaram a fazer apostas acerca de Karin Ersson. Nem sequer come o que lhe é servido e não defende a comida quando o resto do grupo lha tira da tigela. Será um milagre se sobreviver mais duas semanas. Para Anna Stina, é a confirmação do que já sabia. Aconteceu mais depressa com Karin Ersson, mas o seu caminho é o da maioria. As fiandeiras têm de ser libertadas depois de terem produzido as meadas exigidas, mas poucas deixam Långholmen com vida, no verdadeiro sentido da palavra. Ficam mortas por dentro, enquanto o corpo continua a cambalear, moldado numa forma que só se adequa a uma actividade semelhante nas fábricas. Talvez aquele fortalecimento que sentiu quando Karin começou a ser atormentada tenha sido a primeira fase do processo. Poderia ajudá-la a sobreviver, mas a um preço que ninguém deveria ter de pagar.

Só à noite se atreve a falar livremente com Johanna, naquela sala escura, rodeadas pelo choro das que estão acordadas e pelos gemidos das que dormem. Nenhuma das duas se atreve a chamar amiga à outra. Johanna sabe e Anna Stina suspeita que esse tipo de relação se torna uma fraqueza, uma fenda no muro que deixa entrar coisas perigosas. Formar laços muito fortes ali é preparar-se para a dor e para a traição. Contentam-se com o respeito mútuo. Johanna vê nela outra sobrevivente. Anna Stina conseguiu comprar um conhecimento que noutras circunstâncias lhe teria custado muito mais. Ter alguém com quem falar é mais do que suficiente, dentro dos limites da confidencialidade.

— Fala-me mais da rapariga que desapareceu.

— Não sei mais do que já te contei. Posso perguntar às outras,

se quiseres, mas é arriscado, com o Pettersson alerta. Não aceito fazê-lo por menos do pagamento de meia meada.

Anna Stina já fia melhor, guiada pelo exemplo de Johanna. Está tão longe de pagar a sua dívida como as outras, mas começa a tornar-se suficientemente boa para poder comprar manteiga e carne ao fim-de-semana. Ainda assim, o valor pago por meia meada é suficientemente baixo para a fazer ir dormir com fome durante várias noites de seguida. Não obstante, a escolha é fácil.

— Faz isso.

*

Os sonhos de Anna Stina tornaram-se diferentes. Continua acordada depois de a respiração de Johanna se tornar pesada e fita o tecto enquanto os pensamentos ganham forma. A sua mãe, Maja, jaz pálida e morta debaixo do chão. Vê Anders Petter, Lysander, o juiz, os guardas, o capataz. Todos troçam dela, dos seus postos elevados. O sono chega devagar.

Desde que se lembra, sempre sonhou com o fogo, a catástrofe que Maja Knapp lhe descreveu muito cedo, em parte para lhe explicar os perigos do fogo, mas também porque a própria Maja nunca se conseguiu libertar dessas memórias, que não a deixavam em paz. O fogo encontrou o caminho para os sonhos de Anna Stina e era uma fonte de ansiedade. Agora o sonho é o mesmo, mas os papéis inverteram-se. Agora ela é o fogo, o galo vermelho. Consome tudo o que encontra pela frente. A fiação, a igreja, os bairros degradados, as mansões e o tribunal, deixa tudo em ruínas, animada por uma alegria enorme. Na fornalha que é a sua barriga, as posses dos seus inimigos desaparecem. Quando acorda com um estremecimento, a meio da noite, o seu coração bate com uma raiva eufórica. A fiação destina-se ensiná-la a fiar lã e a mostrar-lhe os modos da cidade, na sua busca de eficiência e produção, mas, mais

do que qualquer outra coisa, ensina-a a odiar.

O resultado da investigação de Johanna só chega ao fim da semana. Anna Stina habituou-se à ideia de que a voz que lhe sussurra aos pés do catre, durante a noite, não tem rosto. Isso agrada-lhe. Na sua imaginação, pode atribuir a Johanna um rosto melhor do que o real. Mais saudável, mais redondo.

— Muitas lembram-se da Alma Gustafsdotter, apesar de nem todas terem estado cá nessa altura. Pensam que se lembram por terem ouvido contar. Ela fiava na mesma ala que nós e comia no grupo da Ovelha. Veio para cá no Outono passado e desapareceu em Março. Era doente. Enviavam-na frequentemente para as termas. Nesse Inverno foi apanhada a roubar. Teve sorte por escapar ao Pettersson.

— E a fuga?

— Quanto a isso, todas estão de acordo. A Alma sentou-se no banco da igreja para assistir à oração da noite, jantou como todas as outras e deitou-se na cama quando a candeia foi levada. De manhã, a cama estava vazia. Os guardas ficaram estupefactos. Viraram a sala do avesso, empilharam as camas no meio da sala, arrancaram tábuas, testaram as grades. Vimo-los pelas janelas, mais tarde, nesse dia, uma longa fila de homens a baterem nos arbustos com varas. A Alma Gustafsdotter desaparecera.

Anna Stina sente-se desiludida. A história não lhe oferece nada que a possa ajudar, nenhum detalhe que possa guiá-la pelo mesmo caminho.

— Mais nada?

Ouve a voz de Johanna ganhar um novo tom de satisfação quando continua.

— O que te dei não vale meia meada? Tem calma. Há mais. Falei com uma rapariga que tinha a cama mais próxima da porta. Ela diz que sabe exactamente o que aconteceu. Não é velha, também não é muito boa da cabeça. Diz que acordou várias vezes durante a

noite, na altura em que a Alma desapareceu. Havia alguém junto à porta a mexer na fechadura. Supôs que era um morto-vivo a tentar entrar na sala para saciar a sua fome. Regressou noite após noite. Ela puxava o cobertor para cima da cabeça e rangia os dentes. Por fim, ele conseguiu abrir a fechadura. Ela sentiu uma corrente de ar. Diz que o morto-vivo deve ter entrado na sala e engolido a pobre Alma no meio da escuridão e que depois regressou para o lugar onde estava enterrado.

— Disseste que a Alma foi apanhada a roubar. O que roubou ela?

— Primeiro uma colher de metal, mas não foi castigada. Depois umas caixas de remédios das termas, por causa de uma dor de dentes, segundo disse. Agora sabes tanto acerca da Alma Gustafsdotter como toda a gente, à excepção do morto-vivo. Sei que não é muito, mas ainda assim quero o meu pagamento.

Há ali qualquer coisa. Anna Stina sente que sim. A rapariga, a colher, as termas, a dor de dentes, a presença a mexer na fechadura, a meio da noite. Faz uma última pergunta a Johanna.

— Falaste com a Ovelha?

— Ora! Ninguém fala com a Ovelha há anos. Ela só fala consigo própria.

No dia seguinte, depois do parco pequeno-almoço, Anna Stina começa a mover lentamente a roca para mais perto da Ovelha, que fita o ar à sua frente com o olho bom, enquanto fia com movimentos automáticos. Tenta ouvir o que a mulher murmura incessantemente, tão baixo que os guardas nem a mandam calar. O som é abafado pelos ruídos da roca. Tem de se inclinar para mais perto para a conseguir ouvir. Parece uma ladainha sem melodia, repetida ao som do ritmo do pedal.

— Três abraços e três mergulhos e três décadas e três mil varas de lã por dia. Todas as coisas boas vêm às três.

Quando o guarda sai da sala por um momento, sussurra o mais

próximo que consegue do ouvido da Ovelha.

— Estás a falar dos teus filhos? Três mergulhos?

A Ovelha afasta-se e perde o ritmo do trabalho. O seu olho bom vira-se e observa Anna Stina como se a visse pela primeira vez. Ao fim de algum tempo, franze a testa e continua a fiar. A ladainha volta quando encontra novamente o seu ritmo.

— Três abraços e três mergulhos e três décadas e três mil varas de lã por dia. Todas as coisas boas vêm às três.

— Estás aqui há trinta anos?

A Ovelha distrai-se novamente e lança nova olhadela a Anna Stina.

— Lembras-te da Alma Gustafsdotter, do Outono e da Primavera passados? Que estava no mesmo grupo que tu?

A Ovelha parece ponderar o que fazer, mas por fim inclina-se um pouco mais para ela, com um brilho malicioso no olho bom.

— Dizem que o fiz porque os odiava, sabes, mas foi exactamente o contrário. Foi por amor, para os salvar de todo o sofrimento que o futuro lhes reservava. Cada dia é pior do que o anterior. Sei que fiz a escolha certa. Sempre que o Sol se ergue no céu, sei que fiz a escolha certa.

Anna Stina não sabe o que responder. Limita-se a assentir. A Ovelha pisca-lhe o olho antes de se voltar novamente para a roca.

— Três abraços e três mergulhos e três décadas e três mil varas de lã por dia. Todas as coisas boas vêm às três.

O desespero apodera-se de Anna Stina. A Ovelha parece mais um beco sem saída, mais um ser moldado à forma da roca, vazio, apenas útil como parte daquele instrumento.

Não vê motivo para arriscar ser descoberta pelos guardas a levar a roca novamente para o lugar marcado no chão. Em vez disso, escolhe esperar pelo anoitecer. Quando a Ovelha começa a falar com ela depois do almoço, é a última coisa que esperava. Acontece quase imperceptivelmente, com a mesma entoação monocórdica da ladainha. O que diz parece uma corrente de memórias dos muitos

anos que ali passou.

— Elas pensam que fiar lã é um trabalho árduo, mas não sabem nada. Pensam que a comida é má, mas não sabem nada. No ano de 1772, o mesmo ano em que o rei Gustav assumiu o trono, quiseram construir acrescentos na mansão de Ahlstedt, e fomos nós que tivemos de carregar e trabalhar, apesar de termos de pagar a nossa própria roupa e comida… Troncos e pedras, argamassa… As pessoas morriam como moscas, mas não a velha Maria, já era rija… roía os dedos e comia pedras quando não havia mais nada… Elas pensam que o Pettersson é mau, mas não é nada comparado com o velho Benedictius… Ele e o von Torken, mais o velho Johan Wik, mataram-nos à fome e com trabalho, como se fossem as nossas campas que estávamos a cavar… A velha Maria sobreviveu-lhes a todos… O inspector ia viver ali, mas isso não tinha importância…

A Ovelha sorri ao rever aquelas memórias. Anna Stina olha para as velhas garras que se formaram no lugar das mãos da mulher, enquanto se movem em volta da roda e do fio, e estremece ao notar que os dedos têm marcas de dentadas.

— Mal conseguimos erguer as caves nessa Primavera. Foi um Verão bom… Um dos homens da prisão levou-me para o meio dos arbustos, era um tipo enorme. Morreu de fome antes de o ano chegar ao fim, mas ainda me lembro dele… A construção esteve parada todo o Verão, enquanto a cidade celebrava com tambores e salvas de canhões. E, quando o Outono chegou, não conseguimos ter tudo pronto, apesar de o Benedictius ter rugido e arrancado os cabelos… Tive de levar as mesmas pedras que tinha carregado para cá. Fomos obrigadas a cavar um fosso dentro das paredes da cave para a água escoar enquanto a casa estava descoberta, durante o Inverno… Não foi suficiente… A água infiltrou-se em tudo e saturou as paredes, o fosso alargou, e tanto o inspector como o padre eram demasiado finos para se mudarem para lá… Agora só há lá sacos de nabos, deixados a apodrecer…

Anna Stina demora algum tempo a perceber a importância do que acabou de ouvir. Quando percebe, o sangue sobe-lhe à cabeça e tem de se inclinar mais para a frente para ouvir a voz fraca da Ovelha contra o som do seu coração.

— A senhora Maria contou isto à Alma Gustafsdotter? A outra rapariga que estava sentada no lugar onde está agora?

A Ovelha pareceu surpreendida.

— Três abraços e três mergulhos e três décadas e três mil varas de lã por dia. Todas as coisas boas vêm às três. Era um homem enorme…

É a resposta que procurava. Algures, há uma cave com um túnel subterrâneo, escavado para desviar as águas da chuva quando aquela ala não tinha telhado, no ano de 1772, esquecido quando a construção foi retomada. Alma Gustafsdotter sabia-o. Só precisava da oportunidade de lá chegar a coberto da noite, mover os sacos de nabos, rastejar algumas varas até à liberdade e desaparecer para sempre.

9.

Nessa noite, Anna Stina não consegue dormir. Em vez disso, tenta imaginar os meses passados, quando o Inverno cravava as garras em Långholmen e o Sol mal subia acima do horizonte para derreter o gelo do Riddarefjärden, tendo a fiação de funcionar às escuras. O tempo corre devagar, a distância entre os toques dos sinos parece maior, e Alma Gustafsdotter sente-se triste. Começa a deslocar a roca para mais perto da Ovelha, esperando que o som dos seus murmúrios ajude o tempo a passar. Subitamente, surge uma esperança de fuga.

Quanto tempo terá Alma passado a preparar a sua evasão? Chegou no Outono e desapareceu na Primavera. A Ovelha pode ter-lhe contado a sua história no ano anterior, quando Alma era nova ali, mas a rapariga teve ter tido a presença de espírito de esperar que o chão descongelasse, para não se arriscar a encontrar a galeria e descobrir que estava coberta de gelo ou fechada por neve rija como ferro, endurecida pela que vinha do lado do mar. Esperou pela Primavera.

Anna Stina tenta explorar as informações que lhe faltam para reconstituir os passos de Alma Gustafsdotter em direcção ao lugar por onde desapareceu, o mesmo caminho que terá de fazer. Onde fica essa cave? Essa parte, supõe, será a mais simples. A cave pertencia a um anexo da antiga mansão, a velha casa de Ahlstedt, que foi vendida e transformada numa prisão. O novo edifício, com a sua cave, deve ficar na parte de trás da mansão. A Ovelha falou de

sacos de nabos, e toda a comida que Anna Stina viu é carregada pelas escadas abaixo da velha casa. Deve haver ali uma cozinha, e os nabos devem ser mantidos o mais perto dela possível. Num impulso, Anna Stina levanta-se da cama e esgueira-se lentamente por entre as rocas, em direcção à janela. Encosta o rosto ao vidro e tenta ver ao longo da fachada daquela ala, olhando na direcção da mansão de Ahlstedt. O ângulo é demasiado estreito para poder ver para lá da esquina, mas, quando se prepara para desistir, vê o luar brilhar no pátio e repara em algo: o telhado daquela ala destaca-se, passa por cima da velha casa e continua até um edifício mais baixo, na direcção oposta. É ali! É ali que a liberdade a aguarda. Só precisa de lá chegar.

Os dias passam. Anna Stina continua a fiar, meada após meada, sem as contar. Em vez disso, presta mais atenção às rotinas dos guardas e à estrutura da fiação. As preocupações e obstáculos de Alma tornaram-se os seus. Primeiro, há a porta da sala, que é trancada durante a noite. Passa várias noites a cogitar, até que consegue juntar as peças que já tinha num todo coeso. A resposta está na colher de metal, que valeu a Alma umas chicotadas por a ter roubado, mas que nunca foi encontrada. Pode tê-la usado para moldar uma chave. Aas suas muitas visitas à fechadura foram a sua tentativa de chegar à forma certa.

Anna Stina ouviu atentamente de todas as vezes que os guardas fecharam a porta à noite. A fechadura está enferrujada, a chave é pesada e, a avaliar pelo som, não é oleada há anos. O metal das colheres é fraco. Duvida que conseguisse girar o mecanismo sem o dobrar. Talvez Alma conhecesse um método para endurecer o metal. Talvez tenha sido por isso que roubou os medicamentos para a dor de dentes numa das idas às termas. Estas informações não têm grande utilidade para Anna Stina. As únicas colheres que viu são de madeira quebradiça. Não tem nada afiado com que abrir a fechadura e sabe tanto de metais como de fechaduras. Não

obstante, tinha de conseguir atravessar a porta trancada durante a noite. Era o primeiro obstáculo, o primeiro de quatro.

Haveria outras portas trancadas no seu caminho? Se Anna Stina estivesse certa, Alma teria usado a sua própria chave. A porta da casa de Ahlstedt, ao cimo das escadas, ficava frequentemente encostada para dar aos guardas livre acesso ao piso onde tinham o seu alojamento sem terem de passar pelas salas de fiar. Se a porta exterior da propriedade não fosse trancada durante a noite, uma pessoa que conseguisse sair para o pátio poderia caminhar facilmente até à velha casa e daí até à cave. Fora certamente o que Alma fizera. Teriam as rotinas passado a ser mais controladas desde então, depois do ataque de fúria de Björkman? Se acontecera, Anna Stina não via sinais disso. E, nesse caso, há apenas uma porta trancada a bloquear-lhe o caminho. O segundo obstáculo é descer à cave sem ser vista.

O terceiro é encontrar o fosso, o velho túnel de escoamento de águas que atravessa o muro, e transpô-lo. Os murmúrios da Ovelha não revelaram muito acerca da sua localização. A abertura deve ser suficientemente pequena para não ter sido descoberta pelos guardas ao longo de duas décadas. Mesmo que tudo corra como o planeado, só tem o resto da noite para acertar.

O quarto e último obstáculo: não pode regressar às congregações de Katarina ou Maria, onde é conhecida e onde Fischer, o Mudo e os outros da sua laia vão andar à sua procura. Johanna disse-o, e Anna Stina não tem motivos para duvidar. Mesmo as que conseguem escapar regressam rapidamente, com ainda mais meadas a acescentar à sua pena. Se conseguir chegar ao outro lado do muro, tem de criar uma nova vida, fora do alcance dos inimigos. Como, não sabe.

Quando o domingo chega, o trabalho é parado em favor da missa. O vigário Neander, que deixou a oração nocturna recentemente a cargo do seu sacristão, está em pior estado do que

é habitual. Esquece-se de quando os hinos devem ser cantados e as orações ditas, do momento certo para dar o sermão e distribuir perdões. Com mãos trémulas, bebe grandes goles de vinho sem se preocupar com quem vê. Durante o sermão, recita de cor o testamento, gagueja e pisca os olhos, que se encheram de lágrimas do esforço. Lê de Mateus sobre o regresso de Jesus a Jerusalém. Já toda a gente ouviu aqueles versos. Neander debate-se com o vigésimo primeiro capítulo do Evangelho, quando os vendilhões são expulsos do templo.

— Está escrito: a minha casa deve ser uma casa de oração… mas fazeis dela uma toca de ladrões.

Com estas palavras, Bengt Neander faz uma pausa, subitamente pensativo. Os seus olhos ensombrecem entre as olheiras e as sobrancelhas.

— A minha casa. Uma toca de ladrões.

Fecha a Bíblia com tanta força que acorda quem estava a dormir. As mulheres, sentadas nos bancos, fitam os olhos do padre, que as observa, irado. O resto do sermão não vem das Escrituras, mas de dentro dele. Quanto mais fala, mais o seu entusiasmo cresce. A voz sobe de tom, até berrar acerca dos fariseus e dos escribas, dos vendilhões e dos romanos, de todos os que enriquecem, enquanto os justos e os fracos sofrem. O padre exibe os seus dentes castanhos num sorriso injuriado enquanto fala cada vez menos da terra santa, dezassete séculos antes, e cada vez mais do que vê diante de si em Långholmen, no presente. As suas tentativas de vestir o inspector Hans Björkman com as roupas dos inimigos de Jesus tornam-se cada vez menos subtis. O rebanho de satanás pode ter belas vozes, mas a sua língua é fendida. Aperfeiçoou a arte da sedução nos melhores palcos.

Quando nem as fiandeiras mais novas conseguem ignorar quem está a ser referido, o sacristão tenta salvar Neander de si próprio. E, quando nem o seu pigarrear ruidoso consegue travar os rugidos do padre, não vê alternativa senão antecipar o toque do sino. Neander

recompõe-se com esforço.

Como todas as outras, Anna Stina é apanhada de surpresa pela explosão do padre. Depois percebe que Neander pode ser a sua salvação, um velho amargo que recorre cada vez mais à bebida como consolo por ver que o seu ódio será em vão. Recorda o que os guardas disseram no dia em que ali chegou: os dias de Hans Björkman como inspector estão a chegar ao fim, depois de vinte anos de negligência. Vai para a Finlândia. Mal consegue manter-se sentada durante o resto da missa. Para ser bem-sucedida, tem de pensar depressa e ter a sorte do seu lado, pois, assim que ele disser o Amém final, os guardas levarão as fiandeiras para o pátio e daí para as suas salas.

Acabou. Todas se levantam dos bancos e começam a dirigir-se para a nave. Anna Stina caminha contra a corrente, por entre as fileiras de joelhos curvados, a cada passo mais próxima do altar onde Neander deita as últimas gotas de vinho pela goela abaixo. À frente está o próprio Petter Pettersson, o capataz, a olhar para elas enquanto espera que a igreja fique vazia. É tão grande como ela recorda e está mesmo no meio do caminho. Agora vê-a, com um misto de surpresa e raiva. Anna Stina mal tem tempo de pensar quando faz um desvio para a esquerda, escapa aos seus braços e grita para Bengt Neander.

— Imagine que havia uma maneira de Nosso Senhor castigar os vendilhões pelos seus pecados antes de saírem do templo.

Não consegue dizer mais nada antes de Pettersson lhe deitar a mão ao pescoço. Quase a levanta do chão. Fecha os olhos antes de a mão dele se levantar para desferir uma chapada.

— Controle-se e largue a rapariga!

A voz de Neander recuperou a força do sermão. É o suficiente para travar Pettersson a meio do golpe.

— Até o capataz deve saber que não se pratica violência na casa de Deus! Não teme o Senhor?

Pettersson não responde. Em vez disso, lança um olhar de

desprezo ao padre.

— Largue-a, Petter Pettersson. Deixe um guarda à porta para a acompanhar à sala de fiação, onde ela pertence. A rapariga carrega o fardo de uma preocupação religiosa. Como seu guia, tenho o dever de a aliviar desse tormento.

Pettersson dá uma gargalhada e abre lentamente a mão para Anna Stina ver o poder desumano que tem na ponta dos dedos.

— Tanto a rapariga como o Neander hão-de perceber uma piada. Sabem perfeitamente que eu nunca atacaria uma rapariga indefesa…

Dá alguns passos ao longo da nave antes de se voltar e de fitar os olhos de Anna Stina.

— … na casa de Deus.

Bengt Neander espera até o corpo enorme do capataz ter transposto a porta.

— Fala depressa, rapariga. Dói-me a cabeça. Não tenho a força do capataz, mas, se descobrir que não vales o trabalho que me dás, dou-te três bofetadas, em vez da única que ias levar do Pettersson.

Neander tem o cabelo todo espetado. Parece não se lavar há semanas, porque a sujidade está profundamente entranhada em todas as rugas do seu rosto, envelhecido antes do tempo por todos os desgostos que carrega. Por baixo do cheiro azedo a vinho derramado sente-se algo mais forte. Anna Stina percebe que a sua paciência está por um fio. Tem de correr o risco e de falar muito claramente.

— O inspector Björkman vai partir em breve sem ter sido castigado pelos seus pecados. O pastor quer ser um instrumento de Deus no tempo que ainda lhe resta? Sei de uma maneira.

— O que sabe uma simples fiandeira dos meus assuntos com o inspector? Vamos, diz.

— O inspector já ficou mal visto depois da fuga do ano passado.Desde então, ninguém conseguiu passar novamente as

defesas que instalou. Mas, se alguém conseguisse fugir, talvez fosse o suficiente para o fazer perder o emprego presente e futuro.

Ana Stinna tenta adivinhar, mas espera ter acertado. Neander lança-lhe um olhadela que é simultaneamente insidiosa e severa. Chama-a à sacristia depois de fazer sinal ao guarda que Pettersson deixou à porta, pedindo-lhe que fique onde está. Ainda mal passou a porta quando tira uma pequena garrafa de baixo da batina e sorve alguns goles. O cheiro do absinto faz-lhe arder os olhos quando volta a falar.

— Não és de todo parva, mas infelizmente tens o meu poder em excessiva conta. Como pastor, não tenho qualquer autoridade sobre os guardas. Nunca me foram confiadas chaves. Mesmo que as tivesse, há guardas no portão durante a noite. A tua sugestão não é nada que eu não tenha já considerado, rapariguinha. Se tivesse tido essa oportunidade, já teria esvaziado esta casa há muitos anos. Que diferença faria, se as meretrizes voltam sempre para as suas rocas de fiar alguns dias depois? Mas o Björkman, maldito seja o seu nome, não é tão estúpido como parece e conseguiu separar o espiritual do secular nesta casa com a ajuda de esquemas e amigos em altos cargos. Para teu bem, espero que tenhas um plano mais elaborado do que esse.

— Existe uma saída, outra saída. Tenho a certeza. A única coisa que o pastor precisa de fazer é de destrancar a porta da ala sudoeste.

— Estás a mentir. Que saída é essa?

— Desapareceu uma rapariga na Primavera. Eu descobri o caminho que ela usou. Há um buraco na parede da cave. O Björkman deve ter abafado a notícia do desaparecimento antes de ela se espalhar, mas, se o pastor escrever uma carta desta vez, o inspector não voltará a escapar impune.

Bengt Neander fita-a enquanto pondera. Ao fim de algum tempo, começa a balançar para trás e para a frente enquanto murmura em voz baixa. Mastiga distraidamente uma ponta da barba.

— Mais uma fuga. Depois de todos os Riksdaler que o inspector exigiu para manter a ordem… sim, sim. Basta uma porta, uma chave.

Esfrega os olhos com os indicadores e cospe a barba molhada.

— Já fiz em tempos uma coisa do género, sabes. Aceitei a ajuda de uma fiandeira para me vingar do Björkman. E correu mal. Enviei uma queixa em nome dela, mas as autoridades reconheceram a minha letra. Talvez devesse aprender com os meus erros.

Solta uma gargalhada e faz um brinde consigo mesmo enquanto bebe mais um gole da garrafa.

— Talvez seja o contrário. Talvez o meu erro tenha sido usar um mosquete quando devia ter usado um canhão. O que sugeres não é impossível. Tenho de fazer a minha pesquisa. Quando souber mais, chamar-te-ei, depois da oração nocturna. E mais uma coisa. Deixa-me olhar para ti.

Neander vira o rosto dela para cima com a mão esquerda e dá-lhe a bofetada que impedira Pettersson de lhe dar. Anna Stina não duvida de que o pastor é mais fraco do que o capataz, mas ainda assim fica com o rosto a arder e os ouvidos a tinir.

— Pelos teus pecados, para perceberes que não podes enganar-me e para que isto seja o mais perto que chego de pôr as mãos em cima de uma fiandeira. E ainda para que não possam dizer que me envolvi contigo em actividades ilícitas. A tua face corada vai prová-lo claramente.

O pastor acompanha-a à porta e entrega Anna Stina ao guarda, que a espera e que a agarra por um braço. Ouve Neander murmurar em voz baixa quando sai para o pátio.

10.

O quarto do capataz Petter Pettersson fica no extremo nordeste de Ahlstedtska, o melhor de dois quartos idênticos. Ao lado reside Johan Franz Hybinett, que partilha a responsabilidade com Pettersson. O quarto é quente como um forno no calor de fim de Primavera, que chegou invulgarmente cedo este ano, apesar de a janela estar voltada para o mar. O suor escorre pelo corpo enorme de Pettersson. Despiu o casaco e a camisa para se esticar na cama. Fita o tecto, onde o seu antecessor ou quem quer que tenha usado aquele quarto antes dele escreveu o seu nome ou as suas fantasias na trave, para afastar o tédio. Um nome e uma data aqui, um pénis a esguichar ali. Todos escurecidos pelo passar dos anos. O fim dos doze anos de Pettersson como capataz de Långholmen avizinha-se. Teve sempre o mesmo quarto. Tem emoções conflituosas em relação ao tempo que passou. Veio do seu posto na Kronobränneriet no ano de 1781, onde fora empregado depois de deixar o exército. Estivera ali desde então, entre os colegas de uniformes azuis e amarelos. Embora o trabalho de capataz não esteja oficialmente afecto à guarda, sente que a sua ausência de defeitos é, ela própria, um defeito entre os guardas inválidos. Até Hybinett sofre de um ferimento causado por um morteiro que explodiu e mal consegue fechar a mão direita.

Pettersson envergonha-se do seu corpo saudável. A sua dispensa do exército deveu-se a outros motivos, mas está convencido de que os guardas, que não fazem outra coisa senão

coscuvilhar, ouviram falar do incidente ou adivinharam o que aconteceu. Pettersson foi mandado para casa por ser considerado perigoso. Grande, forte, briguento e intriguista, com uma tendência para a maldade que o levava constantemente a abusar da sua superioridade física para infligir maus-tratos nos outros. Chegou a um ponto em que nenhum cabo queria qualquer tipo de proximidade com a sua pessoa. Livraram-se dele com uma infracção forjada, a pretexto de ser uma questão de tempo até causar danos realmente graves. Petter Pettersson estava habituado a ser acusado, mas nunca injustamente. A lembrança dessa injustiça ainda lhe faz ferver o sangue. Capataz de uma fiação no monte desolado de Långholmen. A única coisa para que serve.

Ainda assim, o cargo oferece-lhe certos benefícios. Agarrou-se a ele com unhas e dentes. No ano de 1783, quando ainda não aprendera a controlar-se, espancou até à morte uma das fiandeiras, de nome Löhman. Era de manhã cedo. Estava encarregado de inspeccionar o despertar, mas, em vez de usar a voz, decidira bater nas camas com o Mestre Erik. Ainda assim, Löhman não se levantou. Quando, ao fim de três ou quatro pancadas, continuou deitada, foi como se uma névoa vermelha lhe tivesse toldado a visão. Bateu e bateu, a partir de certa altura com o cabo rígido e não com a ponta do chicote.

Löhman nunca chegou a sair da cama. Não teve outro remédio a não ser dispensá-la por doença. Ficou deitada a gemer e ao meio-dia começou a espumar da boca e parou de respirar. Havia muita gente disposta a testemunhar contra ele. Björkman foi obrigado a responsabilizá-lo, e, embora Pettersson tinha dito que o chicote não tinha potencial para a matar e que ela devia ter morrido de alguma doença de que tivesse sido acometida durante a noite ou por alguma combinação trágica dos dois factores, foi condenado a catorze dias de prisão a pão e água.

Ainda se lembra desses dias, duas longas semanas numa cela com a fome a roer-lhe o estômago. Na escuridão, reviveu cada

golpe, cada marca que o chicote deixou na pele de Löhman. Quando voltou a ver a luz do dia e regressou ao trabalho, soube que valera a pena. Aprendeu a ser mais cauteloso, mas não conseguia passar sem aquilo. Acumulara-se nele uma tensão que só podia ser libertada com a ajuda do chicote. O poder ilimitado. O seu corpo enorme sobre algumas das pequenas fiandeiras, de chicote na mão. Fica teso só de pensar nisso e, sozinho no quarto, baixa as calças e começa a massajar o membro. Acontece depressa, um breve momento de prazer, que, como sempre, acaba em desilusão.

Como todos os outros guardas, procurou ocasionalmente uma fiandeira para arrastar para um canto remoto da casa — afinal, é o motivo pelo qual a maioria ali está, e a maior parte delas acede de bom grado em troca de um copo ou de um pedaço de carne. Também isso levou à desilusão. Depois de puxar as calças para cima e de enfiar a camisa dentro das mesmas, sorriu-lhe, a puta, como se o que lhe oferecera lhe tivesse dado a ela o poder. Virou-se e saiu, furioso por motivos que nem ele próprio entendia.

O que as detidas pensam que dão voluntariamente não tem para ele o mesmo valor que aquilo que pode tirar-lhes contra a sua vontade. A dança em volta do poço é diferente e dura mais tempo, muito melhor do que o breve rolar das ancas para alguns segundos de libertação, como um espirro da parte inferior do corpo. Durante a dança, está noutro mundo. Os outros guardas deixam-no fazê-lo. Nunca mais dançou com ninguém desde a Ersson, que quase se voluntariou, com o seu queixo espetado e o seu olhar rebelde. Era o seu tipo favorito. As que ainda acreditam que têm algum valor. Chicotear as mortas-vivas era tão fútil como martelar um pedaço de carne para a tornar tenra. Ersson fora uma mudança agradável. Agora, anda por ali a coxear, morta de medo. Sempre que a vê, sente calor nas partes baixas.

Pettersson ronca, ofegante, depois do esforço. A frustração que pesa sobre si não foi especialmente aliviada. A pressão começou a aumentar novamente, pior do que nunca, agora que a missa

terminou, por causa daquele padre ébrio cujo sorrisinho maldoso parece estar sempre a troçar dele, um bêbedo que se atreve a repreendê-lo diante das fiandeiras. Sente que o peito lhe vai rebentar se não conseguir encontrar alívio em breve.

E sabe como. Tomou a sua decisão, escolheu a rapariga, a que está no mesmo grupo que a velha. Viu-o nos olhos dela. Um orgulho, um desafio. Parece curiosa e arguta. Tem alguma coisa na manga, sabe que sim. Em breve, vai chamá-la para dançar. Em breve, mas não demasiado cedo. Quanto mais tempo esperar, maior será a recompensa.

Começaram a fazer apostas no único canto da fiação onde há homens, idosos e rapazes, que ou são demasiado novos ou demasiado velhos para serem destacados para trabalho mais pesado. Estes conhecem Petter Pettersson e têm uma vaga ideia de como ele põe em prática as suas actividades bem conhecidas. Já se passaram semanas desde que chicoteou a rapariga nova, e em breve chegará a hora de o fazer novamente. Mas quem será a escolhida? A que entornou as papas na ânsia de apanhar mais uma cauda de arenque? A última a chegar à roca e que mal conseguiu fiar uma meada numa semana? Reparam atentamente nos olhos dele, em quem ele mais se fixa, tentando ler-lhe os pensamentos. Os que querem e têm dinheiro para isso podem apostar na zona de onde a rapariga será, no grupo a que pertence ou mesmo no seu nome.

É Johanna quem conta a Anna Stina.

— Tu és a favorita. Não ganham muito mais do que o valor da aposta se ele te escolher a ti. Dizem que o viram a olhar para o nosso grupo sempre que saímos da sala. Chegaste com a outra, a última com quem ele dançou, e agora acham que vais ser a próxima.

Não é a dança, as voltas em torno do poço ou mesmo as chicotadas o que mais assusta Anna Stina. Pior é o facto de a oportunidade de fugir se poder dissipar depois da dança de

Pettersson. O capataz tem de ter o cuidado de não matar as suas vítimas, mas não se pode dizer que estas escapam com a vida intacta. A rapariga que dá pelo nome de Dragão ainda anda por ali, com as pernas afastadas por causa da violência que as ancas sofreram, ainda lança olhares de ameaça aos que apostaram na sua escolha, mas já não fala, esconde-se nas sombras, não dorme à noite por causa dos pesadelos e vive tão assustada que qualquer movimento a faz desatar a fugir. Embora os ferimentos e as cicatrizes venham a sarar um dia, a sua consciência refugiou-se num lugar muito profundo dentro de si, um lugar de onde nunca há-de regressar. Que motivo tem Anna Stina para esperar um destino diferente?

A oração da noite já está a chegar ao fim. Tem de esperar até de manhã para falar com Neander e tentar acelerar os seus planos e de rezar para que Pettersson ponha o seu plano em espera por mais um dia. Quando a candeia é levada e a porta é trancada, não consegue dormir. Pela respiração de Johanna, percebe que esta também está acordada.

— Johanna, se algum dia conseguisses fugir daqui, o que farias para teres a certeza de que não voltavam a apanhar-te?

Johanna fica muito tempo em silêncio antes de responder.

— Tu estás a tramar alguma. Pensas que eu não percebi, mas não é verdade. Não tenhas medo, não te vou denunciar.

— Talvez haja uma maneira de sair daqui. Estou a pensar usá-la se tiver oportunidade. Podes vir comigo.

Johanna ri-se.

— Faltam-me menos de cem meadas para cumprir o meu castigo. Se souber ficar calada, estou fora daqui antes do fim do Verão. Já fiei durante tanto tempo que mais vale fazê-lo até ao fim.

*

Anna Stina não pode contra-argumentar. Passam-se mais alguns momentos até Johanna responder à primeira pergunta.

— A maioria das que aqui vêm parar não tem grande valor para o mundo. Tu foste uma boa amiga, portanto, vou contar-te uma coisa. Tive uma amiga quando era criança. O pai dela tinha uma taberna, e, tanto quanto sei, ainda tem. Chama-se Markattan e não fica longe da Röda Slussen. Há muitos anos, os pais tiveram uma briga a que ninguém conseguia pôr termo. Até o padre Nikolai interveio. A zanga acabou com a mãe a pegar na filha e a desaparecer. Era de outra paróquia e provavelmente foi para casa dos pais. Perdi a minha amiga, mas a situação ainda foi pior para o pai. Ficou com o coração despedaçado. Nunca mais foi o mesmo, mesmo depois de tantos anos. Continua atrás do balcão, a receber os clientes, mas é como se não estivesse vivo. Chama-se Karl Tulipan, sendo conhecido como Karl das Flores, embora muitos dos seus clientes digam que Karl das Flores Murchas seria um nome mais adequado. A minha amiga chamava-se Lovisa Ulrika. O velho Tulipan ficou tão orgulhoso no dia em que ela nasceu que lhe deu o nome da rainha.

— Que história terrível.

— Não é uma história de encantar. Cala-te e ouve-me. Tu e a Lovisa devem ter nascido com uma diferença de um ano. Ela tinha olhos azuis e cabelos louros como tu. Se saíres de entre estes muros e viajares para longe de Långholmen, nunca mais estarás em segurança em Södermalm. Em vez disso, deves procurar o Karl Tulipan no Markattan e dizer-lhe que és a filha dele, a Lovisa Ulrika, amiga de infância da Johanna Ulv, e que voltaste para junto do teu pai amado ao fim de todos estes anos.

— E ele não haveria de reconhecer a própria filha?

— Claro. Não é estúpido. Mas vai acreditar em ti porque é a mentira que mais deseja ouvir nesta vida.

Para grande alívio de Anna Stina, Petter Pettersson não se encontra presente na oração matinal. Em vez disso, está lá o

mesmo guarda que a recebeu, o que estava ao seu lado enquanto Pettersson chicoteava a rapariga conhecida por o Dragão. Chama-se Jonatan Löf, é mais novo que os restantes, e não parece haver nada de estranho nele, além de uma certa rigidez nas costas. Também se mostra cooperante e vende comida e bebida sem exigir um pagamento excessivo. Anna Stina decide ser impertinente, dirigir-se a ele em frente aos bancos da igreja quando a oração se silenciou, recusar-se a ir e pedir para falar com o padre. Mal acredita nos seus olhos quando ele se desvia para o lado com um sorriso discreto e a leva até Neander, que, por seu lado, a manda entrar na sacristia com um murmúrio irritado.

— Qual é o teu problema, rapariga estúpida? Não percebes que vais levantar suspeitas se estiveres constantemente a vir aqui? Ainda não tenho chave para te dar.

— Tem de ser feito esta noite. Esta noite ou nunca. A qualquer momento, o Petter Pettersson vai levar-me para o poço e obrigar-me a dançar. Depois disso, nunca mais serei capaz de rastejar por um túnel.

A respiração de Neander torna-se acelerada. Começa a tactear às cegas, à procura de uma cadeira, sentando-se pesadamente. Mastiga a barba e coça o escalpe, espalhando uma nuvem de caspa. Quando começa a pensar em voz alta, ela percebe que o padre ainda está bêbedo e que provavelmente não dormiu antes de dizer a oração matinal.

— Maldição! Será possível que eu não vá receber nada por todos os meus trabalhos? Porque me testais assim, Senhor? Esta noite, diz ela, mas é demasiado cedo, demasiado cedo. Mas o Björkman, aquele miserável, aquele maldito, estará em breve fora do meu alcance. E a carta já está escrita… talvez haja outras formas, igualmente eficazes…

Ao fim de alguns minutos de murmúrios, o padre parece ter tomado a sua decisão. Dá uma palmada na mesa.

— Diabos, rapariga, ouve com atenção! Dizes que tem de ser

esta noite, e esta noite será, custe o que custar. Vais ficar acordada e esperar até ouvires bater à porta. Alguém vai abri-la para ti. Depois disso, vais desaparecer. Não me interessa o que te acontece, desde que te mantenhas longe durante o tempo suficiente para o Björkman ser responsabilizado pela sua negligência. Entendes? Muito bem, agora põe-te a andar, e que Jesus Cristo e Asmodeu e Odin Allfader estejam contigo! Caso contrário, terão de se ver comigo.

Quando Anna Stina sai para o pátio, escoltada pelo guarda Löf, há algo a acontecer. Todas estão lá fora, cada grupo em frente à sua sala. No centro, Petter Pettersson caminha de um lado para o outro com as mãos atrás das costas, empertigado como um galo, a brilhar como o Sol. Löf empurra Anna Stina para junto do seu grupo, e ela apressa-se a juntar-se à Ovelha, a Johanna e à Lisa Louca. A voz forte de Petter Pettersson ecoa entre as alas.

— Foi descoberto um roubo esta manhã, minhas senhoras e senhores. Enquanto estão todas aqui reunidas, vamos revirar as salas e os colchões até encontrarmos o produto do roubo. Quem for inocente não tem nada a temer. Podem aproveitar a oportunidade para admirar a minha bela figura enquanto a busca decorre.

Anna Stina sente toda a esperança desaparecer. É demasiado tarde. Pettersson já escolheu a sua vítima. Agora só falta a dança. Vão descobrir o que quer que ele tenha decidido esconder entre os lençóis carregados de piolhos da sua cama. E as suas objecções não valerão de nada. Pettersson vai mandar buscar o Mestre Erik e aplicar o castigo até aos limites do que é permitido. As lágrimas sobem-lhe aos olhos. Morde com força o lábio, uma dor que pode escolher.

Encontraram a faca. Um guarda triunfante levanta orgulhosamente o pedaço de metal e vai direito a ela com a lâmina a balançar entre o polegar e o indicador quando Pettersson lhe

pergunta em que cama a encontraram. Então o guarda agarra Johanna por um braço e arrasta-a para o poço, onde Pettersson sorri de orelha a orelha.

São quatro e meia da manhã. Ainda se ouvem os gritos de Johanna a cada golpe que cai sobre ela, embora um pouco mais fracos, agora que já passou mais de meio dia. Anna Stina não voltará a vê-la.

11.

A cama ao lado da de Anna Stina está vazia. Tal como fizeram com o Dragão, os guardas devem ter arrastado o corpo inconsciente de Johanna para o hospital, para que recuperasse o melhor possível. Os sons nocturnos na sala são piores do que o habitual. Ouvem-se gemidos e murmúrios de todos os cantos, soluços violentos de raparigas acordadas pelos seus pesadelos. A maioria dorme inquieta depois de ter sido obrigada a ouvir os gritos no pátio até muito tarde. Quando Anna Stina foi assistir à oração nocturna, havia um círculo escuro em volta do poço, deixado por Johanna. Viam-se manchas vermelhas na pega da bomba, que rapidamente se transformariam em nódoas castanhas cuja origem ninguém poderia adivinhar se não tivesse lá estado. As suas emoções não deixam o cansaço vencer. Medo, desespero e tristeza pelo que aconteceu a Johanna, um certo alívio por alguém ter tomado o lugar que julgava estar-lhe destinado, seguido da vergonha de pensar uma coisa dessas. E também pânico, a sensação de estar presa a algo que não pode ser travado. Anna Stina tivera de reunir todas as suas forças para a fuga, mas o que acontecera a Johanna abrira nela uma fenda por onde agora toda a força escapava. Não esta noite, Deus, não esta noite. Ainda assim, sabe que o tempo para fazer escolhas chegou ao fim. Aguarda na escuridão.

As pancadas são suaves como lhe fora prometido. A princípio, Anna Stina não tem a certeza se ouviu bem, mas, quando faz

deslizar as pernas para fora da cama e atravessa a sala, ouve uma chave girar na fechadura. Abre-se uma nesga da porta. Há alguém à espera do outro lado, e essa pessoa abre apenas o suficiente para a deixar passar quando a vê. É Jonatan Löf, o jovem guarda. Encosta o dedo indicador à boca e fixa a porta com o ombro para não a deixar chiar quando volta a fechá-la. Tranca-a atrás de si e faz-lhe sinal para que o siga.

Atravessam rapidamente o pátio e sobem as escadas do velho edifício. Do segundo andar da casa ouvem-se vozes e risos. Os guardas estão acordados até tarde. De lá de cima, ouvem-se os sons de jogos e bebidas, cartas gastas a serem atiradas para cima de uma mesa e o tilintar de copos e garrafas. Löf guia-a para as sombras de um dos lados da porta dupla, entrando pela parte que está aberta. Depois de se ter certificado de que não há ninguém no piso inferior, passam por uma cozinha às escuras onde ainda se sente o calor do fogão e onde Löf pára para acender uma tocha nas brasas. Depois esconde a chama o melhor que pode pondo a mão em frente dela, enquanto avança por uma pequena sala de refeição e por um corredor. Anna Stina não consegue ver muita coisa sob aquela chama tão fraca, mas presume que estão a entrar na extensão nova, cujos alicerces a Ovelha ajudou a construir.

Os tectos tornaram-se mais baixos, as superfícies parecem mais ásperas ao toque, e ninguém se deu ao trabalho de decorar as paredes com tinta ou papel. Atrás de uma porta destrancada, uma escada conduz à cave. Num canto há uma candeia que Löf acende com a tocha depois de fechar a porta atrás de si. Ao fundo da escada, fala pela primeira vez.

— Ninguém pode ouvir-nos agora, mas ainda assim não fales mais alto do que o necessário. Tiveram sorte, tu e o teu amigo Neander. O Pettersson tem o hábito de dar uma festa quando usa o chicote, para ninguém se sentir tentado a denunciar a violência ao inspector Björkman. Neste momento, são poucos os guardas da casa capazes de andar a direito.

Anna Stina olha-o, expectante. Löf consegue adivinhar a pergunta.

— O Neander deu-me alguns Riksdaler para te abrir a porta, te trazer à cave e ficar calado. Pediu-me para esperar enquanto fazes o que tens a fazer. Podes ficar com a candeia até se apagar. O pavio deve durar uma hora. Talvez mais.

Ela assente. Antes de lhe dar a candeia, Löf abre o vidro e acende um cachimbo que já devia ter enchido com tabaco. Senta-se num dos degraus da escada e estende-lhe a candeia com um sorriso desigual.

— Boa sorte.

*

Quando a luz da candeia deixa de iluminar Löf, a sua presença torna-se apenas perceptível pela luz do cachimbo. Sempre que dá uma passa, uma luz avermelhada ilumina-lhe o rosto. Parece uma máscara de teatro a flutuar sobre um fundo negro, e não algo que pertença a um ser humano.

A cave é grande, dividida em muitas secções separadas por paredes de tijolo, e algumas separadas por paredes de madeira. Anna Stina ouve as ratazanas correrem ao longo das paredes. Os seus olhos brilham e desaparecem quando são iluminados pela candeia. O espaço tresanda. Toda a cave está cheia de comida, grande parte provavelmente esquecida e deixada a apodrecer. Barris com maçãs mirradas, sacos de nabos, barris de carne salgada cujo fundo se partiu e deixa o líquido de conserva escorrer para o chão. Supõe que a carne é a principal responsável pelo mau cheiro, um odor pesado e nauseabundo de putrefacção. Moscas e borboletas nocturnas voam na direcção da luz, roçando-lhe as orelhas e o rosto, como se estivessem bêbedas.

Cuidadosamente, lançando olhares ocasionais à candeia,

começa a tactear ao longo das paredes. Demora mais tempo do que esperava. Está tudo desarrumado. Há sacos e coisas espalhados por toda a parte e amontoados nos cantos. Várias vezes tem de se deitar no chão e tentar olhar por entre os objectos dispersos. E, de todas as vezes, só encontra pedra do outro lado.

Por fim, restam apenas os pequenos espaços entre as paredes de madeira. Ali, as pilhas de sacos são tão altas que não consegue aproximar-se das paredes e não vê alternativa senão começar a mudar os volumes de lugar. Pousa a candeia no chão enquanto trabalha. São pesados. A palha e a serapilheira escureceram e estão a rebentar sob o peso do conteúdo. Ao fim de pouco tempo, as ratazanas começam a subir-lhe pelos braços e ombros. Não tem tempo para se preocupar com elas. Sempre que a chama treme, tem a certeza de que se vai apagar e deixá-la às escuras. O progresso é lento. O cheiro piora. Abre caminho por entre o amontoado de coisas esquecidas, até sentir a parede à sua frente.

Sobressalta-se quando ouve novamente a voz do guarda Löf, muito mais perto. Sentou-se de pernas cruzadas ao lado da candeia, um pouco atrás dela. Moveu-se tão silenciosamente que nem se deu conta, ocupada como estava a afastar a tralha do caminho.

— Como está isso a correr? Já não tens luz durante muito mais tempo.

Anna Stina sente um espaço vazio entre a parede e o chão.

— O Bengt Neander deu-me instruções quanto ao que fazer se não encontrasses a tempo o que procuras.

Deita-se no chão e tacteia em volta do buraco. É mais pequeno do que esperava. A parte de cima está a poucos palmos do chão.

— O padre não quer que eu tente a sorte fazendo-te percorrer o pátio pela segunda vez. Se formos descobertos por alguém que acordou para ir verter águas, será mau para todos.

Estende o braço o máximo que consegue e só sente ar do outro

lado. É ali. O caminho de Alma Gustafsdotter em direcção à liberdade.

— O Neander disse-me que, se não encontrares o que procuras a tempo, devo deitar-te as mãos ao pescoço, estrangular-te e depois deixar-te aqui, debaixo das sacas de nabos.

Anna Stina vira-se. Löf torce o bigode fino entre o polegar e o indicador, enquanto lhe sorri sob a luz da candeia. Retribui o sorriso, com um misto de desespero e triunfo.

— É aqui! Encontrei. É um escoadouro para a água da chuva, construído quando a casa estava sem telhado, no Outono de setenta e dois. Passa por baixo do muro.

Löf inclina a cabeça.

— E eu aqui sentado a desejar secretamente que a Anna Stina não encontrasse nada. O Neander prometeu-me um bónus para te silenciar para sempre. Mas tenho de ser sincero, também considerei outros benefícios. Agora parece que vou ter de me contentar com o pagamento inicial. Perdoa-me, mas vou fazer isto às escuras. És tão magra e suja que prefiro não olhar para ti ao mesmo tempo.

Löf apaga a candeia. Anna Stina não tem como se esquivar quando ele avança na sua direcção de braços estendidos, a empurra contra o chão, lhe levanta o vestido branco e lhe tira o que ela negara a Anders Petter na relva, em Barnängen, no que parece ter sido outra vida.

Depois disso, deixa-a estendida no chão da cave. Está deitada sobre as costas e de olhos abertos, mas a escuridão é tal que mais valia tê-los fechados. A escuridão forma as suas próprias imagens, como se estivesse a flutuar sobre o seu corpo, um corpo que podia ser de outra pessoa. Magro e emaciado, despido e sujo. Já não o reconhece. Os insectos rastejam sobre ela, mas Anna Stina nem se dá conta. Bebem o sangue que escorreu do seu corpo e que se acumulou sob as pernas e ao fundo das costas. Não chora. Não

sente nada. O peito sobe e desce. Percebe que está viva e que tem uma escolha. Não precisa de continuar a viver. Seria tão fácil. Bastaria ouvir os pulmões e a pulsação fraca e pedir-lhes que parassem para sempre. Eles obedecer-lhe-iam.

Não sabe onde encontrar forças para sair daquele lugar abominável, que forças ocultas ainda existem dentro dela, mas sabe que aquilo não pode terminar assim. Não pode permiti-lo. Faz a sua escolha. Começa a rastejar em direcção à parede sobre os joelhos e os cotovelos. A dor já não a incomoda. É como se a testemunhasse de longe. As arestas afiadas à volta do buraco raspam-lhe os ombros quando entra com os braços estendidos acima da cabeça. Tem de se virar e de avançar de costas, rastejando debaixo da terra como uma minhoca, impulsionando-se com os calcanhares e os ombros. Se mexer um pouco a cabeça, a testa roça na pedra por cima dela. Sente o peso imenso, a casa inteira sobre si, a comprimi-la contra o chão. O progresso é lento, avançando a pouco e pouco até estar rodeada de pedra por todos os lados.

Sente-o à sua frente. Algo bloqueia a passagem quando o caminho se torna mais estreito. Uma das pedras do túnel afundou e tornou a passagem ainda mais estreita. Os alicerces, construídos por fiandeiras esfomeadas e maltratadas, começaram a ceder. É a mão dela que o encontra primeiro, o elemento estranho e a principal causa do cheiro pútrido da cave.

É um pé.

O pé morto de Alma Gustafsdotter.

Alma nunca deixou a fiação de Långholmen. Chegou ali, mas apenas isso, pois ficou presa debaixo de uma pedra, a caminho da liberdade, e ali sucumbiu à fome, à sede e às ratazanas.

Anna Stina não sabe quanto tempo passou a desimpedir o caminho. Parece-lhe que o tempo parou e a deixou presa num pesadelo que nunca esquecerá, um abismo trémulo cheio de emoções, formas, vozes e sons. O corpo morto é mole como barro.

Desfaz-se quando lhe toca. Pouco a pouco, punhado a punhado, move-o. No peito que em tempos foi suficientemente forte para se enfiar naquele espaço entre pedra e terra há agora uma colónia de parasitas. As pedras e a argamassa que haviam prendido o corpo de Alma Gustafsdotter soltam-se agora com facilidade. Os ossos desfazem-se ao menor toque e fazem os habitantes do abdómen fugir em todas as direcções. Quando o caminho está desimpedido, Anna Stina vira a cabeça de lado para passar sob a pedra afundada e para diante, deslizando como uma minhoca sob uma aresta afiada que lhe rasga a pele. Lentamente, avança para o ponto determinante. Esvazia os pulmões de todo o ar, pressiona o corpo para a frente uma última vez e sente a pedra pressionar-lhe as costelas. A visão falta-lhe quando a pressão torna o respirar impossível. Não sabe como consegue avançar ainda mais um pouco, ali, entre a vida e a morte. Talvez seja mais magra do que Alma era. Talvez seja por as pedras se terem tornado escorregadias dos líquidos que o corpo da rapariga produziu. Talvez a rapariga morta na cave esteja a impulsioná-la para a frente com uma pressão suave da sua mão fria contra as solas dos pés.

Do outro lado da parede, um vento quente emana do mar. As estrelas brilhantes no céu escuro são a primeira coisa que vê quando o seu rosto atravessa a boca do velho túnel. Por cima dela ergue-se a fachada da fiação, mas mais alto há um céu estrelado que vai de horizonte a horizonte. Para lá da cidade, para lá das ilhas, ouve-se o som de trovões. Quando sente as primeiras gotas de chuva contra a pele nua e vê a sua imagem espelhada na água de Pålsundet, sabe que nunca mais será a mesma, nunca mais será Anna Stina Knapp.

12.

Quando o Verão começa a aproximar-se do fim, a menstruação falta-lhe pelo terceiro mês consecutivo. No primeiro mês não fez caso. Muitas das raparigas da fiação deixavam de sangrar, porque os seus corpos subnutridos precisavam de conservar toda a energia. Da segunda vez, foi a mesma coisa. Disse a si mesma que provavelmente precisava de mais tempo para recuperar, apesar de, graças aos cuidados de Karl Tulipan, ter começado a ganhar algum do peso que perdera. Vive sob o seu tecto e ajuda-o com o trabalho no Markattan. O seu nome é agora Lovisa Ulrika. Se Karl sabe que não é a filha dele, mostra-o apenas com o espaço que lhe dá, em vez de a sufocar com o amor paterno que lhe arde no peito. Parece ter ganhado nova vida. Desapareceu o velho decrépito que encontrou quando chegou, encolhido como se atrás daquele balcão se escondesse de todas as dores do mundo. Karl das Flores recuperou as forças. O seu riso ecoa pela taberna quando brinca com os clientes. O bom humor é contagiante. O Markattan brilha, agora que as paredes imundas foram caiadas, os chãos foram varridos e as canecas lavadas e secas. A clientela aumenta. Até as pessoas finas de Riddarhustorget se contam agora entre os clientes quando a noite já vai longa e o discernimento é menor.

Quando o terceiro mês chega e passa, sabe que a felicidade que teve ao seu alcance terá vida curta. Contra a sua vontade, está agora grávida, do filho do guarda Jonatan Löf. Quando chegou, Karl Tulipan pegou-lhe na mão e levou-a a Sankt Nikolai para falar com o

padre, para o seu nome ser inscrito nos livros e para a registarem na paróquia. Quando a barriga crescer, vai desgraçar o seu novo nome e o do seu novo pai.

Os que ainda se lembram de Lovisa Ulrika dos tempos de infância e que ao fim de alguns copos reparam, em tom de brincadeira, que as maçãs do seu rosto mudaram de lugar naqueles anos e que o seu nariz também parece diferente, mas que ainda assim calam as suas suspeitas em respeito para com a felicidade de Karl das Flores, terão em breve motivos para se comportar de forma diferente. Vão falar de uma interesseira, de uma enganadora que cometeu actos vergonhosos e que, no seu desespero, está disposta a tudo para garantir um bom futuro para si e para o filho. O próprio Karl terá de ouvir a verdade quando o padre o procurar, com a sua batina preta, para terem uma conversa séria. A rapariga é uma libertina, dirão. Tem mesmo a certeza de que é sua filha? Os seus clientes habituais, que se haviam alegrado por o verem feliz ao fim de tantos anos, vão persuadi-lo. Ela, Anna Stina Knapp, vai ser atirada para a sarjeta. Daí, o caminho para Långholmen será curto.

O padre Bengt Neander desapareceu, segundo ouviu dizer. A carta que enviou a condenar o inspector Hans Björkman pôs fim à paciência do colégio, que já estava por um fio, e foi contrariada pelos ossos descobertos na cave da casa, ossos que, apesar do estado em que se encontravam, só podiam ser associados ao desaparecimento da fiandeira Knapp. Em vez de ficar para enfrentar uma investigação, foi visto a embarcar num navio com destino a Inglaterra, a praguejar e a cambalear. Björkman também já não mantinha o cargo, partira na direcção contrária, através do Báltico. Mas Pettersson estava lá. E, com ele, o Mestre Erik. Aguardavam-na pacientemente do outro lado do fiorde, para a convidarem para dançar a última dança em volta do poço.

É numa noite de Setembro que o encontra pela primeira vez. Está na hora do fecho, e a maioria dos clientes do Markattan não é difícil

de persuadir. Até os mais relutantes se deixam conduzir para a porta sem grande drama. Karl Tulipan já se recolheu, convencido de que o trabalho do dia chegou ao fim. Quando dá uma última volta aos barris que servem de mesas, descobre um cliente que ficou para trás, um homem encolhido num canto atrás de uma mesa, junto à lareira, a tentar aquecer-se. Está pálido e magro, não consegue adivinhar-lhe a idade. Parece simultaneamente jovem e velho. Os seus cabelos longos são louros, mas estão tão sujos que nem consegue perceber-lhes a cor. O rosto é uma máscara de manchas secas. Não é a primeira vez que o vê. Costuma vaguear por entre as mesas como um fantasma, desde a hora de abertura até à hora de fecho. Agora não quer sair. A respiração do homem é leve e sibilada, tem os olhos fechados, e o corpo está encolhido para preservar o calor. Não reage aos safanões. Ela tem de se ajoelhar para o abanar pelos ombros magros. O homem tresanda. Sob as suas mãos, sente apenas pele e ossos.

— Acorda. Já é tarde. Não podes dormir aqui.

Abana-o, a princípio delicadamente, mas depois com mais força. E é então que ele abre os olhos. Neles, encontra as mesmas emoções que enfrentou durante o ano que passou. Medo e confusão, um tipo de dor que não desaparece enquanto a memória durar, e vê que ele é jovem, mais novo do que teria imaginado, a avaliar pela sua aparência. Ele revira os olhos, e as pálpebras fecham-se para adormecer novamente, deixando-a sem saber o que fazer.

Anna Stina olha para a porta da rua. Um vento frio sopra com força lá fora. As candeias mal conseguem iluminar a calçada. O ano está a chegar ao fim, e a geada vai começar a qualquer momento. Fecha a porta e põe a tranca no lugar, vai buscar um pouco de lenha e atiça as brasas que ainda queimam por baixo das cinzas. Põe uma chaleira a aquecer, com um pouco de sabão na água, e, quando está quente, começa a limpar-lhe o rosto com um pano.

As crostas de sujidade começam a dissolver-se lentamente. Por

baixo delas há um rapaz, pouco mais velho do que ela. Começa a recuperar lentamente a consciência e, apesar de a bebedeira lhe ter roubado o controlo sobre o corpo, faz o que pode para a ajudar a despir-lhe a camisa por cima da cabeça para a poder pôr na água com sabão e lavá-la. A água da chaleira fica preta num instante. Tem de aquecer mais. Dá-lhe água do poço a beber, depois mói uma mão cheia de grãos pretos e começa a preparar o café. Nunca se habituou a apreciar aquela bebida amarga, mas ouviu dizer que ajuda a restaurar a sobriedade. Fala num tom calmo, tentando despertá-lo com as suas perguntas. Lentamente, ele recupera a consciência e, com esta, a fala.

— Chamo-me Johan Kristofer Blix.

— Chamo-me…

Ela interrompe-se.

— Lovisa Ulrika, Lovisa Ulrika Tulipan.

Não quer contar-lhe do passado que não é seu, e ele também não parece muito interessado em falar sobre si.

— A minha terra natal é Karlskrona. Tornei-me cirurgião durante a guerra. Vim para Estocolmo em busca de felicidade, mas o que encontrei foi… outra coisa.

Ficam sentados em silêncio. Ela põe-lhe uma manta sobre os ombros enquanto a camisa seca por cima da lareira. Anna Stina surpreende-se ao sentir uma familiaridade nascer daquele silêncio. É isso que a faz perguntar a primeira coisa que lhe veio à mente quando ele lhe contou da sua profissão.

— Dizem que há ervas para ajudar as mulheres que engravidam contra a sua vontade. Como as que são usadas pelas borboletas nocturnas.

Não consegue esconder as emoções. Não é tristeza pela criança que não poderá nascer, mas ressentimento contra o pai dela e a impureza de que não parece conseguir livrar-se. Tem de esperar algum tempo pela resposta. Por fim, ele assente.

— Podes ajudar-me a arranjá-las?

O olhar dele foca-se na sua barriga, escondida pelas roupas largas que arranjou para adiar a revelação. Pestaneja, como se estivesse a vê-la pela primeira vez, e Anna Stina vislumbra algo mais no seu olhar, algo mais do que desespero e confusão. Até a voz dele tem um som diferente quando responde.

— Sim. Sim. Tu ajudaste-me, portanto, vou ajudar-te também.

13.

Kristofer Blix viveu os seus dias numa névoa desde o fim do Verão, nunca sóbrio, se fosse possível evitá-lo. Quando não estava sentado numa taberna ou numa cave, vagueava pelas ruas. Acorda onde adormeceu, numa entrada de uma casa ou junto a uma cerca, caído no próprio vómito num canto do Brända Tomten. Quando acorda e percebe que não foi atropelado por uma carruagem, parece-lhe que a vida está a fazer troça dele. Durante alguns momentos cruéis, todas as manhãs, quando se encontra entre o sono e a vigília, imagina-se novamente no seu quarto húmido de Fågelsång, a deparar-se com mais um dia em que vai lavar o pobre homem mutilado deitado na mesa e deitar-lhe aguardente pela garganta abaixo, para depois amarrar, cortar, levar ao *Magnus*, sentar-se a tremer num canto e beber até adormecer enquanto as sombras descem sobre a propriedade decrépita e as corujas piam no bosque. Também agora a bebida é o único alívio que encontra. Procura embebedar-se sempre que pode.

O seu corpo está vazio, mas a sua essência ainda é jovem e forte. Resiste ao veneno o tempo suficiente para falar com a rapariga. Chama-se Lovisa Ulrika e pediu-lhe ajuda. Precisa desesperadamente dela e não tem mais ninguém. Kristofer Blix considera a situação como um fio dourado de graça que se estende às trevas que habitou nos últimos dias. A providência ofereceu-lhe uma oportunidade de expiar os seus pecados.

A rapariga deixa-o ficar no Markattan até ao amanhecer. A

camisa está seca e tão limpa que parece ter sido substituída por uma melhor. Pela primeira vez desde que regressou a Estocolmo, não é a aguardente que procura. Já não precisa dela. Em vez disso, os seus passos levam-no aos arredores da cidade, ao outro lado da ponte Slakthusbron, passando pela praça Packartorget e para norte, ao longo de Rännilen e Träsket. Segue a estrada em volta de Kattrumpstullen e procura aquilo de que necessita no Stora Skuggan, junto a Lill-Jans.

As vozes calam-se, o bosque está deserto e frio, e as folhas brilham em tons de vermelho e dourado. Em breve cairão. A estação já vai avançada, mas procura no chão, entre os galhos e cotos e raízes, em todos os lugares como os que Emanuel Hoffman lhe mostrou em tempos.

Volta a procurá-la no dia seguinte, com as ervas prometidas no bolso. A rapariga, Lovisa, parece surpreendida, com dificuldade em acreditar na mudança que ele sofreu. Kristofer Blix recusa o vinho e as bebidas que lhe oferece, mas come avidamente o pão que lhe dá. Amarrou as ervas em pequenos ramos para ela manter pendurados, de modo a não perderem as suas propriedades, e pede-lhe um tacho. Passo a passo, mostra-lhe como deve prepará-las e certifica-se de que ela percebeu o que deve fazer.

— Deixa a mistura ferver até a água mudar de cor. Filtra-a com um pano. Bebe assim que tiver arrefecido o suficiente. Faz um preparado novo todas as noites.

— Onde encontro mais ervas quando estas acabarem?

— Eu apanho-as para ti. Trago-tas aqui.

Anna Stina bebe o primeiro gole, preparada para um sabor pelo menos tão amargo como o do café que detesta ou algo tão forte como a aguardente. Kristofer sabe que a mistura não tem um sabor forte e vê o alívio na expressão da rapariga.

— Como funciona?

— As ervas despertam uma espécie de sede no teu corpo. É a

criança por nascer que bebe até não sobrar nada. Foi o que o meu mestre me explicou. Mas o processo é lento. Tens de ser paciente. Este método é o melhor e o mais seguro.

Em meados de Outubro, recebe a notícia. O *Extra Posten* escreve sobre um homem que encontrou um morto. Sabe que não pode ser outra pessoa. Um corpo foi retirado do Fatburen, sem braços nem pernas, sem olhos, dentes ou língua. A sua obra. Kristofer estremece com essa recordação, mas ao mesmo tempo sente alívio ao saber que o sofrimento que ajudou a causar acabou finalmente. Reza pelo falecido, mas também sabe que agora tem um novo caminho pela frente. Todos os dias visita a rapariga, para se certificar de que está de boa saúde e espera mais uma semana para pôr em prática aquilo para que se preparou. Uma manhã, lava as roupas sujas por baixo da ponte Norrbro, deixa-as secar ao sol de Outono e vai à igreja de Sankt Nikolai para falar com o padre. Espera até o padre estar disponível, apresenta-se e explica a sua missão.

— Quero casar.

Kristofer dá-lhe o seu nome e o de Lovisa Ulrika Tulipan. O padre felicita-o e pergunta-lhe a que paróquia pertence. Responde que a família Blix sempre pertenceu à igreja de Fredrik, e o padre promete enviar o pedido para lá assim que possível, para a união também ser anunciada no local.

Kristofer já não pode adiar mais a última coisa que falta fazer. Caminha até ao Markattan e espera pelo cair da noite e pela hora habitual da sua visita. Quando a rapariga vai preparar a sua bebida diária, trava-a, pousando uma mão na dela. Pega numa das folhas e ergue-a à sua frente.

— Isto é cavalinha. O Mestre Hoffman disse-me que é boa para o fígado.

Depois pega numa flor.

— Isto é hipericão. É o que dá cor à água.

Menciona mais algumas e os seus efeitos: angélica, samouco-de-brabante, sempre-noiva. Deixa uma para o fim.

— E esta é camomila. Escolhi-a pelo sabor. Nenhuma delas pode fazer mal ao teu filho.

Ela não sabe o que dizer, mas Kristofer vê o rosto da rapariga corar.

— Já é demasiado tarde. Já não podes livrar-te dele. A criança vai nascer.

Kristofer não consegue distinguir as palavras no meio dos gritos da rapariga. Anna Stina dá-lhe chapadas de mão aberta, no rosto, no peito, onde quer que acerte. A princípio, fica imóvel e recebe os golpes sem se desviar, até que ela fica tão perto que abre os braços e cinge o seu corpo trémulo. Ela perde as forças, acalma-se. Ele sussurra-lhe que anunciou que vão casar e que a criança deve ter o seu nome. Não vai chegar ao mundo como uma vergonha, como uma criança concebida em pecado.

*

Anna Stina Knapp não sabe o que dizer ou o que sentir. É o filho do guarda Löf que carrega dentro de si, uma criança nascida do mal e da violência. Muitas vezes imaginou a criança com o rosto do guarda iluminado pela luz do cachimbo, um fantasma que flutua na sua escuridão interior com um sorriso escarninho nos lábios. Ainda assim, os seus sentimentos mudaram com o passar do tempo, e foi com dúvida crescente que bebeu o preparado todas as noites. Consegue senti-la, a vida a crescer dentro de si, ainda fraca e, a pouco e pouco, como as asas de uma borboleta nocturna a baterem-lhe no rosto. Como pode uma coisa tão pequena, fruto do seu próprio corpo, crescer igual ao pai contra a sua vontade? Essa realidade não depende dela.

Quando fala com Karl Tulipan e lhe conta a novidade, ele começa a chorar. Anna Stina demora um pouco a perceber que são lágrimas de alegria. Abraça-a, encosta o ouvido à sua barriga e diz-lhe que sonhou que ia ter um neto e que acordou muito feliz. Não pergunta quem é o pai. Ela diz-lhe, ainda assim. É Kristofer Blix, o cirurgião magro cuja saúde tem melhorado tanto nos últimos tempos. Pediu-a em casamento. Vão casar o mais brevemente possível. De olhos brilhantes, Tulipan lança-lhe um sorriso que o faz parecer rejuvenescer várias décadas.

— Já vos vi juntos. Já suspeitava. Ainda tenho a vista boa e só podia ser cego para não perceber que havia algo entre vós.

Algo mudou dentro dela. À noite, Anna Stina já não sonha com o galo vermelho, não sonha que ela própria é o fogo que deixa Estocolmo em ruínas. Agora é a criança que é o fogo, mas não um fogo que destrói, antes um fogo que molda e transforma. Vai dar o seu filho ao mundo nestes tempos terríveis, e a criança, rapariga ou rapaz, vai ser moldada por ela. Não vai ser como os outros. Vai crescer, ser forte e mudar o mundo, libertá-lo da injustiça e do mal. Vai ter os seus próprios filhos, que continuarão esta luta, e a linhagem prosseguirá. Vai ser esta a sua vingança contra um mundo odioso. Se for rapaz, vai chamar-se Karl Kristofer, como o pai e o avô. Se for rapariga, Anna Stina, o nome de uma pessoa que já não existe, mas nunca será esquecida.

14.

No final de Outubro, o frio abateu-se sobre Estocolmo como um punho fechado. Nessa manhã, a água à superfície do Riddarefjärden estava lisa e congelada. Kristofer Blix está junto à praia de Riddarholmen quando o Sol inicia o seu percurso através do céu de Inverno, sob a velha torre Vasatornet, que já aprisionou reis e regicidas.

Pensa nas semanas do fim do Verão que passaram antes de conhecer a rapariga e de o seu destino o levar por um caminho que nunca pensou existir. No seu estado de embriaguez constante, cambaleara pela cidade entre as pontes e procurara a morte como se fosse um velho amigo que desejava encontrar. A esperança despontava sempre que via uma briga, facas agitadas em fúria, cargas pesadas a balançar e ameaçar cair ao cais. E, ainda assim, escapava-lhe. Ninguém levantava uma mão furiosa contra a sua figura magra, nenhum acidente lhe roubou a vida, como se não valesse nada e outros fossem preferíveis. Ter-lhe-ia posto termo pelas suas próprias mãos, mas descobriu que não tinha a coragem necessária. É pecado, toda a gente sabe. O céu com que sonha é um nada negro de esquecimento, e, nesse caso, tendo em conta que os suicidas estão destinados ao inferno, o que o aguardava deveria ser um lugar onde era obrigado a reviver constantemente os dias daquele Verão em Fågelsång, com as mãos ensanguentadas e o horror no peito. Como podia pôr fim à própria vida? Procurou, em vez disso, encontrar uma forma de a abreviar, suficientemente

discreta para escapar aos olhos do Senhor. Esfaimou-se até as mãos ficarem esqueléticas e frias e tremerem ao menor ruído ou perturbação, mas a vontade de comer acabou sempre por se revelar mais forte. Tentou beber até à morte, mas também não resultou.

Pedira à rapariga que lhe fizesse um favor. Dera-lhe um embrulho selado com lacre. Ali estavam todas as páginas que havia escrito, ao longo de todo o Verão, a uma irmã que já não existia. Agora sabe onde pertencem. Leu a morada num dos jornais, o mesmo que lhe deu a notícia do corpo encontrado no Fatburen, e percebeu as únicas palavras que saíram dos lábios do homem mutilado, antes de lhe cortar a língua. «Não somos responsáveis», ouviu nessa altura. Mas agora sabem quem é: Indebetouska.

Kristofer Blix olha para a água. O Sol brilha sobre o gelo. Parece uma estrada de ouro brilhante que se estende em direcção ao ponto em que se encontra. É um longo caminho até ao céu que lhe foi prometido. Foi tão óbvio quando a rapariga lhe pediu ajuda! Uma vida em troca de outra. Com a vida da criança por nascer que salvou, conquistou o direito de decidir sobre a sua.

Descalça os sapatos e pisa o chão frio com os pés nus. Pousa ao lado deles o casaco, a camisa, as calças e o colete. Em cima, deixa o gorro.

O seu corpo já não está emaciado. Recuperou a glória da juventude. Os seus cabelos dourados, pelos ombros, já não são fracos, o rosto encovado. É como se o tempo tivesse voltado atrás e lhe tivesse permitido parecer novamente ter os dezassete anos feitos.

Dá o primeiro passo na direcção da estrada dourada. Por baixo dele, o gelo é tão transparente que consegue ver as pedras no leito, até desaparecerem, quando as águas se tornam profundas. Continua a avançar, passo a passo. Atrás de si, ouve pessoas correrem para a praia e gritarem-lhe para voltar para trás. Já estão noutro mundo. Ele vai a meio caminho do próximo. Fecha os olhos contra o Sol que lhe aquece a pele e sorri enquanto continua a

avançar até onde o gelo estala a cada passo dado. Por fim, quebra-se.

QUARTA PARTE

O melhor lobo

Inverno de 1793

Enlevados sinos, por finados a dobrar.
O Final Juízo ao Senhor caberá dar:
Amigos firmes tormentos não receiem;
Mas pecadores das trevas o abraço anseiem.

— Carl Michael Bellman, 1793

1.

Quando Mickel Cardell acorda, não sabe onde está, mas tem as faces molhadas e sente as lágrimas salgadas nos cantos da boca. Está escuro. Algo debaixo de si crava-se-lhe no tronco. Um pau redondo e liso. Quando tacteia ao longo do cabo, descobre que está deitado em cima de uma vassoura. A dor de cabeça é horrível, bem como sabor que tem na boca. Quando os seus olhos se habituam à escuridão, o contorno de uma porta aparece diante de si.

Fica imóvel por um momento, à espera de que as memórias regressem. Canecas cheias de espuma, bares repletos de fumo, uma bebedeira crescente, vozes agitadas e agressivas, murros dados e recebidos. À medida que os sentidos despertam, Cardell começa a dar-se conta do frio. Um ar gelado entra por entre as tábuas do chão, o queixo treme-lhe. Estocolmo, como sempre. É Novembro. Está na arrecadação do Fördärvet, que, quando é necessário, também serve para manter os clientes que não se conseguem controlar. E Cecil Winge está morto.

Num estado entre o sono e a vigília, Cardell tem alguma dificuldade em dar-se conta da realidade, mas a memória atravessa a névoa da bebedeira, e a perda atinge-o novamente, com a mesma intensidade de quando recebeu a mensagem. Fica sem fôlego, debate-se para conseguir respirar e sente a dor queimar-lhe o braço esquerdo. Solta um gemido fraco quando massaja a cicatriz deixada pela faca do cirurgião e vê faíscas por detrás das pálpebras fechadas.

Cardell vira-se de barriga para baixo. O peso no coto do braço esquerdo continua a parecer-lhe estranho. Recebeu um novo braço de madeira, feito de carvalho, e pesa mais do que o anterior, que perdeu. Ainda não se habituou a ele. Ainda assim, revelou-se útil. O carvalho pode ser mais difícil de manobrar, mas, quando atinge algo, espalha morte e destruição. As correias novas são melhores. Cardell não tem a menor intenção de deixar que lho tirem outra vez. Solta as tiras de couro para deixar o sangue afluir ao coto e descobre dois dentes incisivos entre os nós dos dedos de madeira. Quando a vida começa a regressar ao braço esquerdo, aperta as correias e bate na porta.

— Abram e deixem-me sair, porra.

Demora algum tempo a receber uma resposta da voz ansiosa do outro lado.

— Já estás mais controlado, Cardell? Não quero mais arruaças, ouviste?

— O autocontrolo diminui com a falta de paciência.

Um objecto pesado que havia sido encostado à porta é afastado. Cardell levanta o braço para proteger os olhos da luz e sai a cambalear. A sala está numa confusão, com cacos de canecas e garrafas espalhados pelo chão. Cardell senta-se pesadamente no primeiro e melhor banco que encontra e pousa a cara nas mãos. Quando volta a erguer o olhar, a pintura de Hoffbro olha-o da parede. A morte dança de alegria.

— Gedda, dá-me algo forte. A minha cabeça parece que vai rebentar.

O taberneiro regressa com uma caneca de cerveja.

— Ouve, Cardell, se te vais comportar como ontem, não te posso deixar voltar aqui, nem como cliente. Assustas-me os fregueses, e os tipos que contrato para te controlar preferem despedir-se a fazer-te frente.

Cardell esvazia a caneca de um só gole e responde quando

recupera o fôlego.

— Acalma-te, Hans. Recebi a notícia de um falecimento ontem à noite e lidei mal com ela. Não espero que volte a acontecer. Já não me restam familiares nem amigos.

Cardell despeja a bolsa para cima da mesa. Três xelins e um *witte* alemão.

— Põe os danos que causei na minha conta. Pago quando receber o meu salário. Tirando isso, a nossa relação acaba aqui se não aceitares pintar as paredes. A morte já se riu o suficiente na minha cara.

*

Na rua já escureceu. O Sol mal subiu acima dos telhados e já desceu novamente. A neve cobre as pedras da calçada e acumula-se junto às paredes das casas. Os candeeiros de rua ainda não foram acendidos, e não há luz dentro de nenhuma das casas, onde as pessoas se reuniram à janela para aproveitarem o que resta da luminosidade do dia antes de a noite cair. Está frio. Embora o coração de Cardell bata como o martelo de um ferreiro e o suor escorra para lhe arrefecer o corpo ressacado, tem de apertar o casaco junto à cintura para se proteger do vento que vem do mar. Segue pela rua Västerlånggatan em direcção à praça Riddarhustorget e vira à direita na direcção de Slottsbacken. Se tiver sorte, talvez ainda encontre Isak Reinhold Blom em Indebetouska. A noite anterior, que esquecera, regressa-lhe à memória pelo caminho.

Foi um jovem polícia que o disse primeiro. O rapaz deve ter visto Cardell na companhia de Winge noutras ocasiões e aproximara-se para lhe dar as condolências. A princípio, Cardell não percebeu nada, mas os outros confirmaram o que o companheiro havia dito. O secretário da esquadra recebera o recado: o fantasma de

Indebetouska já não vive. O frio agravara a doença pulmonar de Cecil Winge, deixara de respirar no dia anterior.

Cardell já estava bêbedo nessa altura. A notícia não foi inesperada, mas ainda assim deixou-o desnorteado. No seu íntimo, Cardell sempre alimentara a certeza de que o seu tempo juntos não terminaria antes de desvendarem o destino de Karl Johan. O corpo encontrado no Fatburen fizera Cecil Winge agarrar-se à vida, custasse o que custasse. Cardell lembra-se de ter bebido até se recolher no seu próprio mundo, isolado do ruído e da agitação do exterior, um lugar suficientemente pacífico para aceitar a despedida, quando um transeunte chocara com ele.

A raiva que sentia devido à tristeza e desolação do mundo explodira como pólvora. Palavras cruéis haviam sido ditas, seguidas de murros. Por fim, o homem deve tê-lo dominado e atirado para cima dos caixotes de lixo e da palha, onde adormecera por fim. No seu sonho, vira Karl Johan na cripta do cemitério de Maria. O morto sussurrara a sua acusação sem lábios nem língua, mas com uma voz abafada.

— Deviam vingar-me, mas falharam. O outro pagou com a própria vida. Tu és o próximo.

*

Quando Cardell contorna a Storkyrkan, tem de segurar o chapéu para o impedir de voar. Lá longe, onde o Strömmen encontra o Saltsjön, ao longo das ilhas enfileiradas, a neve cai das nuvens ameaçadoras. A casa de Indebetouska está às escuras. A esquadra não pode dar-se ao luxo de desperdiçar cera ou pavios, têm de adaptar as suas rotinas às horas de sol. Por sorte, encontra um homem que está a sair e que lhe diz que o secretário Blom ainda está debruçado sobre as suas contas, embora, acrescenta com uma voz sussurrada, o faça apenas para evitar gastar lenha em casa,

manhoso como é.

— Apesar de já não ter motivos para ser frugal.

Cardell não entende a piada, mas fica satisfeito por o deixarem entrar.

A sala de Blom está repleta de livros e pastas. Tal como lhe fora dito, uma lareira espalha calor pela sala, de tal maneira que Blom está sentado à secretária em mangas de camisa. Cardell não se dá ao trabalho de bater à porta.

— Recebi a notícia esta noite.

Blom esconde a folha em que estava a escrever debaixo de uma pasta.

— Sinto muito, Cardell. É uma grande perda para todos nós.

Cardell senta-se numa cadeira e desabotoa o casaco. A caminhada ao frio deixou-o sóbrio. Pela segunda vez desde que acordou, sente o velho pânico vir à tona. Agora é expectável, mas nem por isso menos perturbador. A gola parece-lhe apertada, cada inspiração é um tormento. Manchas negras dançam-lhe diante dos olhos. Fecha os olhos e tenta obrigar o coração a abrandar. Blom aguarda em silêncio até Cardell recuperar o controlo.

— Tem alguma coisa que se beba?

Blom hesita. O seu rosto assume um rubor envergonhado.

— Lamento muito a dor que está a experimentar, mas tenho os meus deveres a cumprir. Cada momento é precioso. Nem sei se vou conseguir dormir esta noite…

— Ah, sim? Deixe-me ver.

Cardell agarra depressa a folha que Blom escondera. Blom tenta travá-lo, mas não é suficientemente rápido.

— Tem graça, Blom, mas isto não parece um documento da esquadra, parece uma carta a pedir ao barão Reuterholm um lugar no palácio de Drottningholm. «Vossa Excelência…» O que é isto? Já está farto do trabalho de secretário ao fim de apenas um ano de serviço?

Blom afunda-se na cadeira e esfrega o rosto com as mãos.

— Maldito seja, Cardell! Esse documento não é para os seus olhos. Mas deixe estar. O chefe Norlin teve finalmente a despedida que todos esperávamos. Não há dúvida. O Reuterholm queria ter um lacaio, e o nosso Johan Gustaf Norlin decidiu fazer as coisas à sua maneira, especialmente ao deixar o Winge fazer a exibição daquela tapeçaria diante dos olhos de todos.

— Quem vai substituir o Norlin?

— O Norlin vai trabalhar como advogado em Västerbotten para pagar os seus pecados. O seu substituto vai ser o Magnus Ullholm, que vai deixar o seu posto em Drottningholm. É ao cargo dele que estou a candidatar-me.

— Já ouvi esse nome. É o mesmo Ullholm que teve de fugir para a Noruega depois de ter sido acusado de desvio de fundos que agora vai ser o chefe da polícia?

— O Cardell não pode esquecer as qualificações exigidas, que são uma lealdade inabalável ao regime actual, frequentemente combinada com uma tendência para a adulação.

— A julgar pelo que li da sua carta ao barão, devo dizer que, se alguém tem essas qualidades, é o próprio Blom.

A testa enrugada de Blom fica ainda mais corada.

— Raios, Cardell! Pagam-me cento e cinquenta Riksdaler por ano para me sentar aqui. Não chega para me sustentar. Ser visto na companhia de gente como o Cecil Winge e o Cardell também não me beneficiou grande coisa, portanto, se não há mais nada em que o possa ajudar, tenho mais que fazer.

Cardell repara no comentário acerca do salário baixo. O que lhe dissera o polícia que encontrara à porta? Cardell fica sentado em silêncio, olhando para Blom com uma expressão pensativa. Este levanta-se da cadeira e vai abrir a porta, convidando Cardell a sair.

— Mantenha-se quieto e calado, se quer o melhor para si. Há aqui algo que não bate certo. Preciso de pensar.

Cardell amaldiçoa a sua lentidão. A ressaca não ajuda a organizar as ideias. Os seus instintos, por outro lado, não estão

minimamente diminuídos. Blom esconde alguma coisa. O secretário começou a suar profusamente, apesar de o quarto não ter ficado mais quente. O olhar desvia-se constantemente para uma mesa junto à lareira. Cardell segue-o. Em cima de uma pilha de livros há algo envolto em papel e preso com uma guita. Cardell levanta-se e pega no embrulho. Tem o nome de Cecil Winge escrito com um traço tão fino que a escrita é quase transparente, e a caligrafia parece infantil.

— Onde arranjou isto, Blom?

— Uma rapariga veio entregar esse embrulho à porta da esquadra ontem de manhã. Como sou o secretário, foi-me entregue a mim.

Blom lança olhares ansiosos para a porta da sala. Cardell repara no seu olhar e abana lentamente a cabeça, ao mesmo tempo que move a cadeira para lhe impedir a fuga. Pousa o pacote no colo, desata o cordel e começa a desfazer o embrulho. É um molho de folhas de papel diferentes, envoltas num tecido manchado e escritas com uma letra infantil. Começa a ler as linhas tortas, e o seu coração dispara. Quando volta a arrumar as folhas, olha para Isak Blom. Sente uma névoa levantar-se, lenta mas determinadamente, e desvendar o caso.

— Como soube que o Winge estava morto?

— Não me recordo ao certo. Alguém me trouxe o recado.

— E falou pessoalmente com o mensageiro?

— Não, eu…

— Que estranho. O polícia com quem falei ontem à noite disse-me que foi o Blom que notificou toda a esquadra. E mais uma pergunta: um homem que encontrei à entrada deu-me a entender que o senhor recebeu uma pequena fortuna há pouco tempo. Posso perguntar-lhe qual é a origem desse dinheiro? Uma tia que faleceu, talvez?

— Ouça, Cardell, tem de prometer guardar segredo…

Cardell levantou-se, girou a chave na fechadura da porta e

guardou-a no bolso enquanto ele e Blom começam a andar à volta da secretária, um para encurtar a distância entre ambos, o outro para a manter.

— Se bem entendi, havia uma aposta na esquadra acerca da hora exacta da morte de Cecil Winge. Terá sido assim que o Blom enriqueceu?

— Caro Mickel… tem de compreender a situação em que me encontro…

— Quando recebeu este embrulho, o Cecil Winge ainda estava vivo, mas o senhor não fez nada para lho entregar. Já decidira enterrá-lo. Se quer chegar ao fim deste dia com pouco mais do que um lábio aberto, pense bem nas palavras que diz a seguir. O Winge está vivo ou morto?

Cardell contorna a secretária, dá mais alguns passos largos pela sala e agarra Blom pela gola da camisa enquanto ergue o punho de madeira, preparado para o ataque. A voz de Blom sobe uma oitava.

— Seja razoável, Cardell. Encontrei o cordoeiro Roselius no café e ouvi-o queixar-se por perder um inquilino tão bom. O Winge caiu à cama e está constantemente a vomitar sangue. O médico deixou-o para socorrer outros doentes para os quais ainda há esperança. O padre fez-lhe a última visita. Que diferença faz se morre hoje ou amanhã? Para mim, é a diferença de um ano de salário! Há-de compreender, não?

Junto à Skeppsbron, quando Cardell ergue o braço esquerdo para pedir boleia, pára por momentos para limpar o punho com a neve que cai em remoinhos.

2.

Nenhuma carruagem o vê acenar no meio do nevão, nem junto à ponte Skeppsbron nem em Blasieholmen. Cardell nem se deu conta de que começou a saltar até que ouve as solas molhadas baterem nas tábuas da ponte basculante que permite a passagem dos barcos pesqueiros de Nybron para o Katthavet. Sente uma pressa aguda, como se o embrulho que carrega fosse uma cura suficientemente poderosa para arrancar o moribundo aos braços da morte no último instante. Do meio da noite escura, os flocos de neve caem e atingem-no no rosto. Vislumbra a praça Packartorget, deserta por causa do nevão, do outro lado do gelo que cobre a baía. Quando se dá conta, já chegou ao Artillerigården. O ar queima-lhe os pulmões. De Hedvig Eleonora, lá em cima, emana o som de música. Um coro canta o *Te Deum*. Cantam mal, tendo o grupo sido reforçado em número por gente que só procurava abrigo. Mas as vozes são sentidas. Notam-se tons de esperança e desespero em partes iguais. Cardell conta as casas que passa até aos limites da cidade e vislumbra as paredes da morada e o bosque de tílias por trás do muro branco.

A porta está destrancada. Sente uma dor nas coxas quando corre escada acima em direcção ao quarto de Winge. Ali brilha uma candeia solitária. Ao lado da cama há um padre vestido de negro que, com gestos bem ensaiados, disfarça a fronteira entre a oração e o sono. Uma rapariga cujo rosto Cardell reconhece vagamente das suas visitas anteriores torce um pano para cima de uma bacia e

ergue o olhar, surpreendida. Cecil Winge jaz imóvel na sua cama. Cardell não acreditava que fosse possível Winge perder ainda mais peso, mas repara que estava enganado. O corpo magro faz-lhe lembrar os mortos de Svensksund, mas o rosto ainda não está coberto. Portanto, continua vivo. Cardell volta-se primeiro para a rapariga, quando finalmente consegue recuperar a fala.

— Esteve consciente? Pode ser despertado?

— Não, o Sr. Winge não falou nem se moveu desde hoje de manhã. O Sr. Roselius esteve ao seu lado e despediu-se dele.

Cardell assente em silêncio. A bacia ao lado da cama está cheia de muco. Vira-se então para o padre.

— Desapareça daqui. Está sentado no meu lugar. O senhor e as suas Escrituras já fizeram tudo o que podiam. Tenho aqui outros escritos. Veremos se podem trazer-lhe mais alívio.

Cardell não espera pela resposta. Despe o casaco, que está molhado da neve e do suor. A rapariga vem em seu auxílio, e, enquanto o ajuda a desapertar as correias que fixam o braço de madeira no lugar, o padre, hesitante, parece tomar a sua decisão e passa por eles sem dizer uma única palavra, em direcção ao fundo das escadas. Cardell senta-se pesadamente na cadeira e ouve a respiração superficial de Winge antes de se voltar para a rapariga.

— Há café? Cerveja? Traga-me uma caneca de cada. Vou ficar aqui um bom bocado.

Ela sai do quarto. Cardell estuda o rosto de Winge. Os olhos estão bastante afundados, e os ossos destacam-se mais no rosto encovado. A pele da testa está esticada, tão branca e tensa que Cardell pensa que é o crânio pálido que vê através dela. O cabelo comprido está solto, colado às têmporas pelos suores febris. Por baixo das pálpebras vê-se a parte branca dos olhos. A tosse deixou-lhe os lábios e a gola manchados de vermelho. Cardell estremece ao contemplar aquela visão.

— Meu Deus, Cecil Winge, não acredito nisto. Um homem na flor da idade a entregar-se tão depressa a uma simples tosse. É

piedade que procura? Não engana ninguém. O senhor é a própria imagem da saúde. Nos meus tempos de soldado, durante a guerra, disseram-me que a dor é a fraqueza a abandonar o corpo. E certamente isso também se aplica à tísica. Reaja, raios!

Cardell pousa o molho de papéis no seu colo e tenta equilibrar as páginas nas pernas enquanto as folheia.

— Agora ouça-me. Devia ter morrido mais cedo, quando a situação parecia desesperada. Ainda não terminámos. Ainda não.

Cardell abre o diário de Kristofer Blix, pigarreia e começa a ler em voz alta.

— Querida irmã…

As horas passam a correr. A rapariga vai e vem, com cerveja e água, e mais tarde com algumas fatias de pão e uma caneca de leite com mel. Cardell mal repara nela.

Quando acorda, a luz da manhã incide-lhe sobre a cabeça curvada pela janela do quarto. O molho de papéis desapareceu-lhe do colo, e vive um breve momento de pânico.

Deve ter-lhe escorregado da mão quando adormeceu, a coisa mais valiosa que lhe fora parar às mãos, por obra do destino ou por mera coincidência. Também não as vê no chão por baixo de si, e só quando ergue o olhar percebe que as cartas de Blix estão pousadas sob os dedos magros de Winge. Cardell esfrega os olhos para afastar o sono. Enquanto observa o rosto adormecido de Winge, este também abre os olhos. Fitam-se em silêncio durante um momento. É Cardell quem fala primeiro.

— Então ainda está vivo. Ora, o senhor, que tem resposta para tudo, diga-me: as cartas salvaram-lhe a vida como um feitiço num conto de fadas ou vivemos uma grande coincidência esta noite?

Winge encolhe os ombros.

— O meu sofrimento surge por vagas. Esta foi a pior até à data. Todos perderam a esperança, incluindo eu. Quanto ao efeito curativo da sua leitura em voz alta, não sei responder, mas ajuda

sempre o doente ser lembrado dos motivos que tem para viver.

O olhar de Winge volta-se para a janela. Uma sombra parece cair-lhe sobre a testa quando volta a falar.

— Disse-me que esteve perto da morte durante a guerra. Viu-a com as vestes brancas? A manifestação dela, quero dizer?

Cardell estremece ao recordar a destruição do *Ingeborg* e a visão que teve quando o corpo morto de Johan Hjelm se afundou no Östersjö.

— Sim, vi-a. Estava à espera do seu tributo por baixo da frota, com asas negras e um rosto esquelético e sorridente.

— Talvez o rosto da morte pareça diferente a cada pessoa. Eu vi-a como um abismo silencioso, um vazio negro. Quando me tomou nos braços, eu devia ter desaparecido do tempo e da memória para nunca mais regressar. Enquanto ela se aproximava, tive oportunidade de pensar na vida que vivi. Percebi que tinha feito uma escolha entre razão e emoção e fui fiel à razão durante toda a minha vida. No meu trabalho jurídico, tentei sempre dar voz a todos. Nenhuma das pessoas que defendi em tribunal foi enviada para o seu destino sem ser ouvida. Também na minha vida privada…

Interrompe-se e tem de recomeçar.

— Jean Michael, nos últimos tempos tenho duvidado cada vez mais das minhas crenças. Não por motivos racionais, mas por toda a dor que sinto. Nos últimos dias da minha vida, perguntei-me se um caminho que leva a um lugar tão tenebroso pode realmente estar-nos destinado. Contudo, agora que o abismo se aproxima com a promessa da libertação eterna do mal que sofri, consigo ver para além do meu próprio tormento. Defendi a justiça ao longo de toda a minha vida. E, subitamente, foi como se transportasse uma pequena chama nas mãos, um fogo que ilumina a escuridão. Deu-me consolo, a ansiedade desapareceu e soube que estava pronto para dar o próximo passo. Foi então que ouvi a sua voz. No sonho, virei as costas à morte. Quando acordei, o Cardell estava a ressonar. Reuni as minhas forças e fui buscar os papéis. Li a história de

Kristofer Blix.

— E agora que vive novamente, a dor e a dúvida regressaram?

Nos olhos de Winge, Cardell vê tristeza, mas também algo indómito. Os seus lábios finos apertam-se numa linha estreita antes de responder.

— Sim. Sim, parecem fazer parte da minha vida. Na minha opinião, o melhor antídoto para ambos é levar o assassino do Karl Johan à justiça. Ajude-me a sair da cama, Jean Michael, e, se houver um pouco de água quente para me limpar os suores da febre do corpo, ficaria imensamente grato.

— Sente-se suficientemente bem para se levantar? Ainda há poucas horas o médico desistiu de si.

— Se entendi bem as suas palavras de há pouco, já não pode restar muito mais fraqueza no meu corpo. Vamos aproveitar o tempo que temos para explorar as informações que nos foram confiadas. Lembra-se do que a Sachs nos disse na casa de Keyserska?

— Quanto mais puder esquecer, mais feliz serei.

— O Karl Johan tinha o hábito de comer as próprias fezes quando ninguém estava a ver. Sachs tomou isso como um sinal de que ele perdera o juízo. À luz do que sabemos agora, diria que é exactamente o contrário. Era a única forma que o Karl Johan tinha de manter a única coisa que lhe restava, um objecto que podia identificá-lo perante quem o encontrasse, bem como o nome do seu assassino. O Blix deu um anel ao Karl Johan e disse-lhe para o guardar da única forma que podia. Deu-lho a engolir, uma vez e outra e outra. Ele manteve o juízo durante todas as provações que foi obrigado a atravessar.

Cardell sente uma náusea apertar-lhe o estômago. Tem de respirar fundo e de engolir para conter o vómito.

— Ah, merda. Merda, merda, merda.

— Não poderia tê-lo expressado melhor. Não vamos deixar que os seus esforços tenham sido em vão. Se nos despacharmos, ainda podemos conseguir persuadir o coveiro a abrir a campa depois de o

Sol se pôr. O que temos a fazer é mais apropriado para a escuridão. Provavelmente, o anel ainda lá está. Nele, está gravado um brasão, e, nesse brasão, encontraremos o verdadeiro nome do Karl Johan. Vamos, não temos tempo a perder.

3.

Quando o rosto do coveiro Schwalbe aparece à entrada da casa, fita-os de olhos semicerrados, até que o reconhecimento o faz sorrir.

— Sr. Winge, não é? Sr… Carlén? Kardus? Caliban?

— Cardell.

Schwalbe recebe-os com um gesto largo da mão, que os convida a entrar. Um fogo arde na lareira. Há uma Bíblia pousada numa mesa.

— O Sr. Cardell deve desculpar-me. Tenho olho para rostos, mas o seu parece ter-se alterado. O seu nariz não estava tão para a esquerda. E um dos seus olhos parece um pouco afundado. E o Sr. Winge, tem comido o suficiente? Já ouvi dizer que a palidez está na moda, mas, contra a neve, o senhor mais parece um casaco e um par de calças que fugiram do armário.

Cardell resmunga enquanto sacode a neve das botas.

— Se todos fôssemos tão belos como o coveiro Schwalbe, os artistas do mundo andariam a pedir nas ruas.

Schwalbe exibe os dentes castanhos e estragados num sorriso de orelha a orelha.

— Regressaram por causa do vosso cadáver problemático, aquele que foi mutilado, Karl Johan? A verdade é que esperava a vossa visita, mais cedo ou mais tarde.

— Porquê?

— Há pessoas nesta congregação que têm o dom da vidência. Diz-se que ele caminha novamente, que anda por entre as campas

como um caracol, rodeado por um brilho negro, e que murmura palavras que ninguém consegue ouvir. Por isso sei que deixou algum assunto por resolver neste mundo, e estava à espera do vosso regresso.

Winge e Cardell trocam olhares, e o guarda encontra consolo no cepticismo não disfarçado que vê nos olhos do amigo. Já ele não está tão certo. Winge levanta uma bolsa e deita algumas moedas para cima da mesa de Schwalbe.

— Queremos que abra a campa o quanto antes. Temos de inspeccionar urgentemente o corpo, e para isso precisamos de um espaço isolado.

No cemitério, as tílias estão despidas de folhas e enfileiradas. Ainda são jovens, plantadas depois do grande fogo. Uma brisa suave sopra os flocos de neve dos ramos, fazendo-os dançar no ar. Schwalbe abre caminho pelo meio da neve, seguido de Cardell e Winge. Aproxima-se da campa cuja localização só ele conhece, afasta a neve com um ramo de pinheiro e começa a cavar. A enxada, a pá e a picareta são usadas alternadamente. Encontra a velocidade certa e trauteia uma melodia enquanto marca o ritmo com os seus instrumentos. Cardell assiste ao espectáculo com um misto de entusiasmo e ansiedade. O frio infiltra-se nas roupas, o hálito é visível como uma nuvem em frente ao rosto. Ao seu lado está Winge, apoiado no seu ombro e com um lenço colado ao rosto para aquecer o ar quando inspira.

— Não há motivo para estarem aqui parados a tentar o destino. Voltem para o calor da casa. Eu aviso-vos mal tenha desenterrado o Karl Johan.

Winge abana a cabeça. Cardell gostaria de correr sem sair do mesmo lugar e de abanar os braços para se aquecer, mas a mão de Winge trava-o. Fica quieto e procura evitar que os dentes batam. O tempo passa e, por fim, a cabeça quase careca de Dieter Schwalbe, destapada por causa do suor, espreita do buraco junto aos pés

deles. Com um último gemido, o coveiro lança uma pequena trouxa da cova.

— Querem ajudar-me a erguê-lo?

Cardell pragueja mal lhe toca.

— Porra, o gelo também tomou conta dele.

Winge assente, pensativo, e volta-se para Schwalbe.

— Precisamos de descongelar o corpo.

Dieter Schwalbe aceita a ajuda de Cardell para sair da cova.

— Já calculava. Pus um pouco mais de lenha na lareira. Vou buscar um carrinho para o transportarmos e já vou buscar mais. Depois disso, vou a Slussen buscar qualquer coisa para comer e beber e uns copos. Cubram-no com um pano quando tiverem terminado.

A aceitação incondicional de Schwalbe perturba Cardell por razões que não consegue explicar.

— O motivo pelo qual…

— Não. Consigo adivinhar o motivo, e, desde que fiquem calados, posso manter a esperança de estar enganado.

Põem mais lenha na lareira até o calor a fazer estalar. Colocam o corpo rígido, ainda embrulhado, em cima de um banco, junto ao lume, e esperam. Cardell questiona-se acerca da mudança que Cecil Winge sofreu em poucas horas. É verdade que precisou de ajuda para sair da carruagem. Tinha as pernas tão fracas que Cardell teve de o apoiar enquanto saíam da propriedade congelada de Roselius. Mas agora parecia diferente. Os seus olhos brilhavam. Tornara-se mais saudável, e até o cabelo, que estava agora atado junto à nuca, parecia ter recuperado a vitalidade. Já não precisava de se apoiar, antes caminhava inquieto de um lado para o outro, enquanto o corpo descongelava. O tempo passa e, por fim, Cardell percebe que tem de respirar pela boca para suportar a espera.

— O cheiro está a piorar. Acha que o Karl Johan já está pronto?

— Sim. Vamos deitar mãos à obra.

Com as mangas arregaçadas, usando os dedos e uma faca, procuram na cavidade abdominal mole, onde as larvas que invadiram o corpo se assustam e fogem, rastejando, confusas, sobre os seus pequenos corpos, até que um brilho metálico se destaca sob a luz avermelhada da candeia.

Winge aproxima o anel da luz e estuda-o. Com um grande autocontrolo, Cardell consegue manter a compostura. Sente a seriedade do momento pesar sobre si de uma forma quase insuportável. Quantas vezes teria Karl Johan procurado e engolido o anel, à espera de um momento como aquele, algures do outro lado da sua desgraça? Sente as suas esperanças ligadas como uma descida da pressão do ar e fita o rosto de Winge esperando ler nele uma expressão de triunfo. Winge vira o anel sob a luz para deixar que as sombras revelem o desenho em relevo.

Cardell sente uma desilusão estonteante mesmo antes de qualquer palavra ser dita. Winge não desvia o olhar do anel enquanto fala, como se esperasse que ele revelasse uma forma mais promissora.

— Percebo um pouco de heráldica. Embora não tenha visto os brasões de todos os nobres e não os recorde por completo, conheço as convenções. O brasão que aqui vemos não pertence a nenhum nobre. Um escudo fendido em tons de azul e vermelho, três estrelas de seis pontas de cada lado, cada uma com o seu símbolo, uma coroa de louros e um leão, o escudo coroado por um elmo e uma pluma. O escudo é quase ridículo na sua opulência. Parece um brasão desenhado por uma criança, com base em fantasias de cavalaria e honra. O próprio anel não é de ouro, como é habitual. Está manchado e descolorado pelos sucos gástricos. A pedra parece ser apenas vidro tingido.

Só então o pousa e esfrega os olhos.

— É menos do que esperava, Jean Michael. É um anel muito estranho.

Os ombros do guarda, erguidos quase até às orelhas em

expectativa, descaem como se o fio que os mantinha nessa posição se tivesse quebrado. Winge apressa-se a continuar.

— Quando alguém passa a pertencer à nobreza, o brasão é desenhado por artistas especializados da Academia das Ciências. A pessoa escolhe os símbolos que estão associados à sua vida e ao seu trabalho. Tomemos por exemplo Olof de Acrel, o médico do rei Gustav, a quem foi atribuído o bastão dos médicos, envolto por uma serpente e atravessado por uma coroa, dando assim visibilidade à sua profissão e ao reconhecimento do rei. Este brasão teve outra origem.

— Onde é que isto nos leva? A outro beco sem saída?

Winge aproxima-se mais uma vez da luz da candeia e estuda novamente o brasão.

— Ainda assim, faz-me lembrar qualquer coisa. Tem algo de familiar.

Cardell sente a frustração aumentar e necessita de um escape. Com uma imprecação, baixa o punho esquerdo sobre a mesa de Schwalbe, com tanta força que deixa marca, e aspira o ar por entre os dentes incisivos quando o impacto alastra até ao coto. Winge desvia a atenção do anel e olha para Cardell.

— Jean Michael, diria que está bom da cabeça?

— Que raio de pergunta é essa numa noite destas?

— Vou interpretar isso como um sim. Há alguma coisa que goste de comer? Mais do que tudo o resto? Um prato favorito?

Se Cardell não conhecesse Winge, acharia que estava a troçar dele, mas o rosto de Winge não denota o menor vestígio de humor. Nunca o fez.

— Rolos de couve.

— E o que menos lhe agrada?

— Havia uma sopa em Sveaborg que nos foi servida quando a frota ficou presa no gelo. Todos os dias nos divertíamos a adivinhar o seu conteúdo. Uma vez encontrei nela um bigode. Embora esperasse que tivesse vindo de um gato, tive as minhas dúvidas.

— Ainda assim, suponho que, se lhe fosse dado a escolher entre essa sopa e o conteúdo do seu próprio penico, escolheria a sopa. O que quero dizer, Jean Michael, é que o Karl Johan não comeu as próprias fezes durante semanas na esperança de conseguir algo bom com isso. Fê-lo porque sabia que o anel permitiria identificá-lo, apesar dos meios desagradáveis a que teve de recorrer.

4.

Mickel Cardell encontrou um novo quarto para alugar, inclusive no mesmo bairro. O seu novo alojamento é muito semelhante ao anterior, tão pequeno que consegue tocar em todas as paredes a partir da cama. O colchão é fino em todos os pontos onde devia ser espesso, gasto por gerações de arrendatários anteriores. É suficientemente quente e suficientemente barato. Serve. A aguardente ajuda-o a adormecer. Bebe mais para calar o desconforto matinal.

Cardell ainda não está capaz de dormir, apesar do cansaço. Quando fecha os olhos, vê as imagens da noite na sala de Schwalbe. Pensava que a pior parte do pesadelo já passara, mas, quando a noite chega sem notícias de Winge, não é para a cama que decide ir, antes vai para a taberna. Há muito que se despediu do Fördärvet. As alternativas são várias. Sem plano definido, atravessa a Järntorget e entra por uma transversal em direcção ao mar, a partir da rua Österlånggatan. Por cima da porta aparece o nome Terra Nova. O novo mundo. Um mundo que lhe serviria na perfeição.

Há ali muito mais gente do que esperava numa noite de semana como aquela. Os clientes parecem tão entusiasmados que Cardell sente necessidade de perguntar o que se passa. Um alabardeiro barbeado vira-se para ele com uma expressão de surpresa.

— Não soube? Como é possível que não tenha ouvido nada? A

cidade não fala de outra coisa desde que a notícia se espalhou, ontem à noite.

Uma sombra baixa sobre o rosto do homem.

— Está morta! Cortaram-lhe a cabeça.

— Quem, porra?

— A rainha!

Cardell não acredita no que está a ouvir. O homem deve ter bebido demais.

— Sofia Magdalena? A viúva do rei Gustav? Porquê? A corte fartou-se dos seus serões musicais?

— A rainha de França, tolo, Maria Antonieta! A notícia chegou hoje. Levaram-na à guilhotina e atiraram o corpo para uma campa não identificada. Uma barbárie!

O alabardeiro agarra o ombro de Cardell e aproxima-lhe a boca do ouvido para fazer uma confidência sussurrada.

— Há quem ache que a populaça estava certa, especialmente nesta sala. Tenha cuidado.

O homem cospe para o chão num gesto de desprezo e abre caminho à cotovelada em direcção à porta.

Mais tarde, depois de beber algumas canecas, Cardell percebe que o homem tinha razão. A cidade parece não se fartar do escândalo. Todos ouviram a história de como sua majestade enfrentou o seu destino e repetem-na, independentemente de Cardell perguntar ou não. Um explica-lhe que terá sido ridicularizada diante da congregação e que lhe disseram que a sua vida fora a de uma devassa que merecia cem guilhotinas. Segundo outro, chorou em silêncio. Um terceiro diz-lhe que as suas últimas palavras foram para o carrasco, um pedido de desculpas por lhe ter pisado o pé a caminho do cadafalso. Cardell faz o seu melhor para se isolar daquelas vozes. A cada copo, a tarefa torna-se mais fácil, mas os outros bebem ao mesmo ritmo, e o volume aumenta com o avançar da noite. As canções revolucionárias tornam-se mais audíveis. Corre

o boato que o duque Karl tratou de se certificar de que a sua arte importada e muito cara passava pela fronteira para escapar ao pagamento de alfândega. A lei devia ser igual para todos, dizem os seus críticos, tanto os homens como as mulheres, que deveriam ter mais facilidade em esconder a sua tristeza pelo falecimento da rainha.

Quando vê o anel, pensa que é um produto da bebedeira. Abana a cabeça e esfrega os olhos, convencido de que a esperança o fez começar a ver coisas, mas ele ainda lá está quando volta a olhar para ele. Um jovem de calças e colete de tafetá usa-o no dedo mindinho esquerdo, dourado, com uma oval negra e o brasão gravado. Cardell aproxima-se para o ver melhor. Afinal, é frequente encontrarem-se brasões semelhantes nos dedos dos nobres. Mas não. Quando o observa melhor, tem ainda mais certeza. O brasão é demasiado pequeno para poder identificá-lo, mas a forma é a mesma, e os elementos também.

A sala parece rodopiar, e o fumo do tabaco deixa-o de olhos lacrimejantes. Pestaneja até as lágrimas lhe correrem pelas faces enquanto examina o dono do anel. Deve ter uns vinte anos. Usa roupas vistosas, caras e de mau gosto. Uma gravata branca apertada junto ao queixo, um casaco vermelho-escarlate e cabelo bem empoeirado. Cardell amaldiçoa as canecas que bebeu quando percebe que está especado a olhar e que atraiu a atenção do homem. Em silêncio, senta-se no banco e tenta obrigar o álcool a abandonar-lhe o corpo enquanto observa o homem pelo canto do olho. Aguarda.

O grupo do homem demora algum tempo a dispersar. Parecem todos iguais, enfeitados como pavões e com maneirismos excessivos. Uma em cada três palavras é francesa ou inglesa. Despedem-se com beijos nas faces. Cardell começou a sentir-se mais sóbrio e sai para a rua. Volta-se para a parede e finge urinar. Com satisfação, repara que o homem usa uma bengala com que

bate no passeio, a cada passo. O som permite-lhe segui-lo, mesmo quando o perde de vista, ao virar de uma esquina.

Deve ter subestimado a sua bebedeira. Apesar do seu cuidado, não consegue evitar dar pontapés no gelo que encontra pelo caminho, fazendo o homem olhar para trás por cima do ombro. Em Persiljegränd, começa a correr. Cardell cerra os dentes e segue-o o mais depressa que consegue, mas rapidamente nota que está a perder terreno. Na rua Skärgårdsgatan, mal consegue ouvir os passos à sua frente e, quando chega à rua Köpmangatan, o homem já não está à vista. Inclina-se para a frente com a mão apoiada no joelho e tenta recuperar o fôlego. Quando deixa de sentir o ardor nos pulmões e cospe para se livrar do sabor a ferro, percebe que talvez a perseguição não tenha sido em vão. Cardell conhece bem a cidade entre as pontes. Se a sua presa tiver virado para a rua sem nome do seu lado direito, terá descoberto que termina num beco sem saída onde os limpadores das ruas amontoam a neve. Olha cuidadosamente ao virar da esquina. A princípio parece-lhe vazia. Um segundo olhar mais atento fá-lo suspirar de alívio.

— A sua respiração é silenciosa, tenho de admitir, mas com este tempo não serve de muito. Um cachimbo aceso teria sido menos visível. Saia de trás do monte de neve para podermos conversar.

A nuvem de vapor desaparece quando o homem sustém a respiração, mas percebe que é inútil. Quando se mostra, tem algo metálico a brilhar-lhe na mão. Cardell avalia o comprimento da faca e avança aos ziguezagues. O jovem mantém a lâmina apontada a Cardell enquanto este avança.

— Agora que o vejo melhor, não sei porque me dei ao trabalho de correr. É apenas um velho gordo e lento.

Cardell não desvia o olhar da faca.

— Já eu diria que sou cauteloso e experiente.

O homem mantém a arma apontada a ele. Cardell sabe o que tem de fazer. O risco é grande, mas é a sua melhor hipótese.

— Posso?

Cardell lança-se para a frente no que parece ser um abraço. O guarda pesa consideravelmente mais do que o adversário e empurra-o contra a parede da casa atrás de si. O ar abandona o corpo do homem como se fosse um fole roto. Cardell abre os olhos, mas só quando olha para baixo vê que o seu plano foi bem-sucedido. A força foi suficiente para empurrar o cabo da faca contra o diafragma do homem, deixando-o sem fôlego. Com uma expressão satisfeita, Cardell ergue o braço que tinha colocado à frente do corpo. A lâmina da faca está cravada na madeira.

— Vês?

O jovem escorregou pela parede, encolhido de dor. Cardell limpa a neve da sarjeta e senta-se ao seu lado. Aguarda um pouco até o jovem parar de gemer.

— Põe um pouco de neve na boca e vais ver que te sentes melhor.

O homem obedece, mas a sua expressão é amarga.

— Não tenho razão?

Recebe um aceno de cabeça como resposta.

— Não tenhas medo. Não te vou fazer mal. Só quero pedir-te uma coisa. Preciso que me mostres o anel que tens no dedo. Prometo que não vou roubá-lo.

O homem leva o dedo à boca e solta o anel. O brasão não é igual ao de Karl Johan, como Cardell pensara. Em tudo o resto é idêntico.

— Podes dizer-me de onde veio?

A voz do homem é áspera e tensa porque a dor o faz respirar com esforço.

— É o brasão da minha casa. Herdei-o do meu pai.

— O diabo é que é. Se tu és nobre, eu sou o próprio Gustav Adolf, acabado de regressar de Lützen. Diz-me a verdade.

O jovem lança-lhe um olhar tenso em resposta.

— Há muitos joalheiros desonestos que os fazem. Gravam brasões em troca de dinheiro para quem não os tem.

— Para tu e os teus amigos poderem fingir ser algo que não são?

O homem levanta ligeiramente os cantos da boca e olha para o punho de madeira de Cardell, onde a faca ainda está cravada.

— Imagino que seja difícil de entender para uma pessoa tão fina como o senhor, que nunca precisou de desejar uma vida melhor.

Cardell não consegue evitar rir.

— E são comuns esses anéis falsos?

— O preço tem vindo a subir, infelizmente, o que tem tornado mais difícil manter a charada. Vejo cada vez mais em noites como esta. São muitos os que estão dispostos a pagar por honras emprestadas. Com tanto interesse, espanta-me que nunca os tenha visto antes.

— O meu interesse é recente.

Cardell enche a boca de tabaco e estende a bolsa de couro ao homem, que encolhe os ombros e enfia uma pitada na boca.

— Como te chamas?

— Carsten Norström. Aqui na cidade dou pelo nome de Vikare.

— Carsten Vikare?

Cardell recorda-se de ter ouvido aquele nome recentemente. A bebedeira ainda lhe torna o raciocínio lento. Mastiga lentamente o tabaco enquanto a língua é invadida pelos sucos e tem de cuspir um fio castanho de saliva. Estala os dedos quando encontra a resposta.

— Já sei. Tu e os teus amigos são falsários que roubam presas selecionadas na cidade. Chamam-lhes lebres. Lembras-te de um Kristofer Blix? Sabes onde posso encontrá-lo?

Vikare começa a suar.

— O Blix está morto. Afogou-se no Riddarefjärden dias depois de ser libertado.

— A sério?

— Eu nunca tive a intenção de… era apenas um jogo.

Kristofer Blix tinha apenas dezassete anos. Cardell nunca esperara encontrá-lo com vida, mas, ainda assim, a notícia é difícil de ouvir. Uma vida tão curta, sobrecarregada com tanta morte e destinada a um fim cruel. Blix podia ser um cobarde, mas Cardell

pergunta-se se teria agido de forma diferente na mesma situação.

— Quanto lhe roubaram a ele e ao amigo? Cem Riksdaler? Senti pena do jovem Blix na pouca convivência que tivemos e dei-me agora conta de que não fui completamente sincero contigo.

Carsten Vikare levanta as sobrancelhas e pára de mastigar.

— Do que está a falar?

— De quando te disse que não te ia fazer mal.

5.

Quando se encontraram de manhã para tomarem um café no Lilla Börsen, Cardell não conta toda a história a Winge, nem lhe diz o nome de Carsten Vikare. Ainda assim, poucas vezes tem visto Winge de tão bom humor.

— Sinto a nossa sorte mudar, Jean Michael. Foi uma boa coincidência, e não podia ter agido melhor. Pela primeira vez, sabemos algo específico acerca da pessoa do Karl Johan. É jovem, veio de fora de Estocolmo, não tinha berço, mas sonhava grandes coisas e procurou um ourives que o ajudasse a inventar uma linhagem.

Cardell, que teve mais tempo para processar a informação, mostra mais reservas.

— Tudo isso está muito bem, mas não vejo o que mudou. Continuamos sem saber o nome dele, e sem isso não sabemos nada. Talvez o ourives que fez o anel se lembre dele.

Winge abana a cabeça.

— São demasiados, e a maioria vê este tipo de trabalho como uma traição à profissão, por agirem fora do conhecimento e da aprovação da guilda. O nome do ourives será tão difícil de descobrir como o do próprio Karl Johan. Mesmo que tivéssemos sorte, custa-me acreditar que o Karl Johan lhe tivesse dado o seu nome de baptismo ou o nome assumido.

Cardell levanta os braços num gesto de frustração.

— Foi o que eu disse. Está tudo na mesma, e não estamos mais

perto de desvendar o mistério.

— Sim e não. Quando vi o brasão do anel, senti algo familiar, mas não consegui perceber o quê. A única coisa de que podia ter a certeza era de que o anel não pertencia a ninguém com um brasão sueco. Agora temos a nossa explicação: foi o próprio Karl Johan que o desenhou.

— E?

— Não sei. Preciso de mais tempo para pensar.

Na praça, o vento sopra os flocos de neve pelas ruas. Cardell estica as costas doridas, avalia mal o piso e cai para trás a agitar os braços quando o vento lhe levanta o casaco e o faz patinar no gelo. Pragueja contra o monte de neve em que aterrou.

— A taberna Gyllene Solen não fica longe daqui. A neve e o frio deixaram-me com sede. Sei que está a abster-se de bebidas fortes, mas uma pessoa pensa de maneira diferente quando está bêbeda e quando está sóbria. Se há alguma coisa nessa sua cabeça que não está a conseguir trazer à tona, o álcool há-de ajudá-lo a soltar as ideias.

Winge abre a boca como se fosse protestar, mas muda de ideias e faz uma pequena vénia antes de oferecer o braço a Cardell para o ajudar a levantar-se. Cardell finge apoiar-se nele apenas para mostrar consideração pelo gesto, sabendo perfeitamente que uma fracção do seu corpo seria suficiente para deitar Winge ao chão como se fosse uma criança pequena.

No Gyllene Solen há lume aceso na lareira, cujo calor se propaga até às paredes, fazendo-as estalar e inchar. Um pão de centeio compacto e um pedaço de queijo são acompanhados de chocolate quente. Segue-se rapidamente um jarro de vinho tinto e dois copos rasos. Os dois brindam, e Cardell pede comida. Com o jarro seguinte vem um guisado, restos de uma lebre magra com molho. Bebem copos sucessivos, e Cardell, que não tinha conseguido

evitar perguntar-se que efeitos teria a embriaguez em Cecil Winge, constata com desilusão que o homem parece apenas mais fechado. Simplesmente sombrio, apesar de um rubor ter começado a espalhar-se pelo seu rosto pálido. Cardell surpreende-se ao ver que Winge é o primeiro a falar.

— Deixe-me apresentar-lhe um problema, Jean Michael. Se amamos alguém mais do que a nós mesmos, não será razoável fazermos todo o possível para garantir a felicidade dessa pessoa?

Cardell franze a testa e estremece.

— Não sei muito sobre essas coisas.

— Sabe sim. Não é possível uma pessoa viver sem nunca se deparar com este problema.

Cardell sente um formigueiro no coto do braço e vira-se para o fogo enquanto responde.

— Esse tipo de emoção não traz nada de bom. Os que amamos deixam-nos por um motivo ou por outro, e sentimo-nos pior do que nos sentíamos antes.

— É uma boa resposta, e muito relevante para o meu raciocínio. Deixe-me dar-lhe um exemplo concreto. Suponhamos que um homem sabe que está a morrer. Sabe que o amor que sente pela esposa é mútuo e que a sua morte será uma catástrofe para ela. Pensar na vida dela depois do funeral atormenta-o dia e noite. Vê uma viúva solitária vestida de negro que afugenta todos os pretendentes porque não consegue esquecer o falecido marido, enquanto a sua juventude se acaba. Pergunta-se se há algo que possa fazer para evitar que isso aconteça, apesar de não poder impedir a própria morte. Está a seguir-me até aqui, Jean Michael?

Cardell assente, em silêncio. Winge estica um braço para servir mais vinho, esvazia o copo e volta imediatamente a enchê-lo até cima.

— O homem moribundo conhece a mulher melhor do que ninguém. Sabe o que lhe agrada e o que a repugna. Certa noite, num evento, conhece um cabo do exército, fardado, com bigode

escuro, um tipo bem-parecido, com a vida toda pela frente. Começam a falar, e o moribundo percebe que o cabo não só tem um bom físico, mas também uma boa cabeça e um coração digno, bem como uma jovialidade que lhe assenta bem. O homem moribundo convida o cabo a ir a sua casa e torna-se rapidamente seu amigo. Apresenta-o à mulher, cuja melancolia devida à morte iminente do marido acrescentou um toque sublime à sua beleza. Repara que isto não escapa à atenção do cabo. Passam a conviver mais frequentemente, e o moribundo começa a arranjar pretextos para deixar a mulher sozinha na companhia do cabo. Demora bastante tempo e requer muito esforço, mas finalmente germinam sentimentos entre ambos. O homem moribundo imagina os dois, que o amam muito, a limpar as lágrimas um do outro no dia em que ele soltar o seu último suspiro e a continuarem a sua vida juntos, rumo a um futuro comum. Um casamento.

Winge fecha os olhos e sacode a cabeça para trás, fazendo o rabo-de-cavalo bater-lhe nas costas enquanto esvazia o copo.

— Filhos.

Tosse quando se engasga com o vinho. Cardell fita-o com uma expressão desolada.

— Fez isso? É louco?

— Fiz, Jean Michael, e não havia motivo para não ter resultado.

— Mas os vivos não são contas num ábaco ou números numa tabela.

— Devia ter resultado, Jean Michael. Se a minha tosse tivesse abafado o som das relações que eles tinham e se eu tivesse deixado a porta do quarto fechada, teria conseguido manter a charada até ao fim, como era minha intenção. Mas há uma diferença entre planear uma coisa destas e vê-la com os próprios olhos. Saí de casa nessa mesma noite e hospedei-me na casa do Roselius.

— E a criança que ela espera? É sua ou do cabo?

— Não sei.

Lá fora, as sombras espalham-se pela rua, contornam o monte

em direcção à praça, inclinadas para trás e com os braços estendidos à frente do corpo, para se equilibrarem. Um novo pedaço de lenha é lançado para a lareira e faz saltar uma brasa para o chão. Cardell levanta-se rapidamente para a pisar com a ajuda da criada.

— Diabos, rapariga, tem cuidado. Basta uma faísca.

Winge continua sentado e imóvel. Cardell olha para ele e volta a sentar-se.

— E traz-me mais uma bebida antes que eu morra de sede, diabos, o chão não é a única coisa aqui que está ressequida.

Bebem juntos, e as horas passam. A sala do Gyllene Solen enche-se e esvazia-se. Os clientes entram, vindos do frio, bebem para aquecer, falam alto e riem-se. Numa sala ao lado, jogam às cartas, e o dinheiro troca de mãos ao som de aplausos e imprecações. O taberneiro, Olof Myra, velho e redondo como um barril, deixa-os estar ali sentados enquanto a meia-noite se aproxima e ninguém faz tenções de sair.

— E agora, Jean Michael?

Winge já tem dificuldade em falar. Cardell sente as tábuas do chão balançar, como se estivessem no convés de um navio. Com uma olhadela céptica, certifica-se de que o que vê nas paredes são janelas e não aberturas para os canhões, de que lá fora está a cidade e não as vagas de Svensksund.

— Agora resta apenas uma coisa. Bebemos até cair e voltamos ao ponto de partida. Sabemos tanto como antes, mas ao menos estamos bêbedos. Myra! Dois copos de aguardente antes de nos mandares embora.

Erguem os copos.

— Um brinde às buscas às cegas.

— Saúde, Cecil Winge. Talvez a minha ideia não tenha sido tão boa como parecia. Tendo em conta as que tenho habitualmente, já era de esperar. Conte-me, o que se passa? Está mais pálido do que

é costume. Pôs alguma coisa na garganta?

Winge fita o vazio, sóbrio como no dia em que nasceu.

— Espere, espere…

As pupilas negras giram para um lado e para outro, fitando coisas que Cardell não vê. Quando o olhar de Winge se foca novamente, fixa o rosto corado de Cardell.

— O Asno.

— Desculpe?

— O Asno! Já sei quem ele é. O Karl Johan. Venha comigo!

6.

Correm debaixo da tempestade, com as rajadas de vento a atingirem imprevisivelmente ruas e becos. Os calcanhares deslizam no gelo traiçoeiro. A aguardente tornou-os imunes ao frio. Ninguém se deu ao trabalho de acender as luzes ao longo das fachadas, certos de que nem a guarda da cidade estaria a trabalhar numa noite daquelas. Cardell levanta a gola com a mão boa para impedir a neve de entrar no casaco, seguindo de perto Winge, que quase desaparece no meio dos flocos de neve à sua frente. Não precisa de ver. O som áspero da tosse é suficiente para lhe indicar o caminho. Quer pedir ao amigo para abrandar e recuperar o fôlego, mas decide não dizer nada. Um chapéu de feltro preto, arrancado pelo vento à cabeça do dono, rebola pela estrada gelada. Lá em baixo, em Slottsbacken, Winge reconhece a aldraba da porta da casa de Indebetouska e descobre que está trancada. As batidas de Cardell acabam por acordar o guarda do turno da noite, completamente zonzo, que pragueja ao ver Cecil Winge e pede imediatamente desculpa.

— Não é que deseje vê-lo enterrado, mas agora que o encontro aqui, a caminhar entre os vivos, percebo que tenho umas contas a ajustar com o secretário Blom.

Precisam de todas as suas forças para fecharem a porta atrás de si. Com as mãos trémulas, Winge levanta o anel diante de Cardell e aponta para a parede da escada, onde o brasão de Nils Henric Aschan Liljensparre ainda está pendurado.

— Vê? O Asno.

Cardell semicerra os olhos, para tentar focar a pedra gravada e o escudo elaborado, pendurados na parede.

— São semelhantes, ainda que não sejam iguais.

— Exacto. E faz todo o sentido. Se eu estiver certo, o Karl Johan esteve várias vezes no mesmo lugar onde nos encontramos agora, a olhar para o mesmo brasão. O brasão do Karl Johan tem demasiadas semelhanças com o do nosso anterior chefe, Liljensparre, também conhecido como Asno, para ser mera coincidência. Sabemos que o Karl Johan desenhou o seu próprio brasão. Baseou-o no do Liljensparre.

— E? Não se pode propriamente considerar esse brasão como um segredo bem guardado, está pendurado mesmo em frente à escada.

— Sim e não. Antes de a esquadra se mudar para Indebetouska, estava pendurado na escada da casa da rua Trädgårdsgatan, Jean Michael, mas nenhuma dessas escadas era acessível ao público. Duvido que algum dos criminosos que por aqui passavam a caminho do tribunal quisesse imitar o chefe da polícia. E também sei que o Karl Johan não tinha um cargo formal na polícia. Conheço todos os agentes, notários, oficiais e comissários de nome e de vista. Em nenhum destes grupos há uma pessoa de cabelos compridos e louros como os do Karl Johan, e muito menos alguém que tenha desaparecido em circunstâncias misteriosas. Mas o Liljensparre também tinha outra força a trabalhar para ele, um grupo de informantes cuja missão era vigiar qualquer pessoa que conspirasse contra a Coroa.

— E de muito lhe serviu.

— Diz-se frequentemente que acabamos por encontrar o nosso destino no caminho que seguimos para o evitar. O rei Gustav não foi excepção. Não obstante, havia muitos informantes, e este grupo atraía homens ambiciosos que não tinham grandes perspectivas de alcançar o sucesso por outros meios. Era o lugar perfeito para uma

pessoa como o Karl Johan. Ora, uma vez que estes caçadores de fortunas tinham pouco contacto directo com o chefe de polícia, era fácil idealizarem-no, o que não acontecia com os que recebiam diariamente ordens dele, como a alcunha que lhe deram sugere. De qualquer forma, estavam sempre a entrar e a sair da esquadra com relatórios, até o Liljensparre ser enviado para o exílio, e eram uma fonte de irritação para os polícias mais oficiais.

— Continuo a não perceber como isso nos ajuda a descobrir o nome do Karl Johan.

— Que dia é hoje?

Cardell precisa de pensar antes de responder. Desde a notícia falsa da morte do amigo no início daquela semana, perdeu a noção do tempo, e os dias pareceram correr num contínuo, separados por breves pausas para dormir. Winge volta-se para o guarda que faz o turno da noite e que, relutante, sacode a cabeça para afastar o sono e responde.

— É sábado, sábado dia sete.

— E que horas são?

— Quase meia-noite.

— Não temos tempo a perder, Jean Michael. No Börsen estão a festejar a partida do Norlin. Se tivermos sorte, ainda apanhamos lá o homenageado. Preciso de trocar umas palavrinhas com o nosso anterior chefe de polícia antes de ele ir para o Norte.

Passam o cimo do monte e chegam à praça Stortorget, com a Börshuset do lado esquerdo. A torre da igreja Storkyrkan projecta a sua sombra por cima do telhado do palácio. Winge solta um suspiro audível ao ver que a fachada ainda está iluminada, o que indica que a celebração continua. Há velas acesas em todas as janelas. Na sala, as mesas compridas foram afastadas para os cantos para abrir espaço para a dança. Os sapatos batem com tanta força no chão ao ritmo da orquestra que os candelabros começaram a balançar. Cardell vê muitos rostos conhecidos no meio da multidão, que deve

ter mais de duzentas pessoas. O substituto, Modée, dança com o rosto corado como uma lagosta acabada de cozer e tem a gravata desapertada, a escorregar-lhe pelas costas. Rostos muito conhecidos da magistratura balançam de um lado para o outro com copos de champanhe nas mãos. Cardell olha para as costas do director da Câmara do Comércio, Cederhielm, entre duas tapeçarias, e vê o homem apoiar-se na parede e rir de algo que vê no tecto.

— Não há dúvida de que o Norlin era popular.

Winge assente.

— Foi pelas suas qualidades como chefe de polícia que foi despedido. Está a vê-lo?

Cardell passa os olhos pela multidão.

— Na mesa do homenageado.

Winge encontra Norlin num canto da sala. Norlin tem o nariz e as bochechas coradas e a peruca formal desalinhada, a descobrir demasiado a testa. Dá um salto quando vê Winge.

— Pensei que tinhas morrido, Cecil. Não me digas que a festa foi tal que acordámos os mortos?

— A única razão por que me vês é o facto de também estares morto, Johan Gustaf. O teu corpo terreno está ali caído, no chão da sala, morto pelo excesso de vinho e com uma amêndoa com açúcar entalada na garganta. Vim para te guiar até às margens do Estige e para te entregar a Caronte.

Norlin larga o copo. O sangue desaparece-lhe do rosto e fica estupefacto por um momento, sem saber o que responder, até que uma mulher com o modelo de uma fragata entrelaçado no cabelo tropeça ao seu lado a caminho da escada. Ele desata a rir.

— Caramba, Cecil Winge! O fantasma de Indebetouska, bêbedo. Nunca te tinha visto bêbedo nem te tinha ouvido fazer piadas, mas cheira-me que as duas coisas estão ligadas. Se estavas a tentar imitar um fantasma, os soluços denunciaram-te.

Norlin abre os braços como se quisesse abraçar todas as

injustiças do mundo.

— Então, a minha história como chefe de polícia terminou finalmente. Se estiver demasiado frio em Västerbotten, a memória de que fugi das intrigas de Estocolmo será suficiente para me aquecer.

— Sabes quando o Ullholm toma posse?

Uma expressão séria abate-se sobre o rosto de Norlin.

— Não sei ao certo. Talvez dentro de uma semana. Lamento não ter podido comprar-te mais tempo, Cecil.

— Vim aqui para te pedir um grande favor, Johan Gustaf. Quando visitei a tua sala depois de inspeccionar o corpo do Fatburen, a tua secretária estava cheia de cartas por abrir dos informantes do Liljensparre, relatórios que continuaram a chegar de todo o país, apesar de já se ter passado um ano desde que ele partiu para a Pomerânia. Essas cartas ainda existem? A sala foi limpa?

— Passei alegremente todo o trabalho ao Isak Blom.

— Tenho motivos para crer que a solução do mistério do crime que eu e o Jean Michael passámos o Outono a investigar se encontra entre essas cartas. Johan Gustaf, permites-me ter acesso a elas ainda esta noite?

— Se é tudo o que me pedes, é o mínimo que posso fazer. Leva o Blom. Já bebeu mais do que o suficiente para uma noite.

Norlin lança um olhar insinuante a Cardell.

— Mas não o deixem descer as escadas sem o vigiarem. Hoje já caiu e magoou a cara.

*

Isak Reinhold Blom, que está a conversar com duas damas de rosto pintado de branco e com vestes largas, deixa cair o copo no chão ao ver Cardell, que tem de o agarrar pelo pescoço para o impedir de se esconder debaixo de uma mesa.

— Não me bata mais!

Cardell mantém o pequeno secretário de pé, apesar de os joelhos do homem terem perdido as forças. Winge pousa-lhe uma mão no ombro num gesto tranquilizador. Blom deixa-se persuadir com vinho e começa a recuperar a confiança a cada gole. No átrio, encontram o seu casaco gasto. Winge é o primeiro a sair. Os poucos degraus até à rua estão repletos de convidados que foram apanhar ar, tão aquecidos pela dança e pelo vinho que nem se deixam afectar pelo nevão cerrado ao ponto de nem se conseguirem ver as bombas do poço. Uma mulher de ombros despidos tenta apanhar flocos de neve com a língua ao som dos risos e aplausos dos cavalheiros. Um deles recua um passo no momento em que Winge se cruza com ele. Os dois homens chocam e, quando o outro se vira, ficam cara a cara. O reconhecimento surge para ambos ao mesmo tempo. Winge dá um passo atrás.

— Gillis Tosse. Não te vejo desde o curso e tão-pouco ouvi o teu nome desde que o li numa carta ao Norlin, a chamar-me jacobino.

As faces de Tosse estão vermelhas da bebedeira, mas a voz é firme.

— Cecil Winge! Gostaria de poder dizer o mesmo de ti, mas hoje em dia o teu nome anda por toda a parte.

Faz uma pausa com um sorriso irónico nos lábios e levanta os cantos da boca.

— Mas não durante muito tempo, se bem entendi.

— Como está a *Madame* Sachs?

Tosse levanta os braços.

— Bom, vai demorar bastante tempo a recuperar a confiança que perdeu. A casa de Keyserska está actualmente vazia, mas a nossa pequena associação não tem falta de recursos e encontra muitos outros locais à sua disposição. Não precisas de te sentir culpado por nos teres privado dos nossos prazeres.

— És do tipo que gosta de ver outros a abusarem de pessoas indefesas, Gillis, ou também participas? Do que me lembro de

Uppsala, diria que é mais o primeiro caso.

Tosse dá um passo na sua direcção e baixa a voz até um tom confidencial, enquanto pousa uma mão no ombro de Winge.

— Cecil, sei que não te resta muito tempo, e não desejo a ninguém a morte numa cama ensanguentada, mas terias tido um fim bem pior se tivesses continuado a perseguir a Ordem das Euménides, e de nada teria servido. Há coisas neste mundo que ninguém pode mudar, e a prevalência dos mais fortes é uma delas, independentemente do que o teu amado Rousseau tenha dito.

Winge afasta a mão de Tosse do ombro.

— Se o Reuterholm não se tivesse livrado do Norlin, os dias deles estariam contados.

Tosse sacode a cabeça para trás e solta uma gargalhada ruidosa.

— O Reuterholm? Oh, Cecil, agora lembro-me de ti como se fosse ontem. Sempre revelaste uma estranha combinação de inteligência e ingenuidade.

Bebe o resto do vinho, atira descontraidamente o copo para a escada e volta para o seu grupo, ainda a rir.

Juntos, avançam curvados pelo lado da praça, Winge e Cardell, com Isak Blom entre ambos, e continuam por Slottsbacken em direcção a Källargränd. O guarda parece ter deixado o seu posto, e, à entrada da casa de Indebetouska, Blom procura a chave, enquanto Winge pigarreia para expulsar o muco da garganta.

— Isak, há quanto tempo estás na esquadra? Deste 87, 88?

Blom fita o chão enquanto se debate para abrir a porta contra a força do vento.

— 86.

Sacodem a neve dos sapatos nos degraus da entrada. Quando Cardell encosta a mão à parede interior, constata que está tão fria como o ar lá fora. Blom faz um gesto com a mão por cima do ombro, enquanto os guia para o interior da casa. Winge segue-o com as mãos atrás das costas.

— Trabalhaste com o Liljensparre durante anos. O que recordas dos espiões dele? Da rede de informadores que estabeleceu por todo o país?

— O rei Gustav foi ficando cada vez mais paranóico à medida que os anos avançavam e o número dos seus inimigos aumentava. Onde ele mais gostava de estar era em Haga, o seu mundo de fantasia, com bosques de pinheiros e praias rochosas a que deu nomes italianos, longe das intrigas da cidade. A nobreza cuspia por cima do ombro quando ouvia o nome dele, a corte temia os seus acenos de cabeça, os seus próprios lacaios contavam histórias de arrepiar… um deles veio a tornar-se o seu carrasco. O Liljensparre criou a sua esquadra ainda durante o quarto ano de Gustav no trono, o ano de setenta e seis, mas, com o tempo, Gustav sentiu que havia necessidade de mais qualquer coisa. Coube ao Liljensparre a tarefa de encontrar ouvidos para o rei, de recrutar um grupo de homens que escutassem as conversas e lhe comunicassem o que era dito em confidência. Nos últimos anos, a situação em França tornou-se o tema mais interessante. Gustav temia que a revolução se espalhasse. Os espiões do Liljensparre foram enviados em busca dos traidores do reino.

Winge assente.

— Sim. É assim que recordo a situação. A despedida do Liljensparre ocorreu em Dezembro do ano passado. A notícia do seu exílio demorou muito tempo a chegar a todos os que lhe enviavam relatórios. Andamos à procura de uma ou várias cartas por abrir que terão chegado na Primavera e no Verão.

Blom olha para o fundo do corredor.

— Levei tudo o que havia em cima da secretária do Norlin e fiquei com um monte de papel em que ninguém tem interesse, mas que também ninguém tem coragem de deitar fora. Num canto hão-de encontrar um armário que já era velho quando a esquadra se mudou para aqui. Tudo o que resta dos documentos do Liljensparre está lá. Deixem-me acender uma luz.

A candeia de Blom mostra-lhes uma sala cheia de livros, pastas, dossiês e caixas. Quando Cardell abre o armário em causa, caem para o chão pilhas de documentos que estavam apoiados contra a porta.

— Merda. Arranje espaço na mesa. Eu apanho esta trapalhada toda. Ora bem, como vamos fazer isto?

Winge dá uma volta demorada à pilha de papéis, enquanto pega ao acaso em envelopes por abrir.

— Separamo-los por remetente e data. Recorda-se da nossa conversa no cemitério de Maria, sobre os cotos do Karl Johan que pareciam ter tido tempo para cicatrizar? Vamos seguir o percurso dos ferimentos no tempo. Quando se terá amputado o primeiro membro?

— A minha suposição foi que terá sido em Julho.

— Nesse caso, podemos concluir que toda a correspondência do Karl Johan terminou em Julho, o mais tardar. Vamos separar todas as cartas por remetente e data. Se um conjunto de cartas contiver alguma coisa com data de Agosto ou posterior, podemos excluir essa pessoa. A correspondência regular que termine em Junho e Julho é de especial interesse.

Escoa-se uma hora ou mais enquanto, em silêncio, passam em revista centenas de envelopes e os dispõem em pilhas, como se estivessem envolvidos num estranho jogo de cartas. Algumas dessas pilhas voltam para o armário, acompanhadas de uma imprecação de Cardell. O número de cartas vai diminuindo e, por fim, restam apenas alguns montes. Winge organiza as pilhas restantes numa fila única enquanto Cardell se esforça para conter a impaciência.

— E agora?

— Abrimos as cartas que restam e vemos se o conteúdo nos pode dar alguma informação adicional.

Cardell não nasceu para a leitura. As longas linhas de rabiscos

cansam-no, e o conteúdo raramente vale o esforço.

— Meu Deus. Alguns destes homens podiam representar o país numa competição de aborrecimento. Este nem sequer sabe escrever sueco.

— Deixe-me ver.

— É uma salganhada sem sentido.

Winge franze a testa, num gesto de concentração.

— Claramente. Mas não creio que seja por acaso. Trata-se de um código. Um sistema em que as letras trocam de lugar umas com as outras.

— E o que nos diz isso?

— Nada acerca do conteúdo. Quem é o remetente?

— A carta está assinada por Daniel Devall.

— E a data?

— A primeira tem mais de um ano, a última tem data de Junho.

Winge encosta uma mão ao rosto e massaja as têmporas.

— Em tempos aprendi um método para resolver cifras, mas os últimos copos no Gyllene Solen empurraram-me essa informação para o fundo da memória.

Começa a andar de um lado para o outro enquanto move silenciosamente os lábios e escreve no ar. Ao fim de alguns momentos, pára, volta-se para a mesa, levanta o envelope e solta uma gargalhada.

— Jean Michael, perdoe-me. Tornámos a coisa mais difícil do que era necessário. Não devia ter-me deixado beber tanto.

Winge levanta a carta, e Cardell aproxima-se mais. Em ambas as extremidades da folha havia o resto de um selo, que fora quebrado para abrir a correspondência. O pequeno selo, impresso no lacre, era igual ao anel do Karl Johan. Cardell demora um momento a recuperar a fala.

— O nome do Karl Johan é Daniel Devall?

— Sem dúvida.

— E menciona uma morada?

— Sim. Todas as cartas vêm de um lugar chamado Fågelsång. Conhece-o?

— Nunca ouvi falar.

— Nem eu. Vamos ver se o Isak Blom tem alguma informação adicional.

Blom está sentado na sua cadeira, debruçado sobre a secretária e com o rosto pousado nos braços. Ressona muito alto e luta vigorosamente contra as tentativas de o acordarem, até que Cardell lhe dá um murro em cheio nas costelas.

— Encontraram alguma coisa?

Winge assente.

— Talvez. O Isak por acaso não sabe onde fica um lugar chamado Fågelsång?

Blom massaja as têmporas.

— Fågelsång é uma propriedade. Fica perto de Sagån, não muito longe do antigo palácio real em Väsby. Pertence à família Balk, um condado. Tem um brasão simples, como os que são usados pela velha nobreza, uma burela branca sobre um fundo negro. Não restam muitos Balk em Fågelsång, ao que sei. Gustav Adolf Balk pertenceu ao conselho nacional há algumas décadas. Lembro-me vagamente de ouvir dizer que desapareceu no estrangeiro. Supostamente, deixou um único descendente. Os Balk foram em tempos uma grande família, em vários sentidos. Já não resta nenhum. É tudo o que sei.

Winge já vai a sair porta fora quando Blom acaba de falar.

A rua Köpmangatan é estreita e fica ligeiramente afastada de Slottsbacken. A tempestade abrandou um pouco, e um novo dia avizinha-se, mas a escuridão do Inverno ainda vai durar algumas horas até o Sol subir acima do horizonte. Winge baixa a aba do chapéu sobre os olhos para chamar uma carruagem. Cardell segue-lhe os passos, cheio de maus pressentimentos. O que lhe parecia estar a acontecer demasiado devagar ganhou agora um ritmo

vertiginoso.

— Será sensato agirmos tão precipitadamente? Não devemos preparar-nos?

Winge responde-lhe por cima do ombro.

— O que sugere?

Cardell pragueja quando o seu calcanhar fica preso entre duas pedras.

— Talvez devamos levar um punhal escondido na bota e um estilete na manga do casaco? Uma pistola e um mosquete? Um morteiro para o caso de nos recusarem a entrada? Além disso, não tenho passaporte para passar a alfândega.

No Brända Tomten há um cocheiro a arranjar uma ferradura solta. Winge faz-lhe sinal enquanto Cardell se põe ao seu lado.

— Não se preocupe com o passaporte. Tenho papéis em nome do Norlin que nos garantem a passagem sem perguntas. Quanto ao resto, já não temos mais aliados. Agora somos só nós os dois, Jean Michael. Não sou adepto da violência. Se um poder superior nos aguardar no fim da viagem, não temos muito com que nos defender em termos de armamento. Temos de depositar a nossa confiança no que possuímos, e para mim o tempo é importante, não apenas por causa da minha saúde, mas também por causa do Ullholm. Neste momento há um vácuo entre as duas autoridades, a do Norlin e a do Ullholm, e o melhor que temos a fazer é terminar a nossa aventura enquanto esta situação se mantiver. Estas condições mudam em alguma coisa as suas reservas? Vou subir agora para a carruagem que temos à nossa frente. Faço-o sem grande coisa a perder. O Jean Michael ainda pode voltar atrás, não me passaria pela cabeça censurá-lo.

Winge instala-se no assento com um gesto para o cocheiro, para a ponte de Norrbro. Irritado, Cardell sacode os flocos de neve do rosto e ri-se ruidosamente.

— Se tivéssemos um momento para nos abastecermos em Stallmästaregården antes de deixarmos a cidade, teria um

companheiro de viagem muito mais feliz e uma viagem mais agradável. Um copo para o caminho ajudaria bastante a restaurar-me o equilíbrio.

Winge morde uma cutícula da unha com uma expressão pensativa.

— Também estou com uma grande dor de cabeça.

7.

Junto à alfândega espera-os um novo transporte. Desde há algumas semanas, as rodas das carruagens foram substituídas por patins de trenó. O Stallmästaregården, a última estalagem que separa Estocolmo da floresta, tem pão, carne e tabaco para vender, além de vinho para ajudar a empurrar a comida para baixo. A estrada encontra-se em mau estado. O tempo ameno da semana anterior foi substituído por uma vaga de frio, e os patins resvalam no gelo, que às vezes é liso, outras vezes ondulado. Os cavalos têm dificuldade em firmar os cascos. Os marcos de madeira, ferro ou pedra passam devagar. A cada duas milhas encontram estalagens, e as pausas que aí fazem para dar descanso aos cavalos e para o cocheiro trocar algumas coscuvilhices com os moços de estrebaria fazem o tempo arrastar-se ainda mais.

Winge conhece bem o trajecto. Viajou por aqueles caminhos estreitos muitas vezes durante os seus tempos em Uppsala, e não se surpreende ao ver que certos traços estão em melhores condições do que outros. Um Sol pálido surge a leste e ilumina a paisagem morta durante algumas horas. A luz passa-lhes por cima dos ombros e projecta longas sombras na direcção contrária. A floresta, antiga e indiferente, está mergulhada em silêncio de ambos os lados do caminho. O relógio de bolso de Winge, o seu *Beurling,* tantas vezes desmontado e remontado, está aberto sobre o joelho até a luz ser demasiado fraca para lhe permitir ver o progresso dos ponteiros. Quando as estrelas começam a aparecer, cobrem-se com

as mantas e peles da carruagem, cada um mergulhado nos seus pensamentos, apenas interrompidos pela linguagem sem palavras com que o cocheiro fala com as suas bestas. A Lua está em quarto crescente e é tão fina que mal consegue espalhar uma luz fraca sobre o caminho.

Cecil Winge dá consigo a questionar a confidência que fez a Cardell poucas horas antes. Lembra-se de como a mulher se enfureceu quando ele se apresentou a meio das suas actividades. Ele próprio sentiu uma dor insuportável, e isso pareceu enfurecê-la ainda mais. Deveria ter expressado os seus sentimentos com violência, ter arrancado o cabo da cama e tê-lo matado? A violência nunca fez parte do caminho da razão, do qual Winge nunca se desviava. Agora pergunta-se se existirá um lugar onde o amor se pode transformar em violência. Ao longe, um uivo saúda a Lua. Recorda-se das palavras de despedida de Josef Thatcher e arrepia-se.

— O senhor é mesmo um lobo. Um dia, os seus dentes brilharão, manchados de vermelho, e irá saber que eu estava certo.

A carruagem continua a avançar pela noite fora. Atrás de si, uma a uma, deixam dez milhas, e, nos arredores de Sala, erigida em volta de uma mina, o cocheiro conduz a carruagem até uma praça quadrada entre quintas e estábulos, puxando as rédeas e voltando-se para os seus passageiros.

— Não vamos conseguir chegar mais perto do que isto. Pela minha parte, está na hora de procurar abrigo para a noite e de dar de comer aos meus cavalos.

No interior aquecido da estalagem há alguns hóspedes acordados, a jantar. Uma rapariga gorducha serve às mesas e ri-se quando lhe perguntam por Fågelsång.

— Não vão encontrar lá nada, pelo menos a esta hora. Há muito tempo que ninguém tem assuntos a tratar em Fågelsång.

— Não sendo possível encontrar transporte, talvez possamos

pedir dois cavalos emprestados?

— Com este frio e a pessoas de quem nunca ouvi falar? Nem por todo o dinheiro do reino!

Winge começa a deitar moedas para cima da mesa até superar em muito o valor dos cavalos. Os cantos da boca da mulher levantam-se cada vez mais, até que faz um aceno divertido a Cardell e a Winge.

— Claramente, há mais dinheiro no reino do que eu pensava.

Os dois cavalos são corpulentos, e a ligeireza não é o seu forte. As estradas estreitas foram novamente cobertas pela neve e não vão voltar a ver a luz do dia até à Primavera. Cardell e Winge seguem as indicações de caminho que o conhecimento combinado dos que estavam na estalagem lhes deu. Ao luar, avançam com um grande precipício do seu lado esquerdo e a estrela Polar à sua frente, até uma avenida ladeada por tílias se destacar do meio da neve, ao fim de uma hora ou mais. Os cavalos abrem caminho com esforço pela neve até chegarem à zona sob as árvores, onde o piso é mais sólido. Ao fundo da avenida há edifícios escuros e silenciosos. A grande casa destaca-se do outro lado de um pátio com uma fonte pousada numa cama de gelo. Winge puxa as rédeas e faz o cavalo abrandar até parar.

— Parece-lhe familiar?

Mickel Cardell, desconfortável na sela e secretamente grato por não terem conseguido alugar cavalos mais velozes, balança uma perna sobre o dorso do animal, desce da sela e fica, por momentos, com a bota presa no estribo estreito.

— Da carta do Blix? Sim. O pobre coitado descreveu detalhadamente este lugar. Mas não parece estar aqui ninguém há muito tempo. O lugar está silencioso como um túmulo, não há fumo a sair das chaminés, vejo pelo menos uma dezena de janelas partidas, e não há luzes ou pegadas à vista.

— Não obstante, estamos aqui. Não vamos voltar para trás sem

termos a certeza. A casa é grande. Temos muito terreno para investigar.

A porta está entreaberta. A neve entrou para dentro da casa e travou a porta de ambos os lados. Os dois homens têm de usar todo o peso dos seus corpos para a abrirem e conseguirem entrar. O átrio é grande e está vazio. Winge fica em silêncio por um instante, à escuta.

— É difícil imaginar uma presença humana aqui. Vamos começar pelo piso inferior. Eu sigo o corredor do lado esquerdo, o Jean Michael o da direita, e depois subimos. Voltamos a encontrar-nos junto às escadas antes de passarmos ao próximo piso. A avaliar pela localização das chaminés, vai encontrar a cozinha. Veja se consegue achar algumas candeias ou algo que nos possa iluminar o caminho.

Uma porta leva Cardell à primeira sala do lado direito. É uma sala de recepção, onde os anfitriões costumavam receber os seus convidados. A neve, e antes dela a chuva e a humidade, escorreu pela parede e acumulou-se no pavimento, fazendo as tábuas de madeira inchar tanto que formam arcos. A luz fraca do luar confere a tudo o mesmo tom de cinzento. As tapeçarias penduradas em volta das janelas, os móveis cobertos de buracos onde as ratazanas e os ratos construíram os seus ninhos, os quadros cujas telas estão curvadas do vento e do tempo. Mais para o interior do edifício está escuro como um túmulo. Tacteia ao longo das paredes e sente as lombadas dos livros nas estantes. Para sua alegria, encontra também um castiçal de metal, tão frio que por um momento se lhe cola à palma da mão. A cera está dura e congelada, e as várias tentativas de Cardell de acender a vela iluminam as estantes por momentos. Por fim, a vela acende-se. Forma-se uma pequena chama.

Põe o braço em frente à chama para a proteger da corrente de ar e avança pela casa. Tudo está mergulhado em silêncio, frio, morto.

O gelo alastrou pelas paredes. O tecto deve ter tantas fugas como uma peneira. Para lá de uma despensa vazia e de uma espécie de armazém surge uma escada que conduz ao piso superior e a uma cave abaixo deste. Fica parado ali no meio por um momento, confuso, até que encolhe os ombros e decide investigar a cave. A luz faz aparecer barris e prateleiras do meio das sombras, e, para sua alegria, Cardell vê que estão repletas de garrafas. Muitas estão congeladas, mas mais para o fundo da cave o frio ainda não penetrou, e há ali garrafas que sobreviveram. Cardell escolhe uma, parte o gargalo e leva o vidro aos lábios, com cuidado para não se cortar. É vinho Tokaji! Com um suspiro de satisfação, vira as costas à cave e dirige-se para a escada.

Ouve um som vindo do piso de cima. Um passo sobre uma tábua rangente ou um móvel a ser arrastado. Cardell percebe que se distraiu com a vela e com o vinho e que perdeu a noção do tempo. Winge deve ter-se cansado de esperar junto da escada depois de ter investigado a sua secção e terá decidido encontrar-se com ele no piso de cima. Bebe mais alguns goles e sobe. As janelas da escadaria deixam entrar a luz da lua e, juntamente com o vinho, ajudam a melhorar o seu humor em relação àquela busca sem sentido. A vela que carrega afectou-lhe a capacidade de ver no escuro.

— Não se mexa.

Não é a voz de Cecil Winge. É grave e monocórdica, mas com algo mais, uma espécie de dificuldade em proferir palavras, talvez por causa do frio.

— Apague a vela e vire-se.

Cardell obedece. Na escuridão súbita é difícil perceber quem está a falar. A figura destaca-se contra uma janela, atrás da qual o mundo está dividido entre um céu escuro e campos cobertos de neve.

— Talvez não tenha visto o que tenho na mão. É uma carabina, com o cano apontado à sua barriga.

Cardell semicerra os olhos para ver melhor. O homem tem uma estatura média, com um casaco gasto de pele de lobo por cima dos ombros. Por baixo dele, as roupas têm as mesmas cores que o resto da casa. O que em tempos foi belo está agora degradado. As calças curtas estão desbotadas, faltam-lhes botões, e as costuras estão esgaçadas. O rosto do homem está enrugado e parece mais velho do que provavelmente é.

— Agora já o vejo. Também tivemos armas dessas na marinha. É uma bela arma que aí tem, mas vejo que não é nova.

— Não se deixe iludir pela aparência de Fågelsång. O estado da casa não corresponde ao estado desta arma. Serviu muito bem o meu pai de Narva a Fraustadt e nunca falhou. Veio aqui para roubar vinho? Está sozinho?

Cardell sente a pulsação ecoar-lhe nos ouvidos. Está habituado àquelas mentiras e não hesita nem por um segundo.

— Sim. Vim na esperança fútil de encontrar algo que me ajude a sobreviver ao Inverno. Há muito tempo que perdi os meus amigos.

O homem assente.

— Pela roupa que usa, suponho que pertence à guarda. O que faz aqui, tão longe da cidade?

— Deixei o meu posto e tento sobreviver o melhor que posso, agora que troquei todo o meu salário por bebida. Disseram-me que esta casa estava vazia e que ninguém daria pela falta do álcool que daqui desaparecesse.

— Caminhe à minha frente e desça a escada pelo mesmo caminho por onde veio. Não precisa de olhar para trás. Estou aqui, atrás de si e com a carabina apontada às suas costas. Há um pequeno edifício aqui perto, junto a um dos campos. É para lá que vamos.

Cardell lança um olhar pensativo ao homem.

— Vejo que a sua carabina tem uma pederneira. Na marinha disseram-me que a pólvora não ateava pelo menos uma em cinco vezes.

O homem mantém-se imóvel por momentos e depois a sua voz monocórdica volta a falar.

— Há um monte de estrume perto do local para onde nos dirigimos. Tem sido alimentado ao longo de gerações com impurezas de animais e de pessoas. Nem o frio do Inverno consegue diminuir o calor produzido pela decomposição. Borbulha e fumega a partir do centro. Vivem ali larvas mais antigas do que as raízes das tílias. Eu estava preparado para esta visita. É nesse monte que guardo as minhas balas. Todos os dias vou lá com a carabina e troco a bala que tenho na arma por uma desse monte. A sua morte por febre e doença é garantida assim que a bala lhe romper a pele. A ferida irá começar a doer, depois será o ardor, e a morte só o libertará depois de uma agonia infernal. A minha carabina nunca falhou. Talvez o destino queira que isso aconteça hoje pela primeira vez. A escolha de correr o risco é sua.

Cardell pondera a situação por um momento e depois encolhe os ombros, vira-se e começa a descer as escadas.

Caminham pelo meio da neve. As estrelas e a Lua iluminam-lhes o caminho em direcção ao edifício periférico, o primeiro de um pequeno conjunto de construções. A porta está trancada com uma barra pesada.

— Levante a tranca e entre.

Cardell tem dificuldade em agarrá-la com uma só mão, mas apoia o ombro por baixo da tranca e levanta-a. A porta abre-se. Cardell sente um cheiro nauseabundo, tão forte que tem de cobrir o nariz com o casaco.

— Diabos.

— Como se chama, ex-guarda?

— Mickel Cardell.

— Então, Mickel Cardell. Tenho uma proposta para si. Quero que pense bem antes de me responder. Gostava de lhe poder oferecer algo melhor, mas tenho de ficar aqui mais um pouco enquanto

espero por outro convidado, e não quero correr o risco de deixar que os dois se cruzem.

Algures dentro do edifício, Cardell sente um movimento. Algo grande desperta ali dentro e aproxima-se. Uma corrente tilinta quando é esticada até ao limite. Vê o cão, impossivelmente grande, com os seus olhos brilhantes como brasas acesas e a saliva a escorrer-lhe dos cantos da boca.

— Este é o *Magnus*, Mickel Cardell. De certa forma, vai tornar-se o seu túmulo quando comer os seus restos mortais. É um homem grande. Preferia não ter de arrastar o seu corpo até ele, portanto, a minha proposta é a seguinte: avance até à parede e aproxime-se do *Magnus* o máximo que puder sem ele conseguir apanhá-lo. Quero que se ajoelhe aí. Vou dar-lhe um tiro no pescoço, mesmo junto à nuca, para cair para a frente e ficar ao alcance dele. Vai ser uma morte limpa, rápida e suave, e nenhum de nós tem de ficar manchado pelo seu sangue. Se, em vez disso, optar por uma acção desesperada, vou dar-lhe um tiro na barriga e deixá-lo onde cair, entregue ao frio, à dor e à febre. O *Magnus* é suficientemente grande para manter este edifício quente. Se o tiro não for fatal, o frio também não irá pôr fim ao seu sofrimento esta noite. E talvez também não durante o dia de amanhã.

Os cabelos da nuca de Cardell arrepiam-se. Não sabe o que responder. As imagens piscam-lhe diante dos olhos. Pontos luminosos formam uma imagem na escuridão atrás do cão. Asas negras num abismo. A morte aproxima-se, o mesmo ser que o obrigou a largar os dedos que o puxavam para as profundezas nas águas de Svensksund. Com as pernas trémulas, põe um pé diante do outro e depois ajoelha-se junto à parede de madeira, onde cada buraco se transforma nos olhos da morte.

— Um pouco mais perto, se não se importa. Tanto o pêlo do *Magnus* como o que me cobre já viram melhores dias, mas isso não é motivo para os sujar desnecessariamente.

Avança um pouco mais, de joelhos. A boca de *Magnus* a escorrer

saliva e os seus olhos de predador estão muito próximos, com um hálito que tresanda a carne pútrida e a sangue.

Por trás do ombro de Cardell ouve-se um movimento, o som de gelo a ser sacudido de roupas. Quando vira a cabeça, vê a figura de Cecil Winge em frente à porta aberta, e até o homem do casaco de peles se vira para olhar para a visita inesperada.

É então que a arma emite um estrondo. O líquido vermelho espalha-se por toda a sala.

Cardell tem a impressão de que o tiro ecoa pela paisagem e de que o silêncio que se segue dura uma eternidade enquanto o fumo emana da arma e sobe em direcção às vigas. Está morto, sabe que está, e percebe que o motivo por que não sente nada é o facto de estar fora do alcance da dor, num lugar por que anseia desde que a âncora do *Ingeborg* o manteve preso ao seu lugar e à vida. Ao longo da perna sente o líquido que deve estar a escorrer-lhe do fundo das costas, onde foi atingido. A sua visão ensombra-se, e a última coisa que vê são os dois homens ali parados, um calado e imóvel, o outro a encostar a carabina fumegante à parede enquanto fala com uma voz que soa cada vez mais fraca aos ouvidos de Cardell.

— O senhor é o Cecil Winge. Estava à sua espera. Chamo-me Johannes Balk. Sou o responsável pelo destino do Daniel Devall. Veio para me levar para Estocolmo. Vamos então. Não temos mais nada a fazer aqui.

8.

O Sol parece mais distante do que nunca quando se ergue e segue um percurso tão curto que o faz parecer um pequeno pedaço de carvão incandescente a rodopiar junto ao horizonte. A luz pálida ilumina Cecil Winge e Johannes Balk no lugar onde estão sentados, no trenó. À luz da manhã, Winge tem pela primeira vez a oportunidade de observar o homem que está sentado à sua frente, imóvel. É difícil determinar a sua idade. Jovem mas envelhecido antes do tempo ou velho mas com uma aparência jovial.

Recorda-se das palavras de Kristofer Blix e sente-se obrigado a concordar: há um vazio obscuro dentro daquele homem.

A próxima inspiração de Winge faz-lhe doer o peito. As suas cogitações são interrompidas por um ataque de tosse súbito. Inclina-se para o lado do trenó, cobrindo a boca com um lenço, e cospe uma mancha vermelha.

— Como está a sua saúde, Sr. Winge?

A voz de Johannes é monocórdica. É como se nunca tivesse aprendido a melodia da fala e por isso tivesse optado por manter aquele tom fixo e constante. O tom faz Winge lembrar-se dos seus anos de juventude à secretária, onde ele os seus colegas aprenderam a ler em voz alta em línguas que não dominavam e cujo conteúdo não entendiam. Às vezes, parece que a língua do homem não consegue formar os sons certos, obrigando-o a parar e escolher outra palavra.

— Porque está a ser tão atencioso?

Johannes Balk olha para Cecil Winge. Os olhares de ambos cruzam-se pela primeira vez. As pupilas de Balk são tão grandes e negras que não é possível perceber a cor das íris.

— Porque não haveria de me preocupar com os outros, Sr. Winge?

— Porque é um monstro, Johannes.

Balk deixa o silêncio alastrar entre ambos sem desviar o olhar. Assente, e Winge sente os braços e tronco arrepiarem-se.

— O mundo fez-me assim. Se o que diz é verdade, o que havemos de pensar do mundo? Mas talvez a minha razão para me preocupar com a sua saúde esteja para além da piedade. Tudo a seu tempo.

— Já me conhecia, Johannes?

— Tive conhecimento do seu nome através do *Extra Posten*, quando saiu a notícia do corpo encontrado no Fatburen, e depois fiz a minha pesquisa. Informei-me acerca da sua carreira como advogado, e o que li despertou o meu interesse. Sempre se manteve fiel aos seus ideais. Nunca deixou de interrogar os acusados e sempre os deixou defenderem-se diante do tribunal, onde todos podiam ouvi-los. Depois de tudo o que aconteceu e de tudo o que sabe acerca de mim, pergunto-lhe, Sr. Winge, se ainda acha que até um monstro como eu tem esse direito?

— Todos são iguais perante a lei. Esse direito é seu, independentemente dos crimes que tenha cometido.

— Deixa-me contar-lhe a minha história primeiro, ao meu ritmo? Não vou ocultar-lhe nada. Pode fazer as perguntas que quiser. Responderei o melhor que souber. Acha que é possível, Sr. Winge? Não sei quanto tempo ainda tem para me dedicar.

— Isso também não sei. Como é óbvio.

— Comecemos por um prólogo, se me permite.

Johannes Balk fecha os olhos e inspira profundamente. Quando o ar lhe chega aos pulmões, duas nuvens de vapor saem-lhe das narinas. Começa.

— Na minha família existe a tradição de baptizar o filho mais velho com o nome do rei Gustav II. A guerra do rei Gustav Adolf trouxe riqueza aos Balk como a tantos outros. Há cento e cinquenta anos, deixámos as terras dos reinos alemães em ruínas enquanto mantínhamos a força do leão nórdico. Banhámo-nos em sangue e honra, fomos feitos condes, os fundos dos nossos cofres rebentavam sob o peso do ouro pilhado. Construímos Fågelsång nas nossas antigas terras, cortámos as árvores e cultivámos os campos. O meu pai foi o último de uma longa linhagem de homens chamados Gustav Adolf Balk, pais e filhos.

— Lembro-me do seu pai da minha infância. Pertenceu ao conselho quando o rei Gustav lhe deu essa honra. Foi um grande homem.

Johannes Balk fita novamente os olhos de Winge, e a sua expressão é inescrutável.

— Diz-se que os grandes homens se fazem à custa das dificuldades que superam. Ninguém pode negar que o meu pai enfrentou muitas. Houve cinco gerações de Balks entre ele e os campos de batalha onde os nossos antepassados conquistaram fortuna e honra. Cada um deles esvaziou os cofres e não devolveu um tostão. O meu pai só herdou dívidas. Aprendeu que a nobreza vale de muito pouco sem dinheiro, mas decidiu restaurar o nome da casa de Balk. Ficou solteiro durante muito tempo. Nunca fomos uma família de gente bonita, mas o meu pai herdou todos os piores traços. Tinha olhos esbugalhados, um nariz de batata, um peito encovado, magro e alto, têmporas afundadas e cabelo escasso e fino. Teve de procurar muito até encontrar uma esposa. Foi um casamento de conveniência. Não muito longe de Fågelsång existem domínios mais vastos, que antes do meu nascimento pertenciam à casa de Vide. Os Vide estavam em fim de vida. Lukas Vide, o patriarca, só tinha uma filha, e ele e a mulher já eram demasiado velhos para produzir mais herdeiros. Não tinham outros familiares. O que tinham era uma fortuna bem preservada. Tudo o que os Balk

haviam gastado os nossos vizinhos tinham poupado. Certa noite, o meu pai visitou Lukas Vide para lhe pedir a mão da filha em casamento. Foi um encontro intempestivo.

— Porquê?

— A filha chamava-se Maria Vide, Sr. Winge. O povo das redondezas chamava-lhe virgem Maria. Não era boa. Mais de três décadas antes viera ao mundo com os pés voltados para a frente. O parto foi complicado. Um médico salvou-lhe a vida, mas ficou com deformidades. Precisava de ajuda para comer e nunca saía da cama. Passava os dias a olhar para coisas que mais ninguém via. Se havia algo mais por trás daquele olhar distante, nunca o revelou a ninguém. Quando o meu pai lhe pediu a mão da filha em casamento, Lukas Vide nem pôde acreditar no que estava a ouvir. Ficou furioso e expulsou o convidado de sua casa. Gustav Adolf insistiu, explicando racionalmente a sua proposta. Através do casamento, uma simples formalidade, podia herdar os bens dos Vide e comprometia-se a geri-los como eles sempre haviam feito, nem que fosse por apenas uma geração, o suficiente para oferecer sustento a todos os que os Vide empregavam. Desta forma, a propriedade não seria tomada pelo rei e vendida a estranhos para comprar jóias e plumas para os cortesãos. Gustav Adolf também jurou cuidar de Maria tão bem como os pais haviam feito até então, agora que as suas vidas estavam a chegar ao fim. Por fim, Lukas Vide resignou-se à lógica do meu pai. Apertaram as mãos, e a virgem Maria foi levada à igreja sem mexer um dedo. Só os mais próximos estiveram presentes. O dote foi grandioso, com a promessa de ser duplicado mal Lukas Vide morresse. E foi assim que Gustav Adolf Balk salvou a sua herança ancestral. Mandou pintar o retrato da minha mãe, não como ela era, mas como deveria ter sido, num cenário pastoral com Fågelsång em fundo. Uma verdadeira farsa.

Johannes Balk faz uma pausa. As palavras saem com mais facilidade quanto mais fala, e a gaguez com que se debate

ocasionalmente torna-se menos pronunciada.

— Como pode imaginar, foi um escândalo quando as cobertas da cama já não puderam esconder a barriga da virgem Maria. Segundo o acordo feito com Lukas Vide, o casamento nunca deveria ser consumado. Tiveram então de mandar chamar parteiras e médicos de Sala para fazerem o parto. E foi assim que eu vim ao mundo, como a prova de que Gustav Adolf Balk invadira o quarto da esposa moribunda e violara o seu corpo imóvel. Diz-se que Lukas Vide teve um ataque cardíaco quando recebeu a notícia. Gustav Adolf visitou o leito de morte do sogro e, com as suas falinhas mansas, convenceu-o de que as suas heranças comuns tinham agora forma de continuar na família para o futuro e de que o que acontecera era uma boa notícia. Vide quase desejou que o neto morresse. Viveu alguns anos fechado na desconfiança. Os dois nunca mais se falaram. Depois da sua morte, as propriedades dos Vide foram incorporadas nas nossas, tornaram-se parte de Fågelsång. Tudo o que Gustav Adolf planeara tornara-se realidade. Graças a ele, nasci e tive uma vida de abundância.

Por baixo do trenó, os patins deslizam no gelo, sob o esforço dos cavalos e a insistência do cocheiro, um sussurro persistente, monocórdico como a voz de Balk. A luz torna-se progressivamente mais fraca, e o céu muda de tom, de amarelo-claro para vermelho-escuro.

— Para criar um monstro, Sr. Winge, é preciso ensiná-lo a odiar desde cedo. O meu pai batia-me com frequência. Sendo o homem grande que era, exercia o seu poder sobre todos os que o rodeavam, incluindo o próprio filho. Quando cresci, percebi a diferença entre as diversas situações. Às vezes fazia-o em seu benefício, para dar vazão ao mau humor causado por uma adversidade qualquer. Mas também me batia quando estava de bom humor. Percebi que lhe deviam ter ensinado que era assim que se criava um filho obediente e robusto. Devia ter memórias de uma infância em que não o deixavam sentar-se numa cadeira sem

derramar lágrimas e, de alguma forma, devia atribuir o seu sucesso à educação que recebera. Frequentemente, testava-me com perguntas. Eu, com medo de responder mal, gaguejava, o que o deixava ainda mais furioso e me tornava ainda mais inseguro. Como pode reparar, nunca me livrei dessa falha. Um monstro, criado por um monstro. Consola-me o facto de não ter trazido filhos ao mundo. Nesta longa linhagem, que certamente remonta ao início dos tempos, tornei-me o último. Nem que seja apenas um parênteses no meu epitáfio, isso deve ser visto como um gesto benevolente.

Balk faz uma breve pausa enquanto assente para si mesmo.

— Ele também me fez outras coisas, o meu pai, à noite, quando bebia e o silêncio o fazia ansiar pelo choro de uma criança.

Winge não consegue perceber se algo se altera na expressão de Balk ou se são apenas as sombras das árvores à beira da estrada que dançam sobre o seu rosto.

— Comecei a vingar-me, como é típico das crianças, em todos os mais fracos que não tinham forma de se defender de mim. Sapos que saltavam no lago. Cães e galinhas. Aprenderam a temer a minha fúria como eu aprendera a temer a do meu pai.

O Sol está prestes a desaparecer. Winge sente o ar arrefecer. Ainda terão de enfrentar mais uma noite de Inverno. Em Estocolmo, que se aproxima a cada minuto que passa, Dieter Schwalbe e os seus colegas ainda vão ter de esperar até poderem abrir o chão gelado e enterrar os mortos.

Ao lado do cocheiro viaja Mickel Cardell, que não consegue ouvi-los e que tem os braços cruzados em volta do tronco para conservar o calor. No trenó, Winge desvia o seu olhar pensativo das costas do amigo e foca-se novamente em Balk.

— De todos os que podia ter alvejado com a sua carabina, o cão parecia-me o menos provável.

Balk não revela qualquer emoção quando responde.

— O *Magnus* fez o seu trabalho. É melhor ter uma morte rápida a perecer à fome em cima das próprias fezes quando eu não tiver

mais nada para lhe dar. O guarda seu amigo disse-me que fora ali sozinho para roubar: se não me tivesse mentido, tudo isto se poderia ter evitado.

Balk sacode os flocos de neve dos ombros e ajeita as peles que lhe cobrem as pernas.

— A viagem ainda vai durar mais um pouco. Deixe-me contar-lhe realmente o que aconteceu.

9.

O rapaz cresce tão solitário que a palavra perde o sentido. Ainda existem pessoas à sua volta, mas ele é diferente, o último de uma longa linhagem de nobres e, com o pai a viajar frequentemente para Estocolmo, o único da sua espécie que ali vive. Distinto. Quando segue o som de risos até ao quarto onde os filhos dos criados brincam uns com os outros, estes calam-se. Depara-se com os seus olhos baixos, e eles apressam-se a realizar uma tarefa qualquer noutro lugar, enquanto os pais murmuram as suas desculpas. Sente o ódio silencioso das crianças, mesmo que não o demonstrem. Habitua-se às salas vazias.

Uma longa lista de preceptores ensina-lhe tudo o que precisa de saber para o futuro que desconhece, mas a educação nunca é dada com dedicação. Castigam-no como o pai fazia, seguindo as suas instruções quanto aos efeitos benéficos das punições.

Fågelsång é um lugar sombrio. Ninguém fica com ele mais do que alguns anos. Ninguém o vê como mais do que um mal necessário, que tem de ser suportado para ganhar dinheiro e viajar para outro lugar. Com o tempo, o rapaz acaba por esvaziar o lago de sapos, e os animais pequenos aprendem a temer o som dos seus passos.

Aos poucos, começa a descobrir a história da mãe. Fågelsång não é suficientemente grande para guardar um segredo para sempre. Há um piso onde não pode ir e uma porta que não pode abrir, para onde costumam ser levadas tigelas que regressam

vazias. É ali que a mantêm, tão morta para o mundo como no dia em que o seu pai a levou para aquela casa. Começa a investigar. Num prego que encontra dentro de um armário há um molho de chaves, enferrujado e esquecido, coberto de teias de aranha. À noite, experimenta as chaves uma a uma, untadas com sebo, e assusta-se com os sons de protesto da fechadura. Ao fim de muitas tentativas, encontra a chave certa.

Ela jaz completamente imóvel sob uma coberta branca. Atravessa lentamente o quarto para não fazer as tábuas rangerem e, quando se aproxima, vê o seu rosto pela primeira vez. Parece-se com o seu. Pousa uma mão na coberta e sente o calor do seu corpo sem que ela manifeste qualquer reacção. O seu olhar é vazio, mesmo quando ele se encontra à sua frente. Deita-se ao seu lado, enrosca-se no seu corpo e sente-se reconfortado pela sua proximidade. Começa a ir lá todas as noites.

Aos poucos, ela começa a mudar. Em vez de se manter imóvel como se ele não estivesse ali, começa a mexer-se. Quando ele a olha nos olhos, sente que há ali um certo reconhecimento. Levanta a mão para o rosto dele e a cada noite aproxima-se mais. Em breve, o seu rosto conhecerá o toque da mão da mãe e, sempre que alisa as cobertas antes de a deixar, pensa que será no dia seguinte.

Demora semanas a acontecer. Quando por fim ela consegue, a mão torce-se como uma garra, e as suas longas unhas arranham o rosto que exibe as feições do pai tão claramente como os traços dela, enquanto solta um grunhido abafado. A chorar, em choque e com medo, sai a correr do quarto. Os arranhões são profundos. Tem de mentir quando explica a sua origem.

Só lá volta no dia em que ouve as tábuas do chão rangerem durante a noite e percebe que ela se levantou da cama, como se o seu encontro tivesse despertado algo dentro de si, algo que estava adormecido. Primeiro, espreita pelo buraco da fechadura. Quando, por fim, arranja coragem para rodar novamente a chave, nota que

ela não se dá conta da sua presença desde que mantenha a distância. Passa as noites sentado no chão, encostado à parede. Deixa-a quando o Sol nasce, meia hora antes de os criados, um casal idoso que a acompanha desde a infância, a levarem novamente para a cama e a cobrirem. Quando a meia-noite chega, ela tem de recomeçar.

Demora cerca de um ano a aprender a andar suficientemente bem para conseguir chegar à janela antes do nascer do Sol. E cumpre o mesmo ritual todas as noites. Aos poucos, começa a estender as mãos para as melgas que voam contra o vidro da janela, em busca de uma liberdade que conseguem ver mas não podem alcançar.

A sua lentidão e paciência tornam-na uma caçadora formidável. Apanha-as uma a uma, com a mão em concha, e prende os pequenos corpos entre o polegar e o indicador. Depois aproxima-as do rosto. De seguida, arranca-lhes as asas e as patas, com paciência e cuidado para não destruir a vida que ainda se agita dentro do seu corpinho oblongo. O rapaz vê os lábios dela moverem-se e percebe que está a sussurrar-lhes enquanto as mutila. Tem de se aproximar mais para ouvir o nome do pai. É a única vingança que lhe resta. O rapaz sente-se tomado por emoções confusas. Na noite seguinte, não regressa, deixa-a fazer o que tem a fazer.

O frio e a febre roubam a vida da mãe nesse Inverno. No parapeito da janela jazem os corpos mutilados das melgas, todos enfileirados. A última ainda se mexe, dias depois de Maria Vide ter sido enterrada. O rapaz não chora a sua morte.

Quando o gelo começa a derreter, na Primavera, Gustav Adolf Balk escorrega numa pedra da calçada em Estocolmo e parte o fémur. O próprio médico do rei trata o ferimento e endireita-lhe a perna, mas toda a gente sabe que o ar da Primavera traz consigo doenças. A ferida não é grande, mas infecta. O pai fica de cama

enquanto a podridão se instala e os dedos dos pés ficam vermelhos, depois pálidos e por fim pretos. Em Março, o rapaz é chamado à cidade pela primeira vez, para visitar o leito de morte do pai. Gustav Adolf está demasiado doente para ser mudado de sítio. A dor na perna que já não é possível amputar do corpo é demasiado grande para tolerar o transporte, e o mal começou a alastrar até ao abdómen pelas veias enegrecidas.

Com um gesto brusco, o rapaz é levado para o quarto, onde cestos de *pot-pourri* já não conseguem disfarçar o odor da decomposição. Puseram uma cadeira ao lado da cama do pai para ele se sentar. Aí permanece durante muito tempo em silêncio devoto, diante da pilha de cobertores e mantas que estremece a cada respiração. O rosto do pai está pálido e suado, e o seu olhar tem uma expressão ansiosa e confusa. Frequentemente, deixam-no ali sozinho quando o padre tem de sair para cumprir outras tarefas. Demora muito tempo a ganhar coragem para se levantar e pegar na mão do pai. Não resta nela qualquer força. Pode abaná-la para um lado e para o outro sem que o pai consiga fazer mais do que soltar pequenos gemidos. Levanta a coberta para destapar o rosto de Gustav Adolf Balk, grande, corado e assustado, e pousa a sua pequena mão branca sobre a boca do pai, apertando-lhe as narinas com a outra. Surpreende-se com a facilidade com que consegue impedir o ar de entrar. Dentes impotentes tentam cravar-se-lhe na mão de um ângulo impossível. O corpo de Gustav Adolf estremece debaixo das cobertas, fica azul, os olhos parecem prestes a sair das órbitas. O rapaz repete a acção várias vezes, mas não tem coragem de manter ali a mão durante o tempo suficiente, acabando por a levantar e deixar o pai inalar uma longa golfada de ar. Gustav Adolf Balk morre sozinho nessa noite. A criada de quarto que pousa um braço solidário sobre os ombros do rapaz interpreta erradamente o riso dele como choro e limpa-lhe as lágrimas de alegria com um lenço.

O conselho enterra-o sob uma laje na igreja da cidade natal dos Balk, onde o seu brasão adorna as paredes e ocupa um lugar de destaque em frente ao coro, não muito longe de Fågelsång. Certa noite, no início do Verão, o rapaz fica acordado até toda a gente da casa adormecer, atravessa o pátio vazio e caminha pela estrada ladeada de tílias. Se a escuridão do seu quarto é tenebrosa e assustadora, esta é de outra natureza, uma escuridão que lhe transmite calma e protecção.

Acaba por chegar à igreja e encontra a porta destrancada, para benefício dos pecadores nocturnos, mas o interior está vazio e silencioso. Curva-se para o chão da igreja até conseguir tocar o nome do pai. Desaperta os botões e baixa as calças. Depois agacha-se. Na manhã seguinte, o chefe do coro encontra o pequeno monte de fezes rodeado de moscas e a porcaria espalhada por cima das letras que compõem o nome Gustav Adolf Balk. Limpa-o e vive o resto dos seus dias convencido de que a origem foi alguém que passou pela sua aldeia pacata, provavelmente rumo a tarefas mais urgentes na grande cidade, a sul.

Para o rapaz, a sensação de triunfo não dura muito. Dorme mal, todas as noites atormentado por pesadelos em que os passos do pai se aproximam pelo corredor, do lado de fora do quarto. Com o tempo, também começa a sentir algo que nunca imaginou. Que existem coisas piores do que ser espancado e que a solidão é uma delas.

10.

É segunda-feira à tarde. Mickel Cardell põe as mãos em concha em volta da caneca de porcelana branca para se aquecer. Encontra-se com Winge pela primeira vez desde que desceu do trenó que os trouxe de Fågelsång à praça Norrmalmstorg e cambaleou até casa pela ponte para se lavar e tentar dormir depois de tantas horas acordado, mas a segunda parte não se concretizou.

— Então? Ele contou-lhe alguma coisa durante o caminho?

Winge assente, pensativo.

— Algumas coisas. Agora está a dormir. Não sei ao certo onde vai ser o julgamento. Por precaução, mandei prendê-lo em Norrmalm, em Kastenhof, anónimo, por enquanto. Ainda não sabemos quando o Ullholm vai assumir o seu posto. Prefiro manter a coisa em segredo tanto quanto possível, até ter terminado o meu interrogatório e podermos dar início ao processo. O comandante conhece-me há muito tempo. Posso entrar e sair sem ser notado.

Várias horas decorreram desde que regressaram à cidade. Separaram-se depois de passarem a alfândega. Cardell ainda sente o vento cortar-lhe o rosto.

— Não pense que não estou grato por me ter salvado de levar um tiro na barriga e ser dado a comer a um cão, mas não compreendo porque se rendeu tão facilmente? Depois de tudo o que passámos, parece quase embaraçoso.

— Espero obter a resposta a essa pergunta e a muitas outras.

— O que vai fazer agora?

— Vou a Kastenhof falar com o Balk. Voltamos a encontrar-nos amanhã à mesma hora.

Cardell esvazia a caneca com uma careta de desagrado. Ouviu dizer que o café afasta o cansaço do corpo quando é preciso manter-se acordado e decidiu suportar o seu sabor na esperança de que seja verdade. Abre caminho até à praça por entre a multidão de apreciadores de café. Não é frequente Estocolmo fazê-lo sentir outra coisa que não desconforto, mas, para variar, a cidade é uma visão alegre. Nas memórias de Fågelsång existe uma morte de um tipo que nunca imaginou, uma morte que lhe estava reservada a ele, em especial, e que contrasta fortemente com o caos da guerra que atingia todos. Não consegue dormir, agora mais do que nunca, e sente-se feliz pelo peso junto ao seu corpo, que lhe serve de distracção. É a bolsa que tirou a Carsten Vikare. Não contou todas as moedas, mas, a avaliar pelo peso, contém tudo o que foi roubado a Kristofer Blix, com juros. Cardell nunca se separaria voluntariamente de uma fortuna daquelas, menos ainda em consciência. Sempre achou que os tesouros são de quem os encontra. Mas não desta vez. Este dinheiro não é seu.

O ar frio fere-lhe a garganta e o nariz. Cada nova lufada é uma lembrança da vida que há pouco pensou estar prestes a perder. Tem uma missão, e, a cada passo que dá sobre a neve, sente aumentar a distância entre ele, *Magnus*, a carabina de Johannes Balk e Fågelsång. Balk é agora um problema de Winge, e os seus pensamentos voltam-se para as cartas de Kristofer Blix. Isak Blom disse-lhe que uma jovem as entregou à porta de Indebetouska, num embrulho endereçado a Cecil Winge, e Carsten Vikare, quando ainda não adivinhava o destino que se avizinhava, dissera-lhe que Blix deixara uma jovem viúva.

Cardell trocou as calças rígidas da urina seca pelo outro par que possui, as que pertencem ao uniforme que recebeu quando se alistou na guarda e que não costuma usar. Ninguém na escada tinha

água quente para partilhar com ele, portanto, teve de se contentar em limpar o corpo com a neve do pátio. Alguns miúdos de rua aproveitaram a sua fragilidade para o bombardearem com bolas de neve. As imprecações que gritou fizeram as janelas das casas em volta abanar. Ainda assim, sente-se grato pela distracção. Agora que começou a mexer-se, o calor voltou-lhe ao corpo, e o humor melhorou. Segue a rua Västerlånggatan e vira à direita em direcção à igreja Storkyrkan.

Na igreja está quase tanto frio como lá fora. O pároco ficou em casa com uma constipação, mas, com grande insistência, Cardell conseguiu persuadir um capelão a deixá-lo consultar os registos da igreja. Sim, há uma entrada em nome de Johan Kristofer Blix, um anúncio de casamento recente e uma cruz junto do nome a assinalar que morreu. Uma moeda na mão trémula do padre pode ajudá-lo a lembrar-se de mais detalhes.

O jovem casal mal havia celebrado o enlace quando o noivo faleceu num acidente. A noiva já estava grávida. O padre volta os olhos para o céu. Crianças nascidas tão pouco tempo depois do casamento de pais jovens são mais a regra que a excepção. Ele e os colegas têm pena da rapariga e corroboram a versão de que o casamento teve realmente lugar antes do falecimento de Blix. Assim, a criança não é rotulada como ilegítima, e a mãe recebe o estatuto de viúva, em vez de ser perseguida como prostituta. O padre assente para si mesmo. Sabe que quebraram o sacramento, mas não crê que o Senhor se ofenda com isso.

— E o nome da viúva?

— Lovisa Ulrika Blix, nascida Tulipan. O pai tem uma taberna chamada Markattan.

— Está muito bem informado, para padre.

O padre sorri e volta a olhar para os céus.

— Temos uma congregação muito sequiosa. Depois da missa da noite, o cálice está tão vazio que temos de procurar a comunhão noutros sítios.

O lugar fica a poucos passos de distância, na mesma direcção de onde veio. O Markattan é uma taberna simples, com mesas feitas de barris enfileirados. Um homem mais velho de olhos claros recebe-o e põe de lado os copos que esteve a limpar com um pano húmido.

— Perdoe-me, mas ainda não abrimos. Não tenho comida quente para lhe oferecer. Se quiser alguma coisa, terá de ser carne fria.

— Não tem importância. Não vim pela comida. Vim em busca de uma pessoa chamada Lovisa Ulrika. Ela está?

O taberneiro mira-o de cima abaixo com uma expressão inquisitiva.

— A Lovisa é a minha filha.

— E está em casa?

Karl Tulipan abana a cabeça.

— Infelizmente não. É uma rapariga muito trabalhadora, daquelas que já tinha perdido a esperança de ver na próxima geração. Lamento o tempo que o meu negócio lhe consome. Se não estiver no poço, deve estar no mercado. Se não quiser sentar-se, penso que o melhor será voltar noutra altura.

Cardell fica parado, confuso, a sacudir a neve imaginária das botas.

— Quer que lhe transmita algum recado?

Cardell hesita por um momento, enquanto sente o peso da bolsa na mão, por baixo do casaco.

— Não. É um assunto que tem de ser tratado pessoalmente. Prefiro voltar noutra altura.

— Certamente. Desejo-lhe mais sorte para a próxima.

11.

A Primavera foi quente, bem como o fim do Verão. Agora a neve já é densa, o Inverno frio, e os que dizem ser capazes de prever o tempo pelas dores nas articulações ou por qualquer outro sinal já disseram que vai ser o pior de que há memória. Anna Stina Knapp acredita. As noites já começaram a fazer vítimas entre os bêbedos e pobres que dormem ao relento, e o chão gelou de tal maneira que os que morrem de frio não poderão ser enterrados antes de o tempo aquecer. Rígidos como troncos, os cadáveres são empilhados num anexo do cemitério. Quando este estiver cheio, serão embrulhados e apinhados nas esquinas junto às casas. No caminho em direcção à praça de Packartorget, onde vai comprar peixe, Anna Stina viu o amontoado em frente à igreja de Sankt Jakob, onde mãos e pés congelados aparecem debaixo da neve. No cimo dessa pilha de corpos, alguém limpou o gelo de um rosto azulado, e os desavergonhados miúdos de rua puseram um cachimbo na boca do morto e assinaram a sua obra com desenhos feitos urinando sobre a neve.

Anna Stina responde actualmente pelo nome de Lovisa Tulipan. O trabalho no Markattan ou com ele relacionado consome-lhe todo o tempo. Os seus dias começam cedo, levanta-se assim que o Sol nasce. Veste-se rapidamente e vai ao encontro dos carregadores que esvaziam o contentor por baixo da casa de banho do Markattan para transportarem o conteúdo para a sua carroça. Foi uma das muitas responsabilidades que assumiu, quando percebeu que se

aproveitavam da indiferença do taberneiro e continuavam a fazer-se pagar sem cumprirem o seu dever. Vai buscar água ao poço da praça enquanto as bombas não congelam. Limpa os pratos e canecas esfregando-os na neve e de manhã e à noite lava o chão e esfrega-o se for preciso. O esforço físico alivia a culpa que sente quando olha para os olhos azuis-acinzentados de Karl Tulipan, um rosto cujas rugas se desvanecem sempre que olha para ela e sempre lhe pousa a mão na barriga, que continua a crescer. Sabe que já a vê como sua filha e que quer que ela o veja como seu pai.

À noite, Anna Stina já não é atormentada pelos sonhos do galo vermelho, mas o futuro também não lhe dá paz. Quando acorda, a cama está encharcada em suor, apesar de o quarto ser frio e ter correntes de ar. É como se a criança que carrega no ventre tivesse acendido uma chama dentro de si que a mantém quente. A barriga cresce mais a cada dia. Quando não consegue dormir, acende uma candeia e vê o seu rosto espelhado na janela contra a escuridão da rua. Também lhe parece que está a ficar mais redonda, tanto graças à comida da mesa do Karl das Flores como por causa da vida que cresce dentro de si. A rapariga esfomeada da fiação já não é reconhecível. Mas não basta. E a acção de Kristofer Blix, cujo nome usa agora, também não foi suficiente.

Estocolmo é assustadoramente pequena. Todos se amontoam nas mesmas ruas, nas mesmas salas. Quando Anna Stina sai do Markattan, põe um lenço a cobrir-lhe os cabelos louros e usa-o de modo a tapar-lhe a testa. Mantém-se sempre a norte de Slussen, longe das zonas onde Mudo e Fischer caçam pecadores, mas também existem guardas na cidade entre as pontes. Sempre que avista os seus casacos azuis e cintos brancos, o seu coração dá um salto.

Nos seus sonhos, repete-se a mesma cena: está a trabalhar na sala de refeições do Markattan e, quando sai, encontra o olhar dele, larga o que tem na mão e nem ouve o ruído que faz ao cair no solo. Petter Pettersson está ali, encostado a um barril, com um sorriso

escarninho nos lábios.

Faz uma vénia e chama o seu nome. Fica parada, incapaz de se mexer, enquanto ele encurta a distância que os separa e lhe pega na mão.

— A menina deve-me uma dança.

Os clientes do Markattan, que passou a encarar como amigos, sussurram e apontam. Tulipan começa a chorar ao perceber a fraude de que foi alvo. Petter Pettersson ata-lhe um pedaço de corda ao pulso, como um sinal de amor, leva-a para rua, para uma carruagem que ali aguarda para a levar de volta para o lugar onde pertence, a fiação e Långholmen, onde o Mestre Erik espera para a fazer dar voltas suficientes ao poço para destruir quem é, deixando no seu lugar apenas uma sombra humana. A criança que carrega perde-se. Numa tentativa de salvar a própria vida, o corpo liberta-se de tudo o que é superficial e expulsa a criança ainda não completamente formada como uma mancha nas pedras em volta do poço, uma mancha por que tem de passar todos os dias enquanto o terror e a loucura tomam conta dela.

Já é de tarde quando Anna Stina Knapp regressa ao Markattan com as coisas que comprou com o dinheiro do taberneiro. Algumas lebres acabadas de apanhar, lota pescada no gelo do lago Malar, pão. O Sol já há muito desceu abaixo do horizonte, e a neve sopra pelas ruas em remoinhos, enquanto as poucas pessoas que ainda estão lá fora correm ao longo das casas à procura de abrigo. Kalle Tulipan aqueceu vinho no fogão, há uma caneca pronta à espera de Anna Stina. Abraça-a e esfrega-lhe os ombros com as suas mãos grandes para a ajudar a aquecer.

— Esteve aqui um homem à tua procura hoje.

— E disse o que queria?

— Não. Disse que voltava noutro dia.

— Como era ele?

— Era um homem corpulento, com um rosto horrível. Parece-te

alguém que conheças?

Anna Stina abana a cabeça perante o olhar inquisitivo de Karl das Flores.

— Também usava um uniforme. Estava vestido de guarda.

A palavra é como uma chapada. Tem de lhe virar as costas para não mostrar o rubor que lhe sobe às faces.

Não está em segurança. Não possui nada. O seu novo nome e o mundo que agora é seu dependem da aceitação e da boa vontade dos outros. Os guardas vão regressar e sabem que o seu rosto é o de Anna Stina Knapp e não o de Lovisa Ulrika Blix. A mentira vai ser exposta, o pesadelo vai tornar-se realidade. A criança que em tempos esteve pronta a fazer tudo para eliminar é agora um fogo de amor que arde dentro de si. Se a apanharem novamente, estará condenada a morrer antes de inspirar pela primeira vez. Quando a noite chega, senta-se no seu quarto, olha para a sua imagem reflectida na janela e amaldiçoa as suas feições pálidas. Anna Stina passa o resto da noite com os braços cruzados sobre os ombros magros, a balançar para trás e para a frente num banco rangente, e pergunta-se como pode livrar-se do rosto que Maja Knapp lhe deu.

12.

Cecil Winge aperta mais o lenço em volta do pescoço para se proteger da neve. Deixa a cidade entre as pontes junto ao Kungliga Myntet e segue a estrada passando sobre as tábuas cobertas de gelo da ponte Vedgårdsbron. Atravessa Helgeandsholmen para sotavento, passando por baixo dos estábulos reais e da casa de Per Brahe, para depois continuar a avançar contra o vento sobre a ponte Slaktarehusbron. Do seu lado direito, das águas de Strömmen, erguem-se os pilares de pedra da ponte Norrbro, todos eles aprisionados no gelo. As extremidades não terminadas dos alicerces aguardam desesperadamente os arcos que as completarão.

O Norramalm, que hoje em dia é conhecido como Kastenhof, em homenagem ao taberneiro que geriu a cave há mais de um século, ergue-se, imponente, de um dos lados da praça Norrmalmstorget. Cinco degraus levam-no à entrada esculpida em arenito com o monograma real. O guarda da porta conhece Winge. Este cumprimenta o guarda pelo nome próprio e deixa-se guiar para o interior da prisão, um corredor com uma sucessão de portas, cada uma das quais a dar para uma cela individual, todas iluminadas por pequenas janelas. A cela tem poucos móveis. Uma cama que mal tem altura suficiente para esconder um penico. Uma cómoda. Uma cadeira.

Johannes Balk está sentado, imóvel, na penumbra. Olha para o vazio diante de si quando a chegada de Winge o desperta dos seus devaneios. Atrás deles, a porta é trancada, e o som das botas do

guarda desvanece-se à medida que se afasta. Winge cumprimenta-o com um aceno de cabeça.

— Bom dia. Tem tudo o que é preciso? Comida, mantas, tabaco?

— Não me falta nada. Nunca fumei. O peixe e a carne são suficientes. O frio já não me incomoda.

Algo em Balk faz Winge pensar numa aranha, imóvel e paciente na sua teia, passiva apenas na aparência. Há um prato vazio em cima da cómoda. A avaliar pelos restos, comeu papas e um pouco de lúcio. Balk esfrega os olhos enquanto Winge se senta na cadeira.

— Sabe, Sr. Winge, que sou vários anos mais novo que o senhor, apesar de provavelmente parecermos da mesma idade? Talvez a vida molde as nossas expressões com as experiências que vivemos e talvez tenha sido a minha infelicidade a envelhecer-me antes do tempo. Onde íamos? Ah, a meio do segundo acto. Estava a preparar-me para sair do país.

Uma fina camada de gelo formou-se à superfície da água que há no jarro ao lado da cama. Balk quebra-o com o dedo indicador antes de encher o copo. Pigarreia e bebe um gole. Faz uma breve pausa para se lembrar do ponto em que interrompeu a sua história e então recomeça.

Com o tempo, o rapaz transforma-se num jovem, mas sem pai nem mãe. Em muitos sentidos, está condenado a continuar a ser uma criança. Enquanto é menor de idade, Fågelsång é administrada por um grupo de cavalheiros de Estocolmo que ajudaram Gustav Adolf Balk com os seus negócios e que o jovem só conhece por cartas escritas num tom tão formal que tem dificuldade em perceber o conteúdo. A cada seis meses, um representante visita Fågelsång para inspeccionar a gestão da casa e para se certificar de que a educação do jovem está a ser administrada de acordo com a vontade do pai.

No seu décimo sétimo aniversário, recebe uma encomenda com uma mensagem inesperada: no testamento de Gustav Adolf Balk foi

criado um fundo especial para uma viagem educativa pelo continente. Inclui um itinerário, com as moradas dos banqueiros que foram notificados da sua chegada iminente e que estão preparados para pagar as suas despesas na moeda apropriada, em troca do pagamento acordado. A viagem é feita de navio, de Estocolmo a Reval, depois para sul, em direcção a Paris, e daí para Florença e Roma. Deixa Fågelsång pela segunda vez e vê os edifícios sombrios desaparecerem atrás de si, ao fundo da avenida ladeada por tílias.

*

É em Paris que se desvia do itinerário. Leu sobre a cidade, cenário de romances e aventuras, terra natal de pensadores e visionários. Sempre desejara vê-la com os seus próprios olhos e descobre que os poemas não lhe fizeram justiça. Há algo no ar. Em todos os cafés e tabernas se discutem as condições e direitos humanos. A escravatura é condenada por todos. Muitos vão ainda mais longe, comparando a submissão dos escravos com o povo francês, dominado pelo rei. Por baixo de todas as intenções nobres, identifica um sentimento com o qual está mais familiarizado do que qualquer outro: medo.

Como se tivesse um sexto sentido, sente-se rodeado pela sede de sangue e pela inflexibilidade que acompanham esses ideais e, quando o dia da partida chega, descobre que não quer deixar a cidade. Algo está a acontecer. O que quer que seja, quer vê-lo com os seus próprios olhos. Nos primeiros meses, passa todos os momentos em que está acordado nas ruas e praças da cidade. Ouve os discursos numa língua que estudou nos livros com a ajuda de vergastadas, mas rapidamente aprende a dominá-la melhor. Enviando um despacho para casa, consegue crédito nos bancos franceses para alugar um quarto no bairro latino.

Por toda a parte há vida e agitação. A cidade fervilha com a rebelião, incendiada pelas más colheitas do ano anterior. No início de Maio, a assembleia é convocada pela primeira vez em quase duzentos anos. É proclamada uma Assembleia Nacional, a Bastilha é tomada, e, no Verão de 89, Paris está sob o controlo do município e da recém-formada guarda revolucionária. No resto do país, os agricultores libertam-se do seu jugo. Os senhores feudais vêem-se obrigados a fugir ou a abdicar dos seus direitos ancestrais. Está no centro de tudo isto, um espectador passivo mas entusiasmado. Em Agosto, a Assembleia Nacional lê e adopta a sua declaração de direitos humanos. Os mensageiros lêem o texto nas praças e nos locais de reunião. Vê o próprio rei Luís falar ao povo da varanda do Palácio das Tulherias, já não um jovem, mas um homem muito imponente, ainda na flor da idade. O rei fala a favor da nova Constituição, a própria imagem do velho a aceitar o novo. Ao fim de alguns meses, a cidade parece ter estabilizado sob a nova ordem. Percebe a fragilidade desta e aguarda. Permanece lá todo o ano. E o ano seguinte.

Johannes Balk sabe que o ódio precisa do medo, da mesma forma que o fogo precisa de combustível. E sente o medo crescer à sua volta. Talvez seja isso, mais do que qualquer outra coisa, que faz Paris parecer-lhe a casa que Fågelsång nunca foi para ele. Ali, todos têm medo, a maioria sente ódio, e, entre eles, Johannes sente-se superior. Começam a familiarizar-se com as emoções que ele próprio sente desde que se lembra de existir. Apesar de o poder do povo aumentar às custas do rei, a agitação espalha-se nas fileiras revolucionárias. Muitos vêem inimigos em todas as sombras, tanto dentro dos muros da cidade como fora deles. O agitador Marat escreve panfletos incendiários em que defende medidas drásticas, a aniquilação dos odiados para benefício de todos. Fala-se de como os fins justificam os meios. Pela primeira vez na vida, o jovem sente que faz parte de um contexto que compreende, que está rodeado de pessoas como ele. Sabe que uma grande morte se aproxima, que

caminha invisível por entre a multidão, enquanto aguarda o seu momento. Espera com ânimo e expectativa para ver que forma assume.

Em Dezembro do ano de 91, é despertado por um barulho nas escadas. Homens em uniformes improvisados da Guarda Nacional, com as cores da nova bandeira, dão pontapés na sua porta. Foi denunciado. Por quem, nunca há-de saber. Alguém que procurava o favor dos jacobinos? Talvez o seu banqueiro, talvez o seu senhorio. Como aristocrata estrangeiro, é fácil ser alvo de desconfiança. Dizem que é um espião. É levado para Saint-Germain-des-Prés, perto do local onde reside, onde lhe dizem que vai ser revistado.

Nunca chega a ser interrogado. Põem-no numa cela na cave da prisão militar, nas profundezas do mosteiro beneditino. A cela não tem janelas ou qualquer tipo de luz. A princípio, espera pacientemente e prepara a sua defesa o melhor possível. Um guarda traz-lhe pão e água, ocasionalmente outras coisas, sem nunca mostrar o rosto. Uma tigela é enfiada por uma abertura na parte de baixo da porta. Ninguém responde aos seus apelos. Deixam-no ali abandonado e a sofrer. Talvez a hierarquia dos revolucionários se tenha alterado e a sua detenção tenha sido esquecida. A cela está completamente mergulhada na escuridão. Não consegue ver a própria mão à frente do rosto. Com o tempo, começa a não saber se tem os olhos abertos ou fechados, nem onde o seu corpo termina e a escuridão começa. Fica sentado na escuridão, imóvel, e deixa-se tomar pelo ódio.

Dá-se conta de que não está sozinho. Coisas que não estão lá começam a ganhar forma. O pai que julgava morto vem visitá-lo. Quando tacteia à procura de um monte de zimbro para dormir, a mãe, que esperava pacientemente, junta-se a ele no chão e estende os braços para lhe arranhar o rosto. Defende-se, retribuindo os golpes na mesma moeda. E assim passa o tempo, sem ter a possibilidade de medir a sua passagem.

É despertado do sono por sons horríveis, que rapidamente identifica como vozes humanas, em tom alto e agressivo. A porta abre-se. Entra uma luz tão forte que sente necessidade de proteger o rosto com as mãos. Umas mãos agarram-no e levantam-no do chão. É levado para o pátio em frente à igreja, onde há centenas de pessoas reunidas. *Sans-culottes*, a multidão revolucionária e guardas nacionais formam uma multidão, e os prisioneiros de Saint-Germain são levados para a praça.

Vê a multidão a agitar-se. Aqui e ali, grupos de cabeças destacam-se e logo se afundam para o mesmo nível das outras com um estrondo. A princípio não entende o que está a ver, mas depois percebe que os prisioneiros estão a ser espezinhados até à morte. Uma dezena de homens de cada vez pisam cada um deles, agarrando-se aos ombros e à cintura uns dos outros para manterem o equilíbrio, enquanto saltam para cima e para baixo ao mesmo tempo que flectem os joelhos. Em pouco tempo, o corpo do prisioneiro é desfeito. O peito rebenta com estrondo, o crânio é esmagado com uma força que faz os olhos saltarem para a calçada. Por baixo deles há uma pasta sangrenta onde já não é possível perceber que parte do corpo ali estava inicialmente.

Cada vez mais pessoas acorrem à praça, até que o pânico se instala, e os homens que o trouxeram para ali o largam para se salvarem. Rasteja pelo meio da floresta de pernas e por cima do chão ensanguentado até encontrar uma cerca. Vê uma abertura entre duas tábuas, impossivelmente estreita, mas, para sua surpresa, descobre que o seu corpo está agora tão magro que consegue passar.

E assim recupera a liberdade. Do outro lado da cerca não há nada que o distinga de todos os outros vagabundos que se reuniram em volta da igreja. Lava-se na margem do Sena. Já não reconhece o seu próprio reflexo. Por fim, ouve dizer que corre um boato de que os estrangeiros que entraram na cidade se tornaram tantos que se revoltaram contra os habitantes de Paris, até que a populaça foi

instigada a resolver o problema pelos seus próprios meios. Saint-Germain-des-Prés é apenas uma entre muitas prisões onde cenas daquelas tiveram lugar.

Na sua ausência, a morte chegou a Paris, a morte por que tanto esperara. No seu caminho pela cidade, vê cadáveres amontoados em pilhas mais altas do que ele. Foram massacrados aos milhares. Por toda a parte se vê o caos. Do outro lado do rio, vê homens bêbedos obrigarem uma mulher a subir para um monte de cadáveres e a cantar e dançar o hino da república. Quando ela se recusa, atingem-na no estômago com uma baioneta. É agora Setembro do ano de 92, e as folhas de Outono estão por toda a parte. Alguns dias antes, o rei foi obrigado a fugir quando o Palácio das Tulherias foi invadido, mas foi capturado pouco depois com a família. Nas ruas, canta-se «Ça ira», uma melodia que conhece dos primeiros anos da revolução, mas agora as palavras são outras. Em tempos, falara de justiça para os oprimidos. Agora fala de enforcar aristocratas nos candeeiros. Todos os homens são obrigados a usar o cocar tricolor da revolução no chapéu, as cores que deviam representar liberdade, fraternidade e igualdade. O seu caminho para fora da cidade leva-o à praça hexagonal que em tempos foi conhecida como Place Louis XV, em cujo centro há agora um estranho objecto a substituir a anterior estátua equestre do pai do rei. É nessa altura que vê a sua primeira guilhotina. Não se pode esperar que um carrasco dê conta de todas as execuções exigidas pela revolução. Inventaram uma máquina para isso. Bate palmas e ri-se tão alto que abre gretas nos lábios secos.

Descalço, vira em direcção a norte. Ninguém o aborda. A sua aparência é assustadora, e não tem nada de valor. Na Flandres, encontra outros compatriotas com quem pode partilhar o seu fardo e que lhe emprestam alguns trocos com a promessa de pagamento a triplicar. E assim começa a dirigir-se para casa. Em Rostock compra uma passagem num navio destinado a Karlskrona. No final do ano de 92, regressa à sua terra natal, depois de um ano de ausência,

embora pareça ter o dobro da idade que tinha quando partiu.

Balk volta-se para a luz. O seu olhar parece vazio, como se olhasse para dentro, para as suas memórias, para trazer à luz uma imagem do passado.

— Foi lá que conheci o Daniel Devall. Procurei uma boleia para Estocolmo, para regressar a Fågelsång, a única casa que me restava. Ele estava na estalagem onde entrei à procura de lugar numa carruagem. Tinha comprado bilhete para a mesma que eu, e durante a viagem pusemo-nos a falar. Bem sabe como são longas e desconfortáveis as horas passadas a sermos puxados por cavalos. Nunca o conheceu vivo, Sr. Winge. Só lamento que os restos que foram encontrados no Fatburen não lhe tenham feito justiça. Emanava um brilho, como se a sua alma irradiasse do seu interior e o transformasse um farol que ilumina o mundo para os outros. Os seus olhos eram grandes e azuis-claros, ligeiramente oblíquos, num rosto com feições perfeitamente simétricas. Tinha um brilho no olhar que parecia simultaneamente inocente e travesso, desafiador e tímido, como uma criança abençoada que os pais não conseguem castigar. Quando o vi pela primeira vez, usava os cabelos dourados compridos, presos junto à nuca com uma fita de seda, mas com o tempo começou a usá-los caídos sobre os ombros. Quando exibia os seus dentes perfeitamente brancos, os de cima eram direitos e os de baixo ligeiramente tortos, como se o seu criador tivesse sentido necessidade de incluir algo que não o fizesse absolutamente perfeito. O corpo tinha proporções agradáveis e era elegante, vestido com belas roupas, feitas com o cuidado de lhe destacar as formas. Tinha as mãos de um virtuoso, com dedos longos e esguios. Conhecemo-nos por acaso. Ele aproximou-se cautelosamente, falando em voz baixa. Até o seu cheiro era cativante, uma sugestão discreta de um canteiro de flores próximo, num tempo em que as pessoas se enchem de perfume para disfarçar os maus odores. Partilhámos o trenó até casa. Para mim, as horas nunca teriam

passado com o vagar suficiente, embora o tempo pareça ter voado. O Daniel era encantador, de pensamento ágil, um conversador agradável e uma companhia animada. Sentou-se muito perto de mim e, quando lhe disse algo que o divertiu, soltou uma gargalhada e pousou-me a mão no joelho como se não conseguisse controlar-se.

Cala-se e enche mais um copo de água.

— Tem de entender, Sr. Winge, que eu nunca tive um amigo. A minha solidão era demasiado grande. Não me recordo de alguém me ter dedicado qualquer tipo de atenção ou me ter feito uma pergunta por mera curiosidade. Por isso não estava preparado para o Devall. Estava… vulnerável.

Bebe a água até esvaziar o copo.

— Quando a nossa viagem chegou ao fim, o Devall ofereceu-se para ser meu guia em Estocolmo durante alguns dias. A viagem consumira-me todas as forças, e eu precisava de recuperar. Ele estava familiarizado com a cidade que eu só visitara por breves momentos. Sem ele perder-me-ia na confusão. Não vi motivo para não aceitar a oferta.

Assente para si próprio.

— Deixe-me falar-lhe dos serões, Sr. Winge. Houve um baile de máscaras nessa noite, menos de um ano depois de o rei ter sido assassinado noutro semelhante. Os homens pareciam apreciar especialmente o evento, e ninguém chorava Sua Majestade. Todos usavam máscaras, mas as roupas revelavam-lhes o berço e a fortuna. Nem eu nem o Devall pertencíamos àquele círculo, mas, quando o Daniel arranjou máscaras para nós, ninguém percebeu que não pertencíamos ali, pelo menos enquanto o vinho corria. Quando o fim de tarde deu lugar à noite, os cavalheiros seguiram para outros lugares. Seguimos o grupo e assim chegámos a uma casa afastada, junto à água, que só se podia alcançar de barco. Um homem de pele negra recebeu-nos, e logo demos connosco em salas opulentas. Ali esperavam-nos horrores, Sr. Winge. Eu estivera

a beber e, quando vi máscaras em que não tinha reparado, senti-me fascinado, tão realistas pareciam. Eram rostos desfigurados com altos estranhos, cabeças distorcidas em formas esquisitas, roupas desenhadas para fazerem quem as usava ter um aspecto deformado e grotesco. Mas rapidamente me dei conta de que aquelas pessoas não usavam máscaras. Haviam sido criadas assim e pertenciam àquela casa, para entretenimento dos cavalheiros. Ao fim de algum tempo chegaram também mulheres, com os corpos nus cobertos apenas por um véu fino, e os homens começaram a desapertar os cintos e a baixar as calças. Rapidamente, a sala transformou-se numa massa de corpos, em que homens e mulheres copulavam de todas as formas imagináveis. Os deformados cumpriam todos os seus desejos. O contexto repugnou-me. Tirei a máscara para o Devall poder ler a minha expressão. «Eu pensei… o teu pai…», disse ele. Só muito mais tarde percebi o significado daquelas palavras. Saímos daquele lugar. Não vi motivo para adiar mais o meu regresso a casa e preparei a minha partida. Convidei o Daniel a vir comigo para Fågelsång, porque não tinha criados e as exigências dele eram escassas.

— E o que aconteceu depois disso, Johannes? Encontrou a correspondência dele?

— Eu sabia que ele escrevia, Sr. Winge, mas não me pareceu estranho. Demorei algum tempo a perceber o que ele escrevia e para quem. Nas cartas que enviava ao Liljensparre escrevia em código, como o senhor bem sabe, mas primeiro redigia em texto normal e depois usava uma cifra para codificar. Deve ter-se esquecido de olhar para a lareira do quarto para ver o que deixara lá dentro. Estava uma noite fria. Abri-a para me certificar de que havia calor suficiente até de manhã. No meio das cinzas, encontrei uma folha amachucada. O texto não cifrado que ele havia escrito. Não pude evitar lê-lo.

— E que conclusões tirou?

— O Daniel Devall era um caçador de fortunas, Sr. Winge.

Preferia conquistar o favor do chefe de polícia Liljensparre em vez de trabalhar para melhorar a sua existência. Suponho que alguém o informou da minha chegada iminente a Karlskrona, talvez um dos suecos que encontrei na Flandres. A sua missão como espião era vigiar todos os suspeitos que chegassem de França para espalhar o fogo da revolução no Norte. Supôs que eu era um jacobino que havia participado na rebelião e que agora regressava a casa para pregar o mesmo evangelho. Foi por isso que veio comigo para Fågelsång. Esperava que eu acabasse por lhe contar os meus planos de derrubar a nossa monarquia e ter a honra de expor o golpe.

— E o que fez quando leu a carta?

— Pensei na minha mãe. Arrancava as pernas às melgas em vez de o fazer ao meu pai. E o que era o Devall senão uma melga que entrara em minha casa? Não merecia o mesmo destino? Demorei muitas horas a pensar como poderia executar tal tarefa. A minha mãe deixava as vítimas no parapeito da janela para ali morrerem. Portanto, eu precisava de um parapeito suficientemente grande para o Daniel Devall. Foi então que me lembrei da casa de Keyserska, onde fomos parar no meio de figuras seminuas e grotescas. Só nesse momento percebi que a nossa visita não fora coincidência. Lembrei-me das palavras que o Devall deixou escapar e entendi o seu significado. Levara-me ali de propósito porque sabia do meu pai, que devia ser cliente habitual da casa. O Devall supôs que eu teria as mesmas inclinações. Na sua imaginação, o conselheiro Gustav Adolf Balk teria levado o primogénito a Estocolmo para o apresentar aos desejos carnais típicos de um cavalheiro. Não tenho palavras para descrever quanto a ideia me enojou. Assim, pareceu-me apropriado deixá-lo terminar os seus dias na casa de Keyserska, rodeado de pessoas como o meu pai. O Daniel Devall seria muito bem-vindo na sua companhia.

Semicerra os olhos para a janela junto ao tecto, onde a luz começa a escassear.

— Quase não preciso de lhe contar o resto, Sr. Winge. As únicas informações que lhe faltam são os aspectos práticos. Precisei de ir a Estocolmo para tratar dos preparativos. Certifiquei-me de que o Daniel não saía de Fågelsång antes do meu regresso. A minha primeira visita foi aos meus guardiões, que me julgavam morto, e exigi um pagamento para nunca mais lhes aparecer à porta. Mais algumas perguntas levaram-me ao judeu Dülitz, cujos serviços tinha agora dinheiro para pagar. Através dele, encontrei Kristofer Blix, o ajudante de cirurgião, e comprei a sua dívida e a sua vida. O *Magnus* era o único residente de Fågelsång que ainda lá estava quando regressei de França, um cão de caça meio selvagem que ainda se lembrava o suficiente do meu cheiro para me associar a comida. Deixou-se prender num dos anexos e não o abandonei.

Winge deixa o silêncio durar um pouco mais antes de o quebrar.

— Sabe que o Blix escreveu tudo o que passou, notas que nos levaram até si? O que aconteceu ao Kristofer depois de ter cumprido a sua tarefa?

— O Blix tinha medo da própria sombra e estava preparado para fazer o que fosse preciso para salvar a vida. Depois de cumprir a tarefa que lhe dei, deixei-o fugir para o bosque.

— Se agora está disposto a confessar tudo, porque esperou que o encontrássemos, Johannes? Porque não me procurou directamente?

— Faltava-me a prova dos meus crimes, Sr. Winge, e é da maior importância que a minha confissão não seja contestada. Li no *Extra Posten* que andavam a investigar o corpo encontrado no Fatburen e nessa altura tive a certeza de que conseguiriam encontrar-me e associar-me ao que fiz.

Winge é assaltado por um mau pressentimento e hesita antes de fazer a pergunta que esperou tanto para formular.

— Porque fez tudo isto, Johannes? Qual é o seu objectivo?

Johannes Balk olha Cecil Winge nos olhos. As suas pupilas, grandes e negras sob a luz fraca, parecem-lhe dois poços sem

fundo, onde existe apenas um vazio furioso.

— Já vi o mundo, Sr. Winge. As pessoas são monstros mentirosos, uma matilha de lobos sanguinários capazes de se desfazerem uns aos outros em pedaços no seu desejo de domínio. O escravo oprimido não é melhor do que o seu senhor, apenas mais fraco. Os inocentes apenas preservam a sua inocência por falta de oportunidade. Antes de Paris se transformar num banho de sangue, falava-se de liberdade, fraternidade e igualdade, de direitos humanos. Agora ouvem-se as mesmas vozes aqui. Vi a declaração dos direitos humanos impressa na pele de homens que foram esfolados depois de a guilhotina lhes separar a cabeça do corpo. Também aqui os cidadãos e agricultores estão prontos para se insurgirem contra a nobreza, os seus opressores ancestrais. Lembra-se, Sr. Winge, de como no início do ano um nobre bateu num mercador e a guarda da cidade foi obrigada a enfrentar com armas a multidão furiosa em Slottsbacken? A revolução já estava no ar. E ainda está. Eu, o último herdeiro de uma das famílias mais nobres do reino, filho de um conselheiro, vou apresentar-me no tribunal e confessar em todo o pormenor o que fiz ao Daniel Devall, um homem do povo. O senhor vai provar a minha culpa de forma irrefutável. E o povo vai enfurecer-se e vingar-se. Antes de me condenarem à espada, vou ser o arauto da revolução. As ruas de Paris estão neste momento inundadas de sangue. A lâmina da guilhotina tem de ser afiada todos os dias para se manter operacional. Quero o mesmo para Estocolmo. As sarjetas irão inundar-se de sangue. Quanto menos de nós sobreviverem, melhor. Que a cidade entre as pontes se encha de cadáveres. Que os cemitérios fiquem a abarrotar. Que restem apenas os corvos.

Solta uma gargalhada.

— E o senhor, Winge! Num mundo de lobos, o senhor é a excepção. Um homem melhor, nascido na altura errada. Mantém-se fiel à justiça e à razão quando os outros só querem enriquecer. Li o seu nome no *Extra Posten* e, quando percebi quem era, tudo se

tornou claro. Foi o destino que o pôs no meu caminho, no ponto em que o meu percurso termina. É famoso por deixar sempre os acusados apresentarem a sua defesa. É isso que tenciono fazer. O que acontecerá depois será tanto obra sua como minha.

13.

Quando Cecil acorda na manhã de terça-feira, depois de algumas horas de sono, o quarto está gelado. A roupa da cama parece-lhe pesada. Ainda sonolento, pergunta-se quem lhe pôs aquele estranho cobertor em cima, mais escuro do que o seu habitual cobertor branco.

Quando recupera completamente a consciência, percebe que estava enganado. O cobertor está vermelho de sangue. Nos pontos onde secou, o sangue formou uma crosta preta. Enquanto dormia, teve um ataque de tosse que não conseguiu controlar. Tem o queixo e o pescoço cobertos por uma substância endurecida, vermelho-escura. A sua pele está tão pálida que parece transparente. Quanto sangue terá perdido?

Os seus dedos estão brancos como ossos quando os ergue diante do rosto. Estão dormentes, bem como as pernas. Cambaleia para fora da cama, parte o gelo que se formou à superfície do jarro de água e deita a água na bacia. Bebe o resto directamente do jarro e preocupa-se com a perda de fluidos que a sua sede actual ilustra. Demora algum tempo a limpar-se completamente. Sente dores à superfície da pele. Quando termina, veste-se tão depressa quanto a fraqueza lhe permite, desce à cozinha e manda uma das criadas chamar uma carruagem para o levar de volta à cidade entre as pontes e a Mickel Cardell.

O vapor que emana do café acabado de fazer sobe em direcção

às vigas do tecto do Lilla Börsen. É de manhã cedo. Os madrugadores e os curiosos misturam-se com os ressacados e arrependidos que depositam a sua esperança num café reparador antes de entrarem para o labirinto de ruas e se apresentarem ao trabalho. Embora venha atrasado para o encontro, Cecil Winge descobre que foi o primeiro a chegar. Espera pacientemente, perdido nos seus pensamentos, até que o vulto corpulento de Cardell assoma à entrada. O guarda sacode a neve dos sapatos e agita-se como um cão molhado.

— Desculpe. Acabo de encontrar o nosso caro Blom, tão bêbedo que cambaleava agarrado às paredes na rua Svartmangatan. Estava em tal estado que a minha consciência não me permitiu deixá-lo lá. Tive de o arrastar, mais do que propriamente apoiá-lo, até ao seu escritório em Indebetouska, onde pode dormir até lhe passar a bebedeira sem morrer congelado.

— O que estava a celebrar?

— Não era uma celebração. Não foi fácil perceber o que dizia, mas, com algum esforço, conseguiu contar-me que recebera uma carta a dizer que o Ullholm está a vir de oeste com toda a sua equipa, preparado para assumir o seu novo cargo como chefe de polícia e as antigas instalações do Norlin. Esperam-no amanhã. O Blom pode ter os seus defeitos, mas algures ali dentro há um homem justo, porque não está minimamente desejoso de servir um vilão. Embebedou-se para afogar as mágoas. E o Cecil? O que descobriu?

— O Johannes Balk contou-me uma história sobre como se cria um monstro. Já vi isso noutras ocasiões, Jean Michael, mas raramente tão óbvio, situações em que o criminoso começou por ser uma vítima. Mas ainda não terminámos. Há pontos da sua história que ainda não fazem sentido para mim. Tenho de confirmar as minhas suspeitas antes de me voltar a encontrar com ele.

Mickel Cardell sente o peso do punho de madeira e recorda todos os murros que deu sempre que era enganado. Sabe melhor do que

ninguém que o Winge está a dizer a verdade.

— Jean Michael, tenho de lhe pedir uma coisa.

— É só dizer.

— Preciso de mais tempo antes da chegada do Ullholm. De pelo menos um dia.

Cardell coça a testa com uma expressão curiosa.

— O que receia que aconteça quando o Ullholm assumir o lugar de chefe da polícia?

— Acho que ele vai escolher o caminho mais fácil e libertar-me de toda a autoridade que me foi dada pelo Norlin, pôr fim à investigação e libertar o Balk assim que tiver conhecimento da sua existência. E ele é demasiado perigoso para ser libertado.

— Certamente até a autoridade de um chefe da polícia tem certos limites. Porque não leva imediatamente o Balk a tribunal? Assim, o Ullholm não poderia interromper o processo sem parecer um déspota.

O olhar que Winge lança a Cardell está carregado de respeito.

— Quero compreender completamente os seus motivos antes de inscrever o seu nome no registo da prisão. E primeiro tenho de decidir como o processo deve ser conduzido. Por isso, Jean Michael, preciso de mais um dia. Se puder fazer isto por mim, ainda há esperança.

— Esperança? De quê?

— Não posso revelar-lhe nada, mas não tenho um minuto a perder. Por agora, tenho de lhe pedir que seja paciente.

— E como acha que um guarda caído em desgraça pode travar o chefe da polícia de Estocolmo?

— Não tenho resposta para isso, Jean Michael, e também não lhe posso oferecer qualquer ajuda nessa tarefa. Tenho de usar todas as minhas forças para a minha missão actual. Não me resta mais nada.

Cardell coça o escalpe com uma careta e fica em silêncio. Bate repetidamente com a palma da mão na mesa, como se seguisse o ritmo de uma marcha militar que só ele ouve. Ao fim de um minuto,

ergue a cabeça e fita novamente o olhar de Winge.

— Se é disso que precisa, é isso que vai ter. Um dia.

Dá meia-volta no banco e agita o braço de madeira no ar.

— Menina! Leva estas canecas de café e traz aguardente. O guarda Mickel precisa de pensar e de inspiração.

Winge despede-se dele e sai para as ruas, em direcção ao Brända Tomten, encolhido para se proteger do vento. Encosta o lenço à boca enquanto tenta respirar devagar, com medo da respiração irregular que anuncia um ataque de tosse. Lentamente, recupera o controlo sobre o corpo e esfrega um punhado de neve na cara antes de atravessar a praça.

14.

Numa esquina da rua Prästgatan costuma haver um pedinte por quem Anna Stina já passou muitas vezes, a caminho da grande praça e do mercado. Normalmente está sentado em cima de duas tábuas com que improvisou um banco e no colo mostra o defeito que lhe serve de ganha-pão. Tem ambas as mãos desfiguradas, de uma forma que faz os que passam ficarem parados a olhar ou entrarem na sarjeta para não se aproximarem demasiado.

A deformidade não foi causada pelo fogo. É como se algo lhe tivesse transformado as mãos em cera e as tivesse moldado com formas novas e anormais. A carne dos dedos parece ter derretido, deixando as pontas sem unhas e pouco mais de uma fina camada de pele a cobrir os ossos. Nas palmas e costas das mãos há formas estranhas, buracos e altos, e a pele está descolorada e é quase tão lisa como a de um bebé.

É este homem que ela procura com a sua pergunta, mas descobre que não está sempre ali. Tem de esperar e tenta afastar o frio do corpo quando se torna demasiado difícil estar ao relento. Por fim, o homem aparece, com as tábuas debaixo dos braços e as mãos envoltas em ligaduras. Dá-lhe tempo para se instalar, organizar o seu espaço e sentar-se. E para depois retirar as ligaduras e expor as mãos desfiguradas aos olhares e à neve. A sua respiração torna-se acelerada quando as vê, tal como se lembrava. Aproxima-se e estende-lhe o pão que guardou do pequeno-almoço. Ele pisca os olhos perante tal opulência e parece ainda mais

confuso ao ver quem lha oferece.

— Abençoada sejas, filha, mas o que fiz eu para merecer tamanha dádiva?

— Quero saber o que lhe aconteceu às mãos.

Quase sorri de alívio.

— É uma história que já contei muitas vezes e por muito menos do que isto. Já estiveste no Klara Sjö, rapariga?

Ela assente com a cabeça.

— Então talvez conheças um odor especial, que não vem da água fétida ou do lodo ao longo das margens. Há lá uma fábrica onde trabalhei quando era jovem. Fazem sabão, rapariga, para os pobres se lavarem no Natal e para a higiene matinal dos nobres. A arte é a mesma. A diferença está no cheiro. Mas antes do perfume vem o fedor, e esse vem de carcaças de animais. São derretidas para extrair a gordura. Depois esta é misturada com outras coisas e solidifica. Num piscar de olhos, o sabão está feito e pronto a ser usado. Eu era um aprendiz ávido e jovem e fui descuidado quando estava a misturar a potassa com a cal. Ficou demasiado forte. Entornei o pó branco nas duas mãos e, quando as enfiei numa tina de água para as lavar, ouvi o meu mestre gritar-me palavras de aviso. Era tarde demais. Foi como se tivesse enfiado as mãos em óleo a ferver. As cinzas queimam quando são misturadas com água, sabes, e consomem tudo o que encontram. Fiquei como vês. Por piedade, deixaram-me continuar a trabalhar lá na limpeza, mas já não sou tão trabalhador como era, e o que ganho não chega para me sustentar.

Anna Stina deixa as palavras assentarem-lhe na mente enquanto pondera.

— Qual foi a sensação?

Ele ri-se.

— Foi um prelúdio da descida aos infernos que me está seguramente destinada, rapariga.

Quando percebe que ela não parece achar graça, diz num tom

mais sério:

— Nunca senti nada pior. Quando o meu mestre pegou num pano de lã e limpou as cinzas, que agora pareciam uma papa fervilhante, foi como se me estivessem a arrancar a pele das mãos. Foi buscar limões, para aliviar a dor com o sumo, e talvez fosse a coisa certa a fazer, mas a dor durou dias. Senti-me como se estivesse a tocar em brasas incandescentes.

Cospe ao visitar a memória. Quando ergue o olhar, a boa disposição desapareceu.

— Pronto. Querias mais alguma coisa? Agora que as memórias voltaram, o teu pedaço de pão já não me parece um pagamento tão bom.

— Consegue voltar a preparar essas cinzas? Como as que o queimaram? Eu pago.

Não demoram mais de meia hora a deixar a cidade entre as pontes. Talvez seja apenas uma ilusão causada pelo terreno, mas Anna Stina tem a impressão de que o edifício junto à margem do Klara Sjö está inclinado sobre a água, como se o pântano em que foi construído já não tivesse forças para sustentar o seu peso. Têm de esperar pelo pôr-do-sol e pelo fim do dia de trabalho. Um a um ou em pequenos grupos, os trabalhadores deixam a fábrica e caminham para casa por cima do gelo e da neve endurecida. Vê o homem das mãos deformadas contar em voz baixa para se certificar de que todos se foram embora. Inquieto, olha em volta antes de lhe fazer sinal para o seguir.

Contornam a fachada do edifício do lado da terra e descem para a praia coberta de gelo. Do lado voltado para a água, a casa é sustentada por pilares, suficientemente altos para lhes permitirem passar por baixo. O pedinte passa por entre as tábuas acima de si e pragueja em voz baixa quando os pés resvalam na superfície escorregadia. Encontra o buraco que procurava, suficientemente grande para lhe permitir passar a mão e o antebraço e abrir uma

tranca. Por baixo do buraco há um monte de escória congelada. Anna Stina supõe que é aberto todas as manhãs quando o chão é varrido e os dejectos são empurrados para a água. O seu companheiro pede-lhe silêncio com um gesto antes de levantar a abertura no chão e de espreitar lá para dentro, com a mão livre a cobrir-lhe a boca para impedir que o vapor da respiração o denuncie. Fica parado um bom bocado antes de subir. Anna Stina espera pelo seu sinal para o seguir.

15.

Cardell agita o braço bom para fazer o sangue correr-lhe para os dedos congelados e pula sem sair do lugar para aquecer. Esperou mais de meia hora no pátio em frente à casa baixa. A criada, que se recusara a deixar entrar um desconhecido, especialmente com a aparência de Mickel Cardell, obrigara-o a esperar lá fora até a senhora chegar da cidade. Quando lhe pediu uma bebida quente para afastar o frio, ela deu uma gargalhada e voltou a fechar-lhe a porta na cara. Cardell está farto de esperar. Sempre que olha para o relógio da igreja de Katarina, que consegue ver apoiando uma bota no cepo em frente à casa e erguendo-se algumas varas acima do chão, convence-se de que o mecanismo deve ter congelado e de que os ponteiros pararam de se mover. Finalmente, a porta volta a abrir-se, e a mesma rapariga aparece.

— Pode entrar e beber uma cerveja aquecida se quiser. A senhora vem já.

A ideia de beber uns goles da bebida quente é o bastante para travar os planos de vingança de Cardell. Sacode a neve dos ombros e bate com as botas no chão antes de entrar para o espaço aquecido. Cheira a pão. Depois de pendurar o casaco e o lenço do pescoço, sente o calor vindo do fogão descongelar-lhe as articulações e solta um suspiro de alívio.

Para lá da cozinha encontra-se a dona da casa, iluminada por uma luz fraca. A viúva Fröman ainda veste o luto da cabeça aos pés, apesar de se terem passado muitos anos desde o falecimento

do marido. Ela própria já deve passar dos sessenta. Cardell supõe que o casal não teve filhos e que, após o falecimento do marido, e à falta de mais familiares, ela se tenha mudado permanentemente para a sala. Apesar do aspecto simples da casa, a viúva tem uma aparência formidável. Tem as costas direitas como o cabo de uma vassoura e está sentada demasiado perto da lareira. O seu rosto severo não revela o menor indício de autocomiseração, apenas uma dignidade contida, uma expressão que diz ao mundo que a magoou que é perfeitamente capaz de retribuir na mesma moeda. Cardell tem a impressão de que o leve curvar do pescoço, quase indiscernível, mesmo perante um oficial da artilharia, se deu de forma involuntária. Pigarreia.

— Boa noite.

Tem a sensação de que a viúva Fröman, sem mover os olhos, o mede de cima a baixo e o lê como um livro aberto. Deixa passar um momento antes de responder.

— Disseram-me que o seu nome é Cardell e que pertence à guarda. Não imagino que assunto possa ter a tratar comigo. A vida raramente me traz surpresas, e esse é o único motivo por que lhe foi concedida a entrada aqui. Agora, diga-me, ao que vem?

Cardell sente as orelhas aquecerem e mexe-se sem sair do lugar. Percebe subitamente que interpretou mal o olhar severo da viúva. A mulher é cega. Quando os seus olhos se habituam à luz fraca, vê que os dela estão toldados por uma névoa leitosa. Estremece e procura as palavras.

— Perdoe-me a visita inesperada e deixe-me apresentar os meus sentidos pêsames pela partida prematura do seu marido…

Ela interrompe-o levantando uma mão no ar.

— Pare com isso. Os corvos devem grasnar, não tentar imitar o canto do rouxinol. O Arne Fröman, pastor da congregação de Katarina, paz à sua alma, morreu há muitos anos. O seu corpo estava tão impregnado de álcool que todas as larvas que se aproximaram do caixão devem ter morrido imediatamente. O facto

de eu ainda estar de luto diz mais acerca de mim do que do pastor. O melhor que o senhor guarda tem a fazer é ir directo ao assunto.

Cardell assente, mas depois lembra-se de que a viúva não vê. Procura coragem para dizer o que tem a dizer e surpreende-se ao descobrir que surge com facilidade.

— Parece-me que têm uma vida simples, tendo em conta a posição importante que o pastor ocupava.

Experimenta uma certa satisfação ao ver a viúva hesitar perante aquelas palavras, antes de recuperar a compostura. Cardell apressa-se a continuar.

— Diga-me, a Sr.ª Fröman por acaso não conhece um homem chamado Ullholm? Magnus é o seu primeiro nome.

Sente algo mudar no ambiente, tão palpável como uma corrente de ar gelado a entrar por uma janela partida. Quando ela responde, já não há sarcasmo na sua voz.

— Sim. Lembro-me do Magnus Ullholm.

— O Ullholm fugiu para a Noruega com as esmolas da paróquia há uns anos. Talvez esse dinheiro possa ser-lhe útil, agora que perdeu o seu marido.

Cardell pergunta-se se é possível uma pessoa completamente imóvel ficar ainda mais quieta, mas constata que, se alguém está à altura desse desafio, é a viúva Fröman.

— Não precisa de me lembrar de quem o Ullholm é nem do que fez. Conheço a história demasiado bem.

— Existem certamente muitas outras pessoas na mesma situação que a viúva Fröman, que também se lembram do nome Ullholm. Provavelmente têm filhos e netos que não tiveram uma vida mais privilegiada por causa dos seus crimes. Talvez saiba os nomes destas pessoas.

— Claro que sim.

— Diga-me, Sr.ª Fröman, tendo vivido tantos anos na companhia de um homem que conhece bem a Bíblia, está familiarizada com a expressão «Olho por olho, dente por dente»?

A viúva Fröman exibe uma fileira de dentes afiados no meio da penumbra. Cardell demora alguns instantes a perceber que está a sorrir.

16.

A praça Norrmalmstorget está coberta por um manto de neve. No centro do espaço aberto, a nova estátua de Gustav Adolf encontra-se escondida pela neve gelada enquanto espera há dois anos para ser finalizada e desvelada. Diz-se que será a primeira estátua equestre do país. Winge fica parado por um momento, a observar a forma irregular, uma silhueta fantasmagórica que se ergue ameaçadoramente sobre a praça como se pertencesse ao ceifeiro que Johannes Balk quer soltar na cidade entre as pontes. Do lado direito de Winge fica o palácio da princesa Sofia Albertina, à esquerda a Ópera. As fachadas são espelhos uma da outra, uma iluminada pela luz fraca da manhã, a outra ainda na sombra. Fica ali mais um pouco, com o olhar alternando entre os dois, até que se vira e transpõe o portão do cárcere. Quando alcança a porta certa e consegue que lha abram, Winge tem de se apoiar na ombreira para conseguir entrar. A cela não é a de Johannes Balk.

Esta cela fica umas portas abaixo e em nada se distingue da de Balk, a não ser pelo prisioneiro que a ocupa, que recua quando a porta se abre e Winge entra.

— Deus do céu, homem, o que se passa consigo? Parece uma assombração. Um esqueleto andante. Assustou-me. Dir-se-ia que a morte ronda estas paredes.

— Não tem motivos para ter medo de mim. Pelo contrário. Chamo-me Cecil Winge. Trabalho para a esquadra da polícia, em certa medida, embora não tenha vindo em sua representação.

— Já o tinha visto. O seu rosto pálido passou em frente à minha porta. Pensei sempre que fosse um esqueleto que andasse a deambular pelos corredores.

— Posso sentar-me? As minhas pernas já não têm a força que tiveram em tempos.

O homem, que se afastara para junto da parede, a um canto, encolhe os ombros. Winge senta-se na cadeira, que é igual à que existe na cela de Balk. Winge examina o condenado. Um homem comum, com um rosto comum, agora oculto por uma barba de meses. Veste uma camisa de linho simples, manchada pelos dias passados na cela, e calças de couro gastas, com os cordões junto aos joelhos desapertados. Por cima do casaco castanho, cobriu-se com a manta da cela. Winge espera até recuperar o fôlego para voltar a falar.

— O seu nome é Lorentz Johansson, certo?

— Sim. Não é segredo.

— A sua profissão?

— Trabalhava como tanoeiro.

— Amanhã, o carrasco virá buscá-lo para o levar para o cadafalso, em Hammarby.

O homem suspira e estremece.

— É verdade. O Mestre Höss vai cortar-me a cabeça. Só me resta esperar que esteja suficientemente sóbrio para afiar o machado esta noite e que amanhã acerte ao primeiro golpe.

— O padre já aqui esteve?

— Sim, veio cedo. Com roupas festivas, o filho da mãe. Não é preciso ser muito esperto para perceber que tinha coisas mais divertidas com que se ocupar numa sexta-feira à noite. Mal abençoou a minha pobre alma e saiu logo a correr. Ouvi-o trautear uma música quando passou por baixo da minha janela em direcção ao Kungsträdgården.

— Quer contar-me como veio aqui parar?

— O que posso dizer-lhe que não saiba já?

— Gostaria de o ouvir da sua boca, se puder ser.

Johansson volta a encolher os ombros.

— Por mim, tudo bem. A história é breve e embaraçosa, e aqui as horas passam devagar. Matei a minha mulher à pancada, Sr. Winge. Não há mais nada a dizer. O nosso casamento estava a tornar-se mais infeliz a cada ano. Eu bebera nessa noite. Discutimos por causa dos mesmos problemas de há anos e perdi o controlo.

— Têm filhos?

— Nenhum dos que tivemos sobreviveu ao primeiro ano de vida.

Winge assente, pensativo.

— Sou da opinião de que nem todos os assassinos são iguais, Lorentz Johansson. O que me diz acerca disso?

— Não entendo o que quer dizer.

— Acho que uma pessoa que comete um crime numa determinada situação não o faria numa situação diferente. Teria matado a sua mulher se ela fosse uma estranha que nunca tivesse visto?

— Não. Se ela tivesse casado com um homem melhor, ainda estaria viva, e eu seria livre como um pássaro.

— Está arrependido do que fez?

Johansson fica calado por um momento.

— Ela era uma megera, Sr. Winge, briguenta e desbocada. Com o passar dos anos, comecei a odiá-la. Mas também a amava. A minha raiva não resolveu nada. Vou morrer pelo que fiz, entre o cepo e o machado rombo do Mårten Höss, e não há mais nada a dizer. Se a minha morte pudesse devolver-lhe a vida, ficaria feliz, mas não é o caso.

Winge observa demoradamente Lorentz Johansson.

— Era um bom tanoeiro, Lorentz Johansson?

— Um dos melhores. Estava a um ano de ser certificado pela guilda, talvez menos.

— Se pudesse escolher entre o celibato e a morte, o que escolheria?

17.

A fábrica está parada e em silêncio, a escuridão está saturada, com um odor que não é propriamente de decomposição, antes algo mais amargo e pungente. Anna Stina sente o ambiente pesado que tão facilmente se abate sobre lugares que estão cheios de vida e agitação, mas que são de súbito abandonados, e a ausência das pessoas torna-se excessivamente clara. Aos poucos, os seus olhos habituam-se à luz ténue que entra da rua, e o pedinte segue o caminho que conhece por entre os barris e baldes de água. As tábuas de madeira que formam as paredes são simples e tão mal unidas que Anna Stina consegue ver os últimos raios do pôr-do-sol pelas frestas.

Ouve-o murmurar para si mesmo na penumbra e, de vez em quando, vislumbra a sua figura. Segue-o pelas salas, até um armazém repleto de frascos, onde pára e os examina à vez. Escolhe um, depois outro e leva os dois para uma mesa manchada, onde encontra um funil e uma pequena garrafa. Num gancho está pendurado um par de luvas de couro manchadas. Calça-as antes de misturar os pós dos dois recipientes. Depois sela a garrafa com uma rolha e vira-se.

— Viu as minhas mãos e ouviu a minha história. Não preciso de repetir como este pó é perigoso. Manuseie esta garrafa como se o próprio diabo estivesse aprisionado atrás do vidro.

Estende-lhe a garrafa, mas depois afasta-a para longe do seu alcance quando ela estende a mão para lhe pegar.

— E o pagamento?

Anna Stina procura no forro da saia o pedaço de tecido em que embrulhou as moedas que recebeu como gorjetas dos clientes do Markattan. Cuidadosamente, abre o pequeno embrulho na mão esquerda para ele ver a soma. Ele suspira e abana a cabeça.

— Não é muito. Sabe quantas pessoas trabalharam para preparar as cinzas que queimam a pele? O esforço feito pelos madeireiros, pelos lenhadores e por nós, que temos de cortar a madeira do tamanho certo para a deitar nos fornos? Isso não chega para pagar o trabalho de todos.

— Também tenho isto.

Anna Stina estende-lhe uma garrafa que contém uma aguardente forte misturada com o que os clientes da taberna deixam nos copos. O pedinte ri-se.

— Não quero cuspir no copo em que bebo, mas, com o dinheiro que podia ganhar com isto, poderia comprar muitas garrafas dessas.

Fica parado algum tempo, a pensar. Anna Stina já não lhe consegue ver o rosto para perceber os pensamentos que lhe atravessam a mente.

— Então, para que quer isto?

Ela hesita, cansada das mentiras e dos jogos, mas não vê o que tem a perder ao contar a verdade.

— Vou espalhá-lo no meu rosto para nunca mais ninguém poder reconhecer-me.

Percebe que o homem estaca e fica em silêncio.

— Mas, minha filha, porquê?

— É uma longa história e só a mim diz respeito. Devo apenas dizer-lhe que a minha vida depende disso.

Não apenas a dela, termina a frase na sua cabeça. Ele começa a andar para trás e para a frente. A sua respiração torna-se mais acelerada. Esfrega as mãos deformadas uma na outra. Por fim, pára e volta-se novamente para ela.

— És bonita. Custa-me pensar que uma beleza dessas vai

perder-se e que vou contribuir para isso. O que me queres dar não é suficiente para pagar o que tenho para oferecer. Deixa-me dar à tua beleza a admiração que merece, uma última vez, e estamos quites. Há aqui algumas sacas de palha, sei que não é muito, mas servem de cama por uma noite.

Anna Stina fica imóvel e não diz nada. O silêncio incomoda o pedinte, que transfere o peso de um pé para o outro. Ela sente que está envergonhado por não conseguir conter a luxúria.

— Não sou esse tipo de homem, acredita, mas, dadas as circunstâncias…

— Não sabia que havia mais do que um tipo.

Ela estende a mão.

— Pode ao menos dar-me a minha mercadoria antes de eu lhe dar a sua?

Encolhe os ombros e estende-lhe a garrafa. Ela sente-lhe o peso nas mãos, um peso insignificante para algo com um poder tão cruel. Solta a rolha e cheira o conteúdo, mas não sente nada. Assente, e o acordo é selado. O homem começa a atirar trapos para um canto para preparar a sua cama improvisada, enquanto ela se mantém imóvel. Quando parece satisfeito, mostra-lhe com um gesto que tudo está a postos e convida-a a deitar-se. Ela abana a cabeça.

— Deite-se primeiro. Eu fico por cima.

Ele responde com um sorriso e desaperta apressadamente o nó das calças enquanto baixa o corpo para o chão, onde é recebido pela saca de palha. Tira o casaco e despe a camisa por cima da cabeça. O seu corpo parece magro e gasto por baixo de toda a sujidade. Levanta as mãos deformadas para a receber num abraço, mas ela vira a garrafa e deita-lhe o pó por cima. A surpresa do homem transforma-se em raiva e depois num riso de escárnio.

— Não te disse que o pó tinha de entrar em contacto com um líquido para causar danos, rapariga? A única coisa que sinto é que o preço acaba de subir.

Ela tira a tampa da garrafa de aguardente e derrama o conteúdo

por cima dele. Sente a sala encher-se do cheiro a carne queimada. Um fumo branco e pegajoso emana dele enquanto a pele queima, o peito e o rosto a cobrirem-se de bolhas e a assumirem novas formas. Não sabe se ainda a consegue ouvir devido ao som dos seus próprios gritos, mas mesmo assim di-lo.

— Que isto seja um prelúdio da descida aos infernos que lhe está seguramente destinada.

Deixa-o e sai pelo mesmo caminho por onde entraram. Agita a garrafa do pó para se certificar de que ainda contém o suficiente.

18.

Atrás do Markattan, o pátio está deserto. A neve acabada de cair ainda está branca e não amarela, como ficará em breve, quando a fila para a casa de banho se tornar mais longa do que a necessidade. A camada superior estala enquanto Anna Stina a apanha para dentro de um balde, para derreter na lareira. Espera até a massa branca se tornar transparente e derreter por completo. Quando deita a água por cima do pó, a mistura fervilha um pouco e enche o quarto com um cheiro estranho, mas depois assenta. Custa-lhe entender como encerra um poder tão grande sem o revelar.

Vai buscar um pedaço de carne à cozinha, uma raspa de um dos presuntos que estão a curar pendurados do tecto, e atira-o para a mistura. O resultado não a desilude. O líquido sibila como um gato e, de todos os lados, ataca a carne com dentes e garras invisíveis que a rasgam e desfazem, até ser impossível perceber o que era. Fumega e borbulha. Quando o fumo desaparece, é como se nada tivesse acontecido. A carne desapareceu sem deixar rasto.

Ainda assim, Anna Stina hesita. Inclina-se para a frente e, no mundo às avessas do outro lado da mistura, vê uma rapariga que a olha, uma rapariga igual a ela. A respiração de Anna Stina agita a superfície do líquido e distorce a imagem ali reflectida. Fecha os olhos e enche os pulmões de ar.

*

O ar frio queima-lhe a garganta e o nariz, mas Mickel Cardell sente-se feliz por ter deixado o ar estagnado da sala da viúva Fröman. O encontro correu melhor do que esperava. Agora tudo foi posto em movimento. A menção de Magnus Ullholm e a notícia do seu regresso a Estocolmo pareceu rejuvenescer a viúva várias décadas. A chama que parecera alimentada por um ódio antigo lançou-a numa sede de vingança. Cardell mal saíra da casa quando criadas e criados passaram por ele a correr, tão felizes como ele por se verem longe do rosto cego da viúva Fröman. Agora, precisa de bebida suficiente para afastar a imagem da viúva dos seus pensamentos e faz uma pausa na praça antes de Slussen. Fica lá sentado meia hora antes de decidir que a cidade entre as pontes tem melhor oferta. Enquanto pondera a escolha de tabernas, lembra-se da missão que lhe falta cumprir, portanto, vira à esquerda na praça Järntorget e dirige-se para o Markattan.

Cardell nota imediatamente o reconhecimento no olhar de Karl Tulipan quando o dono da taberna vem ao seu encontro, tal como da outra vez, com as mãos levantadas num gesto de desculpas. Cardell baixa a aba do chapéu e faz uma expressão de desagrado.

— Devo entender pela sua expressão que a rapariga ainda está ocupada?

Tulipan assente afirmativamente.

— É verdade, lamento. Posso oferecer-lhe um copo em troca da desilusão?

Algo mudou nele, e Cardell semicerra os olhos.

— Vejo que os clientes começam a chegar, e, se a rapariga o ajuda na taberna, não entendo como pode ter saído.

— Ela… a Lovisa não está bem. Chegou a casa com febre. Não tive coragem de a mandar sair do quarto.

— Ah, então agora já está em casa? Talvez eu tenha mais sorte

que o senhor.

Cardell começa a dirigir-se para as escadas atrás do balcão.

— O senhor perdeu o juízo? Não pode entrar sem ser convidado. Ainda por cima bêbedo, a avaliar pelo cheiro! Vá-se embora antes que eu mande chamar os casacos azuis para o porem sóbrio.

Cardell afasta-o para o lado como se ele fosse um enxame de mosquitos.

— Sai da minha frente, porra.

*

Anna Stina ouve o guarda subir as escadas, escuta os protestos inúteis de Karl Tulipan e compreende que a indecisão a faz perder a oportunidade. É tarde demais para aquilo por que tanto lutou e que tinha ao seu alcance. Apetece-lhe gritar, mas o único som que emite é um gemido. Levanta a bacia com as mãos trémulas e posiciona-se ao lado da porta fechada, pronta para despejar o conteúdo em cima do guarda assim que ele entrar.

Mickel Cardell tem um sexto sentido que não sabe como desenvolveu, uma capacidade que deve ter nascido dos anos passados à sombra da morte. No meio da confusão induzida pelo álcool, pressente o perigo, vê uma sombra pelo canto do olho e baixa-se instintivamente, com o braço de madeira em frente ao rosto. A taça parte-se em cacos quando o atinge no braço. Ouve o conteúdo fervilhar no casaco e na madeira do braço, e o instinto leva-o a despir a roupa tão depressa que as costuras se rompem. O fumo faz-lhe arder os olhos. Não sente dor, portanto, conclui que não ficou ferido. Enquanto fica ali parado, a piscar os olhos de espanto e a perguntar-se o que acaba de acontecer, uma pequena figura esgueira-se por baixo do seu braço direito estendido e desce as escadas. Pela segunda vez, Cardell afasta Tulipan do caminho

com um empurrão e corre atrás dela.

Anna Stina não sabe porquê, mas vira à esquerda em vez de virar à direita e entra na cozinha, cuja janela é demasiado pequena para lhe permitir escapar. Só encontra outra saída. Espera o guarda no canto mais afastado da cozinha, e ele não tarda a aparecer.

Cardell aproxima-se do canto e vê no rosto da jovem uma expressão que conhece demasiado bem. Recorda-se dela dos tempos da guerra. Há pessoas que abandonam a esperança quando o jogo parece virado contra si. Essas lançam-se para a morte com fúria. Talvez nos últimos momentos experimentem uma sensação de satisfação, de terem recuperado o controlo sobre o seu próprio destino. O preço é a sua vida. A rapariga ergue uma faca com ambas as mãos. Não ouve os gritos dele. Cardell assiste enquanto ela a vira na direcção da garganta, fecha os olhos e a empurra com toda a força contra a pele despida.

19.

— Veio muito mais tarde hoje. Já está a anoitecer. E parece muito pálido, Sr. Winge.

— Dormi mal.

— A última coisa que quero é pôr em perigo a sua saúde. Quer pedir uma manta ao guarda? Ou um café?

Winge afasta a pergunta com um gesto e senta-se na cadeira da cela de Johannes Balk.

— Descobri três coisas desde que nos encontrámos pela última vez, Johannes. A primeira demonstrou-me que não me contou toda a verdade.

Balk semicerra os olhos, mas mantém-se calado enquanto espera pela continuação.

— Alguns detalhes do que me contou soaram-me a falso. Segundo disse, só depois de ler o meu nome percebeu as consequências da sua confissão. O crime já era um facto consumado, o Devall estava mutilado e morto. Isso levou-me a procurar outro motivo para o ter tratado daquela forma, e o meu instinto diz-me que é pessoal e que o sofrimento dele era um fim em si mesmo. A semente desse ódio deve ter sido plantada por outras emoções.

A voz de Balk é um sussurro quando responde.

— Que importância tem isso? O que está feito está feito.

Winge abana a cabeça.

— Sempre tive a ambição de entender os crimes com que me

deparo. Depois do que ouvi desde a nossa última conversa, estou convencido de que o compreendo pela primeira vez, Johannes. Andei a fazer perguntas no Brända Tomten, e a providência ou a sorte fizeram-me encontrar um cocheiro que nesta Primavera levou dois jovens de Karlskrona a Estocolmo. A história dele era diferente da sua em alguns pontos pequenos mas cruciais. Não dividiram uma carruagem em pé de igualdade, Johannes. Pagou pelos dois. O cocheiro disse-me que ouviu a vossa conversa tornar-se muito mais pessoal do que seria de esperar de duas pessoas que tinham acabado de se conhecer. Quando a carruagem chegou a Estocolmo e saíram, ele viu o Daniel pegar-lhe na mão e seguirem os dois de mão dada.

Balk fecha os olhos para não enfrentar o olhar de Winge.

— Penso que a educação que teve o endureceu, Johannes. Como as mãos que passam os dias a trabalhar e ganham calo, a sua educação fê-lo desenvolver uma couraça. Creio que o Daniel Devall mudou isso. Penso que, por um momento, se tornou algo diferente do monstro que pintou com tanto pormenor e que foi precisamente isso que selou o destino do Daniel Devall.

Johannes Balk continua calado.

— Há mais uma coisa, Johannes, e não sei se terá consciência disso. Quando fala do Daniel Devall, não gagueja.

Balk vira-se para ele.

— O que está a querer dizer?

— Era amor, Johannes? Amava-o?

— Isso surpreendê-lo-ia? Um monstro descobrir essas coisas escondidas dentro de si, tão tarde na vida?

— Não. De todo.

— Alguma vez amou outra pessoa, Sr. Winge?

— Sim.

— Então talvez perceba o que deve parecer o amor a uma pessoa que nunca pensou que tal coisa pudesse existir. Não sou especial, não sou como o senhor. O mundo nunca viu motivos para

me dedicar afecto. Durante toda a minha vida, nunca encontrei pretexto para não pagar ao mundo na mesma moeda, até ao dia em que pensei que o Daniel mo tinha dado.

Faz uma pausa.

— O Daniel era tão agradável, tão fácil de amar. Qualquer coisa o fazia rir. Parecia-me uma criatura estranha, descida de uma esfera mais elevada para nos abençoar, a nós, simples humanos. Às vezes, quando tínhamos conversas profundas, pegava-me na mão como se fosse a coisa mais natural do mundo e apertava-a entre as suas, encostando-a ocasionalmente ao peito para lhe sentir o coração.

Os cantos da boca de Balk distorcem-se numa careta. Desvia o rosto, como se procurasse a protecção das sombras.

— Viajámos de Estocolmo para Fågelsång numa carruagem puxada por quatro cavalos quando as árvores estavam em flor. A casa estava degradada. Fora abandonada pelos meus guardiões, que não hesitaram em deitar as mãos à herança do meu pai assim que deixaram de receber notícias minhas de França, mas foi como se a natureza nos tivesse recebido com coroas de folhas e flores a desabrochar. Na despensa ainda havia comida, e em breve os arbustos iriam dar-nos bagas em abundância. Eu e o Daniel passámos todo o tempo juntos, sempre de excelente humor. Durante algum tempo.

— Até encontrar a carta.

— Sim. Tudo aquilo não passava de um jogo para conquistar a minha confiança e promover os seus interesses. Mal eu confirmasse as suas suspeitas, entregar-me-ia ao Liljensparre.

Balk respira fundo. Winge estremece perante o seu autocontrolo ao defrontar-se com aquelas memórias dolorosas. Balk abre os olhos e volta-se novamente para Winge.

— O senhor é um homem inteligente. Fui tolo por pensar que podia esconder-lhe algo. Agora conhece o meu segredo. Menti por vergonha. Não foi por amor, foi por vergonha, por me ter deixado

enganar tão facilmente. Mas o meu objectivo é o mesmo. Quando me deixar falar perante o tribunal, Estocolmo viverá um banho de sangue que ofuscará essa vergonha. Continuamos em xeque-mate. Isto não muda nada.

— Eu disse que fiz três descobertas desde a última vez que falámos. Talvez as outras duas mudem alguma coisa.

Winge vasculha no bolso do casaco e tira um pequeno molho de papéis lá de dentro. Desdobra-os e estende-os a Balk, que os deixa suspensos no ar entre ambos, com a desconfiança patente no rosto.

— O que é isso?

— Depois de falar com o cocheiro, voltei à esquadra de Indebetouska, à mesma sala onde há poucos dias eu e o meu amigo encontrámos a carta que nos levou a Fågelsång, escrita por Daniel Devall, mas que nunca fora aberta. Queria saber o que dizia e demorei muitas horas a decifrá-la. Por fim, fui bem-sucedido.

— Já conheço as fantasias dele sobre conspirações com os jacobinos. Que diferença pode fazer essa carta?

— Para começar, temos a data. A carta que encontrou na lareira de Fågelsång não foi a última que ele escreveu, ou então era um rascunho que ele decidiu não enviar. A última carta a sair de Fågelsång foi a que li esta noite.

Uma sombra cruza o rosto de Johannes Balk, seguida de um arrepio, como se alguém tivesse caminhado sobre a sua campa.

— Aqui, não fala de conspirações com os jacobinos. O Daniel Devall estava a pedir a demissão. Escreveu que o senhor era inocente de tudo o que suspeitara. Escreveu que encontrara o amor e que era correspondido. Foi esta a carta que ele escreveu, com a chave da cifra e a minha tradução. Leia.

Uma mão pálida estendeu-se e retirou os documentos da mão de Winge tão lentamente como se um simples toque pudesse fazê-los desintegrarem-se e reduzi-los a cinzas. Na cela mergulhada na penumbra, as lágrimas correm dos olhos de Johannes Balk sobre as folhas que lhe tremem nas mãos e transformam a tinta em manchas

pretas. Winge escuta, à espera do som de uma alma desfeita em pedaços, mas só ouve soluços. Vira-lhe as costas e deixa passar algum tempo antes de voltar a falar.

— Podia ter sido feliz, Johannes, se tivesse tido paciência e esperado para descobrir a verdade. Amava o Daniel. Ele amava-o também. Foi uma vida inocente que acabou daquela maneira cruel. Há outros como ele, Johannes, entre a humanidade que diz odiar tanto e cuja aniquilação deseja, tão merecedores de felicidade como o Daniel Devall era, o que nos leva à terceira coisa que tenho a dizer. Tenho uma sugestão para si.

20.

Anna Stina Knapp surpreende-se ao descobrir que a morte é quase imperceptível quando abre os olhos e descobre que ainda está viva. Ainda tem os dois braços junto à garganta, a tremer, para pressionarem a faca contra a carne, mas o guarda, mais rápido do que o seu corpo levaria a crer, agarra a lâmina com tanta força que tem os nós dos dedos brancos. Grunhe do esforço, mas não consegue arrancar-lha da mão. A voz escapa-lhe por entre os dentes cerrados.

— Largue a faca, por amor de Deus. Não lhe quero fazer mal. Vim para falar de Kristofer Blix.

Ela larga a faca, como se as forças lhe tivessem abandonado todos os músculos do corpo. Cardell deixa a faca cair no chão e cerra o punho para estancar o sangue.

Conta-lhe a sua história enquanto ela lhe ata uma ligadura em volta do corte. Ela também conta a sua. Cardell ouve-a, com um aperto no peito.

— Meu Deus, rapariga. Nunca me senti tão feliz por não ter exercido o trabalho de guarda.

Cospe por cima do ombro.

— E o Kristofer Blix? Enganou-a antes de se matar. Ainda tem ressentimentos contra ele?

Anna Stina abana a cabeça.

— A princípio, sim. Ele prometera ajudar-me a livrar-me da

criança que eu carregava contra a minha vontade, e eu pensava que desejava isso acima de tudo. Quando comecei a beber o preparado, o bebé estava imóvel e silencioso. Agora sinto-o todos os dias. Pensei que seria possível amar a criança e odiar o pai dela ao mesmo tempo, mas agora sei que não é verdade. Sempre que os meus pensamentos vagueiam, reparo que encosto as mãos à barriga para sentir o coração do bebé. Ele salvou a vida do meu filho, e a minha. Agora sinto apenas gratidão, e tristeza por ele não estar cá para lhe agradecer.

Cardell assente, pensativo.

— Fala de coisas de que percebo pouco, mas fico feliz por o Blix ter conseguido fazer algo bom no fim de uma vida tão carregada de tragédia. Nunca o conheci pessoalmente, mas li o que escreveu. Sem ele, eu e o meu colega não teríamos sido bem-sucedidos. E também não está cá para receber os nossos agradecimentos.

— Porque veio aqui hoje? O que quer de mim? Ele é meu marido de nome, mas não sei nada sobre o Kristofer Blix que não lhe tenha já contado. Era um estranho que fez uma boa acção contra a minha vontade.

— Venho com um presente de casamento atrasado. O Blix foi burlado e roubaram-lhe uma quantia substancial num jogo de cartas, o que provocou a tragédia que viria a sofrer. Tive a sorte de me cruzar com um dos burlões e, depois de lhe ter aplicado o castigo que me pareceu adequado, recuperei o dinheiro. O Blix queria dar-lhe um futuro a si e ao seu filho, portanto, acho que este dinheiro lhe pertence.

Cardell tira a bolsa pesada de dentro do casaco e espera que Kristofer Blix, onde quer que se encontre, no céu ou no inferno, o esteja a ver naquele momento e saiba que a dívida que ele e Cecil Winge têm para consigo está paga. Pousa a bolsa na mesa, à frente dela, a qual é suficientemente pesada para bater com estrondo. Com as mãos trémulas, ela abre-a e arqueja. Cardell ri-se.

— É um pouco mais de cem Riksdaler. O suficiente para a vida

do seu filho ter um bom começo. O dinheiro vai ser a sua segurança. Os guardas poderiam vir aqui acusar uma rapariguinha pobre, mas não farão o mesmo a uma viúva abastada. Pare de se vestir como uma criada, mostre que é diferente do que foi em tempos. É a melhor defesa para si e para o seu filho.

Enquanto o sangue lhe pinga da mão ferida, Mickel Cardell sente outro ferimento, mais antigo e profundo, fechar-se dentro de si e cicatrizar. Quando o afogamento de Johan Hjelm voltar a assombrá-lo durante o sono, quando sentir a corrente do *Ingeborg* em volta do braço que perdeu, quando o medo lhe fechar a garganta e lhe roubar o fôlego, o rosto da rapariga naquele momento será o consolo de que precisa. E Anna Stina Knapp, que em tempos jurou nunca mais voltar a chorar, sente as lágrimas correrem-lhe pelo rosto, desta vez lágrimas diferentes das que derramou no passado.

— Voltará algum dia?

Cardell morde o lábio inferior.

— Preciso de saber se me vai atirar ácido para cima se aparecer sem aviso e quanto cobra o seu pai pela aguardente.

21.

É de tarde quando Mickel Cardell olha em volta para a multidão reunida da cave Hamburg e vê Cecil Winge sentado junto a uma janela coberta de geada, magro como nunca o viu e pálido como a neve lá fora, com o lenço a cobrir-lhe a boca. Na rua, o frio faz doer os ossos, mas dentro da cave o fogo arde na lareira. O calor espalha-se graças à proximidade dos corpos na divisão lotada. Cardell levanta o braço de madeira para o tecto e abre caminho até à mesa. Senta-se pesadamente na cadeira em frente a Winge, feliz por poder descansar as pernas. Cardell verifica, a sorrir, que Winge já tem um copo à sua frente e pede um ponche quente. Está de excelente humor.

— Céus, tanta gente. Mas não admira. Acabaram de decapitar um homem que matou a mulher no cadafalso. As pessoas tendem a juntar-se aqui para beber do copo do assassino. Ouvi-os falar quando entrei. Diziam que nunca tinham visto o Mårten Höss tão bêbedo e que não vai conseguir manter o posto depois do que fez ao pobre coitado no cepo. Não compreendo porque escolheu encontrar-se no Hamburg. Sabe que era aqui que eu estava quando fui buscar o Karl Johan? Parece-me ter-se passado uma eternidade.

Cardell sopra e bebe tão avidamente da caneca que quase nem precisa de interromper o que está a dizer. Sorri de orelha a orelha, fazendo o tabaco de mascar quase cair-lhe da boca.

— Devia ter estado lá. A viúva Fröman reuniu um grupo de viúvas, mais os seus filhos adultos e os seus vários netos, todas

carenciadas devido às liberdades que o chefe da polícia tomou com a caixa das esmolas. Pusemo-las numa carruagem e atravessámos o gelo até Ekensberg em Essingen, onde o Blom disse que o Ullholm tencionava passar a última noite antes de entrar na cidade. O Cecil sabe que eu estive na guerra, mas juro que nunca tinha visto tal sede de sangue. Saímos ao raiar da aurora para chegarmos lá antes de ele acordar. Quando o Magnus Ullholm, que, diga-se de passagem, é um tipo muito feio, apareceu à porta, pronto para a partida, elas já tinham posto os cavalos a fugir e destruído as rodas da carruagem. Deixaram-no chegar a meio do pátio antes de perceber o que se passava. Diabos me levem se não foi a própria viúva Fröman que achou o monte de estrume e descobriu que não estava congelado. Acertou-lhe em cheio na testa com o primeiro golpe, fazendo a peruca voar, apesar de ser cega. Ele estava todo pronto para a cerimónia, claro, com a gola de arminho e o relógio no bolso. Coberto de estrume da cabeça aos pés, correu a uma velocidade de que não o julgava capaz e fugiu para dentro enquanto gritava por ajuda. Não havia como sair dali. As mulheres e as crianças rodearam a casa e não deixaram ninguém sair ou entrar. O cerco durou até à noite, e só então alguém conseguiu mandar um mensageiro alertar os casacos azuis. Portanto, posso dizer-lhe que a minha missão foi cumprida com sucesso. E o Cecil? Conseguiu o que queria com o seu dia extra?

— Sim, Jean Michael. Obrigado por tudo. Não podia ter esperado melhor.

— Então as vossas conversas terminaram?

— Sim.

Cardell reclina-se na cadeira e esfrega os olhos.

— E a solução do nosso mistério era um problema amoroso?

— É o mais velho dos motivos. O Johannes tinha razão no que me disse na nossa primeira conversa. Foi criado para ser um monstro, e foi nisso que se transformou. Mas o amor cura tudo, e a companhia do Daniel Devall ajudou-o a recuperar a humanidade.

Até descobrir que o amor era uma mentira. Então o monstro regressou, pior do que nunca.

Os dois ficam em silêncio por um momento. É Winge quem fala primeiro.

— O que vai fazer agora, Jean Michael?

— Encontrar outras pontas soltas para atar, o suficiente até chegarmos a 1794. Tenho umas contas por acertar com a *Madame* Sachs, se ainda conseguir encontrá-la. Também há outros com quem quero trocar umas palavras. Não me surpreenderia se o esclavagista Dülitz acordasse uma destas noites com o som de madeira a bater em madeira. E, se o fôlego não me falhar, talvez ainda aceite o desafio da Ordem das Euménides, agora que conseguiram travar as investigações do chefe da polícia.

Esvazia o copo.

— Desde que não me deixe distrair pela bebida. Encontrei uma taberna onde acho que vou ser feliz e o crédito é bom. Chama-se Markattan. E o Cecil? Como vai ser o processo contra o Balk?

Winge está em silêncio. Preocupado, Cardell nota que a sua respiração se tornou superficial e acelerada, as suas faces encovaram-se de ambos os lados do rosto, os olhos parecem mais afundados, e algo na sua expressão mudou. Sente um arrepio na espinha.

— Parece diferente. Não é a doença. Algo aconteceu. Passa-se algo de errado.

A voz de Winge é tão débil que Cardell tem de se aproximar mais para o ouvir.

— Quando penso na minha vida, Jean Michael, vejo uma longa teia de causas e efeitos. Os ideais que desenvolvi na minha juventude governaram as minhas acções quando adoeci, e quis aliviar o sofrimento da minha mulher. Para atenuar o meu próprio sofrimento, fui pedir trabalho ao Norlin. Ele fez-me um favor. Quando me pediu para retribuir, não pude recusar. E foi assim que nos conhecemos, debruçados sobre o corpo morto do Karl Johan, e

seguimos o caminho íngreme que nos trouxe até aqui.

Abafa um ataque de tosse. Cardell debruça-se sobre a mesa.

— O que andou a fazer?

— A vida é como duas estradas que seguem em direcções opostas. Uma segue a emoção, a outra segue a razão. Esta última foi a minha. O Johannes conhecia o meu nome e reputação e supôs que eu seguiria o caminho da razão sem me desviar dele, como sempre fiz. Estou certo de que teria sido bem-sucedido, não fosse eu ter escolhido quebrar o padrão que segui toda a vida.

Cardell abana a cabeça ao ouvir aquelas palavras.

— Diga-me o que fez.

— Mostrei ao Johannes a carta que encontrei entre a correspondência do Liljensparre, aquela em que pedia demissão e professava o seu amor. O Johannes matara um inocente. O monstro descobriu que tinha consciência, que merecia castigo e que os pensamentos que o haviam feito condenar toda a nossa sociedade já não eram válidos. Ofereci-lhe uma solução. Na cela ao lado da dele estava um homem chamado Lorentz Johansson, condenado por ter matado a mulher. Ia ser levado ao cadafalso na manhã seguinte. O nome do Balk não estava inscrito em nenhum lugar na prisão, como sabe, graças às providências que tomei quando o fechei em Kastenhof. Ontem à noite, ofereci ao Johannes a possibilidade de tomar o lugar que cabia ao Lorentz Johansson no cadafalso. Ele aceitou. Empenhei o meu relógio e o pouco dinheiro que tinha para convencer o guarda a ajudar-me e a prometer guardar segredo. Quando vieram buscar o condenado para a execução, pusemos o Johannes Balk na carroça e mandámo-lo para o cadafalso no lugar do Johansson.

— Mas a carta do Devall estava escrita em código. Como conseguiu decifrá-la?

— Não consegui.

Cardell tem de se inclinar para trás para conseguir respirar. Winge continua.

— O tempo que me deu foi usado para construir uma cifra que levasse a carta do Daniel Devall a dizer o que o Johannes precisava de ler para aceitar a proposta que lhe fiz. Não foi fácil, Jean Michael, e custou-me muito, mas era uma questão de necessidade. Depois disso, restava apenas marcar a carta com uma data posterior, um pormenor suficientemente pequeno para o Johannes não notar a diferença no estilo de letra.

Cecil Winge empurra lentamente um copo sobre o tampo da mesa, cheio de aguardente até cima.

— O copo que tem à sua frente é o mesmo que foi oferecido ao Johannes hoje de manhã, na sua viagem para Hammarby, o último copo oferecido aos prisioneiros antes de subirem ao cadafalso. Esvaziou-o, menos de dez passos de onde o Jean Michael está agora. Eu estava aqui, e ele viu-me, no meio da multidão. Quando os nossos olhares se cruzaram, só vi gratidão. Com a minha mentira, mostrei-lhe que o mundo não é o inferno que ele tanto odiava. Confiou em mim e não podia saber que eu tinha a prova de que a maldade é mais a regra do que a excepção. Roubei-lhe a vida, Jean Michael, com os meus papéis, como se os tivesse usado para lhe separar a cabeça do corpo. Lançou-me um último olhar por cima do ombro quando a carroça foi levada para Skanstull e assim partiu. O Norströmskan gravou o copo com um prego. Agora tem a data de hoje e o nome Johansson, apesar de este ir num barco a caminho de Fredrikshald à procura de trabalho numa cervejaria, com o nome de solteira da mãe e registado como celibatário. Este é o copo do Johannes Balk. Agora pergunto-lhe, Mickel Cardell, se quer beber à minha saúde uma última vez?

Cardell fica em silêncio por momentos e depois estende a mão recentemente ligada por cima da mesa. Estremece de forma visível quando agarra o pequeno copo de vidro com as letras gravadas e o esvazia. Expira ruidosamente quando a aguardente lhe queima a garganta. Winge observa-o.

— Há uns tempos, perguntou-me pela criança, se é minha ou do

cabo. Ainda não tenho a resposta, mas espero sinceramente que seja dele.

Winge levanta-se, agarra-se com força às costas da cadeira e começa a dirigir-se para a porta. Ainda não chegou a meio do caminho quando Cardell grita com voz trémula.

— Disse-me em tempos qual era a sensação de estar diante do abismo e que encontrou consolo numa luz que transportava nas mãos. E agora, resta apenas a escuridão?

Cecil Winge sorri-lhe, um sorriso carregado de dor, mas livre do arrependimento, onde há espaço para o que se ganha e para o que se perde. E a noite cai sobre Estocolmo, uma das últimas daquele ano. Ergue-se sobre as muralhas, sobe a fachada do castelo e avança para as torres das igrejas. A noite estende-se sobre o Saltsjön, em direcção à ponte Skeppsbron e à cidade entre as pontes, passando pela comporta de Polhem e alcançando o Riddarefjärden. Nas ruas da cidade, as sombras adensam-se em resposta.

Os ataques de tosse de Cecil Winge surgem mais frequentemente a cada hora que passa. Já não consegue controlá-los e não vê razão para o fazer. Quando sorriu para Mickel Cardell à luz da lareira, os seus dentes estavam completamente vermelhos.

Epílogo do autor

1793 baseia-se num imenso acervo de fontes históricas. Desde o início do meu trabalho, senti que esse era um obstáculo necessário, cheio de circunstâncias às quais precisava de imprimir o meu cunho dramático, de modo a criar a minha própria década de 90 do século XVIII. Viria a descobrir que era, na verdade, o contrário.

O ano de 1793 foi escolhido graças ao chefe da polícia, Johan Gustaf Norlin, que sucedeu a Nils Henric Aschan Liljensparre em Janeiro e que foi demitido no mesmo ano para ser substituído pelo burlão Ullholm, factores que viriam a influenciar o enredo do livro. Quando comecei a escrever a terceira parte do livro, tornou-se claro que fora uma escolha feliz, uma vez que as condições vividas na fiação foram extensamente descritas na magnífica monografia de Gunnar Rudstedt sobre Långholmen, incluindo a relação entre o capataz Petter Pettersson, que foi condenado por homicídio, o inspector Björkman e o seu arqui-inimigo, o padre Neander, tendo estes dois últimos cumprido o seu último ano na fiação em 1793, depois de o seu conflito escalar. Seguiu-se o Inverno de 1793, que foi o mais frio de que há memória, segundo as medições regulares das temperaturas, que começaram em meados do século. Há vários exemplos disso.

O esforço para escrever um romance histórico foi bastante simplificado pelos avanços nas tecnologias de informação. Um exemplo entre muitos: na monografia mencionada de Rudstedt, o autor fala da participação do inspector Björkman na ópera de

Estocolmo como Herkules, na representação operática *Alceste*, de Christoph Willibald Glück. Quem quiser, pode encontrar uma versão digital da tradução do *libretto* de *Alceste*, ler o papel de Herkules e encontrar passagens que uma fiandeira, no Verão de 1793, conseguiria ouvir cantar do lado de fora do edifício principal, ao mesmo tempo que a ópera corre acompanhada pela música. Detalhes como estes estão disponíveis em alguns momentos da obra. Esta ideia surge em comparação com a obra de Per Anders Fogelström, que investigou maravilhosamente a sua trilogia *Barn*, que toca parcialmente o mesmo período e foi escrita apenas cinco décadas antes.

Espero que os anacronismos e imprecisões que possam existir em *1793* sejam considerados fruto da minha ignorância e não de falta de diligência. Há alguns desvios intencionais dos factos: a casa de Keyserska, que ficava em Tegelbacken, onde hoje em dia se situa o Centralpalatset, não estava concluída em 1793. Mas figura na história em parte porque ilustra a natureza fictícia dos acontecimentos, não comprometendo assim qualquer descendente vivo do proprietário da casa, e em parte como homenagem ao romance *Ett Blodsdrama*, de 1896, que apresenta um homicídio nesse local e que, de passagem, também alude ao facto de o edifício ter albergado um bordel secreto desde os tempos de Adolf Fredrik, apesar de essa zona ser apenas um pântano junto ao Klara Sjö.

Tendo terminado a obra, a minha investigação parece ser o maior benefício que derivou de *1793*: com limites auto-impostos, destacar um único ano da história da Suécia e ver surgir lentamente uma imagem com contornos definidos. Uma vez que este livro deve ser considerado entretenimento e não uma obra não ficcional, seria pretensioso indicar uma lista de fontes, mas devo pelo menos expressar a minha gratidão aos muitos autores e investigadores que dedicaram as suas vidas a preservar o conhecimento sem o qual o meu livro não teria sido possível, todos eles merecedores de

menção nos meus agradecimentos finais.

Fredrik Backman, foste muito melhor amigo para mim e para o meu manuscrito do que alguma vez julguei merecer. Passámos quase todos os dias da última década a falar de prosa, e não há mais ninguém a quem tivesse confiado um trabalho acabado de começar. A tua crítica foi tão sensível e construtiva como correcta. Poucos iniciados têm o privilégio de saber que a sua obra é ansiada; aprendemos a sentir-nos indesejados. Quando a situação parecia mais desesperada, ofereceste-te para pagar o lançamento de *1793* do teu próprio bolso. Foste uma luz na escuridão, e nunca hei-de esquecê-lo.

Como estreante sem conhecimento do mundo literário, é natural olhar para o editor antes de mais como um distribuidor e encarar o trabalho de redacção com cepticismo. Rapidamente descobri que, pelo contrário, é aí que reside o cerne do trabalho da editora: pessoas competentes que vêem os pontos fortes e fracos de um manuscrito e que ajudam a transformar um texto disperso em algo mais consistente e que — embora não seja raro sugerirem cortes em vez de se apontarem pontos com valor — dão sempre e nunca tiram.

Injustamente, é costume neste meio a equipa editorial permanecer anónima e todos os créditos serem atribuídos ao autor. Por isso, quero expressar aqui a minha gratidão.

Ao meu editor, Adam Dahlin, e ao redactor, John Häggblom: todas as vossas sugestões confirmaram as minhas dúvidas em relação ao que escrevera e as quais esperava estarem erradas. Deram-me a confiança para, à minha maneira, resolver os problemas que persistiam. Não teria feito melhor trabalho sozinho.

Ao Andreas Lundberg, o meu revisor: a tua sensibilidade para a linguagem e o teu entusiasmo pela tarefa ingrata de corrigir os meus erros linguísticos são muito apreciados. As tuas sugestões fizeram de *1793* uma obra muito melhor do que poderia ter sido sem eles.

À editora Forum: vejo-vos frequentemente mais como uma família

do que como uma empresa; fizeram-me sentir bem-vindo de uma forma que raras vezes tenho encontrado na minha vida adulta. Valorizo imensamente este aspecto.

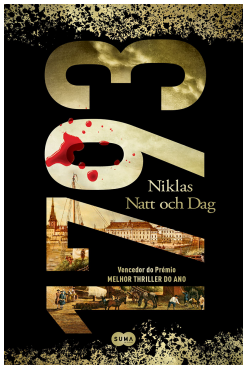
Ao meu agente, Federico Ambrosini: desde o dia em que apareceste na minha vida, sempre estiveste disponível para me dares bons conselhos, para me emprestares livros e para me ouvires. E ninguém como tu lê Tove Jansson num sueco-finlandês com sotaque italiano.

Stephen Farran-Lee e Anna Hirvi Sigurdsson: reservaram tempo para ler o meu manuscrito e ambos são responsáveis pelas alterações linguísticas e dramatúrgicas sem as quais o meu livro não seria o que é.

Mãe e pai, Martin Ödman, Anna Nordenfeldt, Tobias Hellberg: obrigado por aceitarem a tarefa ingrata de lerem o meu manuscrito inacabado e de darem as vossas opiniões.

Mia, minha amada mulher, obrigado pela tua paciência e pela nossa vida juntos.

1793
O LOBO E O GUARDA



1793, Estocolmo. Quatro anos após a tomada da Bastilha e mais de um ano depois da morte de Gustavo III da Suécia, as guerras estrangeiras esvaziaram os tesouros e a nação é governada com mão de ferro pelo senhor do reino. Na esteira do falecimento do velho rei, a confiança transformou-se num bem escasso. A paranóia e as conspirações sussurradas abundam em todos os cantos. Uma promessa de violência estala no ar enquanto os cidadãos comuns se sentem cada vez mais vulneráveis aos caprichos dos que estão no poder.

Quando Mickel Cardell, um ex-soldado aleijado e ex-guarda nocturno, encontra um corpo mutilado flutuando no lago malcheiroso da cidade, sente-se compelido a dar um enterro condigno ao homem não identificado. Para Cecil Winge, um brilhante advogado que é também detective consultor na Polícia de Estocolmo, um corpo sem braços, pernas ou olhos é um enigma formidável e uma última oportunidade de acertar as coisas antes de perder a sua batalha com a morte. Juntos, Winge e Cardell vasculham Estocolmo para descobrir a identidade do corpo, encontrando o lado sórdido da elite da cidade.

No seu romance de estreia, 1793, Niklas Natt och Dag pinta um retrato convincente do final do século xviii em Estocolmo. Através dos olhos dos diferentes narradores, o verniz em pó e a pintura da época são retirados para revelar a realidade assustadora, mas fascinante, escondida além dos factos secos dos textos de História. Com um pé firmemente cravado na tradição literária e outro na

literatura de suspense, Natt och Dag cria um género inteiramente novo de thriller histórico sugestivo e realista. 1793 retrata a capacidade de se ser cruel em nome da sobrevivencia ou da ganância — mas também a capacidade para o amor, a amizade e o desejo de um mundo melhor.

NIKLAS NATT OCH DAG. (n. 1979) estreia-se como autor com o thriller histórico 1793. Tem uma inegável ligação com a história sueca, sendo membro da mais antiga família nobre da Suécia. Quando não está a escrever ou a ler, gosta de tocar violão, bandolim, violino ou a flauta de bambu japonesa, a shakuhachi. Vive em Estocolmo com a esposa e os dois filhos.
1793 é um fenómeno editorial sem par. Será publicado em 35 países, está a ser nomeado para vários prémios literários e é um inegável sucesso da crítica e do público em todos os países onde já foi publicado.

Prémios 1793:
• Prémio Livro do Ano (Suécia)
• Prémio da Academia Sueca de Escritores de Crime
• Prémio para Melhor Romance Storytel Awards (Suécia)
• Prémio Crimetime Specsavers (Suécia)
• Finalista do CWA Ian Fleming Steel Dagger (Reino Unido)
• Finalista do Golden Bullet Award (Noruega)
• Finalista dos LiveLib Reader’s Choice Awards (Rússia)

Título original: *1793*

Edição em digital: julho de 2019

© 2017 Niklas Natt och Dag
© 2019, Penguin Random House, Grupo Editorial Unipessoal Lda.
Av. Duque de Loulé, 123
Edf. Office 123 — Sala 3.6
1069-152 Lisboa

SWEDISH ARTSCOUNCIL

Tradução: Rita Figueiredo
Revisão: Inês Guerreiro
Capa: adaptação de Teresa Coelho
sobre design de FAVORITBUERO GbR
Fotografia do autor: © Gabriel Liljvall

ISBN: 978-989-665-879-3

Composição digital: leerendigital.com

Suma é uma chancela de:

Penguin Random House Grupo Editorial

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, electrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Índice

1793

PRIMEIRA PARTE. O fantasma de Indebetouska
- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16

SEGUNDA PARTE. Sangue e vino
- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9

Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
TERCEIRA PARTE. Borboletas nocturnas
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
QUARTA PARTE. O melhor lobo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15

Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Epílogo do autor

Sobre o livro
Sobre Niklas Natt och Dag
Créditos